(n.t.)

REVISTA LITERÁRIA
EM TRADUÇÃO

ANO IX - 2º VOL. - DEZ. 2019 - EDIÇÃO BILÍNGUE SEMESTRAL - BRASIL

Ikkyū Sōjun

Attila József

William Carlos Williams

Thomas Merton

Mohamed Choukri

Arkadi Aviértchenko

Arthur Schnitzler

Olivia Howard Dunbar

Louisa May Alcott

Jonathan Swift

Emil Cioran

ISSN 2177-5141

19

tradução
μετάφραση
ترجمة
ਅਨੁਵਾਦ
Übersetzung
ñembohasa
traducción
перевод
[illegible]
תרגום
vertaling
번역
käännös
translation
тәржемә
översättning
თარგმანი
përkthim
թարգմանություն
canjı
okujjulula
turkakipt'äwi
translatio
tradukado
ಅನುವಾದ
překlad
çeviri
翻訳

Ficha catalográfica elaborada por:
Francisca Rasche CRB 14/691

(n.t.) Revista Literária em Tradução -- n. 1, set. 2010 -.- Florianópolis, 2010 –
[recurso eletrônico].

Semestral, ano 9, n. 19, 2º vol., dez. 2019
Bilíngue: 7 idiomas
Editada por Gleiton Lentz e Roger Sulis; ilustrada por Aline Daka
Sistema requerido: PDF
Modo de acesso: https://www.notadotradutor.com/
Portal interativo: Archive.Org
ISSN 2177-5141

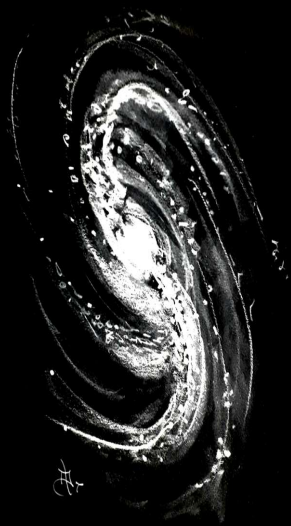
1. Literatura. 2. Poesia. 3. Tradução. II. Título.

Indexada no Latindex e Sumários.org

INTRO

"A vida é a tormenta e a loucura da matéria."

Cioran

EDITORIAL

www.notadotradutor.com
notadotradutor@gmail.com

(n.t.)

Edição e Coordenação
Gleiton Lentz

Coedição e Consultoria
Roger Sulis

Ilustração e Curadoria
Aline Daka

Revisão e Assistência
Amanda Zampieri

Consultoria Linguística
Scott Ritter Hadley

Revisão dos Originais
Equipe (n.t.)

Agradecimentos

Fac-símiles e originais: ▪ Google Books (EUA), para "嫌抹香", de Ikkyū; ▪ Google Books, para "Tiszta szívvel", de A. József; ▪ Google Books, para "Pictures from Brueghel", de W. C. Williams; ▪ Averchenko.lit-info.ru (Rússia), para "Пять сатирических рассказов", de A. Aviértchenko; ▪ Zeno.Org (Alemanha), para "Die Fremde", de A. Schnitzler; ▪ Gutenberg.Org (EUA), para "The Shell of Sense", de O. H. Dunbar; Gutenberg.Org, para "Perilous Play", de L. M. Alcott; Gutenberg.Org, para "A Modest Proposal", de J. Swift; ▪ Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (Brasil), para "Do pomar maldito de Cioran", trad. de Correia de Sá. **Direitos de publicação:** New Directions Pub. Corp. (EUA), para "Selected poems", de Thomas Merton; ▪ Dar Al-Saqi (Líbano), para "الخبز الحافي", de Mohamed Choukri; ▪ Humanitas (Romênia), para "Gînduri rătăcite", de E.M. Cioran.

Das grandes cidades do passado, uma delas, hoje em ruínas no deserto sírio, mas outrora um oásis para as caravanas entre o Golfo e o Mediterrâneo, ponto central da Rota da Seda, Palmira, a antiga capital da legendária rainha Zenóbia, sempre ocupou uma página de relevo na história. E isso, não só por seu legado cultural e arquitetônico, ou por ser uma das cidades romanas anexadas que ousaram desafiar o Império, tornando-se um reino efêmero independente, mas também por desenvolver um alfabeto único que permaneceu indecifrado até o século XVIII.

Usado por cerca de quatro séculos, o palmireno foi um alfabeto semítico derivado do aramaico, que era a língua administrativa e religiosa de vários impérios de então, mas que também absorveu influências do árabe, embora em menor grau, devido à posição geográfica que ocupava, um caminho entre o Oriente e o Ocidente. Escrito sem espaços ou pontuação entre as palavras e as frases, no estilo *scriptio continua*, a inscrição mais antiga em palmireno data de 44. a.C., época em que a próspera cidade árabe foi conquistada e anexada a Roma, até 274 d.C., quando, já transformada em reino, foi saqueada pelos mesmos romanos. Com a sua queda, a escrita começou a perder uso, sendo substituída pelo grego e pelo latim, até cair no esquecimento.

Após o redescobrimento das ruínas da cidade pelos viajantes Robert Wood e James Dawkins e a publicação de seu livro *Les Ruines de Palmyre*, de 1753, o interesse por ela ressurgiu. Desde o século XVII já circulavam cópias contendo inscrições de Palmira, mas cópias em grego e palmireno só apareceram na obra de Wood e Dawkins, reproduzidas a partir de uma colunata na cidade que ainda preservava inscrições bilíngues. Foi assim que, fazendo uso dessas novas cópias, e literalmente da noite para o dia, o arqueólogo e filólogo francês Jean-Jacques Barthélemy decifrou em 1754 o alfabeto de Palmira, capa desta edição da (n.t.). Para decifrá-lo, se baseou essencialmente na transcrição de nomes próprios para identificar o valor de cada letra em palmireno, cotejando-as com o hebraico e o grego. Suas contribuições foram publicadas em *Réflexions sur l'alphabet et la langue de Palmyre* (1754), sendo que, quatro anos após essa façanha, Barthélemy decifraria também o fenício, estabelecendo a origem de nosso alfabeto moderno.

Mas se o desaparecimento do palmireno reflete, por um lado, o passo inexorável do tempo, evidencia, por outro, a importância da tradução em reavivá-lo, uma vez que sua natureza não reconhece limites temporais. No mesmo sentido, as traduções presentes neste número não só apresentam poetas e escritores, mas traduzem épocas e deciframidiomas. E é assim que abrimos a revista,

primeiro, com a consueta seção poética e as traduções de *Maldito incenso* | 嫌抹香, do poeta japonês Ikkyū Sōjun, por Marco Antonio Calil Machado; *Com o coração pacato* | *Tiszta szívvel*, do húngaro Attila József, por Paulo Sérgio de Souza Jr.; *Pinturas de Brueghel* | *Pictures from Brueghel*, do estadunidense William Carlos Williams, por Beethoven Alvarez; e *Quatro poemas* | *Selected poems*, do franco-americano Thomas Merton, por Felipe Rigon Spack.

Na sequência, na seção das narrativas, apresentamos o primeiro capítulo de *O pão nu* | الخبز الحافي, do escritor marroquino Mohamed Choukri, por Felipe Benjamin Francisco; seguido de *Cinco contos satíricos* | Пять сатирических рассказов, do russo Arkadi Aviértchenko, por Ekaterina Vólkova Américo e Márcia C. Kondratiuk; e dos contos *A estranha* | *Die Fremde*, do austríaco Arthur Schnitzler, por Nestor Alberto Freese; *A casca da razão* | *The Shell of Sense*, de Olivia Howard Dunbar, por Cílio Lindemberg; e *Passatempo perigoso* | *Perilous Play*, de Louisa May Alcott, por Rodrigo Bilhalva Moncks.

Depois, *Uma modesta proposta* | *A Modest Proposal*, do escritor anglo-irlandês Jonathan Swift, por Thaís Fernandes, e alguns *Pensamentos extraviados* | *Gînduri rătăcite*, de pensador franco-romeno E.M. Cioran, por Rodrigo Menezes, ocupam as páginas dos ensaios literários, antecedendo a seleção de aforismos *Do pomar maldito* | *Du verger maudit*, também de Cioran, traduzida para o célebre *Jornal do Commercio* carioca ao final da década de 1960, por Correia de Sá, pseudônimo do poeta Walter Benevides.

E por fim, após *decifrarmos* ao leitor os autores deste número, assim como a antiga Palmira, que em seu tempo foi uma mescla de influências árabes, mediterrâneas e romanas, mas que se fez entender em uma escrita e dialeto próprios, o palmireno, as vozes aqui traduzidas provêm também de muitos lugares, mas conseguem convergir todas em um só idioma, o português. E antes que uma nacionalidade, carregam uma língua; antes que uma bandeira, têm um lugar de origem. E aqui opera a tradução, que age por um fim específico, o de aproximar idiomas, antes que pátrias, um fim tão inexorável quanto o tempo que ela soube sobrepujar e as fronteiras que aprendeu a desconhecer.

Cosmopolize-se! ■

Os editores
Desterro, outubro de 2020.

(n.t.) | 19°

Publicada na Ilha do Desterro, em Santa Catarina, Brasil.

ISSN 2177-5141

SUMÁRIO

POESIA

CONTOS

ENSAIOS

MEMÓRIA

poesia

(n.t.) | Kathmandu

MALDITO INCENSO

IKKYŪ SŌJUN

O TEXTO: Seleção com seis poemas antologizados por Ikkyū, escritos em chinês clássico do estilo Kanbun, usado no Japão. Os poemas versam sobre temas recorrentes na poética do monge, conhecido por sua verve maldita, como ridicularizar e maldizer a lei e os ritos budistas, elogiar os furores estéticos e poéticos acometidos, e poetizar sobre suas escapadas a bares e bordéis, além de seu amor a Mori [森 'floresta, selva'], aqui Sílvia.

Texto traduzido: Ikkyū. *Having Once Paused: Poems of Zen Master Ikkyū* (1394-1481). Messer, S.; Smith, K (Eds. trans.). English-Chinese poems. Ann Harbor: University of Michigan Press, 2015, pp. 29, 39, 43, 87, 89 and 101.

O AUTOR: Ikkyū Sōjun (1394-1481) foi um monge zen budista, poeta e calígrafo, nascido em Kioto, Japão. Excêntrico e iconoclasta, de vida desregrada, é conhecido por infundir as atitudes e ideais Zen na arte e literatura japonesas. Aos cinco anos de idade, foi colocado em um templo budista, onde aprendeu sobre poesia, arte, literatura e língua chinesa. Ikkyū escreveu no estilo Kanbun, uma forma de chinês clássico usada no Japão desde o período Nara até meados do século XX e empregada por muitos autores japoneses contemporâneos. Faleceu aos 87 anos de febre aguda.

O TRADUTOR: Marco Antonio Calil Machado é bacharel, licenciado e mestre em Letras Estrangeiras e Tradução pela Universidade de São Paulo (PPG-LETRA-USP). Suas pesquisas voltam-se às letras, ciências e artes orientais, como o nexo das ciências e artes árabe-latinas na ocasião da Ibéria medieval e a dispersão de sistemas letrados Ásia afora, ante-e-além-Tibet. Para a (n.t.) traduziu Abū l-ᶜAla' al-Maᶜarrī.

嫌抹香

“ 來往婬坊酒肆中”

一休宗純

題婬坊

美人雲雨愛河深
樓子老禅樓上吟
我有抱持睫吻興
意無火聚捨身心

嫌抹香

作家手段孰商量
說道談禪舌更長
純老天然惡殊勝
暗顰鼻孔佛前香

自贊

風狂狂客起狂風
來往婬坊酒肆中
具眼衲僧誰一摻
畫南畫北畫西東

近代久參學得僧

近代久參學得僧
語言三昧喚為能
無能有味狂雲屋
折腳鐺中飯一升

風外松杉亂入雲

風外松杉亂入雲
諸方動衆又驚群
人境機關吾不會
濁醪一盞醉醺醺

看森美人午睡

一代風流之美人
豔歌清宴曲尤新
新吟斷腸花顏靨
天寶海棠森樹春

MALDITO INCENSO

"Indo e vindo do bar ao bordel..."

IKKYŪ SŌJUN

ODE AO BORDEL

Mulherada, chuvarada, ventania, torrente do amor;
das antigas meditador, da corte cantor;
por abraçadas e beijaradas nutro pendor,
sem ideia do mundo em ardor, nem ser da vida renunciador.

MALDITO INCENSO

Que método de que mestre o quê discutido?
Tratar do Tao, versar do Zen: que gente linguaruda.
Maldita ao velho Ikkyū disputa de prodígio.
Meto no rosto siso azedo: quanto incenso expedido no Buddha!

AUTOELOGIO

O doido se joga doido no vento muito doido,
indo e vindo do bar ao bordel.
Que monge veria com melhor olho?
Norte sul leste oeste no pincel.

GERAÇÕES DE MONGE PROFISSIONAL

Gerações de monge profissional,
de orientar com mestria doutoramental.
Sem mestria, tenho gosto, em anuviada moradia,
por uma só colher de arroz, de pretejada prataria.

VENTO ABAIXO, PINHO E CEDRO, NUVEM ADENTRO

Vento abaixo, pinho e cedro, nuvem adentro;
qualquer coisa à multidão de confusão é epicentro.
Sem saber trucar diferença entre figura e fundo,
em qualquer coisa líquido-escura já me afundo.

OLHANDO A BELA SÍLVIA REPOUSANDO

Uma beldade, que é os ares dos anos;
megalo-cortejos, primos festejos, inovo cantos
que trovo novas às rosas faces, corações a arrasar,
Sílvia: dom do ar, pomo do mar, selva a verdejar.

COM O CORAÇÃO PACATO

ATTILA JÓZSEF

O TEXTO: Seleção com cinco poemas de Attila József escritos entre agosto de 1923 e dezembro de 1927, recolhidos de sua obra poética completa, *Minden verse és versfordítása* (1980). Dentre eles, alguns bastante conhecidos no universo magiar, como "Megfáradt ember", que inspirou a escultura homônima de József Somogyi criada em 1983 em homenagem ao poeta, situada à entrada do museu que leva seu nome, na cidade de Makó, e "Tiszta szívvel", poema considerado provocativo à época e que lhe custou a expulsão da Universidade de Szeged, onde estudava literatura húngara e francesa.

Texto traduzido: József, A. *Minden verse és versfordítása.* Budapest: Szépirodalmi Könyvkiadó, 1980, 112, 156, 185, 217 és 247.

O AUTOR: Attila József (1905-1937), poeta húngaro, nasceu em Budapeste. Considerado um dos maiores poetas modernos do país, sua obra foi consagrada apenas postumamente, tendo publicado seu primeiro livro aos 17 de idade, *A szépség koldusa*, em 1922, seguido de *Nem én kiáltok* (1925) e *Nincsen apám se anyám* (1929). Teve a vida marcada pela pobreza e perdas familiares, temas que atravessam sua escrita, além de ter vivido em um orfanato, o que lhe rendeu a alcunha de "órfão prodígio". Engajado à luta de classes, integrou-se ao Partido Comunista da Hungria, do qual foi expulso em 1936, por seu interesse pela psicanálise. Faleceu aos 32 anos, atropelado por um trem ou suicida, conforme a fonte.

O TRADUTOR: Paulo Sérgio de Souza Jr. é psicanalista, linguista e tradutor na cidade de São Paulo. Bacharel e doutor em linguística pelo IEL-Unicamp, realizou pós-doutoramento no Depto. de Ciência da Literatura da UFRJ. Atuou como professor-associado junto ao Depto. de Língua Romena e Linguística Geral da Universidade Alexandru Ioan Cuza (Iaşi, 2009) e foi tradutor residente do Instituto Cultural Romeno (Bucareste, 2013).

Tiszta szívvel

"Húsz esztendőm hatalom,
húsz esztendőm eladom."

ATTILA JÓZSEF

MEGFÁRADT EMBER

A földeken néhány komoly paraszt
hazafele indul hallgatag.
Egymás mellett fekszünk: a folyó meg én,
gyenge füvek alusznak a szívem alatt.

A folyó csöndes, nagy nyugalmat görget,
harmattá vált bennem a gond és teher;
se férfi, se gyerek, se magyar, se testvér,
csak megfáradt ember, aki itt hever.

A békességet szétosztja az este,
meleg kenyeréből egy karaj vagyok,
pihen most az ég is, a nyugodt Marosra
s homlokomra kiülnek a csillagok.

1923. aug.

NEM ÉN KIÁLTOK

Nem én kiáltok, a föld dübörög,
Vigyázz, vigyázz, mert megőrült a sátán,
Lapulj a források tiszta fenekére,
Símulj az üveglapba,
Rejtőzz a gyémántok fénye mögé,
Kövek alatt a bogarak közé,
Ó, rejtsd el magad a frissen sült kenyérben,
Te szegény, szegény.
Friss záporokkal szivárogj a földbe –
Hiába fürösztöd önmagadban,
Csak másban moshatod meg arcodat.
Légy egy fűszálon a pici él
S nagyobb leszel a világ tengelyénél.
        Ó, gépek, madarak, lombok, csillagok!
Meddő anyánk gyerekért könyörög.
Barátom, drága, szerelmes barátom,
Akár borzalmas, akár nagyszerű,
Nem én kiáltok, a föld dübörög.

1924 első fele

TISZTA SZÍVVEL

Nincsen apám, se anyám,
se istenem, se hazám,
se bölcsőm, se szemfedőm,
se csókom, se szeretőm.

Harmadnapja nem eszek,
se sokat, se keveset.
Húsz esztendőm hatalom,
húsz esztendőm eladom.

Hogyha nem kell senkinek,
hát az ördög veszi meg.
Tiszta szívvel betörök,
ha kell, embert is ölök.

Elfognak és felkötnek,
áldott földdel elfödnek
s halált hozó fű terem
gyönyörűszép szívemen.

1925. márc.

KOPOGTATÁS NÉLKÜL

Ha megszeretlek, kopogtatás nélkül bejöhetsz hozzám,
de gondold jól meg,
szalmazsákomra fektetlek, porral sóhajt a zizegő szalma.

A kancsóba friss vizet hozok be néked,
cipődet, mielőtt elmégy, letörlöm,
itt nem zavar bennünket senki,
görnyedvén ruhánkat nyugodtan foltozhatod.

Nagy csönd a csönd, néked is szólok,
ha fáradt vagy, egyetlen székemre leültetlek,
melegben levethesz nyakkendőt, gallért,
ha éhes vagy, tiszta papirt kapsz tányérul, amikor akad más is,
hanem akkor hagyj nékem is, én is örökké éhes vagyok.

Ha megszeretlek, kopogtatás nélkül bejöhetsz hozzám,
de gondold jól meg,
bántana, ha azután sokáig elkerülnél.

1926. ápr.

ÁLDALAK BÚVAL, VIGALOMMAL

Áldalak búval, vigalommal,
féltelek szeretnivalómmal,
őrizlek kérő tenyerekkel:
búzaföldekkel, fellegekkel.

Topogásod muzsikás romlás,
falam ellened örök omlás,
düledék-árnyán ringatózom,
leheletedbe burkolózom.

Mindegy, szeretsz-e, nem szeretsz-e,
szívemhez szívvel keveredsz-e,
látlak, hallak és énekellek,
Istennek tégedet felellek.

Hajnalban nyujtózik az erdő,
ezer ölelő karja megnő,
az égről a fényt leszakítja,
szerelmes szívére borítja.

1927 karácsony

Com o coração pacato

"Meus vinte anos, viço afora,
meus vinte anos à penhora."

ATTILA JÓZSEF

ALGUÉM EXANGUE

Nas roças sisudos campesinos
pra casa vão quietos do seu jeito.
Deitamos lado a lado: eu e o rio,
capim dormita brando sob o peito.

O regato silente calmo verte,
tornam-se orvalho em mim baque e perrengue,
nem homem, magiar, mano ou moleque,
aqui jaz tão somente alguém exangue.

A tarde aquinhoa a calmaria,
sou feito uma fatia de pão quente,
descansa o céu também no calmo Maros
e os astros se assentam em minha fronte.

agosto de 1923

NÃO SOU EU QUEM URRA

Não sou eu quem urra, a terra é que atroa,
Vigia, vigia, desvairou-se o diabo,
Empoça no fundo das límpidas fontes,
Vai confundir-te à vidraça,
Enfurna detrás dos diamantes luzeiros,
Debaixo das pedras em meio aos besouros,
Ó, vai te esconder no pão recém-feito,
Pobre de ti, pobrezinho.
Com o recém-chovido pra terra dimana –
Em vão em ti mesmo te banhas,
Só noutrem logras lavar-te esse rosto.
Vai ser no capim miúda ponta
E do mundo serás mais que o eixo em monta.
    Ó, máquinas, aves, ramas, estrelas!
Nossa estéril mãe por um filho entoa.
Amigo, caro, apaixonado amigo,
quer horripilante, quer maravilhoso,
Não sou eu quem urra, a terra é que atroa.

primeira metade de 1924

COM O CORAÇÃO PACATO

Sem genetriz, genitor,
sou eu sem pátria e senhor,
sem berço ou chão pra finar,
sem beijo, sem quem amar.

Três dias de fome ao cabo,
sem sequer tascar um naco.
Meus vinte anos, viço afora,
meus vinte anos à penhora.

Se fizerem menoscabo,
Há de comprar o diabo.
Com o coração pacato,
roubo e, se preciso, mato.

Serei pego e pendurado,
em solo bento enterrado
co'a mata da morte vindo
frondar meu coração lindo.

março de 1925

SEM AVISO

Se um dia te amo, podes sem aviso achegar-te em casa,
mas pensa bem como,
deitando ao colchão da palhoça, com pó a palha em farfalho arfa.

Na jarra em tua travessa, água fresca à beça,
calçado, ao saíres, te lustro,
aqui não há quem nos perturbe,
pra que as roupas nossas cerzir arqueada possas.

Silêncio tamanho, palavreio bem,
se a estafa chega, meu mocho solitário é teu assento,
no calor tiras lenço e colarinho,
se a fome chega, papel limpo terás de prato, e o que houver enfim,
mas deixa aí algo pra mim, pois fome eterna igualmente me vem.

Se um dia te amo, podes sem aviso achegar-te em casa,
mas pensa bem como
o desgosto, se então te esquivas, me vai ser grave.

abril de 1926

EU BENDIGO EM TORPOR E FERVOR

Eu bendigo em torpor e fervor,
eu receio por meu próprio amor,
eu te guardo com mãos desejosas:
em trigais e em nuvens chuvosas.

O teu passo é pra música um lapso
contra ti o meu muro é colapso,
no sombreio dos laivos vacilo,
eu me embalo nesse teu respiro.

Pouco importa se sim ou não amas,
se em meu peito com o teu te acamas,
eu te vejo, te ouço e te canto,
E respondo-te ao deus senhor santo.

No arrebol a mata se distende,
seus mil braços vicejam cingentes,
do firmamento a luz arrancando
e o coração afoito encobrindo.

Natal de 1927

Pinturas de Brueghel

William Carlos Williams

O texto: William Carlos Williams escreveu uma série de dez poemas baseada, cada um, em uma pintura do renascentista flamengo Pieter Brueghel, o Velho, famoso por retratar a vida camponesa. Foi publicada originalmente em uma edição da *The Hudson Review*, em 1960, e depois no homônimo livro, *Pictures from Brueghel and other poems*, de 1962, vencedor do Prêmio Pulitzer de Poesia de 1963. Através das "pinturas", Carlos Williams buscava refletir sobre o papel exercido pelo artista e pelo público na transmissão e percepção da arte.

Texto traduzido: Williams, William Carlos. *Pictures from Brueghel and other poems*. New York: A New Direction Book, 1962.

O autor: William Carlos Williams (1883-1963), poeta, romancista e ensaísta porto-riquenho estadunidense, nasceu em Rutherford. Foi um dos principais poetas do movimento imagista que, ao discordar dos valores apresentados por Pound e Eliot à tendência modernista, experimentou novas fórmulas a fim de inventar uma poética inteiramente diversa, e singularmente americana, cujas temáticas se centravam nas circunstâncias cotidianas da vida e na vida das pessoas comuns. Escreveu também dramas, sendo dono de uma extensa obra em prosa. Além de escritor, exerceu longa carreira como médico pediatra e de medicina geral.

O tradutor: Beethoven Alvarez é professor de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal Fluminense (UFF). É tradutor de peças de comédia romana antiga, de poetas romenos como Marin Sorescu e Mihai Eminescu, da uruguaia M. Eugénia de Vaz Ferreira e do estadunidense Louis Zukofsky. Em 2020, traduziu trechos da obra de Cervantes para a peça *O Teatro de Cervantes*, de Eleusa Mancini. Para a (n.t.) traduziu George Bacovia.

PICTURES FROM BRUEGHEL

"Brueghel saw it all."

WILLIAM CARLOS WILLIAMS

"... the form of a man's rattle may be in
accordance with instructions received in the
dream by which he obtained his power."
Frances Densmore
The Study of Indian Music

I SELF-PORTRAIT

In a red winter hat blue
eyes smiling
just the head and shoulders

crowded on the canvas
arms folded one
big ear the right showing

the face slightly tilted
a heavy wool coat
with broad buttons

gathered at the neck reveals
a bulbous nose
but the eyes red-rimmed

from over-use he must have
driven them hard
but the delicate wrists

show him to have been a
man unused to
manual labor unshaved his

blond beard half trimmed
no time for any-
thing but his painting

II LANDSCAPE WITH THE FALL OF ICARUS

According to Brueghel
when Icarus fell
it was spring

a farmer was ploughing
his field
the whole pageantry

of the year was
awake tingling
near

the edge of the sea
concerned
with itself

sweating in the sun
that melted
the wings' wax

unsignificantly
off the coast
there was

a splash quite unnoticed
this was
Icarus drowning

III THE HUNTERS IN THE SNOW

The over-all picture is winter
icy mountains
in the background the return

from the hunt it is toward evening
from the left
sturdy hunters lead in

their pack the inn-sign
hanging from a
broken hinge is a stag a crucifix

between his antlers the cold
inn yard is
deserted but for a huge bonfire

the flares wind-driven tended by
women who cluster
about it to the right beyond

the hill is a pattern of skaters
Brueghel the painter
concerned with it all has chosen

a winter-struck bush for his
foreground to
complete the picture

IV THE ADORATION OF THE KINGS

From the Nativity
which I have already celebrated
the Babe in its Mother's arms

the Wise Men in their stolen
splendor
and Joseph and the soldiery

attendant
with their incredulous faces
make a scene copied we'll say

from the Italian masters
but with a difference
the mastery

of the painting
and the mind the resourceful mind
that governed the whole

the alert mind dissatisfied with
what it is asked to
and cannot do

accepted the story and painted
it in the brilliant
colors of the chronicler

the downcast eyes of the Virgin
as a work of art
for profound worship

V PEASANT WEDDING

Pour the wine bridegroom
where before you the
bride is enthroned her hair

loose at her temples a head
of ripe wheat is on
the wall beside her the

guests seated at long tables
the bagpipers are ready
there is a hound under

the table the bearded Mayor
is present women in their
starched headgear are

gabbing all but the bride
hands folded in her
lap is awkwardly silent simple

dishes are being served
clabber and what not
from a trestle made of an

unhinged barn door by two
helpers one in a red
coat a spoon in his hatband

VI HAYMAKING

The living quality of
the man's mind
stands out

and its covert assertions
for art, art, art!
painting

that the Renaissance
tried to absorb
but

it remained a wheat field
over which the
wind played

men with scythes tumbling
the wheat in
rows

the gleaners already busy
it was his own –
magpies

the patient horses no one
could take that
from him

VII THE CORN HARVEST

Summer!
the painting is organized
about a young

reaper enjoying his
noonday rest
completely

relaxed
from his morning labors
sprawled

in fact sleeping
unbuttoned
on his back

the women
have brought him his lunch
perhaps

a spot of wine
they gather gossiping
under a tree

whose shade
carelessly
he does not share the

resting
center of
their workday world

VIII THE WEDDING DANCE IN THE OPEN AIR

Disciplined by the artist
to go round
& round

in holiday gear
a riotously gay rabble of
peasants and their

ample-bottomed doxies
fills
the market square

featured by the women in
their starched
white headgear

they prance or go openly
toward the wood's
edges

round and around in
rough shoes and
farm breeches

mouths agape
Oya!
kicking up their heels

IX THE PARABLE OF THE BLIND

This horrible but superb painting
the parable of the blind
without a red

in the composition shows a group
of beggars leading
each other diagonally downward

across the canvas
from one side
to stumble finally into a bog

where the picture
and the composition ends back
of which no seeing man

is represented the unshaven
features of the des-
titute with their few

pitiful possessions in a basin
to wash in a peasant
cottage is seen and a church spire

the faces are raised
as toward the light
there is no detail extraneous

to the composition one
follows the others stick in
hand triumphant to disaster

X CHILDREN'S GAMES

I

This is a schoolyard
crowded
with children

of all ages near a village
on a small stream
meandering by

where some boys
are swimming
bare-ass

or climbing a tree in leaf
everything
is motion

elder women are looking
after the small
fry

a play wedding a
christening
nearby one leans

hollering
into
an empty hogshead

II

Little girls
whirling their skirts about
until they stand out flat

tops pinwheels
to run in the wind with
or a toy in 3 tiers to spin

with a piece
of twine to make it go
blindman's-buff follow the

leader stilts
high and low tipcat jacks
bowls hanging by the knees

standing on your head
run the gauntlet
a dozen on their backs

feet together kicking
through which a boy must pass
roll the hoop or a

construction
made of bricks
some mason has abandoned

III

The desperate toys
of children
their

imagination equilibrium
and rocks
which are to be

found
everywhere
and games to drag

the other down
blindfold
to make use of

a swinging
weight
with which

at random
to bash in the
heads about

them
Brueghel saw it all
and with his grim

humor faithfully
recorded
it

PINTURAS DE BRUEGHEL

"Brueghel via isso tudo."

WILLIAM CARLOS WILLIAMS

"... a forma do chocalho de um homem pode estar
de acordo com as instruções recebidas no
sonho pelo qual ele obteve seu poder."
Frances Densmore
The Study of Indian Music

I AUTORRETRATO

De chapéu vermelho sorrindo
olhos azuis
só a cabeça e os ombros

enchem a tela
os braços cruzados
orelhas grandes à direita mostrando

o rosto um pouco inclinado
um pesado casaco de lã
com botões largos

cobrindo até o pescoço revela
um nariz bulboso
mas os olhos avermelhados

de tanto uso deve ter
exigido muito deles
mas os delicados pulsos

mostram que deve ter sido um
homem pouco afeito ao
trabalho braçal sua

barba clara mal aparada
sem ter tempo para um
nada que não seja pintar

II PAISAGEM COM A QUEDA DE ÍCARO

Segundo Brueghel
quando Ícaro caiu
era primavera

um fazendeiro arava
seu campo
todo o espetáculo

dos anos despertava
formigando ali
perto

a beira do mar
ocupada
consigo mesma

suando sob o sol
que derretia
as asas de cera

insignificantemente
longe da costa
houve

uma queda pouco notada
era
Ícaro afundando

III OS CAÇADORES NA NEVE

No geral a pintura é inverno
montanhas geladas
no plano de fundo o retorno

da caçada em direção à noite
da esquerda
fortes caçadores lideram

o bando a placa da estalagem
pendurada por uma
dobradiça quebrada é um veado um crucifixo

entre suas galhadas o frio
o jardim está
deserto a não ser por uma grande fogueira

as chamas ao vento cuidadas por
mulheres que se juntam
ali mais além à direita

a colina é decorada com patinadores
Brueghel o pintor
atento a tudo que escolheu

um arbusto atingido pelo inverno como
seu primeiro plano para
completar a pintura

IV ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS

Da Natividade
que eu já celebrei
o bebê nos braços de sua Mãe

os Reis Magos em seu roubado
esplendor
e José e a soldadesca

presenciam
com seus rostos incrédulos
fazem da cena uma cópia digamos

de mestres italianos
mas com uma diferença
a maestria

da pintura
e a mente a engenhosa mente
que arranjou o todo

a mente alerta insatisfeita com
o que se pergunta
e não pode

aceitar a história e pintou
isso nas brilhantes
cores do cronista

os abatidos olhos da Virgem
como uma obra de arte
para profunda adoração

V BODA CAMPONESA

Põe o vinho o noivo
onde diante de você a
noiva se entrona seus cabelos

soltos pelas têmporas a cabeça
cor de trigo maduro está na frente
da parede ao lado dela os

convidados em longas mesas
os gaiteiros estão prontos
há um cachorro embaixo

da mesa o prefeito barbudo
está lá mulheres com seus
chapéus engomados estão

falando de tudo menos a noiva
mãos cruzadas no
colo está estranhamente calada simples

pratos são servidos
coalhada e alguma coisa
num suporte feito com uma

porta desencaixada do celeiro por dois
ajudantes um de casaco
vermelho uma colher na aba do chapéu

VI CEIFA

A qualidade viva da
mente humana
se destaca

e suas assertivas secretas
para arte, arte, arte!
pintura

que a Renascença
tentou absorver
mas

resta um campo de trigo
sobre o qual o
vento folgava

homens com foices deixando cair
o trigo em
fileiras

as cestas já cheias
isso era próprio dele –
pegas

os cavalos pacientes ninguém
podia tirar isso
dele

VII A COLHEITA DE MILHO

Verão!
a pintura se organiza
ao redor de um jovem

ceifeiro aproveitando sua
sesta do meio-dia
completamente

relaxado
de seus trabalhos da manhã
esparramado

dormindo de fato
a calça desabotoada
de barriga pra cima

as mulheres
lhe trouxeram o almoço
talvez

um pouco de vinho
elas juntas fofocam
sob a árvore

cuja sombra
sem cuidados
ele não divide o

local
de descanso do
seu mundo de dias de trabalho

VIII A DANÇA DE CASAMENTO AO AR LIVRE

Disciplinados pelo artista
vão e dançam
& dançam

em roupa de festa
a barulhenta multidão agitada de
camponeses e suas

Jezebéis de ancas largas
enchem
a praça do mercado

traçada com mulheres em
seus engomados
chapéus brancos

se empavonam e vão reto
em direção à beira
da mata

rodam e ali em
rudes calçados e
trajes campestres

bocas abertas
Eia!
levantando os calcanhares

IX A PARÁBOLA DOS CEGOS

Essa terrível mas soberba pintura
a parábola dos cegos
sem nenhum vermelho

na composição mostra um grupo
de mendigos guiando
um ao outro numa diagonal

ao longo da tela
partindo de um lado
até caírem enfim num brejo

onde o quadro
e a composição acabam na
qual nenhum homem que enxerga

é pintado os traços
mal barbeados dos des-
tituídos com suas poucas

tristes posses numa bacia
de lavar roupa numa rústica
aldeia se veem e uma torre de igreja

seus rostos se levantam
em direção à luz
não há um detalhe estranho

à composição um
segue o outro de mãos
dadas triunfantes rumo ao desastre

X JOGOS INFANTIS

I

Esta é um pátio de escola
lotado
de crianças

de todas as idades numa vila
ao lado de um riacho
que faz uma curva

onde alguns meninos
nadam
com a bunda de fora

ou sobem numa árvore
tudo
se move

senhoras tomam
conta de pequenos
grupos

um casamento de brincadeira um
batizado
por ali alguém se abaixa

gritando
dentro
de um barril vazio

II

Meninas
rodando suas saias
até ficarem retas

piões cata-ventos
pra dar voltas no ar
ou um pião de 3 cores que gira

com um pedaço
de fieira que o arremessa
cabra-cega seu mestre

mandou perna-de-pau
vivo ou morto cinco marias
boliche pendurar pelo joelho

plantar bananeira
corredor polonês
deitados de costas

chutando com os pés
por onde um deles tem que passar
brincadeira do aro ou

de arquiteto
com os tijolos
que algum pedreiro deixou pra trás

III

As perigosas brincadeiras
de criança
sua

imaginação equilíbrio
e pedras
que podem ser

vistas
por todo lado
e jogos de empurrar

o outro no chão
olhos vendados
levantando

um peso
pendurado
com o qual

a esmo
vai bater na
cabeça de

alguém
Brueghel via isso tudo
e com seu

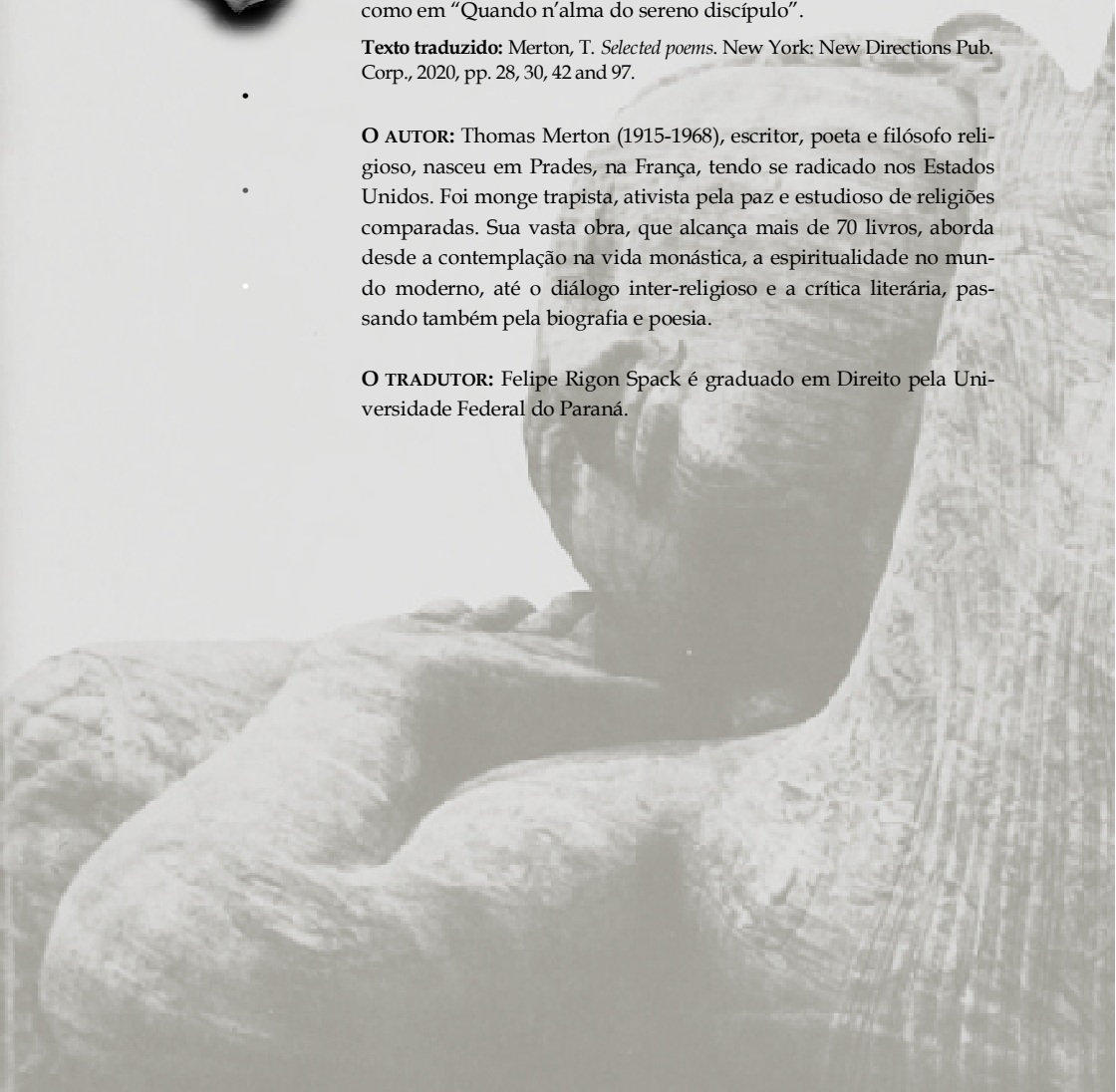
humor negro
fielmente
pintava

QUATRO POEMAS
THOMAS MERTON

O TEXTO: Seleção com quatro poemas de Thomas Merton que oferecem uma breve mostra de sua poesia, que se caracteriza pela composição das cenas, ao captar os instantes precisos da vida de seus personagens, como em "A ilha de Calipso", em que retoma o mito da ninfa grega do mar, e em "A casa de Caifás" e "São Paulo", em que narra a vida dos apóstolos Pedro e Paulo, respectivamente, e também, pelo aspecto meditativo/contemplativo de suas composições, como em "Quando n'alma do sereno discípulo".

Texto traduzido: Merton, T. *Selected poems*. New York: New Directions Pub. Corp., 2020, pp. 28, 30, 42 and 97.

O AUTOR: Thomas Merton (1915-1968), escritor, poeta e filósofo religioso, nasceu em Prades, na França, tendo se radicado nos Estados Unidos. Foi monge trapista, ativista pela paz e estudioso de religiões comparadas. Sua vasta obra, que alcança mais de 70 livros, aborda desde a contemplação na vida monástica, a espiritualidade no mundo moderno, até o diálogo inter-religioso e a crítica literária, passando também pela biografia e poesia.

O TRADUTOR: Felipe Rigon Spack é graduado em Direito pela Universidade Federal do Paraná.

Selected poems

"I locked my eyes, and made my brain my tomb,
Sealed with what boulders rolled across my reason!"

THOMAS MERTON

CALYPSO'S ISLAND

See with how little motion, now, the noon wind
Fills the wood's eyes with flirting oleanders,
While perpendicular sun lets fall
Nickels and dimes on the deep harbor.

Fair cries of divers fly in the air
Amid the rigging of the newcome schooner,
And the white ship
Rides like a petal on the purple water
And flings her clangorous anchor in the quiet deeps,
And wrecks the waving waterlights.

Then Queen Calypso
Wakes from a dreaming lifetime in her house of wicker,
Sees all at once the shadows on the matting
Coming and going like a leopard;
Hears for the first time the flame-feathered birds
Shout their litany in the savage tree;

And slowly tastes the red red wound
Of the sweet pomegranate,

And lifts her eyelids like the lids of treasures.

THE HOUSE OF CAIPHAS

Somewhere, inside the wintry colonnade,
Stands, like a churchdoor statue, God's Apostle,
Good St. Peter, by the brazier,
With his back turned to the trial.

As scared and violent as flocks of birds of prey,
The testimonies of the holy beggars
Fly from the stones, and scatter in the windy shadows.

The accusations of the holy judge
Rise, in sucesssion, dignified as rockets,

Soar out of silence to their towering explosions
And, with their meteors, raid the earth.

And the gates of night fall shut with the clangor of arms.

The crafty eyes of witnesses, set free to riot,
Now shine as sharp as needles at the carved Apostle's mantle.
Voices begin to rise, like water, in the colonnade;
Fingers accuse him like a herd of cattle.

Then the Apostle, white as marble, weak as tin
Cries out upon the crowd:
And, no less artificial than the radios of his voice,
He flees into the freezing night.

And all the constellation vanish out of heaven
With a glassy cry;
Cocks crow as sharp as steel in the terrible, clear east,

And the gates of night fall shut with the thunder of Massbells.

ST. PAUL

When I was Saul, and sat among the cloaks
My eyes were stones, I saw no sight of heaven,
Open to take the spirit of the twisting Stephen.
When I was Saul, and sat among the rocks,
I locked my eyes, and made my brain my tomb,
Sealed with what boulders rolled across my reason!

When I was Saul and walked upon the blazing desert
My road was quiet as a trap.
I feared what word would split high noon with light
And lock my life, and try to drive me mad:
And thus I saw the Voice that struck me dead.
Tie up um breath, and wind me in white sheets of anguish,
And lay me in my three day's sepulchre
Until I find my Easter in a vision.

Oh Christ! Give back my life, go, cross Damascus,
Find out my Ananias in that other room:
Command him, as you do, in this my dream;
He knows my locks, and owns my ransom,
Waits for Your word to take his Keys and come.

"WHEN IN THE SOUL OF THE SERENE DISCIPLE..."

When in the soul of the serene disciple
With no more Fathers to imitate
Poverty is a success,
It is a small thing to say the roof is gone:
He has not even a house.

Stars, as well as friends,
Are angry with the noble ruin.
Saints depart in several directions.

Be still:
There is no longer any need of comment.
It was a lucky wind
That blew away his halo with his cares,
A lucky sea that drowned his reputation.

Here you will find
Neither a proverb nor a memorandum.
There are no ways,
No methods to admire
Where poverty is no achievement.
His God lives in his emptiness like an affliction.

What choice remains?
Well, to be ordinary is not a choice:
It is the usual freedom
Of men without visions.

Quatro poemas

"Tranquei meus olhos, fiz da mente tumba
Selada por pedras que rolaram por minha razão!"

THOMAS MERTON

A ILHA DE CALIPSO

Vê agora o quão suavemente a brisa do meio dia
inunda os olhos da floresta com flertes de oleandro,
Enquanto, perpendicular, o sol esparge
Níqueis e centavos sobre o porto fundo.

Dos mergulhões o grito claro corre o ar
Por entre a tralha da recém-chegada escuna,
E a alva nave
Singra, feito pétala, o mar purpúreo
Lançando a âncora estridente nas profundezas mudas
E as ondas reluzentes todas turba.

Então Calipso, rainha,
Desperta de uma vida onírica na casa de vime,
Vê de uma vez só as sombras da trama toda
Indo e vindo como leopardo;
Ouve pela vez primeira as aves cor de fogo
Sobre a árvore selvagem desfilando a litania;

Devagar degusta a rubra ferida rubra
Da doce romã,

E levanta as pálpebras como as tampas dos tesouros.

A CASA DE CAIFÁS

Num ponto qualquer, em meio à fria colunata,
feito estátua à porta de uma igreja, está o Apóstolo de Deus,
O Bom São Pedro, junto ao fogo,
De costas para o julgamento.

Como aves de rapina em bando, violentas e assustadas,
Os testemunhos dos santos mendicantes
Das pedras alçam voo e se dispersam no sopro das sombras.

As acusações do santo juiz
São lançadas, em sucessão, com a dignidade de foguetes,

Subindo rompem o silêncio e explodem soberanas
Mandando meteoros contra a terra.

E cerram-se os portões da noite com o clangor das armas.

Os olhos ardilosos das testemunhas, já à vontade para o tumulto,
Agora brilham como agulhas apontadas contra o manto do Apóstolo esculpido.
Vozes começam a subir, como enchente, na colunata;
Dedos o acusam como gado em rebanho.

Então o Apóstolo, branco como o mármore, fraco como o latão,
Grita contra a multidão:
E, não menos artificial que sua voz de rádio,
Foge rumo à noite congelante.

E somem todas as constelações do céu
Com um vítreo choro;
O cantar dos galos corta como aço no terrível Oriente claro.

E cerram-se os portões da noite com o trovoar dos sinos.

SÃO PAULO

Quando eu era Saulo, aos meus pés o manto,
Meus olhos eram pedras, nada vi do céu,
De Estêvão prontas a tolher o espírito.
Quando eu era Saulo, sentado à rocha,
Tranquei meus olhos, fiz da mente tumba
Selada por pedras que rolaram por minha razão!

Quando eu era Saulo e andava no deserto ardente
Minha estrada estava quieta qual cilada.
Temia qual palavra racharia o dia
E a vida trancaria e me faria louco:
E assim ouvi a Voz que derrubou meu corpo morto.
Fechou meu fôlego, envolveu-me em alvos lençóis de angústia,
E deitou-me em meu sepulcro de três dias
Até que uma visão me desse a minha Páscoa.

Ó, Cristo! Devolve minha vida, vai, Damasco adentro,
Encontra meu Ananias naquela outra casa:
Envia-o, como fazes, a este meu sonho;
Ele conhece as minhas trancas, tem o resgate,
Tua palavra espera para vir, chaves à mão.

“QUANDO N’ALMA DO SERENO DISCÍPULO…”

Quando n’alma do sereno discípulo,
Sem mais padres que imitar,
A pobreza enfim sucede,
É pouco dizer que se foi o teto:
A casa mesma ele não tem.

Estrelas, bem como amigos,
Irritam-se com a nobre ruína.
Santos partem em várias direções.

Fica calmo:
Comentários não são mais necessários.
Foi um vento de sorte
Que levou sua auréola e seus caprichos,
Um mar de sorte o que afogou sua reputação.

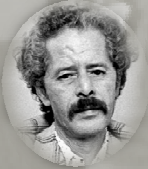
Aqui não acharás
Nem provérbio nem *memorandum.*
Não há caminhos,
Ou métodos a admirar
Onde a pobreza não chega a ser um feito.
Seu Deus vive em seu vazio como uma aflição.

Que escolha resta?
Bem, ser comum não é uma escolha:
É a liberdade comum
Dos homens sem visões.

contos

(n.t.) | Bhaktapur

O PÃO NU

MOHAMED CHOUKRI

O TEXTO: Romance autobiográfico de Mohamed Choukri, *O pão nu* revela as memórias do autor na passagem da infância à idade adulta no Marrocos, entre os anos de 1935 e 1956. São lembranças acerca de uma realidade miserável de fome, vícios e descobrimento da sexualidade, em que Choukri denuncia os abusos sofridos por um sujeito marginal, ao passo que lança questionamentos sociais, morais e metafísicos sobre sua existência. O modo de expor a realidade crua de sua sociedade, tocando tabus como o sexo e a religião, é provavelmente a razão da proibição do livro em solo marroquino até o ano 2000, embora tenha sido escrito em 1972. Apresenta-se a tradução do primeiro capítulo de *O pão nu*, a partir de seu original árabe.

Texto traduzido:

شكري، محمد. الخبز الحافي: سيرة ذاتية روائية ١٩٣٥ – ١٩٥٦. دار الساقي، بيروت، ٢٠٠٨.ص.٢٧.٩.

O AUTOR: Mohamed Choukri (1935-2003), escritor marroquino, nasceu em Bni Chiker, no Rife. De etnia berbere e falante de *tarifiyt* (rifenho), começou a escrever por volta dos vinte anos, logo após ser alfabetizado em árabe. Por ter vivido os tempos de uma Tânger cosmopolita, além do rifenho e do árabe dialetal marroquino, expressava-se fluentemente em francês e espanhol. Sua escrita caracteriza-se por um forte realismo utilizado para descrever não só o mundo marginal do autor, mas uma realidade injusta comum aos excluídos de todas as sociedades. Pertence ao rol dos célebres escritores modernos de prosa em língua árabe.

O TRADUTOR: Felipe Benjamin Francisco é professor de língua e literatura árabes na UFRJ. É bacharel em Letras – Árabe (FFLCH-USP), mestre e doutor pelo programa de Estudos Judaicos e Árabes na mesma instituição. É membro pesquisador do grupo Tarjama: Escola de tradutores de literatura árabe moderna (USP).

Contato: felipe.francisco@letras.ufrj.br

الخبز الحافي

«في طنجة لم أر الخبز الكثير الذي وعدتني به أمي.
الجوع أيضاً في هذه الجنة، .»

محمد شكري

١

أبكي موت خالي والأطفال من حولي. يبكي بعضهم معي. لم أعد أبكي فقط عندما يضربني أحد أو حين أفقد شيئاً. أرى الناس أيضاً يبكون. المجاعة في الريف. القحط والحرب.

ذات مساء لم أستطع أن أكف عن البكاء. الجوع يؤلمني. أمص وأمص أصابعي. أتقيأ ولا يخرج من فمي غير خيوط من اللعاب. أمي تقول لي بين لحظة وأخرى:

– أسكت، سنهاجر إلى طنجة. هناك خبز كثير. لن تبكي على الخبز عندما نبلغ طنجة. الناس هناك يأكلون حتَّى يشبعوا.

أخي عبد القادر لا يبكي. أمي تقول:

– خم أو ماش (أنظر أخاك) نتا ويتروشا (أنه لا يبكي). إِشِكْ ثْتْروذ (وأنت تبكي).

أنظر إلى سحنته الشاحبة وعينيه الغائرتين فأكف عن البكاء. بعد لحظات أنسى الصبر الذي أستمده منه.

دخل أبي. وجدني أبكي على الخبز. أخذ يركلني ويلكمني:

– أسكت، أسكت، أسكت، ستأكل قلب أمك يا ابن الزنا.

رفعني في الهواء، خبطني على الأرض. ركلني حتَّى تعبت رجلاه وتبلل سروالي.

في طريق هجرتنا، مشياً على الأقدام، رأينا جثث المواشي تُحَوِّمُ حولها الطيور السوداء والكلاب، روائح كريهة، أحشاء ممزقة، دود ودم وصديد.

في الليل يُسْمَعُ عواء الثعالب قرب الخيمة التي ننصبها حيثما يوقفنا التعب والجوع. الناس، أحياناً، يدفنون موتاهم حيث يسقطون.

أخي يسعل ويسعل. سألت أمي خائفاً:

– أهو أيضاً سيموت؟

– كلا. من قال لك أنه سيموت؟

– خالي مات.

– أخوك لن يموت. هو فقط مريض.

في طنجة لم أر الخبز الكثير الذي وعدتني به أمي. الجوع أيضاً في هذه الجنة، لكنه لم يكن جوعاً قاتلاً.

حين يشتد عليّ الجوع أخرج إلى حيّ «عين قطيوط». أفتش في المزابل عن بقايا ما يُؤْكَلُ. وجدت طفلاً يقتات من المزابل مثلي. في رأسه وأطرافه بثور. حافي القدمين وثيابه مثقوبة. قال لي:

– مزابل المدينة أحسن من مزابل حيّنا. زبل النصارى أحسن من زبل المسلمين[1].

بعد هذا الاكتشاف صرت، أحياناً، أذهب أبعد من حيِّنا: وحيداً أو صحبة أطفال المزابل.

عثرت على دجاجة ميتة. ضممتها إلى صدري وركضت إلى بيتنا. أبواي في المدينة، أخي في ركن مدد، نصفه الأعلى مرفوع فوق وسادة. يتنفس بصعوبة. عيناه الكبيرتان الذابلتان ترقبان مدخل الباب. يرى الدجاجة. تتيقظ عيناه. يبتسم. يتورد وجهه النحيل. يتحرك كأنه يفيق من اغماء. يسعل فرحاً، أعثر على السكين. يسعل ويلهث. أولِّي وجهي قبلة الشرق: حيث أرى أمي تولِّي وجهها وتصلي. قلت جهراً: "بسم الله. الله أكبر". هكذا رأيت الكبار يفعلون. ذبحتها حتَّى أنفصل رأسها. أنتظر أن يسيل دمها. أدلكها لعل الدم يسيل منها. يسيل قليل قاتم من ثقب عنقها. في «الريف» رأيتهم يذبحون كبشاً. لا أدري في أية مناسبة. وضعوا طاساً تحت عنق الكبش الفائر بالدم. امتلأ الطاس وأعطوه لأمي المريضة. رأيتهم يمسكون بها في الفراش وهي تقاومهم عازفة عن شراب الدم. جعلوها تشربه بالقوة. تلوث وجهها وثيابها. تمرغت في الفراش ثم همدت وهي تهمهم بكلمات غير

---

[1] في تلك الأيام كان عامة الناس يسمون كل أوروبي نصرانياً، ويعتبرون كل عربي يتكلم العربية مسلماً. كلمة المسلمين هنا تعني المغاربة.

مفهومة. لماذا لا يفور الدم الآن من عنق هذه الدجاجة كما رأيته يفور من عنق الكبش؟ شرعت أريشها. سمعت صوتها:

– ماذا تفعل؟ من أين سرقتها؟

– عثرت عليها مريضة. ذبحتها قبل أن تموت. إسألي أخي.

– مجنون! (خطفتها مني غاضبة). الإنسان لا يأكل الجيفة.

أخي وأنا تبادلنا نظرات حزينة. كلانا أغمض عينيه في انتظار ما سنأكله.

أبي يعود كل مساء خائباً. نسكن في حجرة واحدة. أحياناً أنام في نفس المكان الذي أتقرفص فيه. أن أبي وحش. عندما يدخل لا حركة، لا كلمة إلّا بإذنه كما هو كل شيء لا يحدث إلّا بإذن الله كما سمعت الناس يقولون. يضرب أمي بدون سبب أعرفه. سمعته مراراً يقول لها:

– سأهجرك يا ابنة القحبة. دبري أمرك وحدك مع هذين الجروين.

ينشق السعوط. يتكلم وحده. يبصق على أناس وهميين. يشتمنا. يقول لأمي: «أنت قحبة بنت قحبة». يسب العالم دائماً ويجدف على الله أحياناً ثم يستغفره.

أخي يبكي، يتلوى ألماً، يبكي الخبز. يصغرني. أبكي معه. أراه يمشي إليه. الوحش يمشي إليه. الجنون في عينيه. يداه أخطبوط. لا أحد يقدر أن يمنعه. أستغيث في خيالي. وحش! مجنون! أمنعوه! يلوي اللعين عنقه بعنف. أخي يتلوى. الدم يتدفق من فمه. أهرب خارج بيتنا تاركاً إيّاه يسكت أمي باللكم والرفس. اختفيت منتظراً نهاية المعركة. لا أحد يمرّ. أصوات ذلك الليل بعيدة وقريبة مني. السماء. مصابيح الله شاهدة على جريمة أبي. الناس نائمون. مصباح الله يظهر ويختفي. شبح أمي. صوتها خفيض. تبحث عني. تنتحب. الظلام يخفيني. لماذا ليست قوية مثله؟ الرجال يضربون النساء وهن يبكين ويصرخن.

– محمد، محمد اينو (محمدي). أراحد (تعال). لا تخف. أراحد.

وجدت لذتي في أن أراها ولا تراني. قلت لها:

– أقابي ذانيتا (ها أنا هنا).

– أراحد.

– لا. أذاي ينغ (سيقتلني) أَمِشْ (مثلما) يَنْغَا (قتل) أو ما إينو (أخي).

– لا تخف. تعال معي. لن يقتلك. تعال. اسكت حتَّى لا يسمعنا الجيران.

ينتحب وينشق السعوط. عجيب: يقتل أخي ثم يبكيه.

سهرنا ثلاثتنا ننتحب في صمت. أخي مسجى مغطى بقماش أبيض. نمت وتركتهما ينتحبان.

في الصباح انتحبنا أيضاً بصمت. تلك أول مرة أذهب في جنازة. أخي منعوش في حصيرة بين ذراعي الشيخ، أبي وراءه وأنا خلفهما حافياً أعرج. يضعانه في حفرة مبللة. أرتجف وأبكي. لطخة دم متخثرة حول فمه. يختفي وراء التراب. صار ربوة صغيرة.

انتبه الشيخ، لدى خروجنا من المقبرة، لبناني الدامية. سألني بالريفية:

– مانا الذم ما؟ (ما هذا الدم؟)

– عفسغ خ الزاج (عفست على الزجاج).

قال أبي:

– لا يعرف حتَّى كيف يمشي. ذابو هاري (أبله).

سألني الشيخ:

– أكنت تحب أخاك؟

– كثيراً. (ما زلت منتحباً). أمي كانت تحبه كثيراً. تحبه أكثر مما تحبني.

– من لا يحب ولده؟

تذكرت كيف لوى أبي عنق أخي. كدت أصرخ: أبي لم يكن يحبه. هو الذي قتله. نعم. قتله. قتله. قتله. رأيته يقتله. هو هو قتله. قتله. رأيته يقتله. لوى عنقه. تدفق الدم من فمه. رأيته رأيته يقتله. أبي قتله قاتله الله.

لكي أخفف من كراهيتي الشديدة لأبي أخذت أبكي من جديد. كنت خائفاً من أن يقتلني كما قتل أخي. نهرني بصوت منخفض وعيدٍ:

– ألن تكف عن البكاء؟

قال الشيخ:

– نعم، كفى من البكاء. أخوك عند الله. هو الآن مع الملائكة.

أكره أيضاً هذا الذي دفن أخي.

يشتري كيساً من الخبز الأبيض والتبغ الرخيص. يذهب إلى مكان بعيد عن طنجة ليقايض الجنود الإسبانيين في ثكناتهم. يعود مساء حاملاً ملابس الجنود. يبيعها في السوق الكبير للعمال والفقراء المغاربة.

ذات مساء لم يعد. نمت تاركاً أمي مهمومة تنتحب. انتظرنا ثلاثة أيام. أحياناً أنتحب معها. كنت اؤزِرُها. تحبه؟ لا تحبه؟ أدركت السبب عندما قالت:

– ها نحن وحدنا. من سيعيننا؟ لا نعرف أحداً في هذه المدينة. جدتك رقية، خالتك فاطمة وخالك ادريس هاجروا مِن الريف هم أيضاً إلى وهران. لا بد أن يكون العساكر الاسبانيون هم الذين قبضوا على أبيك. أنه هارب من الجندية الاسبانية.

علمنا أنهم سجنوه. وشى به جندي مغربي كان يعرفه في اسبانيا. لم يرد أبي أن يبيع له بطانية عسكرية بالثمن الذي كان يريده الجندي الواشي. هذا ما قيل لأمي.

تذهب إلى المدينة باحثة عن العمل. تعود خائبة مثلما كان أبي يعود في الأيام الأولى من وصولنا إلى طنجة. تقضم أظافرها. تنتحب. يكتب لها المشعوذون تمائم لعل أبي يخرج من السجن وتجد هي عملاً. تصلي كثيراً وتدعو كثيراً. تشعل الشموع في أضرحة أولياء الله. تستطلع حظ مستقبلنا عند «الشوافات». لا سراح من السجن، لا عمل ولا حظ إلّا بأمر من الله ورسوله محمد. هكذا تقول.

لماذا الله لا يعطينا حظنا مثلما يعطيه لبعض الناس؟ هكذا سألت أمي.

– الله هو الذي يعرف. نحن لا نعرف. لا ينبغي لنا أن نسأله عما يعرفه هو خيراً منا.

باعت أشياء من منزلنا. أرسلتني يوماً مع أطفال جيراننا لآتيها بالبقول. خفت أن يعتدوا عليّ. لم يكن لي بينهم صديق حميم أستنجد به إذا أنا تعاركت مع أكثر من واحد. أنهم يتحامون ضد الوافدين الجدد إلى المدينة. تخلفت عنهم في الطريق. تظاهرت أني سأبول. نزلت إلى المدينة. أحب حركتها. في السوق البراني[٢] أكلت أوراق الكرنب، قشور البرتقال وبقايا فواكه عفنة. طفل يكبرني يطارده شرطي. بين الطفل والشرطي مسافة قصيرة. تخيلتني ذلك الطفل. ألهث معه. الناس يقولون: سيقبضه! سيقبضه! صاح الناس: ها هو قبضه!

ارتعشت. خفت. تصورتني قبضني. دعوت الله ألا يقبضه، لكنه قبضه. شعرت بكراهية للذين تمنوا أن يقبضه. من بعيد رأيته امرأة أجنبية تلهث وراء الذين توقفوا ليتفرجوا على الحادث. سمعتها تتكلم وحدها بلغة لا أفهم منها كلمة. قال رجل مغربي:

– لم يترك لها غير إذن حقيبتها في يدها.

---

[٢] السوق الكبير يقابله السوق الداخلي أو الصغير، بمدينة طنجة.

هَوَى شرطي على مؤخرتي بهراوته. قفزت في الهواء صارخاً بالريفية: أيمانوا! [٣] لعنت الشرطي في خيالي. شرطيان آخران يضرباني الصغار ويدفعان الكبار. ضربا أيضاً بعض المغاربة البائسين الكبار.

سمعت أن رجال الأمن يضربون الناس ويقودونهم إلى السجن إذا هم قتلوا أو سرقوا أو سال دمهم في العراك.

دخلت مقبرة «بوعَرَاقية». التقطت أغصاناً من الريحان من فوق القبور الجميلة. وضعتها على قبر أخي. رأيت هناك قبوراً كثيرة بلا ريحان، بلا بلاطات مثل قبر أخي: ربوة من التراب وحجران (مختلفان في الشكل) يشير واحد منهما إلى الرأس والآخر إلى القدمين. تأملت للقبور المنسية: تكسوها نباتات وحشية، بعضها منهار. حتَّى هنا، في المقابر، عندهم الأغنياء والفقراء. لماذا يموت الإنسان؟ – لأن الله يريد ذلك – هكذا أجابتني أمي. أين يذهب من يموت؟ – إلى الجنة أو النار.

– ونحن؟

– إلى الجنة ان شاء الله.

– وماذا هناك؟

– إنك تسأل كثيراً. حتَّى تكبر وتعرف كل شيء.

وجدت هناك البقول التي وصفتها لي أمي. رأيت ثلاثة رجال يشربون بالتناوب من زجاجة لون سائلها قاتم. ناداني أحدهم:

– ايه! تعال إلي هنا أيها طفل! تعال لكي أعطي لك شيئاً.

خِفْتُ وهَرَبْتُ. أعْطِهِ لأمك يا ابن الزنا.

أثناء وجبة الغداء قالت لي:

– هذي البقول لذيذة.

آكل بلذة مثلها. أبلع أكثر مما أمضغ.

– من أين جمعتها؟

– من مقبرة بوعراقية.

– من المقبرة!

– نعم، من المقبرة. ماذا في ذلك؟

---

[٣] أماه! أماه!

انفغر فمها. أضفت:

– زرت قبر أخي. وضعت فوق قبره بعضاً من الريحان. ربوة تراب قبره لم تعد عالية. إذا ظل قبره كما هو من التراب فسيتساوى مع الأرض ولن نستطيع أن نعثر عليه بين القبور التي تجاوره.

تركت الأكل. انقبضت ملامحها. دمعت عيناها. أضفت:

– هناك كثير من هذه البقول حول القبور المنسية.

– ما ينبت في المقابر لا يأكله الناس.

– لماذا؟

تأملتني بحيرة. أنا آكلها بشهية. تخيلتها ستقيء. أخذت صحني. قالت بالريفية:

– آشْفَاشْ، أَتِشْذْ إِخْفِنِشْ (كفاك، لتأكل نفسك).

– لم أشبع.

– من أين جمعت الريحان؟

– من فوق بعض القبور. فوقها ريحان كثير.

قالت بصرامة:

– غداً ستعود إلى المقبرة وترد ريحان الناس إلى مكانه. إنها قبور الناس. حذار أن يراك أحد ترد الريحان إلى القبور. نحن أيضاً سنشتري لأخيك الريحان. سنبني له قبراً جميلاً.

بدأت تنتحب. أنا أيضاً غلبني الحزن فسالت دموعي. ضمتني إليها ونعست.

تصحبني معها إلى السوق الكبير. نشتري ركاما من خبز يابس يبيعه المتسولون تحت شجرة ضخمة قرب ضريح سيدي المخفي. تطبخه في الماء، مع قليل من الزيت والتوابل. أحياناً في الماء وحده.

ذات صباح باكر قالت:

– أنا سأذهب إلى السوق. سأشتري خضراً وفواكه وأبيعها. أنت ستبقى هنا. احرس بيتنا. لا تلعب مع الأطفال وتترك بيتنا للسراق.

بيني وبين أطفال الحي فوارق تجعلني أحس أني أقل منهم رغم أن بعضهم بائس مثلي. رأيت واحداً منهم يلتقط عظام الدجاج من المزبلة ويمصها. قال الطفل: «أصحاب هذه الدار يرمون دائماً زبلاً جيداً». يقولون عنّي:

– هو ريفي. جا من بلاد الجوع والقتالة (القتلة).

– ماكيعرفش يتكلم العربية.

– الريفيون كلهم مرضَى هذا العام بمرض الجوع.

– حيواناتهم حتّى هي مريضة.

– نحن لا نأكلها. هم يأكلونها. تزيدهم مرضاً على مرض.

– إذا ماتت لهم بقرة أو غنمة أو عنزة كياكلوها. كياكلو حتّى الجيفة.

الطفل «الجبلي» الوافد مثل الريفي على المدينة، يشترك معه في هذا الاحتقار، لكنه لا يعيَّرُ مثل الريفي. غالباً ما يعتبرونه مغفلاً: «الريفي خداع والجبلي نيّة[٤]».

يجاور سكنانا بستان صغير. شجرة إجاص كبيرة تغريني كل يوم. ذات صباح باكر ضبطني صاحب البستان أسقط له إجاصاته الكبيرة، الناضجة، بقصبة طويلة. هو يجرني وأنا أحاول باكياً أن أتخلّص منه. بلتُ في سروالي المغربي الفضفاض رغم أنه لم يضربني. قال لزوجته البشوش:

– ها هو البرغوث الذي يفسد لنا شجرة الإجاص. يفسد أكثر مما يأكل مثل الفأر.

سألتني بلطف خفف عنّي خوفي:

– أين هي أمك يا ولدي؟

– ذهبت لتبيع الخضر والفواكه في السوق.

– كفاك من البكاء. وأبوك؟

– في الحبس.

– في الحبس؟

– نعم في الحبس.

– مسكين! لماذا هو في الحبس؟

أربكني السؤال. أعادت السؤال ملاطفة وجهي بحنان:

– قل لي، لماذا هو أبوك في الحبس؟

فكرت أن في الجواب الصريح مساساً بكرامة أبويّ.

– لا أعرف. أمي هي التي تعرف.

---

[٤] تستعمل هذه الكلمة عند عامة الناس بمعنى عدم الفطنة.

تحاور الرجل مع زوجته وابنته التي جاءت عارية القدمين في شأن حبسي حتّى تعود أمي. رأس الفتاة ملفوف في منديل أبيض ويداها الرفيعتان البيضاوان مبللتان. أدركت أن المرأة وابنتها تشفقان عليّ، لكن الزوج، بين جد ومزاح، كما يبدو من كلامه وملامحه، يصرّ على عقابي. أدخلني حجرة قاتمة كُدِّسَتْ فيها أشياء أغلبها مكسور. قال لي مغلقاً عليّ الباب:

– إيّاك أن تبكي. سأجلدك بقضيب إذا أنت بكيت.

الحبس في حجرة. هذه أول مرة. إذن يمكن أن يتحكم فيّ ناس من غير أن يكونوا من أسرتي. الإجاصات هي لهؤلاء الذين حبسوني الآن. لكن لماذا نهجر نحن الريف ويبقَى آخرون في بلادهم؟ يدخل أبي السجن، تبيع أمي الخضر، تاركة إياي وحدي جائعاً ويبقَى هذا الرجل مع زوجته في منزلهما؟ لماذا لا نملك ما يملكه غيرنا؟

أرى من ثقب مفتاح الباب الشابة تنظف الأرض بالماء والصابون بحيوية، حافية القدمين، حاسرة ثوبها الشفاف عن فخذيها البيضاوين ونهديها العاريين الصغيرين. يهتزان، يطلان ويختفيان من خلال فتحة قميصها مثل عنقودين من العنب يتدليان. شعرها ملفوف في المنديل الأبيض الملطخ بالحنة. ملفوف مثل رأس الملفوف[٥].

طرقت الباب بخوف. أراقب حركاتها. قلبي يخفق مع حركاتها خوفاً وفرحاً. التفتت نحو الباب منحنية تجفف الأرض.

– تعالي وافتحي هذا الباب اللعين.

ترددت للحظة. ألححتُ عليها في خيالي:

– أرجوك، لا ترددي، تعالي.

تركت الجفاف واستقامت. نفضت يديها من الماء، شدت على وسطها بيديها. ارتسم ألم خفيف على وجهها المورد. ها هي آتية نحو الباب. خفق قلبي. ارتعشت. فتحت وقالت برقة باسمة:

– ها أنا. ماذا تريد؟

تلعثمت. دمعت عيناي.

ستضربني أمي إذا هي عادت من السوق ولم تجدني في البيت أحرسه من اللصوص. لقد تركتني أحرسه.

---

[٥] الكرنب.

خفضت رأسي خجلاً واستعطافاً. نظرت إلى فخذيها الممتلئين. أطلقت ثوبها المشدود إلى حزامها القماشي. تأملتني بإشفاق. أتطلع إليها متسولاً. شدت بيدها على فتحة صدرها المفتوحة. ينتصب نهداها الطويلان. يشِفُّ بياض الثوب عن حلمتيها مثل حَبَّتَيْ عِنَبٍ.

– هل ستطيح الإجاص بالقصبة مرة أخرى من شجرة بستاننا؟

– أبداً. اقتليني أنت بنفسك إذا وجدتني مرة أخرى أطيح الاجاص.

ابتسمت. لم أبتسم. خرجت مسرعاً. أدركني صوتها الرقيق:

– آجي. جوعان؟

اختلجت ملامح وجهي. قلت باضطراب:

– لاج شبعان.

ألحت عليّ أن أنتظرها. أبواها غائبان عن الدار. تطلعت إلى الشجرة. امتزج حبي وكراهيتي لها. لن آكل منها بعد اليوم.

مدت لي رغيفاً يقطر بالعسل الأسود.

– إذا جعت فعد إلينا. (أضافت): أليس عندك حذاء؟

– أمي ستشتريه لي.

تفحصتني باسمة وأنا ألفت إليها مبتعداً عنها. قبل أن أختفي لوحت لي بيدها باسمة. أجبتها مبتسماً واختفيت.

أهو الرجل أقسى من المرأة؟ أتمنى لو أنها أختي. هذا المنزل والبستان لو أنهما لنا. صاحب البستان أقل قسوة من أبي. لو أنه أبي.

يتبعنا بعناد. يقترب منها ويهمس في أذنها بكلمات لا أسمعها. تبتعد عنه. نعبر إلى الرصيف الآخر ماسكة يدي. أحياناً تسحبني بشدة. يلاحقنا بعناد. يضحك. تعبس. نتوقف. يسبقنا ويبطئ سيره. نعبر من جديد إلى الرصيف الآخر. يتبعنا بعناد. أنا غاضب. سألتها:

– ماذا يخصه هذا الرجل؟

– ليس شغلك.

أنظر إليه. يبتسم يتبعنا بعناد. ماذا يريد من أمي؟ هو يريد أن يخطفها؟ لا شك أنه خطاف. شددت على يدها بقوة.

– لا تمسكني من يدي هكذا. لن أهرب منك.

قلت له بغضب:

– امش، امش. ماذا تريد؟

اللعنة عليه. يبتسم لي ولأمي. قالت لي:

– قلت لك اسكت أنت. ألا تسمع؟

غضبت عليه في خيالي. أنا أدافع عنها وهي تسكتني.

التقت أمي امرأة. أخذتا تتكلمان عن أبي. الرجل العنيد يبتعد عنا. لامست المرأة شعري. انزلقت يدها الخشنة ملاطفة وجهي. تركت يد أمي وتمسكت بجانبها. قالت المرأة:

– لماذا هو محمدك حزين هكذا؟

نظرت إليّ أمي لافة معصمها حول عنقي. خفّ غضبي. قالت للمرأة:

– هكذا هو دائماً.

تواعدتا. قالت لي أمي:

– بس يد للّا لويزة (بست يد السيدة لويزا طائعاً).

بطن أمي ينتفخ. أحياناً لا تذهب إلى السوق. تقيء عدة مرات في اليوم. شاحبة. ساقاها تؤلمانها. تنتحب. ينتفخ وينتفخ بطنها. أخشَى أن ينفجر. لم يعد يؤثر عليّ نحيبها. أقسو وأقسو وأحزن. نسيت اللعب. حملوني في ليلة ناعساً إلى بيت آخر. نمت مع ثلاثة أطفال. قالت لي الجارة الأرملة في الصباح.

– ها أنت لك الآن أخت. كن لطيفاً معها.

تزوره في السجن مرة في الأسبوع. تعود أحياناً منتحبة. بدأت أدرك أن النساء يبكين أكثر من الرجال. يبكين ويكففن عن البكاء مثل الأطفال. أحياناً يحزن حين يفكر الواحد أنهن سيفرحن ويفرحن حين يفكر الواحد أنهن سيحزن. متى يحزن ومتى يفرحن؟ رأيت أمي مرة تبكي باسمة. أهي حمقاء؟

أبقى في الدار أحرس أختي أرحيمو. أعرف كيف أضاحكها، لكني لا أعرف كيف أسكتها عن البكاء. أضيق فأخرج. أتركها تبكي وتعارك نفسها بأطرافها المعوجة مثل سلحفاة مقلوبة على ظهرها. حين أعود أجدها نائمة أو باسمة. غالباً نائمة. الذباب يقفز على وجهها الذي نمشته عضات الناموس. في الليل الناموس وفي النهار الذباب.

أختي تنمو. أمي يقل بكاؤها وتذمرها. أنا أزداد شراسة، مع أمي أو مع أطفال الحي. إذا انهزمت معها أو معهم أكسر الأشياء أو أسقط على الأرض صارخاً وأعارك نفسي باكياً شاتماً إياها أو الأطفال.

سألتها:

– هل المرأة أيضاً يمكن أن تدخل السجن؟

– لماذا؟

– إنني أسأل.

– نعم. هي أيضاً إذا فعلت شيئاً قبيحاً مع الناس.

بدأت تأخذنا معها إلى السوق. أختي ترضع مع صدرها وأنا، في معظم الأحيان، أبحث عن غذائي بعيداً عنهما في السوق أو في أزقة المدينة القديمة. أستعطي وأسرق. أقول لها حين تلومني عن غيابي:

– سوف أهجر هذا البيت القذر. لن أعود إليه أبداً.

– أنت هكذا إذن يا هذا الخنفس. أنت هكذا إذن من الآن. ماذا أقول عنك عندما تكبر..؟

ذات صباح فاجأنا في السوق الكبير مصحوباً بجارة لتدله عن مكان أمي. انتحبت أمي في السوق وفي الدار. لماذا تنتحب من أجله؟ إنه قاس وشرير. في تلك الليلة غلبني النوم قبل المعتاد وتركتهما يتشاكيان.

في الصباح لم تذهب إلى السوق. ذهبت إلى الحمام العمومي. تزينت وسوكت فمها وكحلت عينيها. رأيتها مسرورة في ذلك الصباح. هكذا إذن. حين خرج أبي رأيتها تنتحب رغم زينتها. فكرت: لم أر امرأة بكاءة مثلها حتّى الآن. سألتها عنما أبكاها. أفهمتني أن أبي خرج ليفتش عن الجندي الواشي ليتقاتلا. فرحت. أتمنى أن يعثر أبي على ذلك الجندي الواشي ويقتله حتّى يطول غيابه مرة أخرى. أن يقتل أحدهما الآخر. هذا ما أتمناه. أحب غيابه حياً أو ميتاً.

عاد حزيناً في المساء. فاحت منه رائحة مخمورة. سمعت أمي تقول له:

– شربت، أليس كذلك؟

دمدم بكلمات واسترخى حزيناً ومتبعاً. هو حزين لأنه لم يعثر على غريمه وأنا حزين لأنه عاد. سمعتهما يتحدثان عن رحيلنا إلى تطوان. لم تكن لنا غير حجرة واحدة. تركتهما يتحدثان بحزن ونمت.

في الليل أيقظتني مثانتي الممتلئة. قبلات تصفق. لهاث يتلاحق. همسات حب. إنهما يحبان بعضهما. اللعنة على حبهما. لحم يصفق. تفو؟ إنها تكذب. لن أصدقها بعد اليوم.

– فمك.

– ها أنا. ليس هكذا. انتظر.

ماذا يفعلان؟

– أقول لك هكذا.

سأهبط لأنام على الأرض.

يصفعها. ماذا يفعلان؟

– بنت الزناء.

– كلا. كلا. تؤلمني. (آذان اينو). مصاريني. هكذا. هكذا أحسن. لا. لا. ليس هكذا. نعم هكذا.

لا بد أن يكونا مصابين بالحمّى. لهاث. قبلات. تأوهات. لهاث. قبلات. لهاث. قبلات. تأوهات. يعضان بعضهما. يأكلان بعضهما يلعقان دمهم...

– م م م ....!

يطعنها. تأوه طويل خفيض. شهيق. قتلها. أحس مثانتي تفرغ. السائل الساخن يندفق بلذة بين فخذي.

قبل رحيلنا بيوم رأيت الفتاة التي حررتني من الحبس وأعطتني الخبز المعسل. أخبرتها برحيلنا إلى تطوان. أخذتني معها إلى منزلها ماسكة إياي من يدي. أكلت الخبز الأسود بالعسل الدافئ والزبد. أعطتني تفاحة كبيرة ذات حمرة طفيفة. ملأت جيوبي باللوز. غسلت لي وجهي وأطرافي. كنت أخاها الأصغر؟! ابنها؟ مشطت شعري المنفوش. قصّت لي منه ويدها الملساء والدافئة تلامس وجهي ورأسي. عطرتني. شمتني. أرتني وجهي في مرآة صغيرة ذات إطار فضي. تأملت وجهها أكثر مما تأملت وجهي. أمسكته بين يديها كما تعودت أنا أن أمسك عصفوراً حتّى لا أؤلمه. تارة تضغط بلطف على وجهي وتارة تهدهده. ودعتني بالقبلات على خديّ. باست فمي. فكرت فيها مثل أخت لم تلدها أمي.

في يوم رحيلنا تذكرت قبر أخي. سيظل قبره بلا سقي، بلا ريحان، بلا بناء. قبر أخي سيضيع كما تضيع الأشياء الصغيرة وسط الأشياء الكبيرة.

O PÃO NU

"Em Tânger, não vi todo o pão prometido por minha mãe.
A fome também estava nesse paraíso."

MOHAMED CHOUKRI

I

Choro a morte de meu tio com crianças ao meu redor. Algumas delas choram comigo. Nunca mais chorei, a não ser quando me bateram ou perdi alguma coisa. Observo as pessoas que também choram. A fome no Rife. A seca e a guerra.

Uma certa noite, não conseguia conter o choro. A fome me causava dor. Chupo meus dedos sem parar. Vomito e de minha boca saem nada mais que fios de baba. Minha mãe me diz de um instante a outro:

– Quieto, vamos partir para Tânger. Há muito pão lá. Não vai chorar mais por causa de pão quando chegarmos em Tânger. Lá as pessoas comem até ficarem cheias.

Meu irmão Abdelqâder não está chorando. Minha mãe diz em rifenho:

– *Kham aw mach* (veja seu irmão), *nta witrucha* (ele não está chorando) *ichik thtrudh* (e você sim).

Vejo sua cara fechada com o olhar baixo e paro de chorar. Após alguns instantes, esqueço a resignação que extraio dele.

Meu pai entrou. Encontrou-me chorando por causa de pão. Desandou a dar-me pontapés, dizendo:

– Quieto, quieto, quieto, você vai é comer o coração de sua mãe, seu bastardo.

Levantou-me no ar e lançou-me ao chão. Chutou-me até seus pés cansarem e minhas calças ficarem ensopadas.

No trajeto de nosso êxodo, a pé, víamos carcaças de gado rodeadas por pássaros pretos e cães, odores asquerosos, entranhas despedaçadas, vermes, sangue e pus.

À noite, ouvia-se o uivo das raposas próximo à tenda, que erguíamos onde quer que o cansaço e a fome nos detivessem. As pessoas, por vezes, enterram seus mortos tão logo sucumbem.

Meu irmão tosse sem parar. Com medo, perguntei à minha mãe:

– Ele também vai morrer?

– Claro que não. Quem disse que ele vai morrer?

– Meu tio morreu.

– Seu irmão não vai morrer. Ele só está doente.

Em Tânger, não vi todo o pão prometido por minha mãe. A fome também estava nesse paraíso, porém, não era uma fome que matava.

Quando a fome me aperta, vou até o bairro de *'Ayn Qtiut*. Reviro o lixo à procura de restos comestíveis. Ali encontrei uma criança mexendo no lixo como eu. Possuía brotoejas na cabeça e nos membros. De pés descalços, tinha a roupa furada. Então, me disse:

– O lixo da cidade é melhor que o lixo do nosso bairro. O lixo dos cristãos é melhor que o dos muçulmanos[1].

Após essa descoberta passei, em algumas ocasiões, a ir mais além do nosso bairro: só ou na companhia das crianças do lixo.

Topei com uma galinha morta. Abracei-a junto ao peito e corri para casa. Meus pais estavam na cidade e meu irmão encontrava-se encostado em um canto, com o tronco erguido por um travesseiro. Respira com dificuldade. Os olhos grandes e sem vida fitam a porta de entrada. Ele vê a galinha. Os olhos estão atentos. Sorri. O rosto magro cora. Movimenta-se como se despertando de um desmaio. Tosse de alegria, enquanto encontro uma faca. Tosse e lhe falta o ar. Volto minha face ao nascer do sol: na mesma direção que minha mãe se volta, fazendo a oração. Disse em voz alta: "*bismillah, Allahu akbar*". Assim via os adultos fazerem. Eu a imolei até arrancar-lhe a cabeça. Aguardei o sangue escorrer. Apertei-a, quem sabe assim o sangue escorresse. Escorria ínfimo e escuro da cavidade no pescoço. No Rife eu os vi

[1] Naquele tempo, as pessoas chamavam, geralmente, todo europeu de cristão, ao passo que consideravam todo árabe, isto é, o falante de árabe, como muçulmano. Por muçulmano, entende-se o marroquino. (n.a.)

imolando um carneiro. Não lembro em qual ocasião. Colocaram uma taça sob o pescoço do carneiro jorrando sangue. Enchida a taça, deram-na à minha mãe doente. Eu os vi segurando-a na cama enquanto tentava se desvencilhar, resistindo de beber o sangue. Eles a fizeram tomá-lo à força. Seu rosto e suas vestes se ensanguentaram. Debateu-se na cama e então se acalmou, murmurando palavras sem nenhum sentido. Por que então o sangue não jorra do pescoço desta galinha como o vi jorrar do pescoço do carneiro? Comecei a depená-la. Ouvi sua voz:

– O que você está fazendo? De onde você roubou isso?

– Eu a encontrei doente e imolei antes de morrer. Pode perguntar para meu irmão.

– Você enlouqueceu! (Tomou-a de mim enraivecida). Gente não come bicho morto.

Meu irmão e eu trocamos olhares entristecidos. Ambos fechamos os olhos à espera de algo para comer.

Meu pai retorna para casa toda noite desiludido. Dormimos em um só cômodo. Certas vezes caio no sono no mesmo lugar em que estou deitado encolhido. Meu pai é um monstro. Ao entrar, nenhum movimento ou palavra se dá sem sua permissão, assim como nada ocorre sem a permissão de Deus, como ouvia as pessoas dizerem. Bate em minha mãe sem que eu entenda o motivo. Ouvi diversas vezes dizer a ela:

"Vou largar você sua filha da puta. Vai ter que se arranjar sozinha com estes filhotes de cadela". Aspira o rapé. Fala sozinho. Cospe em pessoas imaginárias. Insulta-nos. E diz à minha mãe: "Você é uma puta, filha de outra puta". Sempre insulta o mundo todo e, às vezes, blasfema contra Deus, mas logo pede perdão.

Meu irmão está chorando, contorce-se de dor, chora por causa de pão. É mais novo que eu. Choro com ele. Eu o vejo indo em sua direção. O monstro vai em sua direção. A insanidade nos olhos. Suas mãos são um polvo. Ninguém é capaz de detê-lo. Peço socorro na minha cabeça. Monstro! Louco! Detenham-no! O maldito torce seu pescoço. Meu irmão se contorce. O sangue escorre de sua boca. Fujo para fora da casa, deixando que cale minha mãe a socos e pontapés. Escondi-me, aguardando o final da batalha. Ninguém passa. Os ruídos daquela noite são próximos e distantes de mim. O céu. As lâmpadas de Deus são testemunhas do crime de meu pai. As pessoas estão dormindo. A lâmpada de Deus aparece e se esconde. O vulto de minha mãe. Sua voz está baixa. Está me procurando. As sombras me escondem. Por

que ela não é forte como ele? Os homens batem nas mulheres e a elas só resta chorar e gritar.

– Muhammad, *Muhammadino* (meu Muhammad). *Arahed* (venha). Não tenha medo. *Arahed.*

Sentia prazer em vê-la sem que me visse. Disse-lhe:

– *Aqabi dhanita* (estou aqui).

– *Arahed*.

– Não. *Adhay ingh* (ele vai me matar) *amich* (como) *yangha* (matou) *aw ma ino* (meu irmão).

– Não tenha medo. Venha aqui comigo. Ele não vai matar você. Venha. Fique quieto para os vizinhos não nos ouvirem.

Chora, aspirando o rapé. É impressionante: mata meu irmão e em seguida chora por ele.

Os três velávamos em um luto silencioso. Meu irmão está coberto, envolvido em um tecido branco. Caio no sono e os deixo chorando.

Pela manhã, em silêncio, seguimos com o luto. Aquela era a primeira vez que ia a um enterro. Meu irmão estava erguido sobre um tapete nos braços do xeque, meu pai atrás e eu na retaguarda dos dois, mancando descalço. Eles o colocam em um buraco úmido. Tremendo, eu choro. Tem uma mancha de sangue seco ao redor da boca. Ele desaparece atrás da terra. Tornou-se um pequeno monte.

O xeque, ao sairmos do cemitério, viu meus dedos sujos de sangue. Perguntou-me em rifenho:

– *Mana adham ma*? (O que é este sangue?)

– *'Afsagh khazaj* (pisei nos cacos de vidro).

Então, meu pai disse:

– Ele não sabe nem andar. *Dhabu hari* (é um tonto).

O xeque me perguntou:

– Você amava o seu irmão?

– Muito (eu ainda chorava). Minha mãe o amava muito. Gostava mais dele do que de mim.

– Quem é que não ama um filho?

Lembrei-me de como meu pai torceu o pescoço de meu irmão. Quase gritei: meu pai não o amava. Foi ele quem o matou. Sim. Ele o matou. Ele o matou, ele o matou. Eu o vi matando. Ele, ele o matou. Eu o vi matando.

Torceu seu pescoço. O sangue escorrendo da boca. Eu o vi, eu o vi matando. Meu pai o matou, desgraçado.

Para amenizar o ódio intenso pelo meu pai, desandei a chorar novamente. Temia que me matasse assim como matou meu irmão. Repreendeu-me com uma voz baixa e ameaçadora:

– Não vai parar de chorar?

O xeque disse:

– Sim, chega de choro. Seu irmão está com Deus. Ele agora está com os anjos.

Também odeio este que enterrou meu irmão.

Ele compra um saco de pão branco e fumo barato. Parte para um lugar distante de Tânger, a fim de comercializar com soldados espanhóis nos quartéis. Pela tarde retorna carregando as roupas dos soldados. Ele as vende no Soco Grande a trabalhadores e marroquinos pobres.

Certa tarde, não regressou. Caí no sono e minha mãe ficou chorando preocupada. Esperamos três dias. Às vezes eu chorava com ela. Dava-lhe apoio. Ela o ama? Ou não o ama? Dei-me conta do porquê ao dizer:

– Aqui estamos, sozinhos. Quem pode nos ajudar? Não conhecemos ninguém nesta cidade. Sua vó Ruqayya, sua tia Fátima e seu tio Idris também partiram do Rife para Orã. Os militares espanhóis devem ter levado seu pai preso. Ele é desertor das tropas espanholas.

Soubemos que o levaram preso. Um soldado marroquino, que o conheceu na Espanha, denunciou-o. Meu pai não quisera vender-lhe um cobertor militar pelo preço desejado pelo soldado delator. Isso foi o que disseram à minha mãe.

Ela sai para buscar trabalho na cidade. Retorna desiludida assim como retornava meu pai nos primeiros dias após chegarmos a Tânger. Rói as unhas. Continua choramingando. Feiticeiros lhe escrevem fórmulas em amuletos, quem sabe assim meu pai possa sair da prisão e ela encontrar um trabalho. Ora muito e suplica muito. Acende velas em mausoléus de santos. Busca a sorte de nosso futuro junto às videntes. Nada de sair da prisão, nada de trabalho, nem sorte, a não ser por ordem de Deus e seu Mensageiro Muhammad. Ela assim o diz.

Por que Deus não nos concede a mesma sorte que concede a certas pessoas? Assim perguntava à minha mãe.

– Deus é quem sabe. Nós não sabemos. Não devemos questionar-lhe a respeito do que Ele sabe melhor que nós.

Vendeu objetos de nossa casa. Certo dia mandou que fosse com os filhos dos vizinhos buscar hortaliças. Eu tinha medo de que me batessem. Não tinha entre eles um melhor amigo para pedir ajuda caso me atracasse com mais de um. Juntavam-se contra os novos que iam à medina. Fui ficando para trás no caminho. Fingi que precisava urinar. Desci até a medina. Gosto de seu movimento. No Soco Grande, o mercado externo[2], comia folhas de repolho, cascas de laranja e restos de frutas podres. Um policial corre atrás de uma criança mais velha que eu. Há uma curta distância entre a criança e o policial. Imaginei-me no lugar daquela criança. Estou ofegante junto com ele. As pessoas estão dizendo: ele vai pegar! Ele vai pegar! Gritam: Olha lá, pegou!

Tremia. Tinha medo. Imaginei como se eu tivesse sido pego. Pedira a Deus que não o pegasse, mas o pegou. Ao longe vi uma mulher estrangeira ofegante atrás dos que pararam para assistir ao incidente. Eu a ouvi falando sozinha em uma língua da qual não compreendia uma só palavra. Um homem marroquino diz:

– Ele deixou só a alça da bolsa na mão dela.

Um policial acertou meu traseiro com o porrete. Dei um salto no ar, gritando em rifenho: *Aymanu! Aymanu!* (Mamãe, mamãe!). Amaldiçoei o policial na minha cabeça. Outros dois policiais batiam nos jovens e empurravam os mais velhos. Bateram igualmente em alguns marroquinos miseráveis e velhos.

Ouvia dizer que os homens da polícia batiam nas pessoas e que as levavam para a cadeia, mas apenas se tivessem matado, roubado ou derramado sangue em brigas.

Entrei no cemitério de *Bu ‘Araqiyya*, recolhi ramos de murta de cima dos túmulos mais bonitos. Coloquei-os sobre o túmulo de meu irmão. Ali vi muitos túmulos sem murta, sem lápides, assim como o túmulo de meu irmão: um monte de terra e duas pedras (de formas diferentes), uma apontando para a cabeça e outra para os pés. Doía ver os túmulos abandonados: cobertos por ervas daninhas, alguns em pedaços. Até mesmo aqui, nos cemitérios, há entre eles os ricos e os pobres. Por que as pessoas morrem? – Porque Deus quis assim – respondia minha mãe. E para onde vai o morto? – Para o paraíso ou para o fogo do inferno.

– E nós?

– Para o paraíso, se Deus quiser.

---

[2] O Soco Grande localiza-se em frente ao Soco Interno ou Pequeno, na medina de Tânger. (n.a.)

– E o que tem lá?

– Você pergunta demais. Quando você crescer, vai saber das coisas.

Encontrei ali as hortaliças que me descrevera minha mãe. Avistei três homens que bebiam alternadamente uma garrafa com um líquido de cor escura. Um deles me chamou:

– Ei! Venha aqui comigo, criança! Venha aqui, vou lhe dar uma coisa.

Com medo, fugi. – Dê isso para a sua mãe, seu bastardo.

Durante o almoço, ela me disse:

– Estas hortaliças estão deliciosas.

Estou comendo com gosto, assim como ela. Engulo mais do que mastigo.

– Onde você as colheu?

– No cemitério de *Bu 'Araqiyya*.

– No cemitério!

– Sim, no cemitério. O que tem demais?

Abriu a boca. E logo acrescentei:

– Visitei o túmulo de meu irmão. Coloquei um pouco de murta em seu túmulo. O monte de terra não está mais alto. Se o túmulo dele continuar como está de terra, vai ficar no nível do chão, e a gente não vai conseguir encontrá-lo entre os túmulos que estão em volta.

Parou de comer. Sua expressão se fechou. Seus olhos lacrimejavam. Continuei:

– Há muitas dessas hortaliças ao redor dos túmulos abandonados.

– Gente não come o que cresce em cemitério.

– Por quê?

Contemplava-me perplexa. Eu estou comendo com apetite. Imaginei que ela fosse vomitar. Tomou meu prato e disse em rifenho:

– *Achfach, atichdh ikhfinch* (chega, já comeu demais!).

– Eu não estou satisfeito ainda.

– Onde você arranjou a murta?

– Em cima dos túmulos. Há muita murta neles.

Respondeu com rigidez:

– Amanhã você vai voltar ao cemitério e vai devolver a murta das pessoas em seu devido lugar. Estes túmulos são de pessoas. E tenha cuidado para que

ninguém o veja devolvendo a murta aos túmulos. Vamos comprar também murta para o seu irmão. Vamos construir um belo túmulo para ele.

Desabou em choro por sua morte. A tristeza também me dominou, de modo que me escorriam lágrimas. Ela me abraçou e eu adormeci.

Ela me leva ao Soco Grande. Compramos uma pilha de pão velho que vendiam os pedintes sob uma frondosa árvore próxima ao mausoléu de Sidi Al Makhfi. Ela o cozinha em água com um pouco de azeite e temperos. Algumas vezes, apenas em água.

Uma manhã bem cedo, disse:

– Estou indo ao mercado. Vou comprar verduras e frutas para revender. Você fica aqui. Vigie a casa. Não saia para brincar com as crianças, deixando a casa para os ladrões.

Entre mim e as crianças da vizinhança havia diferenças que me faziam sentir menos que eles, apesar de alguns serem tão miseráveis como eu. Vi um deles que recolhia ossos de galinha do lixo e os chupava. A criança dizia: "Os donos desta casa sempre jogam fora um lixo bom".

Eles dizem a meu respeito:

– Ele é do Rife. Veio da terra da fome e da morte.

– Nem sabe falar árabe.

– Os rifenhos estão todos doentes este ano com a doença da fome.

– Até os animais deles estão doentes.

– A gente não come os bichos. Eles comem. É doença atrás de doença.

– Se morre uma vaca, ovelha ou bode, eles comem. Comem até carniça.

O menino *jebli*[3] que vem para a cidade é como o rifenho, ambos compartilham do mesmo desprezo, embora o primeiro não seja tão humilhado quanto o último. Na maioria das vezes, é tratado apenas como um tonto: "o rifenho passa a perna e o *jebli* cai".

Perto de nossa casa há um pequeno pomar. Uma enorme pereira me seduz diariamente. Uma manhã, bem cedo, o dono do pomar me pegou derrubando com uma longa vara suas peras mais gordas e maduras. Ele me puxa, ao passo que tento, chorando, desvencilhar-me. Urinei nas minhas folgadas calças marroquinas, embora não tivesse me batido. Disse sorridente à sua esposa:

---

[3] Natural de Jebala, topônimo referente a uma região de morros, rural como o Rife, nos arredores de Tânger, ao norte do Marrocos. (n.t.)

– Olha aqui o pulgão que está estragando as nossas peras. É como o rato, estraga mais que come.

Ela então me perguntou gentilmente, abrandando meu medo:

– Onde está a sua mãe, meu filho?

– Foi vender fruta e verdura no mercado.

– Chega de chorar. E seu pai?

– Está na cadeia.

– Na cadeia?

– Sim, na cadeia.

– Pobrezinho! E por que está na cadeia?

A pergunta me constrangeu. Então a refez, tocando meu rosto carinhosamente:

– Diga-me, por que seu pai está na cadeia?

Considerei que uma resposta franca poderia ofender a dignidade de meus pais.

– Não sei. Minha mãe é quem sabe.

O homem conversou com a esposa e a filha, que veio descalça, sobre me prender até que minha mãe retornasse. A moça tem um lenço branco enrolado na cabeça e suas mãos finas e brancas estão molhadas. Percebi que a mulher e a filha tinham dó de mim, porém, o marido – entre a sisudez e a zombaria –, tal como transparecia em suas palavras e em sua expressão, insistia em me punir. Meteu-me em um quartinho escuro cheio de coisas amontoadas, quebradas em sua maioria. Ao fechar a porta, disse-me:

– Ai de você, se chorar. Vai levar uma surra de pau, se chorar.

A prisão em um quartinho. Esta é minha primeira vez. Então, é possível ser controlado por pessoas que nem de minha família são. As peras pertencem a estes que acabam de me aprisionar. Afinal, por que tivemos que partir do Rife, enquanto outros permaneceram em sua terra? Como meu pai vai para a cadeia e minha mãe vender verdura, abandonando-me sozinho faminto, enquanto este homem permanece em casa com a esposa? Por que não possuímos o mesmo que os outros?

Olho, pelo buraco da fechadura, a jovem que limpa o chão com água e sabão, cheia de energia, descalça, enquanto seu vestido transparente revela as coxas brancas e os pequenos seios nus. Chacoalham, aparecendo e sumindo pela abertura da blusa, assim como dois cachos de uva pendurados. Seu cabelo está envolto no lenço branco sujo de hena. Envolto feito uma cabeça de repolho.

Bati na porta com medo. Estou monitorando seus movimentos. Meu coração acelera de medo e alegria a cada movimento dela. Virou-se em direção à porta, inclinando-se para secar o chão.

– Venha abrir esta maldita porta.

Hesitou por um instante. Na minha cabeça, eu suplicava a ela:

– Por favor, não hesite, venha.

Largou o esfregão e se endireitou. Balançou as mãos para secá-las, levando-as à cintura. Uma leve dor se delineou em seu rosto corado. Aí vem ela em direção à porta. Meu coração se acelerou. Eu tremia. Abriu e disse sorrindo com delicadeza:

– Estou aqui. O que você quer?

Titubeei. Meus olhos lacrimejavam.

– Minha mãe vai me bater se voltar do mercado e não me encontrar vigiando a casa contra os ladrões. Ela me deixou de guarda.

Abaixei minha cabeça, tímido como que em um apelo. Mirei suas cochas torneadas. Soltou o vestido preso por um cinto de pano. Observava-me com compaixão. Levanto meu olhar a ela implorando. Fechou com uma das mãos o decote que mostrava o peito. Seus longos seios estão empinados. O branco do vestido deixa transparecer seus mamilos, que são como duas uvas.

– Você vai continuar catando as peras com a vara em nosso pomar?

– Nunca mais. Você mesma pode me matar se me encontrar catando pera de novo.

Sorriu. Eu não sorri. Saiu apreçada. Sua voz aguda me chamava:

– Vem. Está com fome?

Partes de meu rosto tremiam involuntariamente. Respondi confuso:

– Cheio é que não estou.

Pediu que a aguardasse. Seus pais não estavam em casa. Fiquei olhando a árvore. Meu amor e meu ódio por ela se misturavam. A partir de hoje não vou comer mais nada dela. Entregou-me um pão do qual caíam gotas de melaço.

– Quando tiver fome, volte aqui conosco.

E disse ainda:

– Você não tem sapatos?

– Minha mãe vai comprar para mim.

Com um sorriso, ela me observa preocupada. Giro-me para vê-la, enquanto me afasto. Antes que eu desapareça, me acena sorrindo com uma das mãos. Respondo sorrindo e desapareço.

Seria o homem mais duro que a mulher? Eu gostaria que ela fosse minha irmã e que esta casa e o pomar fossem nossos. O dono do pomar é menos duro que meu pai. Quem dera ele fosse meu pai.

Ele está nos seguindo com insistência. Aproxima-se dela, sussurrando palavras em seu ouvido que não posso ouvir. Ela se afasta dele. Atravessamos para a outra calçada enquanto ela segura minha mão. Em alguns momentos, puxa-me com força. Ele está nos seguindo com insistência. Ele ri. Ela tem a cara fechada. Paramos. Ele nos passa, mas reduz o passo. Atravessamos novamente para a outra calçada. Ele nos segue com insistência. Estou irritado. Perguntei a ela:

– O que esse homem tem?

– Não é da sua conta.

Olho para ele. Sorri, seguindo-nos insistentemente. O que ele quer de minha mãe? Será que ele quer sequestrá-la? Sem dúvida, trata-se de um sequestrador. Segurei na mão dela com força.

– Não segure minha mão assim. Não vou fugir de você.

Disse para ele nervoso:

– Sai, sai. O que você quer?

Maldito. Ele está sorrindo para mim e para minha mãe. Ela me disse:

– Eu disse para ficar quieto. Está ouvindo?

Fiquei bravo com ela na minha cabeça. Eu a defendo e ela me manda ficar quieto.

Minha mãe encontrou uma mulher. As duas começaram a falar sobre meu pai. O homem insistente vai se afastando de nós. A mulher tocou meu cabelo. Sua mão áspera escorrega, tocando gentilmente meu rosto. Soltei a mão de minha mãe e segurei a roupa dela de lado. A mulher disse:

– Por que o seu Mohamed está triste assim?

Minha mãe olhou para mim passando o pulso ao redor de meu pescoço. Minha raiva se atenuou. Respondeu à mulher:

– Ele é sempre assim.

Despediram-se. Minha mãe então me disse:

– Beije a mão de Dona Luísa (beijei a mão da senhora Luísa obediente).

A barriga de minha mãe está crescendo. Nem sempre vai ao mercado. Vomita diversas vezes ao dia. Pálida. Suas pernas doem. Chora. Sua barriga cresce cada vez mais. Tenho receio que vá explodir. Seu lamento já não me afeta mais. Fico cada vez mais duro e triste. Esqueci o que é brincar. Levaram-me uma noite dormindo a outra casa. Dormi com três crianças. Pela manhã, a vizinha me disse:

– Agora você tem uma irmã. Seja bonzinho com ela.

Ela o visita na prisão uma vez por semana. Retorna chorando às vezes. Passei a achar que as mulheres choram mais que os homens. Começam e param de chorar assim como as crianças. Por vezes estão tristes quando se pensa que estão alegres ou mesmo estão alegres quando se pensa que estão tristes. Quando estão alegres e quando estão tristes? Certa vez vi que minha mãe chorava sorrindo. Seria ela tonta?

Permaneço em casa, vigiando minha irmã Arhimo. Sei como fazê-la rir, mas não sei como fazê-la parar de chorar. Incomodado, saio. Eu a deixo chorando, debatendo-se com braços e pernas dobrados feito uma tartaruga virada de barriga para cima. Quando retorno, encontro-a dormindo ou sorrindo. Na maioria das vezes, sorrindo. As moscas ficam pousando sobre seu rosto marcado por picadas de mosquitos.

Minha irmã está crescendo. Minha mãe já chora e lamenta menos. Estou cada vez mais bruto com minha mãe ou com as crianças da vizinhança. Se não tenho o que quero dela ou deles, quebro as coisas ou me jogo no chão berrando, debato-me chorando e insultando-os.

Perguntei a ela:

– A mulher também pode ir para a prisão?

– Por quê?

– Estou perguntando.

– Sim. Ela também pode, caso faça algo feio às pessoas.

Começou a levar-nos com ela para o mercado. Minha irmã mama em seu peito e eu, na maioria das vezes, busco meu alimento longe das duas no mercado ou nas ruelas da medina. Peço e roubo. Quando me recrimina por haver desaparecido, eu lhe digo:

– Vou embora desta casa imunda. Não vou voltar nunca mais.

– Então é assim, seu besouro? Se está assim agora, imagina como vai ser quando crescer.

Uma manhã o encontramos repentinamente acompanhado de uma vizinha que lhe indicava o lugar de minha mãe no Soco Grande. Minha mãe chorou no mercado e em casa. Por que ela está chorando por causa dele? Ele é bruto e cruel. Naquela noite, o sono me venceu antes do habitual, abandonando os dois que discutiam.

Pela manhã não foi ao mercado. Foi ao *hammam* público. Enfeitou-se, lavou a boca e pintou os olhos de preto. Eu a vi alegre naquela manhã. Era exatamente assim. Quando meu pai saiu, eu a vi chorando, embora estivesse enfeitada. Pensava: até hoje nunca vi uma mulher chorar como ela. Perguntei-lhe o motivo de seu choro. Explicou-me que meu pai saíra a procurar o soldado delator para acertar as contas. Fiquei feliz. Espero que meu pai

encontre o soldado e que o mate, assim vai desaparecer novamente e por mais tempo. Que um mate o outro. Isso é o que eu desejo. Eu queria que se ausentasse, vivo ou morto.

Retornou triste de noite. Cheirava a álcool. Ouvi minha mãe dizer a ele:

– Você bebeu, não é?

Murmurou algumas palavras e desmoronou triste e cansado. Está triste porque não encontrou seu rival e eu estou triste porque regressou. Ouvi os dois conversando sobre nossa partida a Tetuão. Tínhamos nada mais que um único cômodo. Deixei-os conversando deprimidos e dormi.

No meio da noite, fui despertado por minha bexiga cheia. Beijos estalam. Suspiros contínuos. Murmúrios de amor. Os dois estão se amando. Maldito seja o amor deles. A carne bate. Que droga é essa? Ela está mentindo. A partir de hoje não acreditarei mais nela.

– Sua boca.

– Aqui. Sem violência. Assim não. Espera.

O que estão fazendo?

– Estou dizendo para fazer assim.

Vou descer e dormir no chão.

Ele dá um tapa nela. O que estão fazendo?

– Bastarda.

– Não, não. Está me machucando (*adhan ino*). Meu intestino. Assim. Assim é melhor. Não, não. Assim não. Isso, assim.

Os dois devem estar com febre. Suspiros. Beijos. Gemidos. Suspiros. Beijos. Gemidos. Estão se mordendo. Estão se comendo e lambendo o sangue um do outro.

– Hummm...!

Ele a apunhala. Um gemido longo e baixo. Um relincho. Ele a matou. Sinto minha bexiga esvaziando. O líquido quente jorra com alívio entre minhas pernas.

Um dia antes de partirmos vi a moça que me libertara da "prisão" e me dera o pão melado. Contei-lhe que partíamos para Tetuão. Ela me levou até sua casa, segurando-me pela mão. Comi pão moreno quente com mel e manteiga. Ela me deu uma maçã enorme de um vermelho suave. Encheu meus bolsos com amêndoas. Lavou-me o rosto, as mãos e os pés. Seria eu seu irmão mais novo?! Seu filho? Penteou meu cabelo bagunçado. Aparou-o enquanto sua mão lisa e cálida tocava meu rosto e minha cabeça. Perfumou-me. Cheirou-me. Fez com que visse meu rosto em um pequeno espelho de moldura prateada. Eu contemplava seu rosto mais do que contemplava o meu próprio. Segurou-o entre as mãos assim como eu costumava segurar um pas-

sarinho sem machucá-lo. Ora apertava meu rosto gentilmente, ora o acariciava. Despediu-se de mim com beijos na bochecha. Beijou minha boca. Pensei nela como a irmã que minha mãe não gerara.

No dia de nossa partida, recordei-me do túmulo de meu irmão. Seu túmulo ficará sem água, sem murta, sem ser erguido. O túmulo de meu irmão vai se perder assim como as pequenas coisas se perdem em meio às grandes.

CINCO CONTOS SATÍRICOS

ARKADI AVIÉRTCHENKO

O TEXTO: Seleção com cinco contos satíricos de Arkádi Aviértchenko, escritos durante a primeira fase de sua obra, marcada por uma temática mais leve e menos trágica: em "Petukhov" (1910), ironiza-se a masculinidade tóxica e seu imaginário; em "Questão de Princípio" (1912), um infrator da lei com princípios considera sua atividade de roubar os cidadãos válida; em "O ponto mais fraco" (1914), um bom ladrão faz um acordo com sua vítima, barganhando os lucros e as perdas; em "Hospitalidade moscovita" (1914), apresentam-se vários pratos da culinária russa de um maneira bem humorada; e em "A Mágica do Grande Cinema" (1920), brinca-se com a possibilidade de o cinema manipular a realidade e corrigir os acontecimentos históricos que antecederam e sucederam a Revolução de 1917.

Textos traduzidos: Аверченко, Аркадий. "Петухов"; "Принцип"; "Лабая струна"; "Московское гостеприимство". In. *Московское гостеприимство*. Санкт-Петербург: Азбука-классика, 2010, с. 39-46, 92-98, 156-163, 189; "Фокус великого кино". In. *О хороших, в сущности, людях!* Москва: Азбука, 2020, с. 628-630.

O AUTOR: Arkadi Aviértchenko (1818-1925), humorista e satírico russo, nasceu em Sebatopol, atual Ucrânia. Chamado de Mark Twain russo e herdeiro de Tchekhov, em 1908 fundou a *Satirikon*, uma revista semanal de grande êxito que contava com colaboradores ilustres e que abordava temas como política e sociedade com humor. O estilo de Aviértchenko fez escola, principalmente seus contos curtos e esboços cômicos, que passaram a ser imitados por diversos autores. A partir de 1917, sua obra mudou, adquirindo notas mais trágicas devido às reviravoltas políticas na Rússia.

AS TRADUTORAS: Márcia Chagas Kondratiuk é formada em Letras pela FFLCH-USP e Matemática pela PUC-SP. Educadora em Língua Portuguesa e Criação Literária, revisora e tradutora. Publicou *O Trem dos Animais* (2013), *Lagartoleta* (2014), *Deusas Cegas* (2018) e A *Fábrica do Tempo* (2019), pela Editora Giostri, e participou como cotradutora em *Antologia do Humor Russo* (Editora 34, 2018).

Contato: marciacha2004@yahoo.com.br

Ekaterina Vólkova Américo é Professora de Literatura e Língua Russa da Universidade Federal Fluminense. Tradutora e pesquisadora de literatura e teoria literária russa.

Contato: ekaterinamerico@gmail.com

Пять сатирических рассказов

“Рюмочку водки, балычку, а? Ни-ни!
Не смейте отказываться.”

АРКАДИЙ АВЕРЧЕНКО

ПЕТУХОВ

I

Муж может изменять жене сколько угодно и все-таки будет оставаться таким же любящим, нежным и ревнивым мужем, каким он был до измены.

Назидательная история, случившаяся с Петуховым, может служить примером этому.

****

Петухов начал с того, что, имея жену, пошел однажды в театр без жены и увидел там высокую красивую брюнетку. Их места были рядом, и это дало Петухову возможность, повернувшись немного боком, любоваться прекрасным мягким профилем соседки.

Дальше было так: соседка уронила футляр от бинокля – Петухов его поднял; соседка внимательно посмотрела на Петухова – он внутренне задрожал сладкой дрожью; рука Петухова лежала на ручке кресла – такую же позу пожелала принять и соседка… А когда она положила свою руку на ручку кресла – их пальцы встретились.

Оба вздрогнули, и Петухов сказал:

– Как жарко!

– Да, – опустив веки, согласилась соседка. – Очень. В горле пересохло до ужаса.

– Выпейте лимонаду.

– Неудобно идти к буфету одной, – вздохнула красивая дама.

– Разрешите мне проводить вас.

Она разрешила.

В последнем антракте оба уже болтали как знакомые, а после спектакля Петухов, провожая даму к извозчику, взял ее под руку и сжал локоть чуть-чуть сильнее, чем следовало. Дама пошевелилась, но руки не отняла.

– Неужели мы так больше и не увидимся? – с легким стоном спросил Петухов. – Ах! Надо бы нам еще увидеться.

Брюнетка лукаво улыбнулась:

– Тссс!.. Нельзя. Не забывайте, что я замужем.

Петухов хотел сказать, что это ничего не значит, но удержался и только прошептал:

– Ах, ах! Умоляю вас – где же мы увидимся?

– Нет, нет, – усмехнулась брюнетка. – Мы нигде не увидимся. Бросьте и думать об этом. Тем более что я теперь каждый почти день бываю в скетинг-ринге.

– Ага! – вскричал Петухов. – О, спасибо, спасибо вам.

– Я не знаю – за что вы меня благодарите? Решительно недоумеваю. Ну, здесь мы должны проститься! Я сажусь на извозчика.

Петухов усадил ее, поцеловал одну руку, потом, помедлив одно мгновение, поцеловал другую.

Дама засмеялась легким смехом, каким смеются женщины, когда им щекочут затылок, – и уехала.

II

Когда Петухов вернулся, жена еще не спала. Она стояла перед зеркалом и причесывала на ночь волосы.

Петухов, поцеловав ее в голое плечо, спросил:

– Где ты была сегодня вечером?

– В синематографе.

Петухов ревниво схватил жену за руку и прошептал, пронзительно глядя в ее глаза:

– Одна?

– Нет, с Марусей.

– С Марусей? Знаем мы эту Марусю!

– Я тебя не понимаю.

– Видишь ли, милая… Мне не нравятся эти хождения по театрам и синематографам без меня. Никогда они не доведут до хорошего!

– Александр! Ты меня оскорбляешь… Я никогда не давала повода!!

– Э, матушка! Я не сомневаюсь – ты мне сейчас верна, но ведь я знаю, как это делается. Ха-ха! О, я прекрасно знаю вас, женщин! Начинается это все с пустяков. Ты, верная жена, отправляешься куда-нибудь в театр и находишь рядом с собой соседа, этакого какого-нибудь приятного на вид блондина. О, конечно, ты ничего дурного и в мыслях не имеешь. Но, предположим, ты роняешь футляр от бинокля или еще что-нибудь – он поднимает, вы встречаетесь взглядами… Ты, конечно, скажешь, что в этом нет ничего предосудительного? О да! Пока, конечно, ничего нет. Но он продолжает на тебя смотреть, и это тебя гипнотизирует… Ты кладешь руку на ручку кресла и – согласись, это очень возможно – ваши руки соприкасаются. И ты, милая, ты (Петухов со стоном ревности бешено схватил жену за руку) вздрагиваешь, как от электрического тока. Ха-ха! Готово! Начало сделано!! «Как жарко», – говорит он. «Да, – простодушно отвечаешь ты. – В горле пересохло…» – «Не желаете ли стакан лимонаду?» – «Пожалуй…»

Петухов схватил себя за волосы и запрыгал по комнате. Его ревнивый взгляд жег жену.

– *Леля*, – простонал он. – *Леля*! Признайся!.. Он потом мог взять тебя под руку, провожать до извозчика и даже – негодяй! – при этом мог добиваться: когда и где вы можете встретиться. Ты, конечно, свидания ему не назначила – я слишком для этого уважаю тебя, но ты могла, *Леля*, могла ведь вскользь сообщить, что ты часто посещаешь скетинг-ринг или еще что-нибудь… О, *Леля*, как я хорошо знаю вас, женщин!!

– Что с тобой, глупенький? – удивилась жена. – Ведь этого же всего не было со мной…

– Берегись, *Леля*! Как бы ты ни скрывала, я все-таки узнаю правду! Остановись на краю пропасти!

Он тискал жене руки, бегал по комнате и вообще невыносимо страдал.

III

Первое лицо, с которым встретился Петухов, приехав в скетинг-ринг, была Ольга Карловна, его новая знакомая.

Увидев Петухова, она порывистым искренним движением подалась к нему всем телом и с криком радостного изумления спросила:

– Вы? Каким образом?

– Позвольте быть вашим кавалером?

– О да. Я здесь с кузиной. Это ничего. Я познакомлю вас с ней.

Петухов обвил рукой талию Ольги Карловны и понесся с ней по скользкому блестящему асфальту.

И, прижимая ее к себе, он чувствовал, как часто-часто под его рукой билось ее сердце.

– Милая! – прошептал он еле слышно. – Как мне хорошо…

– Тссс… – улыбнулась розовая от движения и его прикосновений Ольга Карловна. – Таких вещей замужним дамам не говорят.

– Я не хочу с вами расставаться долго-долго. Давайте поужинаем вместе.

– Вы с ума сошли! А кузина! А… вообще…

– «Вообще» – вздор, а кузину домой отправим.

– Нет, и не думайте! Она меня не оставит!

Петухов смотрел на нее затуманенными глазами и спрашивал:

– Когда? Когда?

– Ни-ког-да! Впрочем, завтра я буду без нее.

– Спасибо!..

– Я не понимаю, за что вы меня благодарите?

– Мы поедем куда-нибудь, где уютно-уютно. Клянусь вам, я не позволю себе ничего лишнего!!

– Я не понимаю… что вы такое говорите? Что такое – уютно?

– Солнце мое лучистое! – уверенно сказал Петухов.

Приехав домой, он застал жену за книжкой.

– Где ты был?

– Заезжал на минутку в скетинг-ринг. А что?

– Я тоже поеду туда завтра. Эти коньки – прекрасная вещь.

Петухов омрачился.

– Ага! Понимаю-с! Все мне ясно!

– Что?

– Да, да… Прекрасное место для встреч с каким-нибудь полузнакомым пройдохой. У-у, подлая!

Петухов сердито схватил жену за руку и дернул.

– Ты… в своем уме?

– О-о, – горько засмеялся Петухов, – к сожалению, в своем. Я тебя понимаю! Это делается так просто! Встреча и знакомство в каком-нибудь театре, легкое впечатление от его смазливой рожи, потом полуназначенное полусвидание в скетинг-ринге, катанье в обнимку, идиотский шепот и комплименты. Он – не будь дурак – сейчас тебе: «Поедем куда-нибудь в уютный уголок поужинать». Ты, конечно, сразу не согласишься…

Петухов хрипло, страдальчески засмеялся.

– Не согласишься… «Я, – скажешь ты, – замужем, мне нельзя, я с какой-нибудь дурацкой кузиной!» Но… змея! Я прекрасно знаю вас, женщин, – ты уже решила на другой день поехать с ним, куда он тебя повезет. Берегись, Леля!

Растерянная, удивленная жена сначала улыбалась, а потом, под тяжестью упреков и угроз, заплакала.

Но Петухову было хуже. Он страдал больше жены.

IV

Петухов приехал домой ночью, когда жена уже спала.

Пробило три часа.

Жена проснулась и увидела близко около себя два горящих подозрительных глаза и исковерканное внутренней болью лицо.

– Спите? – прошептал он. – Утомились? Ха-ха. Как же… Есть от чего утомиться! Страстные, грешные объятия – они утомляют!!

– Милый, что с тобой? Ты бредишь?

– Нет… я не брежу. О, конечно, ты могла быть это время и дома, но кто, кто мне поклянется, что ты не была сегодня на каком-нибудь из скетинг-рингов и не встретилась с одним из своих знакомых?! Это ничего, что знакомство продолжается три-четыре дня… Ха-ха! Почва уже подготовлена, и то, что ты говоришь ему о своем муже, о доме, умоляешь его не настаи-

вать, – это, брат, последние жалкие остатки прежнего голоса добродетели, последняя никому не нужная борьба…

– Саша!!

– Что там – Саша!

Петухов схватил жену за руку выше локтя так, что она застонала.

– О, дьявольские порождения! Ты, едучи даже в кабинет ресторана, твердишь о муже и сама же чувствуешь всю бесцельность этих слов. Не правда ли? Ты стараешься держаться скромно, но первый же бокал шампанского и поцелуй после легкого сопротивления приближает тебя к этому ужасному проклятому моменту… Ты! Ты, чистая, добродетельная женщина, только и находишь в себе силы, что вскричать: «Боже, но ведь сюда могут войти!» Ха-ха! Громадный оплот добродетели, который рушится от повернутого в дверях ключа и двух рублей лакею на чай!! И вот – гибнет все! Ты уже не та моя Леля, какой была, не та, черт меня возьми!! Не та!!

Петухов вцепился жене в горло руками, упал на колени у кровати и, обессиленный, зарыдал хватающим за душу голосом.

V

Прошло три дня.

Петухов приехал домой к обеду, увидел жену за вязаньем, заложил руки в карманы и, презрительно прищурившись, рассмеялся:

– Дома сидите? Так. Кончен, значит, роман! Недолго же он продолжался, недолго. Ха-ха. Это очень просто… Стоит ему, другу сердца, встретить тебя едущей на извозчике по Московской улице чуть не в объятиях рыжего офицера генерального штаба, – чтобы он написал тебе коротко и ясно: «Вы могли изменить мужу со мной, но изменять мне со случайно подвернувшимся рыжеволосым сыном Марса – это слишком! Надеюсь, вы должны понять теперь, почему я к вам совершенно равнодушен и – не буду скрывать – даже ощущаю в душе легкий налет презрения и сожаления, что между нами была близость. Прощайте!»

Жена, приложив руку к бьющемуся сердцу, встревоженная, недоумевающая, смотрела на Петухова, а он прищелкивал пальцами, злорадно подмигивал ей и шипел:

– А что – кончен роман?! Кончен?! Так и надо. Так и надо! Го-го-го! Довольно я, душа моя, перестрадал за это время!!

ПРИНЦИП

Иван Сергеич имел цельный, гармоничный характер и не гордился этим только потому, что был скромен и прост в обращении; эти качества резко отличали его от других воров, водившихся в трактире «Лужайка», – людей в общей массе крикливых, хвастливых и наглых.

Деятельность Ивана Сергеича имела строго определенное направление, от которого он не уклонялся ни вправо, ни влево: не убивал, но зато и не работал. Только воровал.

К людям не ворующим относился недоверчиво, с легким затаенным презрением, и когда вдумывался в их жизнь, то про себя нередко удивлялся: «Почему они тоже не воруют?»

После долгого раздумья объяснял это себе двумя причинами: беспощадной логикой социального строя (если все обворовываемые будут воровать, то некого будет обворовывать), а также отсутствием предприимчивости и неловкостью лиц, которые предпочитали зарабатывать пропитание трудом.

– И трудитесь, черти, – думал с ласковой насмешливостью Иван Сергеич. – Вам же хуже! Все равно украду.

И крал.

Эту веселую человеческую комедию изредка прерывали длинные антракты – именно тогда, когда Иван Сергеич попадала тюрьму. Здесь он имел возможность бросать ретроспёктивные взгляды на пройденный путь и каждый раз успокаиваться на том, что ошибок в системе не было: право Ивана Сергеича – воровать, но зато право обворованных – ввергать его в тюрьму… Пожалуйста!

После этого никто не имел возможности упрекать друг друга в несправедливости и дуться один на другого. И по выходе из тюрьмы можно было начинать новую жизнь: трудящиеся, нажившись, должны были снова плохо положить несколько вещей, а Иван Сергеич брал уже остальное на себя.

Воровал Иван Сергеич двадцать пять лет – с тех пор как себя помнил. Если считать, что проживал он в год около двух тысяч, то накрадено им было за всю жизнь мелкими вещами и суммами – пятьдесят тысяч. Эти деньги должны бы вызвать еще большее к себе уважение, если принять во внимание, что ни одна копейка из них не была нажита обыкновенным трудом или убийствами. Кражи – только кражи.

* * *

Это был превосходный, очень уютный особняк, имевший все данные для того, чтобы понравиться Ивану Сергеичу.

Оба они – особняк и Иван Сергеич стояли друг против друга на глухой, пустынной улице, ж один из них думал: «Если выдавить стекло – стоят на подоконнике горшки с цветами или не стоят? Свалишь их или не свалишь?»

Долго размышлять было рискованно: через час прекрасная темная ночь сменится рассветом. Поэтому Иван Сергеич, закусив нижнюю губу, провел по стеклу кольцом, наложил на него какую-то тряпку и через минуту стоял уже на подоконнике, зорко всматриваясь в непроглядную тьму, сгустившуюся в комнате. Мягко спрыгнул босыми ногами на паркет и, простирая вперед чуткие руки, побрел наугад…

– Ох, ччерт!..

Нога его споткнулась обо что-то мягкое, большое, неподвижное, и Иван Сергеич, падая, схватился рукой за спинку кресла. Кресло стукнулось о стол, на столе задребезжала лампа… Иван Сергеич присел и сейчас же увидел, как в стороне мелькнула желтая вертикальная полоска света, которая сейчас же перешла в прямоугольник – и в дверях, освещенный маленькой лампой, показался человек.

Лампу он вытянул вперед и с любопытством водил ею во все стороны до тех пор, пока луч света не упал на присевшего около стола Ивана Сергеича.

Иван Сергеич взвизгнул, выпрямился и бросился к открытому окну, но незнакомец опередил его одним прыжком, не выпуская лампы из рук, сел на подоконник и, усмехнувшись, спросил:

– Испугались?

– Испугался, – признался Иван Сергеич и зашаркал смущенно босой ногой по полу.

– Эх вы! Как же можно быть таким нервным… Не бойтесь. Хозяина дома нет.

Иван Сергеич изумленно сверкнул глазами и спросил:

– Да… а вы кто?

– Я? Вот тебе раз! Ну, угадай-ка, миленький, кто я?

Блуждающие глаза Ивана Сергеича остановились на выдвинутых ящиках письменного стола, на большом солидном узле, валявшемся на полу, – том самом узле, о который споткнулся он минуту тому назад, –

затем глаза Ивана Сергеича перешли на широкую смеющуюся рожу незнакомца, и оба человека, глядя друг на друга, стали смеяться.

– Ах, поди ж ты! – всплеснул руками Иван Сергеич. – А я думаю: хозяин. Тикать хотел. Один ты тут?

– Один.

– Да как ты сюда пролез? Окна были целые, парадные заперты – я толкал.

– А я ключом. Зашел, а потом заперся, чтобы не мешали.

– А если хозяин подойдет?

– Он-то? Каждую ночь в клубе до восьми часов утра в карты режется! Всю хурду-мурду успеем вывезти.

– Вы… везти? – ахнул Иван Сергеич.

– А ты что думал? Эх вы, – засмеялся новый вор. – Сколько уже веков прошло, а все вы, воры, ничему не научились. Простой вы народ – воры! Без плана, без выдержки, без хладнокровия… Тебе бы, дураку, только влезть в окно, рискуя, что тебя сцапают, стянуть какую-нибудь подушку или пальто, ценой в пять целковых – и убежать… и ты уже думаешь, что большое дело сделал!

– А ты… как же? – спросил, усаживаясь на узел, Иван Сергеич.

– Вот так же! Как видишь!.. Я целую неделю потратил на слежку: как живет хозяин, да что он делает, да когда возвращается вечером? И что ж ты, братец мой, думаешь… Прислуга приходящая, никого больше ни души, а сам из клуба под утро возвращается.

Иван Сергеич вздрогнул.

– А он сейчас не приедет?!

– Будь покоен, братец: верные сведения имею.

Новый вор помолчал.

– Так вот как. И задумал я вычистить квартиру до последнего гвоздика. Переулок глухой – кому помешать нужно? Работай тихенько, смирненько. К семи часам утра заказал я две подводы с нашими ребятами – приедут, все и вывезем.

Иван Сергеич ударил себя по коленкам и восторженно вздернул головой.

– Ловко!! Все как есть?

– Все, миленький ты мой. До гвоздочка, до последней карточки. Кой-что я уже и уложил.

– Ловкий дьявол… Меня-то в долю примешь?

– Почему не принять. Товару много. Расторгуемся. Однако, миленький… Американцы, о которых ты по своему умственному убожеству не имеешь никакого понятия, говорят: время – деньги. За дело! Я письменным столом займусь, а ты картины снимай.

Новые друзья весело захлопотали.

Наглость и уверенный план другого вора обворожили Ивана Сергеича. Заворачивая в полотняные простыни картины и связывая веревками груды дорогих золотообрезных книг, Иван Сергеич время от времени садился на пол и громко торжествующе хохотал:

– Ай да мы! Ну и мы! Ну и воры нынче пошли!

– Не дери глотку, – скромно сказал новый вор. – Дело нужно делать, а он гогочет… Укладывай лампу в ящик… Да с резервуаром поосторожней! Он, кажется, фарфоровый. Разве вы, черти, понимаете?

Иван Сергеич хлопотал, вертелся по комнате, упаковывал, распутывал веревки, развязывая узлы острыми зубами, и все время среди этих занятий восторженно поглядывал на товарища.

А тот, уложив всего одну этажерку с безделушками и какой-то чемодан, уселся в кресло и важно закурил папироску.

Работы было еще много, но он всем своим видом показывал, что закончить ее предоставляет простоватому Ивану Сергеичу, который с мокрым, потным лицом то и дело подбегал к товарищу и, держа в руках какой-нибудь альбом с фотографическими карточками., отрывисто спрашивал:

– Брать?

– Бери, Ваня, бери. Все пригодится.

– А салфеточку эту? Неужто и ее брать? На что она?

– А что ж салфеточка – собака, что ли? Зачем ее оставлять… Да поторапливайся! А то ребята с подводами приедут – куда нам все поспеть?

И вместо того чтобы помочь утомленному, запыленному Ивану Сергеичу, он только курил да поглядывал на окна, в которых занимался рассвет…

Приехали «ребята с подводами».

Все было уложено, связано, и Иван Сергеич, еле держась на ногах от усталости и суеты, разрешил и себе закурить папироску.

– Нечего там раскуриваться! – оборвал его безжалостный товарищ. – Помогай таскать вещи. Смотри – до хозяина досидимся.

– А ты чего же не помогаешь? – робко спросил Иван Сергеич.

– Напомогался достаточно! Моя работа раньше была. Не бросай папироски на ковер: прожжешь – за него и полцены не дадут! Черти вы! Разве понимаете?

* * *

На улице было холодно… Босые ноги чувствовали на мостовой предрассветную сырость.

Товарищ Ивана Сергеича тоже вышел к подводам и равнодушно смотрел, как их нагружали «ребята».

– Готово, ребята? – спросил он.

– Все готово.

Тогда товарищ обратил сонное лицо к Ивану Сергеичу и, улыбнувшись, сказал:

– А теперь – иди себе, братец, подобру-поздорову.

– Как – иди? – ахнул Иван Сергеич. – А вещи? А дележка?

– Какие вещи?

– Да эти! Что мы собирали.

– А разве они твои, эти вещи?

Иван Сергеич рассердился.

– Да ведь и не твои!!

– Нет, мои.

– Это же еще почему такое? Хозяин ты им, что ли?

Незнакомец засмеялся.

– Эх ты! Говорил же я, дураки вы, воры! А кто ж я? Конечно, хозяин. На другую квартиру переезжаю, с ночи укладывался… А ты тут пришел, помог… Да я ничего не имею. Спасибо, что помог. По крайней мере, честным трудом рубль заработал. Хе-хе! Я даром, братец, чужого труда не хочу. На, получай! За честный твой труд!

Хозяин вынул из кармана рубль и сунул его в руку Ивану Сергеичу…

Уже всходило солнце, когда Иван Сергеич брел по пустой улице недовольный, брюзжащий сам на себя, с серебряным рублем, зажатым в грязный кулак.

Гармоничная натура Ивана Сергеича могла показаться странной непонимающему, недалекому человеку.

Этот рубль, заработанный трехчасовым тяжелым, неблагодарным трудом, – жег ему руку.

Проходя по мосту, Иван Сергеич плюнул, очень неприлично обругался и, размахнувшись, выбросил дурацкий рубль в воду.

СЛАБАЯ СТРУНА

Я сидел у Красавиных. Горничная пришла и сказала:

– Вас к телефону просят. Я удивился.

– Меня? Это ошибка. Кто меня может просить, если я никому не говорил, что буду здесь!

– Не знаю-с.

Я вышел в переднюю, снял телефонную трубку и с любопытством приложил ее к уху.

– Алло! Кто говорит?

– Это я, Чебаков. Послушай, мы сейчас в «Альгамбре» и ждем тебя. Приезжай.

Я отвечал:

– Во-первых, приехать я не могу, так как должен возвратиться домой; дома никого нет, и даже прислуга отпущена в больницу; а, во-вторых – кто тебе мог сказать, что я сейчас у Красавиных?

– Врешь, врешь! Как же так у тебя дома никого нет, когда из дому мне и ответили по телефону, что ты здесь.

– Не знаю! Может быть, я сошел с ума, или ты меня мистифицируешь… Квартира заперта на ключ, и ключ у меня в кармане. Кто с тобой говорил?

– Понятия не имею. Какой-то незнакомый мужской голос. Прямо сказал: «он сейчас у Красавиных»… И сейчас же повесил трубку. Я думал – твой родственник…

– Непостижимо!! Сейчас же лечу домой. Через двадцать минуть всё узнаю.

– Пока ты еще доберешься домой, – возразил заинтересованный Чебаков. – Ты лучше сейчас позвони к себе. Тогда сейчас же узнаешь.

С лихорадочной поспешностью я дал отбой, вызвал центральную и попросить номер своей квартиры.

Через полминуты после звонка кто-то снял в моем кабинете трубку, и мужской голос нетерпеливо сказал:

– Ну?!… Кто там еще?

– Это номер 233-20?

– Да, да, да!! Что нужно?

– Кто вы такой? – спросил я.

Около полуминуты там царило молчание. Потом тот же голос неуверенно заявил:

– Хозяина нет дома.

– Еще бы! – сердито вскричал я. – Конечно, нет дома, когда я и есть хозяин!! Кто вы такой и что вы там делаете?

– Нас двое. Постойте, я сейчас позову товарища. Гриша, пойди-ка к телефону.

Другой голос донесся до меня:

– Ну, что там еще? Всё время звонят, то один, то другой. Работать не дают!! Что нужно?

– Что вы делаете в моей квартире?!! – взревел я.

– Ах, это вы… Хозяин? Послушайте, хозяин… Где у вас ключи от письменного стола?!! Искали, искали – голову сломать можно.

– Какие ключи?! Зачем?

– Да ведь не ломать же нам всех одиннадцати ящиков! – ответил рассудительный голос. – Конечно, если не найдем ключей, придется взломать замки, да это много возни. Да и вы должны бы пожалеть стол. Столик-то, небось, недешевый. Рублей, поди, двести? Коверкать его – что толку?…

– Ах, вы мерзавцы, мерзавцы, – вскричал я с горечью. – Это вы, значит, забрались обокрасть меня!… Хорошо же!… Не успеете убежать, как я подниму на ноги весь дом.

– Ну, улита едет, когда-то будет, – произнес рассудительный голос. – Мы десять раз, как уйти успеем. Так, как же, барин, а? Ключи-то от стола – дома или где?

– Жулики вы проклятые, собачье отродье! – бросал я в трубку жестокие слова, стараясь вложить в них как можно больше яду и обидного смысла. – Сгниете вы в тюрьме, как черви. Чтоб у вас руки поотсыхали, разбойники вы анафемские! Давно, вероятно, по вас веревка плачет.

– Дурак ты, дурак, барин, – произнес тот же голос, убивавший меня своей рассудительностью. – Мы к тебе по-человечески… Просто, жалко зря добро портить – мы и спросили… Что ж, тебе трудно сказать, где ключи? Должен бы понимать…

– Не желаю я с такими жуликами в разговоры пускаться, – с сердцем крикнул я.

– Эх, барин… Что ж ты думаешь, за такие твои слова так тебе ничего и не будет? Да вот сейчас возьму, выну перочинный ножик и всю мягкую мебель в один момент изрежу. И стол изрежу, и шкаф. К чёрту будет годиться твой кабинет… Ну, хочешь?

– Странный вы человек, ей-Богу, – сказал я примирительно. – Должны бы, кажется, войти в мое положение. Забираетесь ко мне в дом, разоряете меня, да еще хотите, чтобы я с вами, как с маркизами, разговаривал.

– Милый человек! Кто тебя разоряет? Подумаешь, большая важность, если чего-нибудь не досчитаешься. Нам-то ведь тоже жить нужно.

– Я это прекрасно понимаю. Очень даже прекрасно, – согласился я, перекладывая трубку в левую руку и прижимая правую, для большей убедительности, к сердцу. – Очень хорошо я всё это понимаю. Но одного не могу понять: для чего вам бесцельно портить мои вещи? Какая вам от этого прибыль?

– А ты не ругайся!

– Я и не ругаюсь. Я вижу – вы умные, рассудительные люди. Согласен также с тем, что вы должны что нибудь получить за свои хлопоты. Ведь, небось, несколько дней следили за мной, а?

– А еще бы!… Ты думаешь, что всё так сразу делается?

– Понимаю! Милые! Прекрасно понимаю! Только одного не могу постичь: для чего вам ключи от письменного стола?

– Да деньги-то… Разве не в столе?

– Ничего подобного! Напрасный труд! Заверяю вас честным словом.

– А где же?

– Да, признаться, деньги у меня припрятаны довольно прочно, только денег немного. Вы, собственно, на что рассчитываете, скажите мне, пожалуйста?

– То есть, как?

– Ну… что вы хотите взять?

– Да что ж!… Много ведь не унесешь, – сказал голос с искренним сожалением. – Сами знаете, дворник всегда с узлом зацепить может. Взяли мы, значит, кое-что из столового серебра, пальто, шапку, часы-будильник, пресс-папье серебряное…

– Оно не серебряное, – дружески предостерег я.

– Ну, тогда шкатулочку возьмем. Она, поди, не дешевая. А?

– Послушайте… братцы! – воскликнул я, вкладывая в эти слова всю силу убеждения. – Я вхожу в ваше положение и становлюсь на вашу точку зрения… Ну, повезло вам, выследили, забрались… Ваше счастье! Предположим, заберете вы эти вещи и даже пронесете их мимо дворника. Что же дальше?! Понесете вы их, конечно, к скупщику краденого и, конечно, получите за это гроши. Ведь я же знаю этих вампиров. На вашу долю приходится риск, опасность, побои, даже тюрьма, а они сидят сложа руки и забирают себе львиную долю.

– Это верно, – сочувственно поддакнул голос.

– А еще бы же не верно! – вскричал я в экстазе. – Конечно, верно. Это проклятый капиталистический принцип – жить на счет труда… Поймите: разве вы грабите? Вас грабят! Вы разве наносите вред? Нет, эти вампиры в тысячу раз вреднее!! Товарищ! Дорогой друг! Я вам сейчас говорю от чистого сердца: мне эти вещи дороги, по разным причинам, а без будильника я даже завтра просплю. А что вы выручите за них? Гроши!! Вздор. Ведь вам и полсотни не дадут за них.

– Где там! – послышался сокрушенный вздох. – Дай Бог четвертную выцарапать.

– Дорогие друзья!! Я вижу, что мы уже понимаем друг друга. У меня дома лежат деньги – это верно – сто пятнадцать рублей. Без меня вы их, всё равно, не найдете. А я вам скажу, где они. Забирайте себе сто рублей (пятнадцать мне завтра на расходы нужно) и уходите. Ни заявлений в полицию, ни розысков не будет. Это просто наше частное товарищеское дело, которое никого не касается. Хотите?

– Странно это как-то, – нерешительно сказал вор (если бы я его видел, то добавил бы: «почесывая затылок», потому что у него был тон человека, почесывающего затылок). – Ведь мы уже всё серебро увязали.

– Ну, что ж делать… Оставьте его так, как есть… Я потом разберу.

– Эх, барин, – странно колеблясь, промолвил вор. – А ежели мы и деньги ваши заберем, и вещи унесем, а?

– Милые мои! Да что вы, звери, что ли? Тигры? Я уверен, что вы оба в глубине души очень порядочные люди… Ведь так, а?

– Да ведь знаете… Жизнь наша такая собачья.

– А разве ж я не понимаю?! Господи! Истинно сказали: собачья. Но я вам верю, понимаете – верю. Вот, если вы мне дадите честное слово, что вещей не тронете – я вам прямо и скажу: деньги там-то. Только вы же мне оставьте пятнадцать рублей. Мне завтра нужно. Оставите, а?

Вор сконфуженно засмеялся и сказал:

– Да ладно. Оставим.

– И вещей не возьмете?

– Да уж ладно. Пусть себе лежат. Это верно, что с ними наплачешься.

– Ну, вот и спасибо. На письменном столе стоит коробка для конвертов, голубая. Сверху там конверты и бумага, а внизу деньги. Четыре двадцатипятирублевки и три по пяти. Согласитесь, что вам бы и в голову не пришло заглянуть в эту коробку. Ну, вот. Не забудьте погасить электричество, когда уйдете. Вы через черный ход прошли?

– Так точно.

– Ну, вот. Так вы, уходя, заприте, всё-таки, дверь на ключ, чтобы кто-нибудь не забрался. Ежели дворник наткнется на лестнице – скажите: «корректуру приносили». Ко мне часто носят. Ну, теперь, кажется, всё. Прощайте, всего вам хорошего.

– А ключ куда положить от дверей?

– В левый угол, под вторую ступеньку. Будильник не испортили?

– Нет, в исправности.

– Ну, и слава Богу. Спокойной ночи вам.

Когда я вернулся домой, в столовой на столе лежал узел с вещами, возле него – три пятирублевых бумажки и записка:

«Будильник поставили в спальню. На пальто воротник моль съела. Взбутетеньте прислугу. Смотрите же – обещали не заявлять! Гриша и Сергей».

Все друзья мои в один голос говорят, что я умею прекрасно устраиваться в своей обычной жизни. Не знаю. Может быть. Может быть.

МОСКОВСКОЕ ГОСТЕПРИИМСТВО

– А! Кузьма Иваныч!.. Как раз к обеду попали… Садитесь. Что? Обедали? Вздор, вздор! И слушать не хочу. Рюмочку водки, балычку, а? Ни-ни! Не смейте отказываться… Вот чепуха… Еще раз пообедаете! Что? Нет-с я вас не пущу! Агафья! Спрячь его шапку. Парфен, усаживай его! Да куда ж вы? Держите! Ха-ха… Удрать хотел… Не-ет, брат… Рюмку водки ты выпьешь! Голову ему держите… вот так! Рраз!.. Ничего, ничего. На вот, кулебякой закуси. Что? Ничего, что поперхнулся… Засовывайте ему в рот кулебяку. Где мадера? Лейте в рот мадеру! Да не рюмку! Стакан! Что? Не дышит? Ха-ха! Притворяется… Закинь ему голову, я зубровочки туда… Вот так! Парфен! Балыка кусок ему. Да не весь балык суй, дурья голова. Видишь – рот разодрал… Не проходит? Ты вилкой, вилкой ему запихивай. Место очищай… Так. Теперь ухи вкатывай… Что? Из носу льется? Зажми нос! Осетрину всунул? Пропихивай вилкой! Портвейном заливай. Ха-ха. Не дышит? А ты вилкой пропихни. Что?.. Ну, возьми подлиннее что-нибудь… Так… Приминай ее, приминай… Что? Неужто же не дышит? (Пауза.) Мертвый! Ах ты ж оказия! С чего бы, кажется… Ну, как это говорится: царство ему небесное в селениях праведных… Упокой душу. Выпьем, Парфен, за новопреставленного!

ФОКУС ВЕЛИКОГО КИНО

Отдохнём от жизни.

Помечтаем. Хотите?

Садитесь, пожалуйста, в это мягкое кожанное кресло, в котором тонешь чуть не с головой. Я подброшу в камин угля, вы закурите эту сигару. Недурной «Боливар», неправда ли? Я люблю, когда в полумраке кабинета, как тигровый глаз, светится огонёк сигары. Ну, наполним ещё раз наши рюмки тёмно-золотистым хересом – на бутылочке-то пыли сколько наросло – вековая пыль, благородная,– а теперь слушайте…

* * *

Однажды в кинематографе я видел удивительную картину:

Море. Берег. Высокая этакая отвесная скала, саженей в десять. Вдруг у скалы закипела вода, вынырнула человеческая голова, и вот человек, как гигантский, оттолкнувшийся от земли мяч, взлетает на десять саженей кверху, стал на площадку скалы – совершенно сухой и сотворил крестное знамение так: сначала пальцы его коснулись левого плеча, потом правого, потом груди, наконец, лба.

Он быстро оделся и пошёл прочь от моря, задом наперёд, пятясь, как рак. Взмахнул рукой, и окурок папиросы, валявшийся на дороге, подскочил и влез ему в пальцы. Человек стал курить, втягивая в себя дым, рождающийся в воздухе. По мере курения папироса делалась всё больше и больше и, наконец, стала совсем свежей, только что закуренной. Человек приложил к ней спичку, вскочившую ему в руку с земли, вынул коробку спичек, чиркнул загоревшуюся спичку о коробок, отчего спичка погасла, вложил спичку в коробочку; папиросу, торчащую во рту, сунул обратно в портсигар, нагнулся – и плевок с земли вскочил ему прямо в рот. И пошёл он дальше также задом наперёд, пятясь, как рак. Дома сел перед пустой тарелкой и стаканом, вылил изо рта в стакан несколько глотков красного вина и принялся вилкой таскать изо рта куски цыплёнка, кладя их обратно на тарелку, где они под ножом срастались в одно целое. Когда цыплёнок вышел целиком из его горла, подошёл лакей и, взяв тарелку, понёс этого цыплёнка на кухню – жарить… Повар положил его на сковородку, потом снял, сырого, утыкал перьями, поводил ножом по его горлу, отчего цыплёнок ожил и потом весело побежал по двору.

* * *

Неправда ли, вам понятно, в чём тут дело: это обыкновенная фильма, изображающая обыкновенные человеческие поступки, но пущенные в обратную сторону.

Ах, если бы наша жизнь была похожа на послушную кинематографическую ленту!..

Повернул ручку назад – и пошло-поехало…

Передо мной – бумага, покрытая ровными строками этого фельетона. Вдруг – перо пошло в обратную сторону,– будто соскабливая написанное, и когда передо мной – чистая бумага, я беру шляпу, палку и, пятясь, выхожу на улицу…

Шуршит лента, разматываясь в обратную сторону. Вот сентябрь позапрошлого года. Я сажусь в вагон, поезд даёт задний ход и мчится в Петербург.

В Петербурге чудеса: с Невского уходят, забирая свои товары,– селёдочницы, огуречницы, яблочницы и невоюющие солдаты, торгующие папиросами… Большевистские декреты, как шелуха, облетают со стен, и снова стены домов чисты и нарядны. Вот во весь опор примчался на автомобиле задним ходом Александр Фёдорович Керенский. Вернулся?!

Крути, Митька, живей!

Въехал он в Зимний дворец, а там, глядишь, всё новое и новое мелькание ленты: Ленин и Троцкий с компанией вышли, пятясь, из особняка Кшесинской, поехали задом наперёд на вокзал, сели в распломбированный вагон, тут же его запломбировали, и – укатила вся компания задним ходом в Германию.

А вот совсем приятное зрелище: Керенский задом наперёд вылетает из Зимнего дворца – давно пора,– вскакивает на стол и напыщенно говорит рабочим: «Товарищи! Если я вас покину – вы можете убить меня своими руками! До самой смерти я с вами».

Соврал, каналья. Как иногда полезно пустить ленту в обратную сторону!

Быстро промелькнула февральская революция. Забавно видеть, как пулемётные пули вылетали из тел лежащих людей, как влетали они обратно в дуло пулемётов, как вскакивали мёртвые и бежали задом наперёд, размахивая руками.

Крути, Митька, крути!

Вылетел из царского дворца Распутин и покатил к себе в Тюмень. Лента-то ведь обратная.

* * *

Жизнь всё дешевле и дешевле… На рынках масса хлеба, мяса и всякого съестного дрязгу.

А вот и ужасная война тает, как кусок снега на раскалённой плите; мёртвые встают из земли и мирно уносятся на носилках обратно в свои части. Мобилизация быстро превращается в демобилизацию, и вот уже Вильгельм Гогенцоллерн стоит на балконе перед своим народом, но его ужасные слова, слова паука-кровопийцы об объявлении войны, не вылетают из уст, а, наоборот, глотает он их, ловя губами в воздухе. Ах, чтоб ты ими подавился!..

Митька, крути, крути, голубчик!

Быстро мелькают поочередно четвёртая Дума, третья, вторая, первая, и вот уже на экране чётко вырисовываются жуткие подробности октябрьских погромов.

Но, однако, тут это не страшно. Громилы выдёргивают свои ножи из груди убитых, те шевелятся, встают и убегают, летающий в воздухе пух аккуратно сам слетается в еврейские перины, и всё принимает прежний вид.

А что это за ликующая толпа, что за тысячи шапок, летящих кверху, что это за счастливые лица, по которым текут слёзы умиления?!.

Почему незнакомые люди целуются, чёрт возьми! Ах, это манифест 17 октября, данный Николаем II свободной России…

Да ведь это, кажется, был самый счастливый момент во всей нашей жизни!

Митька! замри!! Останови, чёрт, ленту, не крути дальше! Руки поломаю!..

Пусть замрёт. Пусть застынет.

– Газетчик! Сколько за газету? Пятачок?

– Извозчик! Полтинник на Конюшенную, к «Медведю». Пошёл живей, гривенник прибавлю. Здравствуйте! Дайте обед, рюмку коньяку и бутылку шампанского. Ну, как не выпить на радостях… С манифестом вас! Сколько с меня за всё? Четырнадцать с полтиной? А почему это у вас шампанское десять целковых за бутылку, когда в «Вене»– восемь? Разве можно так бессовестно грабить публику? Митька, не крути дальше! Замри. Хотя бы потому остановись, что мы себя видим на пятнадцать лет моложе, почти юношами. Ах, сколько было надежд, и как мы любили, и как нас любили…

* * *

Отчего же вы не пьёте ваш херес! Камин погас, и я не вижу в серой мгле – почему так странно трясутся ваши плечи: смеётесь вы или плачете?

Cinco contos satíricos

"Um copinho de vodka? Um pouquinho de balyk?
Não, não! Nem pense em recusar."

ARKADI AVIÉRTCHENKO

PETUKHOV

I

Um homem pode trair sua esposa quantas vezes quiser, e ainda permanecer o mesmo marido amoroso, terno e ciumento de antes.

A história edificante que se passou com o Sr. Petukhov pode servir-nos de exemplo.

****

As coisas com Petukhov começaram pelo fato de que, certa vez, tendo esposa, foi ao teatro sem ela, e lá encontrou uma morena alta e bela. Os assentos de ambos eram próximos, e isso deu a Petukhov a oportunidade, virando-se um pouco para o lado, de apreciar o maravilhoso e suave perfil de sua vizinha.

Depois se passou o seguinte: ela deixou cair o estojo do binóculo – ele o apanhou – ela o olhou atentamente – ele sentiu um leve tremor – a mão dele estava apoiada no braço da cadeira – e a vizinha quis tomar a mesma posição... Quando ela desejou pousar sua mão no braço da cadeira, as mãos de ambos se encontraram.

Os dois estremeceram. Petukhov disse:

– Que calor!

– Sim – ela concordou, baixando as pálpebras. – Muito! Minha garganta está horrivelmente seca.

– É bom tomar uma limonada.

– Acho desagradável ir sozinha ao café – suspirou a bela dama.

– Permita-me que eu a acompanhe.

Ela permitiu.

No último entreato, ambos já conversavam como velhos conhecidos. Após o espetáculo, Petukhov, ao acompanhá-la até o cocheiro, tomou-lhe o braço e apertou seu cotovelo um pouquinho mais forte que o normal. Ela fez um leve movimento, porém, sem retirar a mão.

– Será que não vamos nos ver mais? – perguntou Petukhov, com um pequeno gemido. – Ah, precisamos nos ver de novo!

A morena sorriu com malícia.

– Psss...! Não podemos. Não esqueça que sou casada.

Petukhov queria dizer que aquilo não significava nada, mas conteve-se e sussurrou:

– Ah... Ah! Eu lhe suplico: onde vamos nos ver?

– Não, não – sorriu a morena – Não vamos nos ver em lugar algum. Nem pense nisso! Ainda mais que agora, quase todos os dias, tenho ido ao ringue de patinação.

– Ahá! – exclamou Petukhov. – Oh, eu lhe agradeço muito.

– Não sei por que está me agradecendo; definitivamente não entendo. Bem, temos de nos despedir aqui. Estou tomando o coche.

Petukhov ajudou-a a sentar-se, beijou-lhe uma das mãos e, depois de hesitar um instante, beijou também a outra.

A moça soltou uma risadinha pueril, como costumam rir as mulheres quando lhes fazem cócegas na nuca – e partiu.

II

Quando Petukhov voltou para casa, sua esposa ainda estava acordada. Em pé diante do espelho, ela penteava os cabelos para dormir. Petukhov beijou seu ombro desnudo e perguntou:

– Onde você esteve hoje à noite?

– No cinematógrafo.

Petukhov, ciumento, agarrou-a pelo braço e, fitando-a com um olhar penetrante, sussurrou:

– Sozinha?

– Não, com a Marúcia.

– A Marúcia? Sei, sei qual Marúcia...

– Não estou entendendo.

– Olhe, querida... Não me agradam nem um pouco essas suas andanças pelos teatros e cinematógrafos sem mim. Isso nunca vai dar em boa coisa!

– Aleksandr! Você está me insultando... Eu nunca lhe dei motivo!

– Ô mãezinha... Não estou duvidando de que você me seja fiel, só que eu sei como as coisas acontecem. Ha! Ha! Oh, eu conheço perfeitamente vocês, mulheres. Essas coisas sempre começam com bobagens. Você, que é uma esposa fiel, vai ao teatro e ao seu lado encontra certo loiro bem-apessoado. Oh, é claro que você não pensa em nada ruim. Mas vamos supor que você deixe cair o estojo do seu binóculo ou outra coisa qualquer, ele vai apanhá-lo e os olhares de ambos se encontram... Você, é claro, vai dizer que nisso não há nada de repreensível? Oh, sim, é claro que por enquanto não há nada. Mas ele continua olhando para você e isso a hipnotiza... Você põe seu braço no braço da poltrona e – admita, isso é muito possível – suas mãos se tocam. E você, querida, você – Petukhov, com um gemido de ciúme, agarra bruscamente o braço da esposa – você estremece como se tivesse recebido uma descarga elétrica. Ha! Ha! Pronto! A partida está dada! "Ai, que calor!", ele fala. "Sim", ingenuamente você responde – "Eu tenho a garganta seca...". "Não desejaria um pouco de limonada?". "Acho que sim...".

Petukhov agarrou os próprios cabelos e começou a dar pulos pelo quarto. Seu olhar cheio de ciúme queimava a esposa.

– Liólia – ele gemeu. – Liólia! Confesse!... Depois disso, ele pode ter pego você pelo braço, a acompanhou até o cocheiro e ainda – o canalha! – pode ter inquirido quando e onde vocês poderão se encontrar de novo. Com certeza, você não marcou encontro com ele – respeito-a muito para pensar em tal coisa –, mas você pode ter informado de passagem que costuma ir ao ringue de patinação ou qualquer outro lugar... Ô, Liólia, como eu conheço bem vocês, mulheres!

– O que você tem, bobinho? – surpreendia-se a esposa. – Nada disso aconteceu comigo...

– Tome cuidado, Liólia! Por mais que você esconda, de algum modo eu vou saber a verdade! Pare antes da beira do abismo!

Ele apertava as mãos da mulher, corria pelo quarto e, de fato, sofria insuportavelmente.

III

A primeira pessoa que Petukhov viu ao chegar ao ringue de patinação foi Olga Kárlovna, sua nova conhecida.

Ao avistá-lo, ela fez um movimento espontâneo em sua direção com todo o corpo, e com uma exclamação de feliz surpresa, perguntou:

– Você? O que está fazendo aqui?

– Permita-me ser o seu par?

– Oh, sim, estou aqui com minha prima. Mas não tem problema, eu apresento vocês.

Petukhov envolveu a cintura de Olga Kárlovna delicadamente e disparou deslizando com ela pela pista lisa e brilhante.

Apertando-a contra si, ele sentia o coração dela bater acelerado sob sua mão.

– Querida! – sussurrou de modo quase inaudível – Como eu sou feliz...

– Psss...! – sorriu Olga Kárlovna, ruborizada pelo movimento e pelos toques dele. – Essas coisas não se dizem a uma mulher casada.

– Eu quero ficar com você todo o tempo que puder. Vamos jantar juntos.

– Você ficou louco! E minha prima? E... todo o resto?

– “O resto” – é bobagem, e quanto à sua prima, vamos mandá-la para casa.

– Não, nem pense nisso! Ela não vai sem mim.

Petukhov olhava-a com a vista enevoada e perguntava:

– Quando? Quando?

– Nun-ca! Quer dizer, amanhã ela não estará comigo.

– Obrigado!...

– Não entendo por que está me agradecendo...

– Podemos ir a algum lugar bem aconchegante. Juro que eu não me permitirei passar dos limites.

– Não entendo o que você está falando... Como, aconchegante?

– Meu sol irradiante! – disse Petukhov, cheio de confiança.

Chegando a casa, ele encontrou a esposa lendo um livro.

– Onde você estava?

– Dei uma passadinha pelo ringue de patinação. Por quê?

– Eu também vou lá amanhã. Esses patins são uma coisa maravilhosa.

O rosto de Petukhov ficou sombrio.

– Ahá! Entendi! Está tudo claro para mim.

– O quê?

– Sim, eu sei... Um belo lugar para encontrar-se com algum canalha que você mal conheceu. Sua maldita!

Furioso, Petukhov agarrou a mulher pelo braço e puxou-a.

– Você... está em seu juízo perfeito?

– Ooooh... – ele sorriu amargamente –, infelizmente estou. Eu entendo você! Isso acontece com tanta facilidade! Você conhece alguém em um teatro, ele fica ligeiramente impressionado pelo seu rostinho bonito, depois, um meio encontro meio que marcado no ringue de patinação, vocês patinam abraçados, com cochichos e elogios idiotas. Ele, que não é bobo, logo fala: "Vamos jantar em algum cantinho aconchegante". Você, naturalmente, não vai aceitar de imediato...

Petukhov deu uma risada rouca e dolorida.

– Não vai concordar, vai dizer: "Eu sou casada, eu não posso, estou com a tonta da minha prima"! Mas... que cobra! Eu conheço maravilhosamente vocês, mulheres. Você já decidiu que, no dia seguinte, irá onde ele a levar. Tome cuidado, Liólia!

Atônita, pasma, no início a esposa sorria, mas depois, sob o peso das acusações e das ameaças, começou a chorar.

Petukhov, porém, sentia-se ainda pior. Estava sofrendo mais que a mulher.

IV

Quando Petukhov entrou em casa, tarde da noite, a esposa já dormia.

O relógio bateu três horas.

A mulher despertou e viu diante de si dois olhos ardentes e inquiridores, e um rosto transtornado por uma dor intensa.

– A senhora dorme? – Está cansada? Ha... Ha! É lógico... Tem motivo para estar cansada. Abraços apaixonados e pecadores – isso cansa...!

– Querido, o que você tem? Está delirando?

– Não, não estou delirando... Ah, claro, você até poderia ter ficado em casa, mas quem é que pode me jurar que você não esteve hoje em um certo ringue de patinação e não encontrou um de seus conhecidos? Não que haja mal no fato de vocês se conhecerem há três ou quatro dias... Ha! Ha! O terreno já foi preparado e aquilo que você lhe falou a respeito de seu marido, sua casa, implorando-lhe que não insistisse, – isso, minha amiga, foram os últimos míseros resquícios da voz da virtude, o último conflito que já não faz diferença...

– Sacha!

– Que Sacha o quê!

Petukhov agarrou a esposa acima do cotovelo, ela deu um gemido.

– Oh, diabólicas criaturas! Você, mesmo indo para o reservado do restaurante, não para de falar sobre seu marido, mas você mesma sente toda a inutilidade de suas palavras, não é verdade? Você tenta se comportar com discrição, mas a primeira taça de champanhe e o beijo, após uma leve resistência, aproximam você daquele terrível, amaldiçoado momento... Você! Você – uma mulher pura e cheia de virtudes – apenas encontra forças em si mesma para exclamar: "Deus! Alguém pode entrar aqui!" Ha! Ha! O grande baluarte de virtude que cai em ruínas com a porta sendo trancada à chave e os dois rublos para o criado! E eis – tudo desaba! Você já não é a minha Liólia de antes, não mais aquela, que diabos me levem! Não mais!

Petukhov segurou a mulher pela garganta, caiu de joelhos ao lado da cama e, já sem forças, desatou em um pranto sentido, de cortar o coração.

V

Três dias se passaram.

Petukhov veio em casa para o almoço, viu a esposa tricotando, meteu as mãos nos bolsos, franziu as sobrancelhas e, com um sorriso de desprezo, disse:

– A senhora em casa? Entendo. Então, o romance acabou, não é? Durou pouco, bem pouco. Ha! Ha! É muito simples. Bastou que seu amigo do coração visse você passeando de carruagem pela rua Moskóvskaia, quase nos braços de um oficial ruivo do Estado Maior General, para ele lhe escrever,

curto e grosso: “Você podia trair seu esposo comigo, mas me trair com um filho de Marte ruivo que cruzou o seu caminho, isso é demais! Espero que você entenda por que estou agora totalmente indiferente a você e – não vou esconder – até sinto na alma uma leve ponta de remorso por termos tido alguma proximidade. Adeus!”

A esposa, pondo a mão sobre o coração aos pulos, aflita, não compreendendo, olhava para Petukhov, enquanto este, estalando os dedos, piscava maldosamente e lhe dizia entre os dentes:

– E então – terminou o romance? Terminou?! Bem feito. Bem feito! Ho-ho-ho! Eu sofri muito, todo esse tempo, minha querida!

QUESTÃO DE PRINCÍPIO

Ivan Serguiéitch tinha um caráter íntegro e harmônico, e só não se orgulhava disso, por ser modesto e simples em sua forma de tratar; essas qualidades o destacavam nitidamente dos outros ladrões que viviam na taberna Lujaika e que eram, em sua maioria, barulhentos, fanfarrões e insolentes.

A atividade de Ivan Serguiéitch seguia uma direção bem definida, e dela não se desviava nem à direita nem à esquerda; não matava, mas em compensação, também não trabalhava. Só roubava.

Tratava com desconfiança, e com um ligeiro laivo de desprezo, aquelas pessoas que não roubavam, e quando pensava em suas vidas, surpreendia-se dizendo a si mesmo: "Mas por que não roubam?".

Depois de uma longa reflexão, justificava-o para si mesmo de duas maneiras: pela lógica impiedosa do regime social (se todos os roubados roubassem, então, não haveria a quem roubar) ou pela falta de empreendedorismo e habilidade daqueles sujeitos que preferem ganhar o pão com seu trabalho.

– Continuem trabalhando, pobres-diabos! – pensava Ivan Serguiéitch com afetuosa ironia – Pior para vocês! Depois eu vou roubar mesmo!

E os roubava.

Essa alegre comédia humana era, às vezes, interrompida por demorados entreatos que aconteciam quando Ivan Serguiéitch estava na prisão. Aqui ele tinha oportunidade de lançar olhares retrospectivos sobre o caminho percorrido, e, a cada vez que o fazia, tranquilizava-se ao concluir que o sistema não continha erros: o direito de Ivan Serguiéitch era roubar, mas, em compensação, o direito dos roubados era trancafiá-lo na prisão... Que ficassem à vontade!

Com base nisso, um não poderia acusar o outro de injustiça, nem fazer pirraça. Além do mais, ao sair da prisão, era possível começar uma vida nova: os trabalhadores, então enriquecidos, teriam que se descuidar de alguns objetos e Ivan Serguiéitch se encarregaria do resto.

Ivan Serguiéitch roubava há 25 anos – desde que se recordava. Se se considerar que ele gastava por ano cerca de dois mil, em toda a sua vida roubou, entre pequenos objetos e valores, 50 mil. Essa soma deveria provocar

ainda mais respeito se se levasse em conta que nem um copeque foi ganho com trabalho convencional ou com assassinatos. Furtos – apenas furtos.

* * *

Aquele era um magnífico e aconchegante casarão, com todas as qualidades para agradar Ivan Serguiéitch.

Ambos – o casarão e Ivan Serguiéitch – estavam diante um do outro na rua erma e deserta, e um deles pensava: “Se eu empurrar o vidro, será que no parapeito há vasos de flores ou não? Será que não vão cair?”

Ficar parado muito tempo pensando era arriscado: dentro de uma hora, a maravilhosa noite escura daria lugar à alvorada. Por isso, Ivan Serguiéitch, mordendo o lábio inferior, passou um anel no vidro, colocou sobre ele um trapo, e dentro de um minuto já estava no parapeito perscrutando a escuridão impenetrável que se havia adensado ainda mais no cômodo. Pulou com os pés descalços no assoalho sem fazer ruído, e estendendo as mãos hábeis, foi andando tropegamente...

– Oh, diabo!..

Sua perna havia tropeçado em alguma coisa fofa, grande e imóvel; ao cair, Ivan Serguiéitch agarrou-se com a mão nas costas de uma poltrona. A poltrona bateu na mesa, e sobre a mesa um abajur tilintou... Ivan Serguiéitch agachou-se e, em seguida, viu cintilar, um pouco adiante, uma faixa vertical de luz amarela que logo se transformou em um retângulo – e na porta, iluminado por uma fraca luz, surgiu um homem.

Ele estendeu a lanterna e dirigiu o foco para todos os lados, até que a luz recaiu sobre Ivan Serguiéitch, agachado perto da mesa.

Ivan Serguiéitch guinchou, endireitou-se e correu para a janela aberta, mas o desconhecido surpreendeu-o com um pulo, e, sem largar a lanterna, sentou-se no parapeito e perguntou com um meio-sorriso:

– Se assustou?

– Sim – admitiu Ivan Serguiéitch, e riscava o chão com o pé descalço, timidamente.

– Ora, ora! Pra que ficar tão nervoso?... Não tenha medo. O dono não está em casa.

Os olhos de Ivan Serguiéitch faiscaram de espanto e ele perguntou:

– Mas... quem é você?

– Eu? Essa é boa! Tente adivinhar, meu querido!

Os olhos errantes de Ivan Serguiéitch se detiveram nas gavetas escancaradas da escrivaninha, na trouxa de tamanho considerável jogada no chão, a mesma trouxa na qual ele tropeçara há um minuto – depois os olhos de Ivan Serguiéitch passaram para a careta larga e galhofeira do desconhecido, e ambos, ficando cara a cara, começaram a rir.

– Ah! Então é isso! – Ivan Serguiéitch levantou os braços. – E eu pensei que era o dono. Quis me mandar. Está só você?

– Só eu.

– Por onde você entrou? As janelas estavam inteiras, a porta principal trancada; eu tentei empurrar.

– Eu, com a chave. Entrei, depois tranquei para não me atrapalharem.

– E se o dono aparecer?

– Ele? Fica todas as noites jogando baralho no clube até as oito da manhã! Teremos tempo de transportar toda a tralha.

– Trans...portar? – exclamou Ivan Serguiéitch.

– E o que você pensava? – Ah, vocês, – riu-se o segundo ladrão. – Quantos séculos já se passaram, e vocês, ladrões, não aprenderam nada. Que gente ingênua, vocês ladrões! Sem plano, sem firmeza, sem sangue frio... Você, seu tolo, só quer entrar pela janela, arriscando ser agarrado, para surrupiar uma almofada ou um sobretudo que custa cinco rublos – e fugir... E você acha que já fez um grande negócio!

– Mas você... como faz? – quis saber Ivan Serguiéitch, sentando-se na trouxa.

– Deste jeito! Como você está vendo!.. Passei a semana inteira vigiando o dono: como ele vive; o que ele faz; quando volta para casa à noite. E acredite, meu irmãozinho... Os empregados são diaristas; além do dono, não tem uma só alma na casa e ele só chega do clube de madrugada.

Ivan Serguiéitch estremeceu.

– E ele não vai chegar?

– Fique calmo, irmãozinho: tenho informações seguras.

O segundo ladrão calou-se por algum tempo.

– Foi assim. Eu planejei limpar o apartamento até o último prego. Este beco é isolado; quem pode atrapalhar? É só trabalhar tranquilo, quietinho. Às seis horas da manhã eu chamei duas carroças com os nossos rapazes – quando eles chegarem, vamos levar tudo.

Ivan Serguiéitch bateu nos próprios joelhos e, entusiasmado, sacudiu a cabeça.

– Muito bem!! Tudinho mesmo?

– Tudo, meu queridinho. Até um preguinho, até o último cartãozinho. Eu até já arrumei uma parte.

– Diabo esperto... Vai me aceitar como sócio?

– Por que não aceitaria? Tem muita mercadoria. Fazemos acordo. Bom, querido... Os americanos, dos quais, devido à sua pobreza de espírito, você não tem nem ideia, dizem: tempo é dinheiro. Ao trabalho! Eu vou me ocupar da mesa e você vai tirando os quadros.

Os novos amigos se encarregaram das tarefas alegremente. O atrevimento e o plano infalível do outro ladrão encantaram Ivan Serguiéitch. Envolvendo os quadros em lençóis de linho, amarrando com cordas a montanha de ricos livros com folhas douradas, Ivan Serguiéitch de vez em quando se sentava no chão e gargalhava, vitorioso:

– Olhe só para nós! Nós somos bons! Os ladrões de hoje não sabem nada!

– Não fique aí se esgoelando – disse modestamente o segundo ladrão – Precisamos fazer o trabalho e ele aí, rindo... Coloque o abajur na caixa... E tome cuidado com a cúpula... Parece que é de porcelana. Será que vocês, diabos, conseguem entender isso?

Ivan Serguiéitch agitava-se, dava voltas pelo quarto, embrulhava, desemaranhava as cordas, abrindo as trouxas com dentes afiados, e durante todas essas tarefas lançava olhares de admiração ao parceiro.

Já este, depois de empacotar apenas alguns bibelôs de uma estante e mais uma mala, se refestelou em uma poltrona e acendeu um cigarro com ar importante.

Ainda havia bastante trabalho, mas ele tinha toda a aparência de quem deixava a cargo do simplório Ivan Serguiéitch a tarefa de terminá-lo, quem, com o rosto molhado de suor, volta e meia corria até o companheiro e, segurando um álbum com cartões fotográficos, apressadamente perguntava:

– Isto vai?

– Vai, Vania[1], vai. Tudo pode servir.

– E este guardanapinho? Precisa levar? Para que vai servir?

---

[1] *Vania*: diminutivo de Ivan (n.t.).

– E por que não? Por acaso é algum cachorro? Para que deixá-lo...? Mas se apresse! Senão, os rapazes vão chegar – como vamos conseguir a tempo?

E em vez de ajudar o exausto e empoeirado Ivan Serguiéitch, ele apenas fumava e lançava olhares para as janelas, onde vinha surgindo a aurora...

Chegaram os "rapazes com carroças".

Tudo estava empilhado, amarrado, e Ivan Serguiéitch, que se sustinha em pé com dificuldade, de tanto cansaço e agitação, permitiu-se também acender um cigarrinho.

– Nada de ficar fumando! – cortou-o o impiedoso companheiro. – Ajude a carregar as coisas. Olhe que o dono vai chegar!

– E você, por que não ajuda? – perguntou Ivan Serguiéitch, timidamente.

– Já ajudei o suficiente! Já fiz meu trabalho. Não jogue o cigarro no tapete – se fizer um buraco não vão pagar nem a metade. Que inúteis! Será que não conseguem entender?

* * *

Na rua fazia frio... Os pés descalços podiam sentir na calçada a umidade do pré-amanhecer. O companheiro de Ivan Serguiéitch também saiu e olhava as carroças, indiferente, vendo como os "rapazes" as carregavam.

– Tudo pronto, rapazes? – perguntou.

– Tudo pronto.

Então, o companheiro voltou seu rosto sonolento para Ivan Serguiéitch e disse sorrindo:

– Agora você pode ir, irmão, suma daqui.

– Como, "suma"? – exclamou Ivan Serguiéitch – E as coisas? E a partilha?

– Quais coisas?

– Essas aí! As que nós juntamos.

– Mas são suas, essas coisas?

Ivan Serguiéitch esbravejou.

– E suas também não são!

– Claro que são minhas.

– Mas por quê? Você por acaso é o dono?

O desconhecido caiu na risada.

– Ah, você! Eu não falei que vocês, ladrões, são tolos? Quem sou eu? Claro que sou o dono. Estou mudando para outro apartamento, desde a noi-

te estava arrumando... Aí você chegou, ajudou... Eu não tenho nada contra. Obrigado pela ajuda. Pelo menos um rublo você ganha por fazer um trabalho honesto. He-he! Trabalho dos outros de graça eu não quero, irmão. Então, tome! Pelo seu trabalho honesto!

O dono tirou um rublo do bolso e o enfiou na mão de Ivan Serguiéitch.

O sol já estava se erguendo e Ivan Serguiéitch ainda se arrastando pela rua deserta, descontente, resmungando consigo mesmo, com o rublo de prata apertado no punho sujo.

Para um homem insensível e limitado podia parecer estranha a natureza harmoniosa de Ivan Serguiéitch. Mas aquela moeda, ganha por três horas de trabalho pesado e ingrato, queimava-lhe a mão.

Passando por uma ponte, ele cuspiu, murmurou um palavrão muito indecente e, erguendo a mão, arremessou o maldito rublo na água.

O PONTO MAIS FRACO

Eu estava na casa dos Krassávin. A criada chegou e disse:

– Estão chamando pelo senhor no telefone.

Fiquei surpreso.

– Eu? Deve ser engano. Quem poderia me chamar se eu não disse a ninguém que estaria aqui?

– Não sei, senhor.

Fui até a antessala, peguei o telefone e, curioso, coloquei-o na orelha.

– Alô! Quem fala?

– Sou eu, Tchebakov. Escute, estamos aqui no Alhambra esperando você. Venha para cá.

Respondi:

– Em primeiro lugar, não posso ir porque tenho que voltar para casa. Não há ninguém lá, até a criada eu liberei para ir ao hospital. E, segundo, quem lhe disse que eu estava aqui nos Krassávin?

– Mentira! Mentira! Como pode ser que não haja ninguém se, em sua casa, disseram por telefone que você estava aí?

– Não sei! Talvez eu esteja louco ou você está me mistificando... O apartamento está trancado à chave e a chave está em meu bolso. Quem falou com você?

– Não faço ideia. Uma voz desconhecida de homem. Ele falou assim mesmo: ele está nos Krassávin. E desligou o telefone. Pensei que fosse um parente.

– Absurdo!! Vou correndo para casa. Em vinte minutos descubro tudo.

– Isso vai demorar muito – retrucou Tchebakov, curioso. – Melhor você ligar agora para sua casa. Aí vai descobrir.

Com pressa febril, cortei a ligação, chamei a central e pedi o número de meu apartamento.

Meio minuto depois, alguém atendeu em meu escritório e uma voz de homem disse, impaciente:

– Oi! Quem é agora?

– Aí é o número 233-20?

– Sim, sim!! O que você deseja?

– Quem está falando? – perguntei.

Por cerca de meio minuto reinou o silêncio. Depois a mesma voz afirmou, hesitante:

– O dono da casa não está.

– Claro que não! – gritei com irritação. – É lógico que não está, pois o dono sou eu!! Quem é você e o que está fazendo aí?

– Estamos em dois. Espere, que vou chamar meu colega. Grisha, venha atender o telefone.

Ouvi ao fundo outra voz:

– O que foi agora? Ficam ligando o tempo todo, ora um, ora outro... Não deixam a gente trabalhar... O que é?

– O que vocês estão fazendo em meu apartamento?!! – berrei.

– Ah, é você... O dono? Escute, patrão, onde você guarda as chaves da escrivaninha?!! Procuramos, procuramos... Quase ficamos loucos.

– Quais chaves? Para quê?

– Você não quer que a gente quebre as onze gavetas! – ponderou a voz. – É claro que se não encontrarmos as chaves, vamos ter que quebrar as fechaduras, só que vai dar um trabalhão. Mas o senhor também deveria ter pena da mesa. A mesinha não deve ser barata. Talvez uns duzentos rublos? Para que estragar?

– Ah, seus canalhas, seus canalhas...! – gritei com amargura. – Quer dizer que vocês invadiram minha casa para me roubar? Pois bem... Não vão ter tempo de fugir, porque eu vou alertar o prédio inteiro.

– Ah, a lesma está chegando... Será que vem logo? – disse a voz sensatamente. – Nós vamos ter tempo de ir embora dez vezes. Então, como fica, senhor? A chave da mesa está em casa ou não?

– Vigaristas malditos! Filhotes de cão! – eu jogava palavras cruéis, tentando colocar nelas o máximo possível de veneno e sentido ofensivo. – Vocês vão apodrecer na prisão como vermes. Que suas mãos sequem, seus bandidos desgraçados! O chicote há muito tempo está esperando por vocês!

– O senhor é burro mesmo – disse a mesma voz, que me matava com sua sensatez. – Queremos ser humanos com você... É uma judiação estragar os bens à toa. Então, nós perguntamos... Será que é tão difícil dizer onde estão as chaves? Você deveria entender...

– Não pretendo manter nenhuma conversa com bandidos como vocês – gritei, fora de mim.

– Ah, senhor... Está achando que suas palavras vão passar em branco? Agora vou pegar um canivete e em um momento corto todos os seus estofados. Corto a mesa e o armário também. O seu escritório vai para os diabos! Você quer?

– Mas que homem terrível você é, meu Deus! – exclamei, conciliador. – Vocês deveriam entender minha situação. – Invadem minha casa, acabam comigo, me arruínam, e ainda querem que eu os trate como se fossem fidalgos.

– Meu querido! Quem está arruinando você? O que importa se você perder alguma coisa? Nós também precisamos ter com que viver.

– Isso eu entendo muito bem. Muito bem mesmo – concordei, transferindo o fone para a mão esquerda e, para ser mais convincente, apertando a direita contra o coração. Tudo isso eu compreendo muito bem. Mas eu só não consigo entender: por que precisam estragar minhas coisas? O que vocês ganham com isso?

– Então não xingue!

– Eu nem estou xingando. Vejo que vocês são pessoas inteligentes, sensatas. Concordo também que vocês deveriam receber alguma coisa pelo seu esforço. Faz alguns dias que vocês devem estar me vigiando, não?

– E como não? Você acha que tudo é fácil de fazer?

– Eu entendo! Meus caros! Compreendo perfeitamente. Só uma coisa não posso entender: para que querem as chaves de minha escrivaninha?

– Pelo dinheiro... Por acaso não está na gaveta?

– Nada disso! Trabalho inútil. Eu lhes dou minha palavra de honra.

– Onde está, então?

– Bem, para falar a verdade, meu dinheiro está bem escondido, só que não é muito, não. Em suma, vocês estão contando com quê? Digam-me, por favor.

– Como assim?

– Bem, o que vocês queriam levar?

– Caramba...! Muito, não vai dar para levar – disse a voz, com um lamento sincero. – Você mesmo sabe, o zelador sempre pode pegar você com a trouxa. Então, pegamos um pouco dos utensílios de prata, seu sobretudo, gorro de pele, relógio-despertador, peso de prata para papéis...

– Ele não é de prata – avisei amigavelmente.

– Então, vamos pegar o porta-joias. Barato não é, né?

– Escutem... amigos! – exclamei, colocando nessas palavras toda a força de convicção – Eu compreendo a sua situação e me coloco em seu lugar... Veja, vocês tiveram sorte, espionaram, arrombaram... Sorte de vocês! Vamos supor que vocês peguem essas coisas e consigam passar com elas pelo zelador. E depois? É claro que vocês vão levar as coisas ao interceptador e, naturalmente, vão receber uma mixaria. Eu conheço bem esses sanguessugas. Da parte de vocês, o perigo de espancamento e até mesmo de prisão. E eles ficam de braços cruzados, e recebem a parte do leão.

– É verdade mesmo – assentiu a voz.

– E como não seria verdade? – gritei, eufórico. – Claro que é verdade. É o maldito princípio capitalista. Viver do trabalho alheio... Veja só: será que são vocês que estão roubando? Estão sendo roubados! Por acaso são vocês que causam danos? Não, esses sanguessugas são mil vezes piores!! Camarada! Caro amigo! Eu lhe falo de todo o coração: essas coisas são caras para mim, por diversas razões, e sem despertador, eu, amanhã mesmo, vou perder a hora. Mas *vocês* o que vão ganhar com elas? Mixaria. Um troco. Pois nem cinquenta vão ganhar por elas.

– Nem isso! – disse, com um suspiro desolado. – Queira Deus que a gente arranque metade disso.

– Queridos amigos! Vejo que já estamos nos entendendo uns aos outros... Eu tenho dinheiro em casa, é verdade, cento e quinze rublos. Sem mim, de todo modo, vocês não vão encontrá-lo. Mas eu vou lhes dizer onde está. Vocês podem pegar cem para vocês (quinze eu vou precisar amanhã para os gastos) e vão embora. Não vai haver queixa na polícia nem busca. É simplesmente um trato particular entre camaradas, ninguém tem nada a ver com isso. Vocês querem?

– Isso é meio estranho – disse o ladrão, indeciso – (se eu o tivesse visto, acrescentaria "coçando a nuca", pois ele tinha o tom de voz de uma pessoa coçando a nuca). – Porque nós já entrouxamos toda a prata.

– Então, fazer o quê...? Deixe assim como está, eu arrumo depois.

– Ah, senhor... – falou de modo estranho o ladrão, vacilante – E se a gente levar o dinheiro com as coisas junto, hem?

– Meus queridos! Vocês não são bichos, são? São tigres? Tenho certeza de que, no fundo da alma, vocês dois são pessoas muito dignas. Não é assim?

– Sabe como é? A nossa é uma vida de cachorro...

– E vocês acham que eu não entendo?! Senhor! Vocês disseram bem: de cachorro. Mas eu acredito em vocês, entendam – acredito. Então, se vocês me derem a sua palavra de que não vão mexer em nada, eu vou dizer diretamente: o dinheiro está em tal lugar. Só que me deixem quinze rublos. Amanhã vou precisar. Vão deixar, não é?

O ladrão riu, meio confuso, e disse:

– Que seja, vamos deixar.

– E não vão levar as coisas?

– Tudo bem. Deixe que fiquem. Na verdade, com elas só vamos ter problemas.

– Muito bem! Obrigado, então. Na escrivaninha há uma caixa para envelopes, azul. Em cima tem envelopes e papel; em baixo, dinheiro. Quatro notas de vinte e cinco e três de cinco. Concordam que vocês nem teriam ideia de olhar nessa caixa. Pois bem. Não se esqueçam de apagar a luz quando saírem. Vocês entraram pela porta de serviço?

– Isso mesmo.

– Pois bem. Em todo o caso, quando saírem, tranquem a porta com a chave para que ninguém entre. Se encontrarem o zelador na escada, digam: "Trouxemos os impressos". Sempre trazem para mim. Então, por enquanto é só. Adeus, passem bem.

– E onde colocamos a chave da porta?

– No canto esquerdo, embaixo do segundo degrau. Não quebraram o despertador?

– Não, funciona direitinho.

– Ah, graças a Deus! Boa noite para vocês.

Quando voltei para casa, no chão da sala de jantar havia uma trouxa com as coisas e, perto dela, três notas de cinco rublos com um bilhete:

"Pusemos o despertador no quarto. A gola do casaco está roída de traça. Dê bronca na empregada. Olhe bem – você prometeu não dar queixa. Grisha e Serguei.".

Todos os meus amigos dizem que eu sei me virar muito bem na vida cotidiana. Não sei. Talvez. Talvez.

❧

HOSPITALIDADE MOSCOVITA

– Oh! Kuzmá Iványtch!.. Chegou bem na hora do almoço... Sente-se. O quê? Já almoçou? Bobagem, bobagem! Não quero nem ouvir. Um copinho de vodka? Um pouquinho de balyk? Não, não! Nem pense em recusar... Deixe disso... Almoce de novo! O quê? Eu não vou deixar o senhor ir! Agáfia! Esconda o gorro dele! Parfión, faça ele sentar! Mas aonde o senhor vai? Segurem-no! Ha-ha... Ele quis fugir... Não, irmão... Um copo de vodka você vai tomar! Segurem a cabeça dele... Ah, aí está! Pronto!.. Não foi nada, não foi nada. Tome aqui, kulebiaka como tira-gosto. Quê? Não tem problema que ele engasgou... Enfiem a kulebiaka na boca dele. Onde está o madeira? Despejem o madeira na boca! Não um copinho! Um copo! O quê? Não está respirando? Ha-ha! Está fingindo... Levantem a cabeça dele, vou colocar zubróvka dentro... Isso mesmo! Parfión! Um pedaço de balyk para ele. Mas não enfie o balyk inteiro, seu pedaço de asno! Está vendo – rasgou a boca... Não está entrando? Vá enfiando com o garfo. Deixe o lugar livre... Isso. Agora meta pra dentro a ukhá ... O quê? Está escorrendo pelo nariz? Tampe o nariz! Enfiou o esturjão? Vá amassando com o garfo! Derrame o vinho do Porto. Ha-ha... Não está respirando? Empurre com o garfo. Quê..? Então, pegue alguma coisa mais comprida... Isso... Vá socando, vá socando... O quê? Será que não está respirando mesmo? (Pausa) Está morto... Mas que desgraça! Estava indo tão bem... Bem, como se diz, que Deus o tenha na Morada dos Justos... Deus guarde sua alma. Parfión, vamos beber pelo recém-falecido!

A MÁGICA DO GRANDE CINEMA

Vamos nos distrair da vida.

Vamos sonhar. Podemos começar então?

Sente-se, por favor, nessa poltrona macia em que se afunda quase até o pescoço. Vou jogar mais carvão na lareira e você acende esse cigarro. Nada mal esse *bolívar*, não é mesmo? Eu gosto quando, na penumbra do escritório, faísca a brasa de um cigarro como um olho de tigre. Bem, enchamos mais uma vez nossas taças com esse xerez dourado escuro – veja quanto pó se juntou na garrafa – uma poeira secular, nobre – e agora escute...

* * *

Uma vez, no cinematógrafo, eu vi uma cena surpreendente:

O mar. A orla. Um rochedo do tipo alto e escarpado, de umas dez braças. Subitamente, perto dele, a água começou a ferver e emergiu uma cabeça humana, e eis que o homem, como uma bola gigante que ricocheteou no chão, voou dez braças acima, parou no cimo da rocha – totalmente seco e fez um sinal da cruz assim: primeiro seus dedos tocaram o ombro esquerdo, depois o direito, depois o peito, e por fim, a testa.

Vestiu-se rapidamente e se afastou do mar de costas, recuando como um lagostim. Abanou com a mão, e o toco do cigarro que estava no chão pulou para o meio de seus dedos. O homem se pôs a fumar, aspirando a fumaça que nascia no ar. À medida que ele fumava, o cigarro se tornava cada vez maior, por fim, ficou completamente novo, acabado de acender. O homem aproximou dele um fósforo que saltou do solo em sua mão, tirou do bolso uma caixa de fósforos, riscou um aceso na caixa, fazendo com que apagasse, guardando-o na caixinha; o cigarro que estava em sua boca, ele enfiou de volta na cigarreira, agachou-se e o cuspe do chão saltou-lhe diretamente na boca. E de novo ele foi andando para trás como lagostim. Em casa, sentou-se diante de um prato e de um copo vazios, verteu da boca para o copo alguns goles de vinho tinto e se pôs a tirar da boca com o garfo bocados de franguinho de leite, colocando-os de volta no prato, onde, sob a faca, eles se juntavam em um todo. Quando o franguinho saiu inteiro de sua garganta, aproximou-se um lacaio, e, pegando o prato, levou o franguinho para a cozinha para grelhar... O cozinheiro o colocou na frigideira, depois o retirou cru, cobriu-o de penas, passou a faca em seu pescoço, o que fez com que o franguinho revivesse e corresse alegremente pelo quintal.

* * *

Você compreende, é claro, o que aconteceu aqui: trata-se de um filme comum retratando atos humanos comuns, porém, mostrados na ordem inversa.

Ah, se a nossa vida fosse como uma fita de cinema obediente...!

É só girar a manivela para trás – e começa...

Diante de mim está um papel coberto das linhas desta crônica. Subitamente a pena começa a se mover de trás para frente, como se ela apagasse o escrito, e quando diante de mim há uma folha em branco, eu pego o chapéu, a bengala e recuo até a rua...

A fita farfalha, desenrolando-se ao contrário. Estamos em setembro do ano retrasado. Sento-me no vagão, o trem dá marcha à ré e avança sobre Petersburgo. Em Petersburgo, coisas estranhas: estão indo embora da Avenida Niévski, retirando suas mercadorias, as vendedoras de arenques, de pepinos, de maçãs e os soldados que não estão na guerra e vendem cigarros... Os decretos bolchevistas voam das paredes como cascas de cebola, e novamente as paredes dos prédios estão limpas e bonitas. Eis que a todo vapor chega de marcha à ré o automóvel de Aleksandr Fiódorovitch Kêrenski[2]. Voltou?!

Gire o filme, Mitka, mais rápido!

Ele se mudou para o palácio de inverno, e ali o filme continua cada vez mais veloz: Lênin e Trotski saíram com a turma, de costas, do casarão de Kchescínskaia, foram de trás para frente até a estação central, sentaram-se no vagão deslacrado, o qual em seguida foi lacrado, e o bando todo foi de costas até a Alemanha.

E agora vem uma cena ainda mais agradável: Kêrenski, de costas, sai voando do palácio de inverno – já estava na hora, – pula em cima da mesa e faz comício aos trabalhadores: “Camaradas! Se eu os abandonar, podem matar-me com suas próprias mãos! Estarei com vocês até a morte!”.

Mentiu, o canalha... Como, às vezes, é útil passar o filme ao contrário!

Passou em um relance a revolução de fevereiro. É engraçado ver como as balas de metralhadora voam para fora dos corpos das pessoas deitadas, como elas voam voltando para o cano das metralhadoras, como os mortos se levantam de um pulo e correm de trás para frente abanando as mãos.

---

[2] Aleksandr Fiódorovitch Kerenski (1881-1970): político socialdemocrata, primeiro-ministro do Governo Provisório de 20 de julho a 7 de novembro de 1917. (n.t.)

Gire, Mitka, gire!

Rasputin saiu voando do palácio do czar e voltou à sua Tiumén. Pois a fita está voltando...

* * *

A vida torna-se cada vez mais barata... Nas feiras, abundância de pães, carnes e todo tipo de coisas comestíveis.

E eis que a horrível guerra se desmancha como um bloco de neve sobre um fogão incandescente; os mortos levantam-se da terra e pacificamente são levados de volta às suas casernas. A convocação rapidamente se transforma em desmobilização, e eis que está Guilherme Hohenzollern na sacada diante de seu povo, mas suas terríveis palavras, palavras de uma aranha sanguessuga sobre a declaração de guerra, não saem de sua boca, mas, ao contrário, ele as engole apanhando-as com os lábios no ar. Ah, se você se engasgasse com elas!...

Mitka, gire, gire, meu garoto!

Em um piscar de olhos surgem, nesta ordem, a quarta Duma, a terceira, a segunda e a primeira, e eis que na tela desenham-se com clareza os detalhes sórdidos dos Pogroms de outubro.

No entanto, isso aqui já não causa medo. Os participantes dos Pogroms arrancam suas facas do peito dos assassinados que se mexem, levantam-se e fogem, as plumas que voam no ar juntam-se novamente nos colchões dos judeus e tudo recupera o seu aspecto anterior.

E que multidão em júbilo é esta que joga milhares de gorros para cima; que rostos radiantes são estes em que correm lágrimas de emoção?!

Por que, diabos, pessoas desconhecidas estão se beijando! Ah, é o manifesto de 17 de outubro, dado por Nicolau II para a Rússia livre...

Parece que esse foi o momento mais feliz de toda a nossa vida!

– Mitka! Pare! Diabos! Pare o filme, não gire mais! Ou quebro suas mãos!...

Que ele pare. Que congele.

– Jornaleiro? Quanto é o jornal? Cinco?

– Cocheiro! Cinquenta para me levar até a rua Koniúchenuia, até o Medved. Vá mais rápido, que lhe darei mais dez! Olá! Quero um almoço, uma taça de conhaque e uma garrafa de champanhe. Pois, como não beber de alegria... Parabéns pelo Manifesto! Quanto é tudo? Catorze e cinquenta? E

por que aqui são dez rublos a garrafa de champanhe quando no Viena são oito? Como podem roubar o público de modo tão descarado? Mitka, não gire mais! Pare. Pelo menos porque estamos nos vendo quinze anos mais jovens, quase garotos. Ah, quantas esperanças, como nós amávamos e como éramos amados...

* * *

Mas por que você não está tomando o seu xerez? A lareira apagou e não consigo ver direito na penumbra cinza – por que seus ombros estremecem de modo tão estranho: você está rindo ou está chorando?

A estranha
Arthur Schnitzler

O texto: Publicado pela primeira vez em 1902, no jornal *Neue Freie Presse*, de Viena, e depois, em 1907, no livro *Dämmerseelen*, no conto "Uma estranha", Arthur Schnitzler oferece, através de seu apreço pela psicologia, mais uma oportunidade de análise do comportamento social e mental humano ao início do século XX. Em suas páginas, narra a trágica história de Albert, um sujeito simples e de poucas emoções na vida, que um certo dia conhece uma mulher misteriosa chamada Katharina, dona de um passado turbulento e de um comportamento bastante peculiar, literalmente, "uma estranha", por quem se apaixona perdidamente.

Texto traduzido: Schnitzler, Arthur. "Die Fremde". In. *Gesammelte Werke. Die erzählenden Schriften* - Band 1. Verlag: Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, 1961, pp. 551-559.

O autor: Arthur Schnitzler (1862-1931), escritor e dramaturgo austríaco, nasceu em Viena. Médico de profissão e amigo de Freud, interessava-se pelo estudo da sugestão e da hipnose, cujas fontes serviram de base para à sua escrita, que se caracteriza pelo uso do "fluxo de consciência", técnica que confere à atividade subconsciente de seus personagens um papel principal em suas tramas. Schnitzler explorava temáticas socialmente provocativas, questionando tabus ainda vigentes na Viena de *fin de siècle*, além de combater o antissemitismo crescente a princípios do século XX. Entre suas obras, destacam-se *Lieutnant Gustl* (1901), *Reigen* (1903) e *Traumnovelle* (1926).

O tradutor: Nestor Alberto Freese é graduado em Letras Alemão e mestre em Estudos da Tradução pela UFSC. Atua como professor de língua alemã, português para estrangeiros, literatura, teoria literária e teoria da tradução. É tradutor voluntário de documentos do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva em Blumenau. Tem pesquisas publicadas nas áreas de ensino de língua estrangeira, cinema, crítica da tradução, entre outras.

Die Fremde

“War sie ihm geradeso fremd, als an dem Abend,
da er sie kennen gelernt hatte.”

Arthur Schnitzler

Als Albert um sechs Uhr früh erwachte, war das Bett neben ihm leer, und seine Frau war fort. Auf ihrem Nachttisch lag ein beschriebener Zettel. Albert langte nach ihm und las folgende Worte: »Mein lieber Freund, ich bin früher aufgewacht als du. Adieu. Ich gehe fort. Ob ich zurückkommen werde, weiß ich nicht. Leb wohl. Katharina.«

Albert ließ den Zettel auf die weiße Bettdecke sinken und schüttelte den Kopf. Ob sie nun heute wiederkam oder nicht – es war ja doch ziemlich gleichgültig. Er wunderte sich weder über Inhalt, noch über Ton des Briefes. Es war nur ein wenig früher gekommen, als er erwartet. Vierzehn Tage hatte das ganze Glück gewährt. Was lag daran? Er war bereit.

Langsam erhob er sich, warf den Schlafrock um, tat ein paar Schritte zum Fenster hin und öffnete es. Die Stadt Innsbruck lag in friedlich stillem Morgenschein zu seinen Füßen, und in der Ferne ragten unruhige Felsen in das blaue Licht. Albert kreuzte die Arme über der Brust und sah ins Freie. Ihm war sehr weh ums Herz. Er dachte, wie doch alle Voraussicht und selbst ein vorgefaßter Entschluß ein schweres Geschick nicht leichter, sondern nur mit besserer Haltung tragen ließen. Er zögerte eine Weile. Aber was sollte er jetzt noch abwarten? War es nicht das beste, gleich ein Ende zu machen? War nicht schon die Neu gier, die ihn quälte, ein Verrat an seinen Vorsätzen? Sein Los mußte sich erfüllen. Entschieden war es doch schon gewesen, als er vor zwei Jahren beim Tanze das erstemal den kühlen Hauch der geheimnisvollen Lippen seine Wange streifen fühlte.

Er erinnerte sich, wie er in jener Nacht mit seinem Freunde Vincenz nach Hause gegangen war. An alles mußte er denken, was ihm Vincenz damals erzählt hatte; und der zarte Ton früher Warnung klang ihm wieder im Ohr. Vincenz wußte mancherlei über Katharina und ihre Familie. Der Vater war als Oberst eines Artillerie-Regimentes während des bosnischen Feldzuges in den Freiherrnstand erhoben worden und fiel durch die Kugel eines Insurgenten. Ihr Bruder war Kavallerie-Leutnant gewesen und hatte sein Erbteil rasch durchgebracht; später opferte die Mutter, um den Sohn vor dem Schlimmsten zu bewahren, ihr ganzes Vermögen auf; das half aber nicht für lange, und bald darauf erschoß sich der junge Offizier. Nun stellte der Baron Maaßburg, der als Bräutigam Katharinens galt, seine Besuche in dem Hause ein. Man brachte das nicht nur mit den nunmehr erklärt ärmlichen Verhältnissen der Familie in Zusammenhang, sondern auch mit einer merkwürdigen Szene, die sich während des Leichenbegängnisses zugetragen hatte. Katharina war einem ihr bis dahin ganz unbekannten Kameraden ihres Bruders schluchzend in die Arme gefallen, als wäre er ihr Freund oder Verlobter. Ein Jahr später wurde sie von einer heftigen Schwärmerei für den berühmten Orgelspieler Banetti erfaßt. Er verließ Wien, ohne daß sie ihn jemals gesprochen hatte. Eines Morgens erzählte sie ihrer Mutter den Traum, daß Banetti zu ihnen ins Zimmer getreten, auf dem Klavier eine Fuge von Bach gespielt, dann rücklings zu Boden gestürzt und tot dagelegen war, während sich die Decke öffnete und das Klavier in den Himmel schwebte. Am selben Tage traf die Nachricht ein, daß sich Banetti in einem kleinen lombardischen Dorf von der Kirchturmspitze in den Friedhof hinabgestürzt hatte und tot zu Füßen eines Kreuzes liegen geblieben war. Bald darauf begannen sich bei Katharinen die Anzeichen einer Gemütskrankheit zu zeigen, die sich allmählich bis zu tiefster Versunkenheit steigerte; nur der dringende Widerstand der Mutter und deren fester Glaube an die Genesung Katharinens hielt die Ärzte davon ab, das Mädchen in eine Anstalt zu bringen. Ein ganzes Jahr brachte Katharina tagsüber einsam und schweigend hin; aber nachts erhob sie sich zuweilen aus dem Bette und sang einfache Lieder wie in früherer Zeit. Allmählich, zum größten Staunen der Ärzte, erwachte Katharina aus ihrem Trübsinn. Sie schien dem Leben, ja der Freude wiedergegeben. Bald nahm sie Einladungen, zuerst nur in engere Zirkel an; der Bekanntenkreis breitete sich wieder aus, und als Albert sie auf dem Weißen Kreuz-Ball kennen lernte, war sie ihm von einer solchen Ruhe des Gemütes erschienen, daß er den Erzählungen seines Freundes auf dem Heimweg nur zweifelnd zu folgen vermochte.

Albert von Webeling, der früher nicht sehr viel in der Welt verkehrt hatte, war durch den guten Namen seiner Familie, durch seine Stellung als Vize-Sekretär in einem Ministerium leicht in die Lage versetzt, in den Kreisen Katharinens Zutritt zu finden. Jede Begegnung vertiefte seine Neigung für sie. Katharina trug sich immer einfach, aber ihre hohe Gestalt und ganz besonders ihre einzige, ja königliche Weise, das Haupt zu neigen, wenn sie jemandem zuhörte, verlieh ihr eine Vornehmheit von ganz eigener Art. Sie sprach nicht viel, und ihre Augen pflegten oft, wenn sie in Gesellschaft war, wie in eine für die andern unzugängliche Ferne zu blicken. Die jüngeren Herren behandelte sie mit einiger Unachtsamkeit, lieber unterhielt sie sich mit reiferen Männern von Rang oder Ruf. Und, wieder ein Jahr, nachdem Albert sie kennen gelernt hatte, verlobte sie das Gerücht mit dem Grafen Rummingshaus, der eben von einer Forschungsreise in Tibet und Turkestan heimgekehrt war. Damals wußte Albert, daß der Tag, an dem Katharina einem andern die Hand zur Ehe reichte, der letzte seines Lebens sein würde, und er, dessen Dasein bis zu seinem dreißigsten Jahr unbeirrt hingeflossen war, begriff mit einem Male alle Gefahren und allen Wahnsinn, in die heftige Leidenschaft den besonnensten Mann zu stürzen vermag. Von seiner Nichtigkeit Katharinen gegenüber war er völlig durchdrungen. Er hatte sein anständiges Auskommen und konnte als Junggeselle ein recht behagliches Leben führen, aber Reichtum hatte er von keiner Seite zu erwarten. Eine sichere, aber gewiß nicht bedeutende Laufbahn stand ihm bevor. Er kleidete sich mit großer Sorgfalt, ohne jemals wirklich elegant auszusehen, er redete nicht ohne Gewandtheit, hatte aber niemals irgend etwas Besonderes zu sagen, und er war stets gerne gesehen, ohne jemals aufzufallen. Und so fühlte er, daß ein Wesen, geheimnisvoll und gleichsam aus einer andern Welt wie Katharina, sich tief zu ihm herablassen müßte, wenn er sie gewinnen wollte, und daß sie jedenfalls von ihm verlangen durfte, ein unverdientes Glück teuer zu bezahlen. Da er sich aber zu jedem Opfer bereit wußte, schien er sich auch allmählich ihrer würdig zu werden. Eines Morgens erfuhr er, daß der Graf nach Galizien abgereist war, ohne sich erklärt zu haben; mit einer Entschlossenheit, die sonst seine Art nicht war, hielt er den rechten Augenblick für gekommen und begab sich zu Katharina.

Wie weit schien ihm nun jene Stunde zu liegen!

Er sah das Zimmer im Schottenhof vor sich, weitläufig und gewölbt, aber niedrig, mit alten, gut gehaltenen Möbeln, sah den vereinsamten dunkelroten Fauteuil am Fenster stehen, das offene Piano mit den aufgeschlagenen Noten, den runden Mahagonitisch, darauf das Album mit dem

Perlmutterdeckel und die Visitkartenschale aus Alt-Meißner Porzellan. Und er erinnerte sich, wie er in den geräumigen Hof hinuntergeblickt hatte, durch den eben viele Leute von der Palmsonntagmesse aus der gegenüberliegenden Schottenkirche kamen. Während die Glocken läuteten, trat Katharina mit ihrer Mutter aus dem Nebenzimmer herein und war nicht so erstaunt über seinen Besuch, als er eigentlich erwartete. Sie hörte ihm freundlich zu und nahm seinen Antrag an, kaum in größerer Bewegung, als wenn er die Einladung zu einem Ball überbracht hätte. Die Mutter, immer mit dem verbindlichen Lächeln der Schwerhörigen, saß still in der Diwan-Ecke und führte ihren kleinen schwarzen Seidenfächer manchmal ans Ohr. Während des ganzen Gesprächs in dem kühlen, sonntagsstillen Zimmer hatte Albert die Empfindung, als wäre er in eine Gegend gekommen, über die durch lange Zeit heftige Stürme gejagt hätten, und die nun eine große Sehnsucht nach Ruhe atmete. Und als er später die graue Treppe hinunterschritt, ward ihm nicht die beseligende Empfindung eines erfüllten Wunsches, sondern nur das Bewußtsein, daß er in eine wohl wundersame, aber Ungewisse und dunkle Epoche seines Lebens eingetreten war. Und wie er so durch den Sonntag spazierte, von Straße zu Straße, durch Gärten und Alleen, den Frühjahrshimmel über sich, an manchen fröhlichen und unbekümmerten Menschen vorbei, da fühlte er, daß er von nun an nicht mehr zu diesen gehörte, und daß über ihm ein Geschick anderer und besonderer Art zu walten begann.

Jeden Abend saß er nun oben in dem gewölbten Zimmer. Zuweilen sang Katharina mit einer angenehmen Stimme, aber beinahe völlig ausdruckslos, einfache, meist italienische Volkslieder, zu denen er sie auf dem Klavier begleitete. Nachher stand er oft mit ihr bis zum späten Abend am Fenster und sah in den stillen Hof hinab, wo die Bäume grünten und knospten. An schönen Nachmittagen traf er manchmal im Belvederegarten mit ihr zusammen; dort war sie meist schon lang gesessen und hatte den Kinderspielen zugesehen. Wenn sie ihn kommen sah, stand sie auf, und dann spazierten sie auf den besonnten Kieswegen auf und ab. Anfangs redete er manchmal von seiner früheren Existenz, von den Jugendjahren im Grazer Elternhaus, von der Studienzeit in Wien, von Sommerreisen, und er wunderte sich nur über die Schattenhaftigkeit, in der beim Versuch erinnernden Gestaltens ihm selbst sein bisheriges Leben erschien. Vielleicht lag es auch daran, daß Katharina allen diesen Dingen nicht das geringste Interesse entgegen brachte. Seltsame Dinge ereigneten sich, die an sich ohne Bedeutung sein mochten, die aber jedenfalls ohne Erklärung blieben. So begegnete Albert eines Tages um die Mittagsstunde seiner Braut auf dem

Stephansplatz in Gesellschaft eines in Trauer gekleideten, eleganten Herrn, den er früher nie gesehen hatte. Albert blieb stehen, aber Katharina grüßte kühl, und ohne sich um ihn zu kümmern, ging sie mit dem fremden Herrn weiter. Albert folgte ihr eine Weile, der Herr stieg in einen Wagen, der an einer Straßenecke auf ihn wartete, und fuhr davon. Katharina ging nach Hause. Als Albert sie abends fragte, wer jener Herr gewesen wäre, sah sie ihn befremdet an, nannte einen ihm gänzlich unbekannten polnischen Namen und zog sich für den Rest des Abends auf ihr Zimmer zurück. Ein anderes Mal ließ sie abends lang vergeblich auf sich warten. Endlich erschien sie, als es zehn Uhr schlug, mit einem Strauß von Feldblumen in der Hand und erzählte, daß sie auf dem Lande gewesen und auf einer Wiese eingeschlafen sei. Die Blumen warf sie zum Fenster hinab. Einmal besuchte sie mit Albert das Künstlerhaus und stand lang mit ihm vor einem Bild, das eine einsame grüne Höhenlandschaft mit weißen Wolken drüber vorstellte. Ein paar Tage darauf sprach sie von dieser Gegend, als wäre sie in Wirklichkeit über diese Höhen gewandelt, und zwar als Kind in Gesellschaft ihres verstorbenen Bruders. Zuerst glaubte Albert, daß sie scherzte, allmählich aber merkte er, daß das Bild für sie in der Erinnerung gleichsam lebendig geworden war. Damals fühlte er, wie sich sein Staunen in ein schmerzliches Grauen zu verwandeln begann. Aber je unfaßlicher ihm ihr Wesen zu entgleiten schien, um so hoffnungslos dringender rief seine Sehnsucht nach ihr. Zuweilen gelang es ihm, sie von ihrer Jugend reden zu machen. Doch alles, was sie berichtete, Erzählungen wirklicher Geschehnisse und Geständnisse ferner Träumereien, schwebte wie im gleichen matten Schimmer vorüber, so daß Albert nicht wußte, was sich ihrem Gedächtnis lebendiger eingeprägt: jener Orgelspieler, der sich vom Kirchturm herabgestürzt hatte, der junge Herzog von Modena, der einmal im Prater an ihr vorübergeritten war, oder ein Van Dyckscher Jüngling, dessen Bildnis sie als junges Mädchen in der Liechtenstein-Galerie gesehen hatte. Und so dämmerte auch jetzt ihr Wesen hin, wie nach unbekannten oder Ungewissen Zielen, und Albert ahnte, daß er nichts anderes für sie bedeutete als irgend einer, dem sie in einer Gesellschaft zu einer Runde durch den Saal den Arm gereicht hätte. Und da ihm jede Kraft gebrach, sie aus ihrer verschwommenen Art des Daseins emporzuziehen, fühlte er endlich, wie ihn der verwirrende Hauch ihres Wesens zu betäuben und wie sich allmählich seine Weise zu denken, ja selbst zu handeln, aller durch das tägliche Leben gegebenen Notwendigkeit zu entäußern begann. Es fing damit an, daß er Einkäufe für den künftigen Hausstand machte, die seine Verhältnisse weit überstiegen. Dann schenkte er seiner Braut Schmuckge-

genstände von beträchtlichem Wert. Und am Tage vor der Hochzeit kaufte er ein kleines Häuschen in einer Gartenvorstadt, das ihr auf einem Spaziergang gefallen hatte, und überbrachte ihr am selben Abend eine Schenkungsurkunde, durch die es in ihren alleinigen Besitz überging. Sie aber nahm alles mit der gleichen Freundlichkeit und Ruhe hin, wie früher den Antrag seiner Hand. Gewiß hielt sie ihn für reicher, als er war. Im Anfang hatte er natürlich daran gedacht, auch über seine Vermögensverhältnisse mit ihr zu reden. Er schob es von Tag zu Tag hinaus, da ihm die Worte versagten; aber endlich kam es dahin, daß er jede Aussprache über dergleichen Dinge für überflüssig hielt. Denn wenn sie über ihre Zukunft redete, so tat sie das nicht wie jemand, dem ein vorgezeichneter Weg ins Weite weist; vielmehr schienen ihr alle Möglichkeiten nach wie vor offen zu stehen, und nichts in ihrem Verhalten deutete auf innere oder äußere Gebundenheit. So wußte Albert eines Tages, daß ihm ein unsicheres und kurzes Glück bevorstand, daß aber auch alles, was folgen könnte, wenn Katharina ihm einmal entschwunden war, jeglicher Bedeutung für ihn entbehrte. Denn ein Dasein ohne sie war für ihn vollkommen undenkbar geworden, und es war sein fester Entschluß, einfach die Welt zu verlassen, sobald ihm Katharina verloren war. In dieser Sicherheit fand er den einzigen, aber würdigen Halt während dieser wirren und sehnsuchtsvollen Zeit.

Am Morgen, da Albert Katharina zur Trauung abholte, war sie ihm geradeso fremd, als an dem Abend, da er sie kennen gelernt hatte. Sie wurde die Seine ohne Leidenschaft und ohne Widerstreben. Sie reisten miteinander ins Gebirge. Durch sommerliche Täler fuhren sie, die sich weiteten und engten; ergingen sich an den milden Ufern heiter bewegter Seen und wandelten auf verlorenen Wegen durch den raunenden Wald. An manchen Fenstern standen sie, schauten hinab zu den stillen Straßen verzauberter Städte, sandten die Blicke weiter den Lauf geheimnisvoller Flüsse entlang, zu stummen Bergen hin, über denen blasse Wolken in Dunst zerflossen. Und sie redeten über die täglichen Dinge des Daseins wie andre junge Paare, spazierten Arm in Arm, verweilten vor Gebäuden und Schaufenstern, berieten sich, lächelten, stießen mit weingefüllten Gläsern an, sanken Wange an Wange in den Schlaf der Glücklichen. Manchmal aber ließ sie ihn allein, in einem matthellen Gasthofzimmer, darin alle Trauer der Fremde dämmerte, auf einer steinernen Gartenbank unter Menschen, die sich des duftenden Blütentags freuten, in einem hohen Saal vor dem gedunkelten Bild eines Landsknechts oder einer Madonna, und niemals wußte er in solcher Stunde, ob Katharina wiederkehren würde oder nicht. Denn

unablässig und untrüglich in ihm wie der Schlag seines Herzens war das Gefühl, daß nichts sich geändert hatte seit dem ersten Tag, daß sie frei war wie je und er ihr völlig verfallen.

So kam es, daß ihr Verschwinden heute früh nach einer Hochzeitsreise von vierzehn Tagen, daß auch ihr seltsamer Brief ihn nur erschüttert hatte, ohne ihn eigentlich zu überraschen. Er hätte sie und sich zu erniedrigen geglaubt, wenn er geforscht hätte. Wer sie ihm genommen hatte, ob eine Laune, ob ein Traum, ob ein lebendiger Mensch, war ja völlig gleichgültig; er wußte nichts und brauchte nicht mehr zu wissen, als daß sie ihm nicht mehr gehörte. Vielleicht war es sogar gut, daß das Unvermeidliche so früh gekommen war. Sein Vermögen war durch den Kauf des Hauses auf das Geringste zusammengeschmolzen, und von seinem kleinen Gehalt konnten sie beide nicht leben. Mit ihr von Einschränkungen und von den gewöhnlichen Sorgen des Alltags zu reden, wäre ihm in jedem Fall unmöglich gewesen. Einen Moment fuhr es ihm durch den Sinn, von ihr Abschied zu nehmen. Sein Blick fiel auf die Bettdecke, wo der beschriebene Zettel lag. Der flüchtige Einfall kam ihm, auf die weiße Seite ein kurzes Wort der Erklärung hinzuschreiben. Aber in der deutlichen Empfindung, daß ein solches Wort für Katharina nicht das geringste Interesse haben könnte, stand er wieder davon ab. Er öffnete die Handtasche, steckte seinen kleinen Revolver zu sich und gedachte, irgendwo hinaus vor die Stadt zu wandern, um dort mit Anstand, und ohne jemanden zu stören, seine Tat zu verüben.

Ein Sommermorgen von dunkelblauer Klarheit und vorzeitiger Schwüle lag über der Stadt. Albert ging geradeaus fort. Er war noch nicht hundert Schritte weit vom Hotel entfernt, als er Katharinens Gestalt vor sich erblickte. Sie hielt ihren grauseidenen Sonnenschirm in der Hand und ging langsam des Weges. Die erste Regung Alberts war, in eine andere Straße abzubiegen; aber eine Macht, die heftiger war als alle seine Vorsätze und Überlegungen, drängte ihn, ihr zu folgen, um sich nun doch die Gewißheit zu verschaffen, der er vor einer Minute noch mit Gleichgültigkeit gegenüberzustehen geglaubt hatte. Er bekam sogar einige Angst, daß sie sich umwenden und ihn entdecken könnte. Sie nahm den Weg dem Hofgarten zu, er hielt sich in gemessener Entfernung. Jetzt war sie bei der Hofkirche angelangt, deren Tor offen stand. Sie trat ein. Albert folgte ihr nach einigen Augenblicken. Er blieb in der Nähe des Einganges im tiefsten Schatten stehen; er sah, wie Katharina langsam durch das Mittelschiff zwischen den dunklen Bildsäulen der Helden und Königinnen hindurchschritt. Plötzlich hielt sie inne. Albert entfernte sich von dem Platz, wo er bisher gewartet, und schlich in einem weiten Bogen hinter das Grabmal des Kaisers Ma-

ximilian, das gewaltig in der Mitte der Kirche ragte. Katharina stand regungslos vor der Statue des Theodorich. Die Linke auf den Degen gestützt, blickte der erzene Held wie aus ewigen Augen vor sich hin. Seine Haltung war von erhabener Müdigkeit, als sei er sich zugleich der Größe und der Zwecklosigkeit seiner Taten bewußt, und als ginge sein ganzer Stolz in Schwermut unter. Katharina stand vor der Bildsäule und starrte dem Gotenkönig ins Antlitz. Albert blieb einige Zeit in der Verborgenheit, dann wagte er sich vor. Sie hätte die Schritte hören müssen, aber sie wandte sich nicht um; wie gebannt blieb sie auf derselben Stelle. Leute kamen in die Kirche, Fremde mit roten Reisebüchern, man sprach neben ihr, hinter ihr, sie hörte nicht. Es wurde eine Weile stiller, Katharina stand wie früher, in ihrer Bewegungslosigkeit selber einer Bildsäule gleich. Eine neue Viertelstunde und wieder eine verging. Katharina rührte sich nicht.

Albert ging. Am Ausgang wandte er sich noch einmal um; da sah er, wie Katharina nahe an die Statue herangetreten war und mit ihren Lippen den erzenen Fuß berührte. Eilig entfernte sich Albert. Er lächelte. Ein Einfall kam ihm, der ihn mit einer Art von Rührung erfüllte und dessen er sich freute. Nun hatte er noch etwas für die Geliebte zu tun, bevor er dahinging. Er nahm den Weg zu einer Kunsthandlung in der Bahnhofstraße; dort fragte er, ob eine Bronzenachahmung des Theodorich in natürlicher Größe zu beschaffen sei. Ein Zufall wollte er, daß eine solche vor einem Monat fertig geworden war; der Besteller, ein Lord, war gestorben, und die Erben weigerten sich, das Kunstwerk zu übernehmen. Albert fragte nach dem Preis. Er entsprach ungefähr dem Rest seines Vermögens. Albert gab seine Wiener Adresse an und erteilte genaue Weisung, in welcher Art ein Vertrauensmann der Firma die Aufstellung im Garten des Häuschens besorgen sollte. Dann empfahl er sich, eilte durch die Stadt, nahm den Weg durch die Vorstadt Wilten gegen Igls zu, und im Wäldchen erschoß er sich, gerade als die Sonne Mittag zeigte.

Katharina kehrte erst einige Wochen nach diesem Vorfall nach Wien zurück. Indessen war Albert in der Grazer Familiengruft beigesetzt worden. Am Abend ihrer Ankunft stand Katharina eine geraume Weile im Garten vor der Bildsäule, die unter hohen Bäumen einen schönen Platz gefunden. Dann begab sie sich in ihr Zimmer und schrieb einen längeren Brief nach Verona postlagernd an Andrea Geraldini. So hatte sich nämlich ein Herr genannt, der ihr von der Hofkirche aus gefolgt war, als sie Theodorich den Großen verlassen hatte, und von dem sie ein Kind unter dem Herzen trug. Ob das auch der richtige Name des Herrn war, erfuhr sie nie; denn sie erhielt keine Antwort.

A ESTRANHA

"Ela lhe pareceu tão estranha quanto na noite em que a conhecera."

ARTHUR SCHNITZLER

Quando Albert acordou às seis horas, a cama ao seu lado estava vazia e sua mulher havia partido. Em cima de seu criado mudo havia um bilhete escrito à mão. Albert o alcançou e leu as seguintes palavras: "Meu querido amigo, acordei antes de você. *Adieu*. Estou indo embora. Se retorno, não sei dizer. Fique bem. Katharina".

Albert largou o bilhete sobre o lençol branco de cama e balançou a cabeça. Se ela retornasse hoje ou não, lhe era relativamente indiferente. Não se surpreendeu nem com o tom da carta, muito menos com o conteúdo. Só chegara um pouco antes do esperado. Quatorze dias havia durado toda a felicidade. Mas o que isso importa? Ele estava preparado.

Lentamente se levantou, colocou o roupão, deu alguns passos à janela e a abriu. A cidade de Innsbruck se encontrava a seus pés sob a calma e silenciosa luz da manhã, e ao distante horizonte azul, rochas inquietas se projetavam. Alberto cruzou os braços na altura de seu peito e olhou para fora. Seu coração doía. Ele considerou que todo pressentimento ou mesmo uma decisão precipitada não permitiriam suportar o destino tortuoso do modo mais fácil, pois isso só seria possível através de uma atitude mais adequada. Hesitou durante um tempo. Mas o que mais ele deveria esperar agora? Não seria melhor acabar com isso imediatamente? A curiosidade que o atormentava já não seria, de fato, uma traição às suas intenções? Seu destino teve que se cumprir. Isso já havia sido decidido há dois anos quando, durante uma dança, sentiu pela primeira vez o hálito fresco dos lábios misteriosos dela tocarem delicadamente suas bochechas.

Ele se lembrou de como, naquela noite, havia ido para casa em companhia de seu amigo Vincenz. Precisou pensar em todos os detalhes que seu amigo lhe dissera na época. E o tom suave de um aviso preventivo ecoou novamente em seus ouvidos. Vincenz sabia de alguns fatos sobre Katharina e sua família. O pai foi elevado ao posto de barão enquanto servia como coronel de um regimento de artilharia durante a campanha na Bósnia e morreu pela bala de um insurgente. O irmão era tenente da cavalaria e rapidamente deu cabo de sua herança; depois, para salvar o filho do pior, sua mãe sacrificou toda a sua fortuna; isso não ajudou por muito tempo, pois logo em seguida o jovem oficial deu fim à própria vida. Então, o barão de Massburg, considerado noivo de Katharina, cessou suas visitas à sua casa. Esse comportamento era associado não apenas às condições humildes da família há pouco explicadas, mas também a uma cena peculiar que ocorrera durante o funeral. Katharina caiu em prantos nos braços de um dos camaradas de seu irmão, até então desconhecido, como se fosse seu namorado ou noivo. Um ano depois ela foi tomada por uma violenta paixão pelo organista Banetti. Ele deixou Viena sem que ela tivesse falado ao menos uma vez com ele. Certa manhã, ela relatou à sua mãe um sonho em que Banetti entrava em seu quarto, tocava uma fuga de Bach no piano, e em seguida se encontrava morto de costas para o chão enquanto o teto se abria e o piano flutuava no céu. No mesmo dia, ouviu-se a notícia que Banetti se encontrava morto ao pé de uma cruz, pois havia pulado do alto da torre de uma igreja, no cemitério de um pequeno vilarejo da Lombardia. Logo depois, Katharina começou a mostrar sinais de uma doença mental, que aumentou gradualmente até levar a uma profunda depressão; apenas a insistente resistência da mãe e sua forte crença na recuperação de Katharina impediram que os médicos a levassem a um sanatório. Durante um ano inteiro, Katharina permaneceu sozinha e em silêncio durante o dia; mas às vezes, à noite, se levantava da cama e cantava canções simples de tempos remotos. Aos poucos, para a surpresa dos médicos, Katharina despertava de sua melancolia. Parecia transmitir novamente vida e alegria. Em pouco tempo, começou a aceitar convites, inicialmente de círculos sociais mais próximos; logo, o círculo de conhecidos se expandiu novamente, e quando Albert a conheceu no baile da Cruz Branca, ela lhe parecia demonstrar tamanha calma de espírito, que lhe custou acreditar nos relatos de seu amigo a caminho de casa.

Albert von Webeling, que até então pouco havia feito de errado no mundo, adentrava facilmente nos círculos sociais de Katharina, graças ao bom nome de sua família e sua posição como vice-secretário de um ministério. Cada encontro aprofundava sua afeição por ela. Katharina se comportava

sempre modestamente, mas seu porte alto, e principalmente sua peculiar e majestosa maneira de inclinar a cabeça quando prestava atenção em alguém, lhe conferiam um ar de nobreza único. Ela não falava muito e, quando estava em companhia, seus olhos vagueavam distantes, quase como se fossem inacessíveis aos demais. Ela tratava os jovens cavalheiros com certo demérito, preferindo conversar com homens mais maduros de alta posição e reputação. E novamente um ano após Albert a ter conhecido, havia rumores de que estivesse noiva do conde Rumminghaus, que acabara de retornar de uma viagem de pesquisa ao Tibete e ao Turquestão. Daquele momento em diante, Albert soube que, no dia em que Katharina cedesse a mão a outro, este seria o último de sua vida, e ele, cuja existência até o trigésimo aniversário fluía firmemente, de repente entendeu todos os perigos e insanidades capazes de levar o homem mais sensato a mergulhar em uma paixão violenta. Ele foi completamente tomado por sua vaidade em relação a Katharina. Ele tinha um salário honrado e podia, enquanto homem solteiro, levar uma vida confortável, mas não podia esperar riquezas de nenhum dos lados. Uma carreira segura, mas certamente não significativa, estava à sua disposição. Ele se vestia com muito esmero, mas sem parecer muito elegante, falava com muita habilidade, mas nunca tinha algo relevante a dizer, e era sempre bem visto, mas nunca chamava a atenção. E assim acreditava que um ser misterioso e, por assim dizer, de outro mundo como Katharina, teria que se rebaixar muito para que ele pudesse conquistá-la, e que se isso acontecesse, ela teria o direito de pedir um alto preço por essa felicidade imerecida. Como ele estava disposto a qualquer sacrifício, aos poucos começou a se tornar digno de tentar. Certa manhã soube que o conde havia partido para a Galícia sem ter se explicado; com uma determinação que normalmente não era de seu feitio, pensou então que havia chegado o momento certo e pôs-se ao encontro de Katharina.

Como esse momento lhe pareceu distante!

Ele observou o quarto à sua frente na casa de campo que, embora baixo, era espaçoso e arqueado, com móveis antigos e bem conservados, e viu a solitária poltrona vermelho-escura perto da janela, o piano aberto com as teclas à mostra, a mesa redonda de mogno com o álbum revestido de madrepérola e um suporte para cartões de visita confeccionado em porcelana de *Meissen*. E lembrou-se de ter olhado para o amplo pátio pelo qual, naquele momento, pessoas saíam da missa de Domingo de Ramos na *Schottenkirche* que se encontrava ao outro lado da rua. Enquanto os sinos tocavam, Katharina e sua mãe vieram do quarto ao lado e não pareciam tão surpresas com sua visita quanto ele esperara. Ela o ouviu gentilmente e aceitou seu pedido,

sem que transmitisse muita excitação, como se ele lhe tivesse entregado um convite a um grande baile. A mãe, sempre com um o sorriso gentil de quem tem problemas de audição, permanecia sentada no canto do divã e às vezes posicionava seu leque ao lado dos ouvidos. Durante toda a conversa na fria e silenciosa sala dominical, Albert sentiu ter chegado a um lugar que havia sido castigado com violentas tempestades por muito tempo e que agora exalava um grande desejo de paz. E quando mais tarde desceu as escadas, não teve a sensação plena de desejo realizado, mas a consciência de que havia entrado em uma época milagrosa, mas incerta e sombria de sua vida. E no domingo, como costumeiramente passeava, de rua em rua, entre jardins e avenidas sob um céu primaveril, passando por pessoas felizes e despreocupadas, sentia que, de agora em diante, não fazia mais parte disso e que sobre ele se regia um destino especial e único.

Toda noite ele se sentava no andar de cima, na sala abobadada Por vezes, Katharina cantava com voz agradável, mas quase completamente inexpressiva, canções populares simples, em sua maioria italianas, as quais ele acompanhava no piano. Depois disso, costumavam ficar juntos à janela até tarde da noite observando o tranquilo pátio, onde as árvores estavam verdes e floresciam. Nas tardes agradáveis, ele geralmente a encontrava no jardim Belvedere, onde costumava ficar sentada por muito tempo observando as crianças brincarem. Quando ela o via chegar, levantava-se e os dois passeavam para cima e para baixo no caminho de cascalho banhado pelo sol. No início, ele falava sobre seu passado, sobre sua juventude na casa de seus pais em Graz, sobre seus estudos em Viena, sobre as viagens de verão, e só se surpreendia com o fato de como sua vida lhe parecia nebulosa no momento de relatar algo sobre seu passado. Talvez fosse também por Katharina não demostrar o mínimo interesse por todas essas coisas. Coisas estranhas aconteceram, que talvez não fossem significativas, embora, de qualquer forma, tenham ficado sem explicação. Então, certo dia, Albert encontrou sua noiva no Stephanplatz por volta do meio-dia na companhia de um elegante cavalheiro em traje de luto que jamais vira antes. Albert ficou parado, mas ela o cumprimentou friamente, sem lhe oferecer muita atenção, e continuou a caminhar com o estranho cavalheiro. Albert a seguiu por um tempo, o homem desconhecido entrou em um carro que o esperava em uma esquina e partiu. Katharina foi para casa. Quando, à noite, Albert lhe perguntou quem seria aquele cavalheiro, ela olhou para ele estranhamente, proferindo um nome polonês desconhecido e se retirando aos seus aposentos pelo resto da noite. Em outra ocasião, deixou-o esperando em vão até tarde da noite. E de repente, quando o relógio tocou dez horas, apareceu com um buquê de flores

silvestres nas mãos e disse que estava no campo e que havia adormecido no prado. E depois, jogou as flores pela janela. Certa vez, visitou com Albert a galeria de arte e ficou por um longo tempo em frente a uma pintura que representava uma paisagem com uma colina verde solitária sob nuvens brancas. Poucos dias depois, falava dessa região como se já tivesse realmente passeado por ela na infância, em companhia de seu falecido irmão. A princípio, Albert pensou que ela estivesse zombando, mas logo começou a perceber que aquela imagem ganhara vida em sua memória. Foi quando sentiu, então, que seu espanto se transformava em um doloroso pavor. E quanto mais incompreensível lhe parecia a natureza dela, mais desesperadamente seu desejo clamava por ela. Às vezes, ele conseguia fazê-la falar de sua juventude. Mas tudo o que ela relatava, como narrativas de eventos reais ou confissões de sonhos distantes, flutuavam no mesmo brilho sombrio, de modo que Albert não sabia o que estava mais vividamente gravado em sua memória: aquele organista que pulara da torre da igreja, o jovem duque de Modena que passara por ela cavalgando no Prater, ou um jovem pintado por Van Dyck, cujo retrato ela vira quando menina em uma galeria em Lichtenstein. E assim, seu próprio ser também se obscurecia, como se houvesse por traz dela propósitos desconhecidos ou incertos, e Albert pressentiu que ele não significava nada para ela, salvo alguém a quem ela teria dado seu braço, em um baile, para uma volta no salão. E como havia gasto toda sua força na tentativa de tirá-la desse estado existencial, finalmente começou a perceber que estava entorpecido pela respiração confusa de seu ser e que seu modo de raciocinar, ou mesmo de agir, o havia abandonado em todas as necessidades propostas pela vida cotidiana. Pensando em sua futura família, ele começou a fazer compras que excediam em muito suas posses. Depois, começou a presentear sua noiva com joias de valor considerável. E um dia antes do casamento comprou uma pequena casa aos arredores da cidade, da qual ela havia gostado durante um passeio, e na mesma noite lhe entregou um documento que a tornava sua única proprietária. Ela, por sua vez, aceitou tudo com a mesma gentileza e calma que demonstrava antes de ter aceitado o pedido de casamento. Ela certamente o considerava mais rico do que realmente era. No começo, ele havia pensado em falar com ela sobre sua situação financeira. Mas esse assunto ia sendo adiado dia após dia, pois lhe faltavam as palavras; mas, ao fim, começou a considerar supérfluo qualquer comentário sobre o assunto. Porque, quando ela falava sobre o futuro, não o fazia como alguém que aponta um caminho definido em um horizonte distante; em vez disso, todas as opções pareciam ainda abertas para ela, e nada em seu comportamento indicava laços internos ou externos. Então, de repente, Albert se deu conta que

uma felicidade curta e incerta o esperava e que tudo o que ocorresse, caso um dia Katharina desaparecesse, lhe seria completamente dispensável. Pois uma existência sem ela havia se tornado para ele absolutamente inconcebível, e estava obstinadamente decidido a deixar o mundo no mesmo momento em que perdesse Katharina. Nessa certeza, encontrou o único, mas um digno apoio, durante esse confuso e saudoso momento.

Na manhã em que Albert havia ido buscar Katharina para o casamento, ela lhe pareceu tão estranha quanto na noite em que a conhecera. Ela se tornou sua, sem paixão e sem relutância. Viajaram juntos às montanhas; atravessaram vales estivais que se alargavam e estreitavam; caminharam às margens suaves de lagos em movimento ou se embrenharam em caminhos perdidos através de florestas sussurrantes. Pararam em algumas das janelas, olhando as tranquilas ruas das cidades encantadas e dirigindo o olhar para o curso de rios misteriosos, para as montanhas silenciosas sobre as quais nuvens pálidas se dissolviam. E conversavam, assim como outros casais, sobre assuntos cotidianos da vida, passeavam de braços dados, demoravam-se em frente a prédios e vitrines, aconselhavam-se, sorriam, brindavam com taças de vinho, encostavam-se rosto a rosto no sono dos felizes. Mas, às vezes, ela o deixava sozinho no quarto de uma pousada. Ali toda a aflição do desconhecido surgia, em um banco de pedra no jardim, em meio a pessoas que se alegravam com o dia perfumado da floração ainda por vir, em um salão alto em frente a uma pintura escurecida de um lansquenete ou de uma Madonna, e nesses momentos nunca sabia se Katharina retornaria ou não. Porque nele, incessante e inconfundível como as batidas de seu coração, havia a sensação de que nada mudara desde o primeiro dia, que ela era livre como sempre e que ele se entregara a ela completamente.

E assim aconteceu. Tanto seu desaparecimento hoje pela manhã, após uma lua de mel de duas semanas, quanto sua estranha carta, deixaram-no abalado, mas não surpreso. Ele a rebaixaria e se sentiria rebaixado se corresse atrás da verdade. Quem a roubou dele, se foi um capricho, um sonho ou uma pessoa em carne e osso, já lhe era completamente indiferente; ele não sabia e não precisava saber de mais nada além de que ela não lhe pertencia mais. Talvez fosse até bom que o inevitável tivesse chegado tão cedo. Seu patrimônio havia sido reduzido ao mínimo com a compra da casa, e nenhum dos dois conseguiria sobreviver com seu humilde salário. Para ele, falar com ela sobre as limitações e as preocupações com os gastos da vida cotidiana, teria sido impossível. Por um momento, passou por sua mente dizer adeus a ela. Seu olhar caiu sobre o lençol, onde estava o bilhete descrito. Ocorreu-lhe uma ideia fugaz de escrever uma resposta no espaço em branco do bilhete.

Mas novamente se absteve ao considerar que essa resposta poderia não despertar o mínimo de interesse em Katharina. Então, abriu a bolsa, colocou nela seu pequeno revólver e pensou em ir para algum lugar fora da cidade, e lá, sem incomodar ninguém, praticar seu ato com decência.

Uma manhã de verão com claridade azulada e um prematuro calor abafado pairava sobre a cidade. Albert seguiu em frente. Ele não estava a cem passos do hotel quando se deparou com a figura de Katharina. Ela tinha em mãos sua sombrinha de seda cinza e caminhava lentamente. A primeira reação de Albert foi entrar em outra rua; mas uma força que lhe era mais tempestuosa que suas intenções e seus pensamentos, impeliu-o a segui-la, a fim de que pudesse ter a certeza daquilo que, há um minuto, acreditava lhe ser indiferente. Até começou a recear que ela pudesse se virar de repente e vê-lo. Ela pegou o caminho que levava ao Hofgarten, ele se manteve a uma boa distância. Agora ela chegara em frente à igreja, cuja porta estava aberta. Ela entrou. Albert a seguiu após alguns instantes. Ele permaneceu próximo à entrada, na sombra mais escura; ele observou como Katharina caminhava lentamente pela nave da igreja entre as escuras estátuas de guerreiros e rainhas. De repente, ela parou. Albert afastou-se do lugar onde estava esperando e se aproximou silenciosamente de um amplo arco atrás da tumba do Imperador Maximiliano, que se erguia poderosamente no meio da igreja. Katharina ficou imóvel em frente à estátua de Teodorico. Com a mão esquerda apoiada na espada, o enfurecido herói parecia olhar para o infinito à sua frente. Sua postura lhe dava um ar de cansado, como se tivesse ao mesmo tempo consciência da grandeza assim como da futilidade de seus atos, e como se todo o seu orgulho se afogasse em melancolia. Katharina permanecia em frente à estátua e fitava o rosto do rei dos Godos. Albert ficou escondido por mais um tempo e depois se atreveu a seguir em frente. Ela certamente o ouviu caminhar, mas não se virou; continuou no mesmo lugar, como se estivesse enfeitiçada. Pessoas entravam na igreja, estrangeiros com guias de viagens vermelhos, falavam ao seu lado e detrás dela, mas ela nada ouvia. Tudo se tornou silencioso novamente e Katharina se encontrava imóvel como antes, como se fosse uma estátua. Então, mais quinze minutos se passaram. E Katharina ainda não havia se mexido.

Albert foi embora. Na saída, olhou novamente para trás e viu que Katharina se aproximava da estátua e beijava seus pés de bronze. Albert se afastou com rapidez. Ele sorria. Ocorreu-lhe uma ideia que o encheu de emoção e que o deixava alegre. Agora ele precisava fazer algo à sua amada, antes de fazer aquilo que havia proposto para si. Foi a uma loja de artes perto da estação e perguntou se uma imitação de bronze de Teodorico em tamanho real

poderia ser forjada. Uma coincidência permitiu que uma dessas estátuas já estivesse pronta; o cliente, um Lord, havia falecido e os herdeiros se recusaram a assumi-la. Albert perguntou sobre o preço. Era quase equivalente ao resto de seu patrimônio. Albert deu seu endereço em Viena e instruções precisas de como um homem de confiança da loja deveria cuidar da instalação da estátua no jardim da casa. Depois saiu sem se fazer notar e correu pela cidade, passando pelo subúrbio de Wilten em direção a Igls, onde tirou sua própria vida com um tiro na floresta, no exato momento em que o sol marcava meio-dia.

Katharina só retornou a Viena algumas semanas após o incidente. Nesse meio tempo, Albert havia sido enterrado na cripta de sua família em Graz. Na noite de sua chegada, Katharina ficou um longo tempo parada no jardim em frente à estátua, a qual tinha sido posicionada em um belo local sob grandes árvores. Depois, retirou-se a seus aposentos e escreveu uma longa carta a Andrea Geraldini em Verona. Assim ela chamava o cavalheiro que a havia seguido na igreja quando deixara a estátua de Teodorico, e de quem carregava um filho no ventre. Se esse era o verdadeiro nome do cavalheiro, ela nunca soube; pois nunca obteve resposta da carta.

A CASCA DA RAZÃO

OLIVIA HOWARD DUNBAR

O TEXTO: Publicado pela primeira vez pela *Harper's Magazine* em dezembro de 1908, "The Shell of Sense", de Olivia Howard Dunbar, surgiu durante a tentativa de revitalização do conto fantasmagórico, gênero ao qual a escritora se dedicava e comentava em seus ensaios literários. A narrativa, considerada a mais célebre de Dunbar, revela a presença de uma força sobrenatural que tem laços com os demais personagens da trama e que experimenta sentimentos que desconhecia quando habitava no plano terreno.

Texto traduzido: Dunbar, Olivia Howard. "The Shell of Sense". In. *Famous Modern Ghost Stories*. New York: The Knickerbocker Press, 1921.

A AUTORA: Olivia Howard Dunbar (1873-1953), escritora, jornalista e biógrafa estadunidense, nasceu em West Bridgeport, Massachusetts. Conhecida por seus contos fantasmagóricos e crítica literária, Dunbar defendeu a ficção sobrenatural em *The Decay of the Ghost in Fiction* (1905) e *The Present Status of the Ghost* (1912), propondo o renascimento do subgênero. De teor psicológico, suas narrativas sobrenaturais se centram na vida das mulheres, aportando ideais feministas. A escritora participou ativamente do movimento pelo sufrágio feminino.

O TRADUTOR: Cílio Lindemberg de Araújo Santos, tradutor, escritor e poeta, é graduado em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Para a (n.t.) traduziu Mary E. Wilkins Freeman.

The Shell of Sense

"So frail, so piteously contrived for pain."

OLIVIA HOWARD DUNBAR

It was intolerably unchanged, the dim, dark-toned room. In an agony of recognition my glance ran from one to another of the comfortable, familiar things that my earthly life had been passed among. Incredibly distant from it all as I essentially was. I noted sharply that the very gaps that I myself had left in my bookshelves still stood unfilled; that the delicate fingers of the ferns that I had tended were still stretched futilely toward the light; that the soft agreeable chuckle of my own little clock, like some elderly woman with whom conversation has become automatic, was undiminished.

Unchanged – or so it seemed at first. But there were certain trivial differences that shortly smote me. The windows were closed too tightly; for I had always kept the house very cool, although I had known that Theresa preferred warm rooms. And my work-basket was in disorder; it was preposterous that so small a thing should hurt me so. Then, for this was my first experience of the shadow-folded transition, the odd alteration of my emotion ns bewildered me. For at one moment the place seemed so humanly familiar, so distinctly my own proper envelope, that for love of it I could have laid my cheek against the wall; while in the next I was miserably conscious of strange new shrillnesses. How could they be endured – and had I ever endured them? – those harsh influences that I now perceived at the window; light and color so blinding that they obscured the form of the wind, tumult so discordant that one could scarcely hear the roses open in the garden below?

But Theresa did not seem to mind any of these things. Disorder, it is true, the dear child had never minded. She was sitting all this time at my desk

– at *my* desk – occupied, I could only too easily surmise how. In the light of my own habits of precision it was plain that that sombre correspondence should have been attended to before; but I believe that I did not really reproach Theresa, for I knew that her notes, when she did write them, were perhaps less perfunctory than mine. She finished the last one as I watched her, and added it to the heap of black-bordered envelopes that lay on the desk. Poor girl! I saw now that they had cost her tears. Yet, living beside her day after day, year after year, I had never discovered what deep tenderness my sister possessed. Toward each other it had been our habit to display only a temperate affection, and I remember having always thought it distinctly fortunate for Theresa, since she was denied my happiness, that she could live so easily and pleasantly without emotions of the devastating sort.... And now, for the first time, I was really to behold her.... Could it be Theresa, after all, this tangle of subdued turbulences? Let no one suppose that it is an easy thing to bear, the relentlessly lucid understanding that I then first exercised; or that, in its first enfranchisement, the timid vision does not yearn for its old screens and mists.

Suddenly, as Theresa sat there, her head, filled with its tender thoughts of me, held in her gentle hands, I felt Allan's step on the carpeted stair outside. Theresa felt it, too, – but how? for it was not audible. She gave a start, swept the black envelopes out of sight, and pretended to be writing in a little book. Then I forgot to watch her any longer in my absorption in Allan's coming. It was he, of course, that I was awaiting. It was for him that I had made this first lonely, frightened effort to return, to recover.... It was not that I had supposed he would allow himself to recognize my presence, for I had long been sufficiently familiar with his hard and fast denials of the invisible. He was so reasonable always, so sane – so blindfolded. But I had hoped that because of his very rejection of the ether that now contained me I could perhaps all the more safely, the more secretly, watch him, linger near him. He was near now, very near, – but why did Theresa, sitting there in the room that had never belonged to her, appropriate for herself his coming? It was so manifestly I who had drawn him, I whom he had come to seek.

The door was ajar. He knocked softly at it "Are you there, Theresa?" he called. He expected to find her, then, there in my room? I shrank back, fearing, almost, to stay.

"I shall have finished in a moment," Theresa told him, and he sat down to wait for her.

No spirit still unreleased can understand the pang that I felt with Allan sitting almost within my touch. Almost irresistibly the wish beset me to let him for an instant feel my nearness. Then I checked myself, remembering – oh, absurd, piteous human fears! – that my too unguarded closeness might alarm him. It was not so remote a time that I myself had known them, those blind, uncouth timidities. I came, therefore, somewhat nearer – but I did not touch him. I merely leaned toward him and with incredible softness whispered his name. That much I could not have forborne; the spell of life was still too strong in me.

But it gave him no comfort, no delight. "Theresa!" he called, in a voice dreadful with alarm – and in that instant the last veil fell, and desperately, scarce believingly, I beheld how it stood between them, those two.

She turned to him that gentle look of hers.

"Forgive me," came from him hoarsely. "But I had suddenly the most – unaccountable sensation. Can there be too many windows open? There is such a – chill – about."

"There are no windows open," Theresa assured him. "I took care to shut out the chill. You are not well, Allan!"

"Perhaps not." He embraced the suggestion. "And yet I feel no illness apart from this abominable sensation that persists – persists.... Theresa, you must tell me: do I fancy it, or do you, too, feel – something – strange here?"

"Oh, there is something very strange here," she half sobbed. "There always will be."

"Good heavens, child, I didn't mean that!" He rose and stood looking about him. "I know, of course, that you have your beliefs, and I respect them, but you know equally well that I have nothing of the sort! So – don't let us conjure up anything inexplicable."

I stayed impalpably, imponderably near him. Wretched and bereft though I was, I could not have left him while he stood denying me.

"What I mean," he went on, in his low, distinct voice, "is a special, an almost ominous sense of cold. Upon my soul, Theresa," – he paused – "if I *were* superstitious, if I *were* a woman, I should probably imagine it to seem – a presence!"

He spoke the last word very faintly, but Theresa shrank from it nevertheless.

"*Don't* say that, Allan!" she cried out. "Don't think it, I beg of you! I've tried so hard myself not to think it – and you must help me. You know it is

only perturbed, uneasy spirits that wander. With her it is quite different. She has always been so happy – she must still be."

I listened, stunned, to Theresa's sweet dogmatism. From what blind distances came her confident misapprehensions, how dense, both for her and for Allan, was the separating vapor!

Allan frowned. "Don't take me literally, Theresa," he explained; and I, who a moment before had almost touched him, now held myself aloof and heard him with a strange untried pity, new born in me. "I'm not speaking of what you call – spirits. It's something much more terrible." He allowed his head to sink heavily on his chest. "If I did not positively know that I had never done her any harm, I should suppose myself to be suffering from guilt, from remorse.... Theresa, you know better than I, perhaps. Was she content, always? Did she believe in me?"

"Believe in you? – when she knew you to be so good! – when you adored her!"

"She thought that? She said it? Then what in Heaven's name ails me? – unless it is all as you believe, Theresa, and she knows now what she didn't know then, poor dear, and minds – –"

"Minds what? What do you mean, Allan?"

I, who with my perhaps illegitimate advantage saw so clear, knew that he had not meant to tell her: I did him that justice, even in my first jealousy. If I had not tortured him so by clinging near him, he would not have told her. But the moment came, and overflowed, and he did tell her – passionate, tumultuous story that it was. During all our life together, Allan's and mine, he had spared me, had kept me wrapped in the white cloak of an unblemished loyalty. But it would have been kinder, I now bitterly thought, if, like many husbands, he had years ago found for the story he now poured forth some clandestine listener; I should not have known. But he was faithful and good, and so he waited till I, mute and chained, was there to hear him. So well did I know him, as I thought, so thoroughly had he once been mine, that I saw it in his eyes, heard it in his voice, before the words came. And yet, when it came, it lashed me with the whips of an unbearable humiliation. For I, his wife, had not known how greatly he could love.

And that Theresa, soft little traitor, should, in her still way, have cared too! Where was the iron in her, I moaned within my stricken spirit, where the steadfastness? From the moment he bade her, she turned her soft little petals up to him – and my last delusion was spent. It was intolerable; and none the less so that in another moment she had, prompted by some belated

thought of me, renounced him. Allan was hers, yet she put him from her; and it was my part to watch them both.

Then in the anguish of it all I remembered, awkward, untutored spirit that I was, that I now had the Great Recourse. Whatever human things were unbearable, I had no need to bear. I ceased, therefore, to make the effort that kept me with them. The pitiless poignancy was dulled, the sounds and the light ceased, the lovers faded from me, and again I was mercifully drawn into the dim, infinite spaces.

There followed a period whose length I cannot measure and during which I was able to make no progress in the difficult, dizzying experience of release. "Earth-bound" my jealousy relentlessly kept me. Though my two dear ones had forsworn each other, I could not trust them, for theirs seemed to me an affectation of a more than mortal magnanimity. Without a ghostly sentinel to prick them with sharp fears and recollections, who could believe that they would keep to it? Of the efficacy of my own vigilance, so long as I might choose to exercise it, I could have no doubt, for I had by this time come to have a dreadful exultation in the new power that lived in me. Repeated delicate experiment had taught me how a touch or a breath, a wish or a whisper, could control Allan's acts, could keep him from Theresa. I could manifest myself as palely, as transiently, as a thought. I could produce the merest necessary flicker, like the shadow of a just-opened leaf, on his trembling, tortured consciousness. And these unrealized perceptions of me he interpreted, as I had known that he would, as his soul's inevitable penance. He had come to believe that he had done evil in silently loving Theresa all these years, and it was my vengeance to allow him to believe this, to prod him ever to believe it afresh.

I am conscious that this frame of mind was not continuous in me. For I remember, too, that when Allan and Theresa were safely apart and sufficiently miserable I loved them as dearly as I ever had, more dearly perhaps. For it was impossible that I should not perceive, in my new emancipation, that they were, each of them, something more and greater than the two beings I had once ignorantly pictured them. For years they had practiced a selflessness of which I could once scarcely have conceived, and which even now I could only admire without entering into its mystery. While I had lived solely for myself, these two divine creatures had lived exquisitely for me. They had granted me everything, themselves nothing. For my undeserving

sake their lives had been a constant torment of renunciation – a torment they had not sought to alleviate by the exchange of a single glance of understanding. There were even marvelous moments when, from the depths of my newly informed heart, I pitied them – poor creatures, who, withheld from the infinite solaces that I had come to know, were still utterly within that

> Shell of sense
> So frail, so piteously contrived for pain.

Within it, yes; yet exercising qualities that so sublimely transcended it. Yet the shy, hesitating compassion that thus had birth in me was far from being able to defeat the earlier, earthlier emotion. The two, I recognized, were in a sort of conflict; and I, regarding it, assumed that the conflict would never end; that for years, as Allan and Theresa reckoned time, I should be obliged to withhold myself from the great spaces and linger suffering, grudging, shamed, where they lingered.

It can never have been explained, I suppose, what, to devitalized perception such as mine, the contact of mortal beings with each other appears to be. Once to have exercised this sense-freed perception is to realize that the gift of prophecy, although the subject of such frequent marvel, is no longer mysterious. The merest glance of our sensitive and uncloyed vision can detect the strength of the relation between two beings, and therefore instantly calculate its duration. If you see a heavy weight suspended from a slender string, you can know, without any wizardry, that in a few moments the string will snap; well, such, if you admit the analogy, is prophecy, is foreknowledge. And it was thus that I saw it with Theresa and Allan. For it was perfectly visible to me that they would very little longer have the strength to preserve, near each other, the denuded impersonal relation that they, and that I, behind them, insisted on; and that they would have to separate. It was my sister, perhaps the more sensitive, who first realized this. It had now become possible for me to observe them almost constantly, the effort necessary to visit them had so greatly diminished; so that I watched her, poor, anguished girl, prepare to leave him. I saw each reluctant movement that she made. I saw her eyes, worn from self-searching; I heard her

step grown timid from inexplicable fears; I entered her very heart and heard its pitiful, wild beating. And still I did not interfere.

For at this time I had a wonderful, almost demoniacal sense of disposing of matters to suit my own selfish will. At any moment I could have checked their miseries, could have restored happiness and peace. Yet it gave me, and I could weep to admit it, a monstrous joy to know that Theresa thought she was leaving Allan of her own free intention, when it was I who was contriving, arranging, insisting.... And yet she wretchedly felt my presence near her; I am certain of that.

A few days before the time of her intended departure my sister told Allan that she must speak with him after dinner. Our beautiful old house branched out from a circular hall with great arched doors at either end; and it was through the rear doorway that always in summer, after dinner, we passed out into the garden adjoining. As usual, therefore, when the hour came, Theresa led the way. That dreadful daytime brilliance that in my present state I found so hard to endure was now becoming softer. A delicate, capricious twilight breeze danced inconsequently through languidly whispering leaves. Lovely pale flowers blossomed like little moons in the dusk, and over them the breath of mignonette hung heavily. It was a perfect place – and it had so long been ours, Allan's and mine. It made me restless and a little wicked that those two should be there together now.

For a little they walked about together, speaking of common, daily things. Then suddenly Theresa burst out:

"I am going away, Allan. I have stayed to do everything that needed to be done. Now your mother will be here to care for you, and it is time for me to go."

He stared at her and stood still. Theresa had been there so long, she so definitely, to his mind, belonged there. And she was, as I also had jealously known, so lovely there, the small, dark, dainty creature, in the old hall, on the wide staircases, in the garden.... Life there without Theresa, even the intentionally remote, the perpetually renounced Theresa – he had not dreamed of it, he could not, so suddenly, conceive of it.

"Sit here," he said, and drew her down beside him on a bench, "and tell me what it means, why you are going. Is it because of something that I have been – have done?"

She hesitated. I wondered if she would dare tell him. She looked out and away from him, and he waited long for her to speak.

The pale stars were sliding into their places. The whispering of the leaves was almost hushed. All about them it was still and shadowy and sweet. It was that wonderful moment when, for lack of a visible horizon, the not yet darkened world seems infinitely greater – a moment when anything can happen, anything be believed in. To me, watching, listening, hovering, there came a dreadful purpose and a dreadful courage. Suppose for one moment, Theresa should not only feel, but *see* me – would she dare to tell him then?

There came a brief space of terrible effort, all my fluttering, uncertain forces strained to the utmost. The instant of my struggle was endlessly long and the transition seemed to take place outside me – as one sitting in a train, motionless, sees the leagues of earth float by. And then, in a bright, terrible flash I knew I had achieved it – I had *attained visibility*. Shuddering, insubstantial, but luminously apparent, I stood there before them. And for the instant that I maintained the visible state I looked straight into Theresa's soul.

She gave a cry. And then, thing of silly, cruel impulses that I was, I saw what I had done. The very thing that I wished to avert I had precipitated. For Allan, in his sudden terror and pity, had bent and caught her in his arms. For the first time they were together; and it was I who had brought them.

Then, to his whispered urging to tell the reason of her cry, Theresa said:

"Frances was here. You did not see her, standing there, under the lilacs, with no smile on her face?"

"My dear, my dear!" was all that Allan said. I had so long now lived invisibly with them, he knew that she was right.

"I suppose you know what it means?" she asked him, calmly.

"Dear Theresa," Allan said, slowly, "if you and I should go away somewhere, could we not evade all this ghostliness? And will you come with me?"

"Distance would not banish her," my sister confidently asserted. And then she said, softly: "Have you thought what a lonely, awesome thing it must be to be so newly dead? Pity her, Allan. We who are warm and alive should pity her. She loves you still, – that is the meaning of it all, you know – and she wants us to understand that for that reason we must keep apart. Oh, it was so plain in her white face as she stood there. And you did not see her?"

"It was your face that I saw," Allan solemnly told her – oh, how different he had grown from the Allan that I had known! – "and yours is the only face that I shall ever see." And again he drew her to him.

She sprang from him. "You are defying her, Allan!" she cried. "And you must not. It is her right to keep us apart, if she wishes. It must be as she insists. I shall go, as I told you. And, Allan, I beg of you, leave me the courage to do as she demands!"

They stood facing each other in the deep dusk, and the wounds that I had dealt them gaped red and accusing. "We must pity her," Theresa had said. And as I remembered that extraordinary speech, and saw the agony in her face, and the greater agony in Allan's, there came the great irreparable cleavage between mortality and me. In a swift, merciful flame the last of my mortal emotions – gross and tenacious they must have been – was consumed. My cold grasp of Allan loosened and a new unearthly love of him bloomed in my heart.

I was now, however, in a difficulty with which my experience in the newer state was scarcely sufficient to deal. How could I make it plain to Allan and Theresa that I wished to bring them together, to heal the wounds that I had made?

Pityingly, remorsefully, I lingered near them all that night and the next day. And by that time had brought myself to the point of a great determination. In the little time that was left, before Theresa should be gone and Allan bereft and desolate, I saw the one way that lay open to me to convince them of my acquiescence in their destiny.

In the deepest darkness and silence of the next night I made a greater effort than it will ever be necessary for me to make again. When they think of me, Allan and Theresa, I pray now that they will recall what I did that night, and that my thousand frustrations and selfishnesses may shrivel and be blown from their indulgent memories.

Yet the following morning, as she had planned, Theresa appeared at breakfast dressed for her journey. Above in her room there were the sounds of departure. They spoke little during the brief meal, but when it was ended Allan said:

"Theresa, there is half an hour before you go. Will you come upstairs with me? I had a dream that I must tell you of."

"Allan!" She looked at him, frightened, but went with him. "It was of Frances you dreamed," she said, quietly, as they entered the library together.

"Did I say it was a dream? But I was awake – thoroughly awake. I had not been sleeping well, and I heard, twice, the striking of the clock. And as I lay there, looking out at the stars, and thinking – thinking of you, Theresa, – she came to me, stood there before me, in my room. It was no sheeted specter,

you understand; it was Frances, literally she. In some inexplicable fashion I seemed to be aware that she wanted to make me know something, and I waited, watching her face. After a few moments it came. She did not speak, precisely. That is, I am sure I heard no sound. Yet the words that came from her were definite enough. She said: 'Don't let Theresa leave you. Take her and keep her.' Then she went away. Was that a dream?"

"I had not meant to tell you," Theresa eagerly answered, "but now I must. It is too wonderful. What time did your clock strike, Allan?"

"One, the last time."

"Yes; it was then that I awoke. And she had been with me. I had not seen her, but her arm had been about me and her kiss was on my cheek. Oh. I knew; it was unmistakable. And the sound of her voice was with me."

"Then she bade you, too – –"

"Yes, to stay with you. I am glad we told each other." She smiled tearfully and began to fasten her wrap.

"But you are not going – *now!*" Allan cried. "You know that you cannot, now that she has asked you to stay."

"Then you believe, as I do, that it was she?" Theresa demanded.

"I can never understand, but I know," he answered her. "And now you will not go?"

I am freed. There will be no further semblance of me in my old home, no sound of my voice, no dimmest echo of my earthly self. They have no further need of me, the two that I have brought together. Theirs is the fullest joy that the dwellers in the shell of sense can know. Mine is the transcendent joy of the unseen spaces.

A casca da razão

"Tão frágil, tão dolorosamente planejada para a dor."

OLIVIA HOWARD DUNBAR

O quarto escuro, à luz baixa, continuava insuportavelmente inalterado. Em uma agonia de reconhecimento, meu olhar correu de uma à outra as coisas aconchegantes e familiares entre as quais havia passado minha vida terrena. Estando incrivelmente distante de tudo aquilo como eu essencialmente estava, notei precisamente que as mesmas lacunas que eu deixara em minha estante de livros ainda permaneciam vazias; que as delicadas frondes das samambaias que eu havia cuidado estavam inutilmente esticadas em direção à luz; e que mesmo a risadinha agradável do meu próprio despertador, automático como a conversa de uma senhora, não havia diminuído.

Inalterada – ou assim pareceu a princípio. Mas havia certas diferenças banais que logo me atingiram. As janelas estavam firmemente fechadas; pois sempre mantive a casa bem ventilada, embora soubesse que Theresa preferia cômodos aquecidos. E minha cesta de costura estava bagunçada: era absurdo que uma coisa tão pequena me ferisse tanto. Então, como esta foi minha primeira experiência da transição envolta em sombras, a estranha alteração de minhas emoções me desnorteava. Por um momento, o lugar parecia tão humanamente familiar, tão distintamente meu próprio envelope, que, por amor a ele, eu poderia encostar minha bochecha contra a parede; ao passo que, no seguinte, eu estava miseravelmente consciente de novas e estranhas estridências. Como poderiam ser suportadas – e eu já as tinha suportado antes? – aquelas ásperas influências que eu agora percebia na janela; luz e cores tão ofuscantes que obscureciam a forma do vento, tumulto tão discordante que mal se ouviam as rosas se abrirem no jardim abaixo?

Mas Theresa não parecia se importar com nada disso. Com desordem, é verdade, a doce criança nunca tinha se importado. Todo esse tempo, ela estava sentada à minha mesa – à *minha* mesa –, ocupada, e eu poderia facilmente deduzir como. À luz de meus próprios hábitos de precisão, era óbvio que aquela correspondência sombria deveria ter recebido atenção antes; mas acredito não ter realmente repreendido Theresa, pois sabia que seus bilhetes, quando os escrevia, eram talvez menos superficiais do que os meus. Ela terminava o último enquanto eu a observava, e o acrescentou à pilha de envelopes com as bordas pretas que se encontravam sobre a mesa. Coitada! Agora eu via que lhe tinha custado lágrimas. Entretanto, vivendo ao lado dela dia após dia, ano após ano, nunca tinha descoberto a profunda ternura que minha irmã possuía. Era um hábito nosso demonstrar apenas uma moderada afeição de uma para a outra, e lembro-me de sempre achar que isso era nitidamente uma sorte para Theresa, uma vez que minha felicidade lhe era negada, que ela pudesse viver tão fácil e agradavelmente sem emoções do tipo devastador... E agora, pela primeira vez, eu iria realmente contemplá-la... Seria Theresa, ao final das contas, responsável por esse emaranhado de turbulências contidas? Que ninguém suponha que seja algo fácil de suportar, o entendimento implacavelmente lúcido que eu então exercitava pela primeira vez; ou que, em sua primeira emancipação, a visão tímida não anseie por suas velhas telas e brumas.

De repente, enquanto Theresa estava lá sentada, com a cabeça cheia de ternos pensamentos sobre mim, entre suas duas mãos gentis, senti os passos de Allan nos degraus acarpetados do lado de fora. Theresa sentiu também – mas como, pois não eram audíveis? Ela se assustou, escondeu os envelopes pretos e fingiu estar escrevendo em um caderninho. Então, em minha absorção pela chegada de Allan, esqueci de observá-la mais. Era ele, é claro, que eu estava esperando. Foi por ele que eu fiz esse primeiro esforço solitário e apavorante de retornar, de recobrar... Não que eu supusesse que ele se permitiria reconhecer minha presença, pois há muito tempo eu estava suficientemente familiarizada com suas negações inflexíveis do invisível. Ele sempre foi tão sensato, tão são – tão vendado. Mas eu havia esperado que, devido à sua própria rejeição do éter que agora me continha, eu poderia talvez, com mais segurança ou secretamente, observá-lo e demorar-me perto dele. Ele estava perto agora, bem perto – mas por que Theresa, sentada lá no quarto que nunca lhe pertenceu, apropriava-se de sua chegada? Fui eu quem claramente o atraiu, eu quem ele veio procurar.

A porta estava entreaberta. Ele bateu suavemente nela. – Você está aí, Theresa? – chamou. Ele esperava encontrá-la, então, lá no meu quarto? Recuei, temendo, quase, ficar.

– Vou terminar em um momento –, disse Theresa, e ele se sentou para esperá-la.

Nenhum espírito ainda preso entenderia a pontada que senti com Allan sentado quase ao meu alcance. Quase irresistivelmente me afligiu o desejo de deixá-lo por um instante sentir minha aproximação. Então, controlei meus impulsos, ao lembrar que – oh, absurdos e lastimáveis medos humanos! – que minha aproximação demasiado imprudente poderia assustá-lo. Não foi em um tempo muito remoto que eu passei a conhecer essa timidez grosseira e cega. Eu cheguei, portanto, um pouco mais perto – mas não o toquei. Eu meramente me inclinei em sua direção e com incrível suavidade sussurrei seu nome. Isso eu não poderia ter reprimido; o feitiço da vida ainda era muito forte em mim.

Mas isso não lhe deu nenhum conforto, nenhum prazer. – Theresa! – ele chamou, com uma voz horrível de susto – e naquele instante o último véu caiu, e desesperadamente, mal acreditando, contemplei como se interpunha entre eles, aqueles dois.

Ela se virou para ele com aquele seu olhar gentil.

– Perdoe-me –, disse ele roucamente. – Mas de repente eu tive a mais inexplicável das sensações. Será que há muitas janelas abertas? Está fazendo um... frio... aqui.

– Não há janelas abertas –, Theresa lhe assegurou. – Tratei de bloquear o frio lá fora. Você não está bem, Allan!

– Talvez, não –. Ele abraçou a sugestão. – E, ainda assim, não me sinto doente, exceto por essa sensação abominável que persiste... persiste... Theresa, você precisa me dizer: sou só eu, ou você também sente... algo... estranho aqui?

– Oh, sim, há algo muito estranho aqui –, ela meio que soluçou. – Sempre haverá.

– Meu Deus, menina, eu não me referia a isso! –, levantou-se e ficou olhando ao redor. – Eu sei, é claro, que você tem suas crenças, e eu as respeito, mas você sabe igualmente bem que eu não tenho nada do tipo! Então... não invoquemos nada inexplicável.

Fiquei impalpável e imponderavelmente perto dele. E embora me sentisse miserável e inconsolada, não podia deixá-lo enquanto ele continuava me negando.

– O que eu quero dizer – prosseguiu, com sua voz baixa e distinta, – é a particular e quase ameaçadora sensação de frio. Sobre minha alma, Theresa – ele pausou –, se eu *fosse* supersticioso, se eu *fosse* uma mulher, eu deveria provavelmente imaginar que havia... uma presença!

Ele disse a última palavra muito debilmente, mas Theresa mesmo assim se mostrou relutante.

– *Não* diga isso, Allan! – ela exclamou. – Não pense nisso, eu imploro! Eu tentei tanto não pensar mais nisso – e você precisa me ajudar. Você sabe que são apenas espíritos perturbados e inquietos que vagam por aí. Com ela é muito diferente. Ela sempre foi tão feliz – ela ainda deve ser.

Chocada, eu ouvia o doce dogmatismo de Theresa. De que cegas distâncias vinham seus confiantes equívocos, e quão denso era, tanto para ela quanto para Allan, o vapor separador!

Allan franziu a testa. – Não me leve ao pé da letra, Theresa – explicou; e eu, que um momento antes quase o havia tocado, agora me conservava distante e o ouvia com uma estranha compaixão jamais experimentada, recém-nascida em mim. – Não estou falando do que você chama de... espíritos. É algo muito mais terrível –. Ele deixou que sua cabeça afundasse com força sobre seu peito. – Se eu não soubesse positivamente que nunca fizera mal a ela, suporia que estivesse sofrendo de culpa, de remorso... Theresa, você sabe melhor do que eu talvez. Ela era feliz, sempre? Ela acreditava em mim?

– Acreditava em você? Quando ela soube que você era tão bom! Quando você a adorava!

– Ela achava isso? Ela disse isso? Então, o que, pelo amor de Deus, me aflige tanto? – a menos que seja tudo como você acredita, Theresa, e agora ela sabe o que não sabia antes, pobre querida, e se sente...

– Se sente como? O que você quer dizer, Allan?

Eu, que talvez com minha ilegítima vantagem via tão claramente, sabia que ele não pretendia dizer a ela: fiz-lhe essa justiça, ainda que em meu primeiro ciúme. Se eu não o tivesse torturado tanto, aferrando-me a ele, ele não teria contado a ela. Mas o momento chegou, transbordou, e lhe contou... a apaixonada e turbulenta história que foi. Durante toda a nossa vida juntos, do Allan e minha, ele havia me poupado e mantido envolta em um claro

disfarce de fidelidade imaculada. Mas teria sido mais amável, pensava agora amargamente, se, como muitos maridos, ele tivesse encontrado anos atrás algum ouvinte clandestino para espalhar sua história; e que eu não conhecesse. Mas ele era fiel e bom, e então esperou até que eu, muda e aprisionada, estivesse lá para ouvi-lo. Eu o conhecia tão bem como pensava, tão profundamente ele já havia sido meu, que eu via isso em seus olhos, ouvia isso em sua voz, antes que as palavras viessem. E, no entanto, quando vieram, açoitaram-me com as chicotadas de uma humilhação insuportável. Pois eu, sua esposa, não sabia o quanto podia amar.

E que Theresa, suave traidorazinha, deveria, em seu estilo manso, ter se importado também! Onde está a firmeza dela, queixava-me dentro de meu espírito acometido, cadê a inabalabilidade? A partir do momento que ele a convocou, ela virou suas suaves petalazinhas para ele – e minha última ilusão acabou. Era intolerável; no entanto, em algum outro momento, movida por algum pensamento tardio sobre mim, ela teria renunciado a ele. Allan era dela, mas ela o afastava dela; e era meu papel observar os dois.

Então, na angústia de tudo isso, lembrei-me, espírito torpe e inculto que era, que agora tinha o Grande Recurso. Quaisquer coisas humanas que fossem insuportáveis, eu não precisava suportar. Deixei, portanto, de fazer o esforço que me mantinha com eles. A pungência impiedosa foi atenuada, os sons e a luz cessaram, os amantes desapareceram de mim e fui misericordiosamente atraída de novo para o turvo e infinito espaço.

Seguiu-se um período cuja duração não consigo mensurar e durante o qual não fui capaz de progredir na árdua e vertiginosa experiência da libertação. “Presa à terra”, meu ciúme inflexivelmente me mantinha. Embora meus dois entes queridos tivessem renunciado um ao outro, eu não podia acreditar neles, pois sua afetação me parecia mais do que mera magnanimidade mortal. Na ausência de uma sentinela fantasmagórica que os perfurasse com recordações e medos afiados, quem poderia acreditar que iriam aderir a ela? Quanto à eficácia de minha própria vigilância, enquanto eu pudesse escolher exercitá-la, não me restam dúvidas, pois a essa altura eu já havia sentido uma espantosa exultação com o novo poder que habitava em mim. O delicado experimento repetitivo havia me ensinado como um toque ou uma respiração, um desejo ou um sussurro, poderiam controlar as ações de Allan e mantê-lo afastado de Theresa. Eu poderia me manifestar tão pálida e tão transitória como um pensamento. Eu poderia produzir a mais insig-

nificante das centelhas, como a sombra de uma folha recém-aberta, em sua trêmula e torturada consciência. E essas percepções irrealizadas de mim ele interpretaria, como eu sabia que faria, como a inevitável penitência de sua alma. Ele chegou a pensar que havia feito algo mal ao amar Theresa silenciosamente todos esses anos, e era minha vingança permitir que ele acreditasse nisso, para incitá-lo a acreditar de novo.

Estou consciente de que esse estado de espírito não era contínuo em mim. Pois também me lembro de que, quando Allan e Theresa estavam certamente separados e suficientemente infelizes, eu os amava tão afetuosamente como nunca, talvez com mais afeto. Pois era impossível que eu não percebesse, em minha nova emancipação, que eles eram, cada um deles, algo a mais e maior do que os dois seres que eu havia ignorantemente imaginado que fossem antes. Durante anos praticaram um desprendimento que eu jamais poderia ter concebido, e que mesmo agora eu só poderia admirar sem entrar em seu mistério. Enquanto eu havia vivido unicamente para mim, essas duas criaturas divinas tinham vivido maravilhosamente para mim. Eles me concederam tudo, mas nada para eles. Por minha causa injusta, suas vidas tinham sido um tormento constante de renúncia – um tormento que não procuraram aliviar nem com a troca de um único olhar compassivo. Houve até mesmo momentos maravilhosos quando, das profundezas do meu coração recém-informado, senti compaixão por eles – pobres criaturas, que, afastadas dos infinitos confortos que eu chegara a conhecer, ainda estavam totalmente dentro dessa

Casca da razão
Tão frágil, tão dolorosamente planejada para a dor.

Dentro dela, sim; porém exercitando qualidades que tão sublimemente a transcendem. Mas a tímida e hesitante compaixão que assim nascera em mim estava longe de ser capaz de derrotar minha emoção anterior, mais mundana. Os dois, eu reconheci, estavam em uma espécie de conflito; e eu, em relação a isso, presumi que o conflito nunca terminaria; que por anos, enquanto Allan e Theresa calculassem o tempo, eu seria obrigada a me desligar do grande espaço e permanecer sofrendo, relutante, envergonhada, onde eles permaneciam.

Jamais poderá ser explicada, suponho, para uma percepção desvitalizada como a minha, a natureza do contato dos seres mortais entre si. Exercitar essa percepção de livre sentido é perceber que o dom da profecia, ainda que sujeito a um assombro frequente, não é mais misterioso. O mais insignificante olhar de nossa sensível e desobstruída visão pode detectar a força da relação entre dois seres, e, por conseguinte, calcular instantaneamente sua duração. Se você vê um grande peso suspenso por uma corda fina, pode saber, sem nenhuma magia, que em alguns instantes a corda vai arrebentar; bem, isso se você admitir a analogia, é profecia, é predição. E era assim que eu entendia ser o caso de Theresa e Allan. Pois era perfeitamente visível para mim que eles teriam, por muito pouco tempo, a força de preservar, perto um do outro, a desnudada relação impessoal que eles, e que eu, por detrás deles, insistíamos; e que eles teriam que se separar. Foi minha irmã, talvez a mais sensível, quem primeiro percebeu isso. Agora era possível observá-los quase constantemente, tendo diminuído bastante o esforço necessário para visitá-los; de modo que eu a observava, pobre e angustiada garota, preparar-se para deixá-lo. Eu vi cada movimento relutante que ela fazia. Eu vi seus olhos, cansados de autoexame; ouvi seus passos ficarem tímidos por causa de medos inexplicáveis; entrei em seu próprio coração e ouvi seus lamentáveis batimentos selvagens. E ainda assim, não interferi.

Pois, a essa altura, eu tinha um maravilhoso e quase demoníaco senso de descartar problemas para satisfazer minhas próprias vontades egoístas. A qualquer momento eu poderia ter conferido suas misérias, poderia ter restaurado a felicidade e a paz. Mas eu tinha, e eu podia chorar por admitir isso, uma alegria monstruosa em saber que Theresa pensava que ela estava deixando Allan por sua própria vontade, quando era eu quem estava planejando, organizando, insistindo... E, mesmo assim, ela miseravelmente me sentia perto dela; disso estou certa.

Alguns dias antes da hora prevista de sua partida, minha irmã disse a Allan que precisava falar com ele após o jantar. Nossa bela casa antiga se estendia a partir de um saguão circular com grandes portas arqueadas em ambas as extremidades; e era pela porta dos fundos que sempre no verão, depois da refeição, passávamos ao jardim adjacente. E assim, como de costume, quando a hora chegava, Theresa mostrava o caminho. Aquele brilho terrível do dia, que em meu estado presente achava difícil de suportar, começava a ficar mais suave. Uma brisa delicada e caprichosa do crepúsculo dançava inconsequentemente através das folhas que sussurravam languidamente. Lindas e pálidas flores desabrochavam como pequenas luas ao cair da noite, e sobre elas pairava pesadamente o cheiro de resedás. Era um lugar

perfeito – e por tanto tempo foi nosso, do Allan e meu. Inquietava-me e me deixava um pouco possessa que aqueles dois estivessem lá juntos agora.

Por algum tempo, eles caminharam juntos, conversando sobre coisas comuns do dia a dia. Então, de repente, Theresa irrompeu:

– Eu vou embora, Allan. Eu fiquei para fazer tudo o que precisava ser feito. Agora, sua mãe estará aqui para cuidar de você, e é hora de eu partir.

Ele a olhou fixamente e ficou parado. Theresa havia estado lá por tanto tempo que, na opinião dele, ela definitivamente pertencia ao lugar. E como eu havia invejosamente imaginado, ela parecia tão adorável ali, a pequena, escura e delicada criatura, no antigo salão, na larga escadaria, no jardim... A vida ali sem Theresa, mesmo a intencionalmente remota, a perpetuamente renunciada Theresa – ele não tinha sonhado com isso, ele não podia, tão de repente, conceber isso.

– Sente-se aqui – ele disse, e trouxe-a para o seu lado em um banco – e me diga o que isso significa, por que está partindo. É por causa de alguma coisa que eu fui – que eu fiz?

Ela hesitou. Eu me perguntava se ela ousaria contar a ele. Ela tentou e conseguiu desviar o olhar dele, enquanto ele esperou longamente que ela falasse.

As estrelas pálidas deslizavam ao redor de si. O sussurro das folhas estava quase silencioso. Tudo em torno deles estava quieto e sombrio e cheiroso. Foi naquele momento maravilhoso quando, pela ausência de um horizonte visível, o mundo ainda não escurecido parecia infinitamente maior – um momento em que tudo pode acontecer, em que se acredita em tudo. Para mim, observando, ouvindo, pairando, veio um propósito e uma coragem pavorosos. Suponha-se que, por um momento, Theresa não só me sinta, mas me *veja* – ela se atreveria a dizer a ele, nesse caso?

Veio um breve espaço de terrível esforço, todas as minhas vibrações e forças incertas empenhadas ao máximo. O instante de minha luta foi infinitamente longo e a transição parecia se realizar fora de mim – como alguém sentado em um trem, imóvel, vê as léguas da terra passarem. E então, em um clarão brilhante e terrível, eu soube que havia conseguido – eu havia *alcançado visibilidade*. Estremecida, insubstancial, mas luminosamente aparente, eu me posicionei lá diante deles. E pelo instante em que eu conservei o estado visível, eu olhei diretamente para a alma de Theresa.

Ela deu um grito. E então, por coisas tontas e impulsos cruéis, eu vi o que tinha feito. A mesma coisa que desejava evitar, eu havia precipitado. Pois

Allan, em seu repentino terror e piedade, se curvou e a pegou em seus braços. Pela primeira vez, eles estavam juntos; e fui eu quem os reuni.

Então, em resposta à exortação sussurrada dele para que ela contasse por que gritou, Theresa disse:

– Frances estava aqui. Você não a viu, parada ali, sob o pé de lilás, sem nenhum sorriso no rosto?

– Minha querida, minha querida! – foi tudo o que Allan disse. Eu já tinha vivido invisivelmente com eles por tanto tempo, que ele sabia que ela estava certa.

– Suponho que você saiba o que isso significa? – ela lhe perguntou calmamente.

– Querida Theresa – disse Allan lentamente –, se você e eu fôssemos para algum lugar, não poderíamos escapar de toda essa fantasmagoria? E você viria comigo?

– A distância não a baniria –, afirmou minha irmã com segurança. E depois ela disse, suavemente: – Já pensou que coisa solitária e chocante é ter morrido recentemente? Tenha pena dela, Allan. Nós, que estamos aquecidos e vivos, deveríamos ter pena dela. Ela ainda ama você – esse é o significado de tudo, você sabe – e quer que entendamos que, por essa razão, devemos nos manter separados. Ah, isso estava tão claro em seu pálido rosto enquanto ela esteve ali. E você não a viu?

– Foi o seu rosto que eu vi – Allan disse solenemente a ela. Ah, quão diferente ele se tornou do Allan que conheci! – E o seu é o único rosto que sempre verei. – E novamente ele a atraiu para si.

De um salto, ela se afastou dele. – Você a está desafiando, Allan! – ela exclamou. – E você não deve fazer isso. É seu direito nos manter separados, se ela desejar. Deve ser como ela insiste! Eu irei, como disse a você. E, Allan, eu imploro, deixe-me ter a coragem de fazer o que ela exige!

Eles ficaram se encarando no profundo crepúsculo, e as feridas que causei neles estavam vermelhas e acusadoras. – Devemos ter pena dela –, disse Theresa. E enquanto eu recordava aquele discurso extraordinário, e via a agonia no rosto dela, e uma maior ainda no rosto de Allan, veio a grande e irreparável divisão entre a mortalidade e eu. Em uma chama veloz e misericordiosa, a última das minhas emoções mortais – densas e tenazes que devem ter sido – foi consumida. A fria amarra que me atinha a Allan afrouxou e um novo amor sobrenatural por ele floresceu em meu coração.

Eu estava agora, entretanto, em uma dificuldade com a qual minha experiência no novo estado mal era suficiente para lidar. Como poderia deixar claro para Allan e Theresa que eu desejava que ficassem juntos, que eu queria curar as feridas que causei?

Com pena e remorso, permaneci perto deles toda aquela noite e no dia seguinte. E, àquela altura, havia chegado ao ponto de uma grande determinação. No pouco tempo que faltava, antes que Theresa fosse embora e Allan ficasse carente e desolado, vi o único caminho que se revelava para mim como forma de convencê-los de minha aquiescência em seu destino.

No silêncio e na escuridão mais profunda da noite seguinte, fiz um esforço maior do que jamais será necessário fazer novamente. Quando eles pensarem em mim, Allan e Theresa, rogo agora para que se recordem do que eu fiz naquela noite, e que minhas mil frustrações e egoísmos possam murchar e desaparecer de suas memórias indulgentes.

Porém, na manhã seguinte, como havia planejado, Theresa apareceu no café da manhã vestida para a viagem. Lá em cima, em seu quarto, ouviam-se sons de partida. Eles falaram pouco durante a breve refeição, mas quando acabaram, Allan disse:

– Theresa, ainda falta meia hora para você partir. Pode vir comigo lá em cima? Tive um sonho que preciso lhe contar.

– Allan! –. Ela o olhou com espanto, mas foi com ele. – Foi com Frances que você sonhou –, ela disse, baixinho, enquanto entravam na biblioteca juntos.

– Eu disse que foi um sonho? Mas eu estava acordado – completamente acordado. Eu não conseguia dormir bem, e ouvi, duas vezes, as batidas do relógio. E enquanto estava deitado lá, olhando para as estrelas, e pensando – pensando em você, Theresa –, ela veio até mim, ficou parada diante de mim, em meu quarto. Não era um espectro com lençol, entende; era Frances, ela literalmente. De uma forma inexplicável, eu parecia estar ciente de que ela queria me fazer saber de algo, e eu esperei, observando seu rosto. E depois de alguns instantes, veio. Ela não falou, precisamente. Quero dizer, tenho certeza que não ouvi som algum. Mas as palavras que saíram dela foram definitivas o bastante. Ela disse: "Não permita que Theresa o deixe. Fique com ela, proteja-a". Depois, ela desapareceu. Isso foi um sonho?

– Eu não pretendia contar a você – Theresa respondeu ansiosa –, mas agora eu devo. É tão maravilhoso. A que horas bateu o seu relógio, Allan?

– Uma hora, da última vez.

– Sim; foi então que acordei. E ela esteve comigo. Eu não a tinha visto, mas seu braço esteve ao meu redor e seu beijo em minha bochecha. Ah, eu sabia; era inconfundível. E o som de sua voz estava comigo.

– Então, ela a convocou também...

– Sim, para ficar com você. Que bom que dissemos um ao outro –. Ela sorriu cheia de lágrimas e começou a apertar seu cachecol.

– Mas você não vai partir... *agora*! – Allan exclamou. – Você sabe que não pode, agora que ela pediu para você ficar.

– Então, você acredita, como eu, que foi ela? –, Theresa indagou.

– Eu nunca vou entender, mas eu sei –, ele lhe respondeu. – E agora você não vai mais?

Estou liberta. Não haverá mais lembranças minhas na antiga casa, nem o som da minha voz, nem o mais vago dos ecos de meu eu terreno. Eles não precisam mais de mim, os dois que reuni. A eles pertence a alegria mais plena que os habitantes da casca da razão podem conhecer. A mim pertence a alegria transcendente dos espaços invisíveis.

PASSATEMPO PERIGOSO

LOUISA MAY ALCOTT

O TEXTO: Publicado pela primeira vez em 1869, na revista literária *Frank Leslie's Chimney Corner*, o conto "Perilous Play", de Louisa May Alcott, narra a experiência de um grupo de aristocratas que, convencidos por um amigo médico, experimentam um produto recém-chegado da Índia: o haxixe. A primeira experiência com o psicotrópico acaba sendo turbulenta para alguns dos jovens.

Texto traduzido: Alcott, L. M. "Perilous Play". *Frank Leslie's Chimney Corner*, New York, v. 8, n. 194, February 13, 1869.

A AUTORA: Louisa May Alcott (1832-1888), escritora estadunidense, nasceu em Germantown, na Pensilvânia. Conhecida pelo célebre romance *Little Women* (*Mulherzinhas*, no Brasil) e por sua literatura infanto-juvenil, escreveu também contos, crônicas e poesia. Muitas de suas narrativas, que abordam temas como o feminismo e o abolicionismo e que apresentam como protagonistas mulheres independentes, foram baseadas em suas próprias experiências pessoais. Foi participante ativa no movimento sufragista feminino e no movimento pela temperança durante o século XIX.

O TRADUTOR: Rodrigo Bilhalva Moncks é bacharel em Letras – Tradução Inglês/Português pela Universidade Federal de Pelotas e mestre em Estudos da Tradução pela UFSC. Atua como tradutor e revisor de textos, com trabalhos nas áreas de Engenharia Ambiental, Ciência da Computação, Marketing e Letras.

Perilous Play

"It's that Indian stuff which brings one fantastic visions, isn't it?"

LOUISA MAY ALCOTT

"If someone does not propose a new and interesting amusement, I shall die of ennui!" said pretty Belle Daventry, in a tone of despair. "I have read all my books, used up all my Berlin wools, and it's too warm to go to town for more. No one can go sailing yet, as the tide is out; we are all nearly tired to death of cards, croquet, and gossip, so what shall we do to while away this endless afternoon? Dr. Meredith, I command you to invent and propose a new game in five minutes."

"To hear is to obey," replied the young man, who lay in the grass at her feet, as he submissively slapped his forehead, and fell a-thinking with all his might.

Holding up her finger to preserve silence, Belle pulled out her watch and waited with an expectant smile. The rest of the young party, who were indolently scattered about under the elms, drew nearer, and brightened visibly, for Dr. Meredith's inventive powers were well-known, and something refreshingly novel might be expected from him. One gentleman did not stir, but then he lay within earshot, and merely turned his fine eyes from the sea to the group before him. His glance rested a moment on Belle's piquant figure, for she looked very pretty with her bright hair blowing in the wind, one plump white arm extended to keep order, and one little foot, in a distracting slipper, just visible below the voluminous folds of her dress. Then the glance passed to another figure, sitting somewhat apart in a cloud of white muslin, for an airy burnoose floated from head and shoulders, showing only a singularly charming face. Pale and yet brilliant, for the Southern eyes were magnificent, the clear olive cheeks con-

trasted well with darkest hair; lips like a pomegranate flower, and delicate, straight brows, as mobile as the lips. A cluster of crimson flowers, half falling from the loose black braids, and a golden bracelet of Arabian coins on the slender wrist were the only ornaments she wore, and became her better than the fashionable frippery of her companions. A book lay on her lap, but her eyes, full of a passionate melancholy, were fixed on the sea, which glittered around an island green and flowery as a summer paradise. Rose St. Just was as beautiful as her Spanish mother, but had inherited the pride and reserve of her English father; and this pride was the thorn which repelled lovers from the human flower. Mark Done sighed as he looked, and as if the sigh, low as it was, roused her from her reverie, Rose flashed a quick glance at him, took up her book, and went on reading the legend of "The Lotus Eaters."

"Time is up now, Doctor," cried Belle, pocketing her watch with a flourish.

"Ready to report," answered Meredith, sitting up and producing a little box of tortoiseshell and gold.

"How mysterious! What is it? Let me see, first!" And Belle removed the cover, looking like an inquisitive child. "Only bonbons; how stupid! That won't do, sir. We don't want to be fed with sugar-plums. We demand to be amused."

"Eat six of these despised bonbons, and you will be amused in a new, delicious, and wonderful manner," said the young doctor, laying half a dozen on a green leaf and offering them to her.

"Why, what are they?" she asked, looking at him askance.

"Hashish; did you never hear of it?"

"Oh, yes; it's that Indian stuff which brings one fantastic visions, isn't it? I've always wanted to see and taste it, and now I will," cried Belle, nibbling at one of the bean-shaped comfits with its green heart.

"I advise you not to try it. People do all sorts of queer things when they take it. I wouldn't for the world," said a prudent young lady warningly, as all examined the box and its contents.

"Six can do no harm, I give you my word. I take twenty before I can enjoy myself, and some people even more. I've tried many experiments, both on the sick and the well, and nothing ever happened amiss, though the demonstrations were immensely interesting," said Meredith, eating his sugar-plums with a tranquil air, which was very convincing to others.

“How shall I feel?” asked Belle, beginning on her second comfit.

“A heavenly dreaminess comes over one, in which they move as if on air. Everything is calm and lovely to them: no pain, no care, no fear of anything, and while it lasts one feels like an angel half asleep.”

“But if one takes too much, how then?” said a deep voice behind the doctor.

“Hum! Well, that’s not so pleasant, unless one likes phantoms, frenzies, and a touch of nightmare, which seems to last a thousand years. Ever try it, Done?” replied Meredith, turning toward the speaker, who was now leaning on his arm and looking interested.

“Never. I’m not a good subject for experiments. Too nervous a temperament to play pranks with.”

“I should say ten would be about your number. Less than that seldom affects men. Ladies go off sooner, and don’t need so many. Miss St. Just, may I offer you a taste of Elysium? I owe my success to you,” said the doctor, approaching her deferentially.

“To me! And how?” she asked, lifting her large eyes with a slight smile.

“I was in the depths of despair when my eye caught the title of your book, and I was saved. For I remembered that I had hashish in my pocket.”

“Are you a lotus-eater?” she said, permitting him to lay the six charmed bonbons on the page.

“My faith, no! I use it for my patients. It is very efficacious in nervous disorders, and is getting to be quite a pet remedy with us.”

“I do not want to forget the past, but to read the future. Will hashish help me to do that?” asked Rose with an eager look, which made the young man flush, wondering if he bore any part in her hopes of that veiled future.

“Alas, no. I wish it could, for I, too, long to know my fate,” he answered, very low, as he looked into the lovely face before him.

The soft glance changed to one of cool indifference and Rose gently brushed the hashish off her book, saying, with a little gesture of dismissal, “Then I have no desire to taste Elysium.”

The white morsels dropped into the grass at her feet; but Dr. Meredith let them lie, and turning sharply, went back to sun himself in Belle’s smiles.

“I’ve eaten all mine, and so has Evelyn. Mr. Norton will see goblins, I know, for he has taken quantities. I’m glad of it, for he does not believe in

it, and I want to have him convinced by making a spectacle of himself for our amusement," said Belle, in great spirits at the new plan.

"When does the trance come on?" asked Evelyn, a shy girl, already rather alarmed at what she had done.

"About three hours after you take your dose, though the time varies with different people. Your pulse will rise, heart beat quickly, eyes darken and dilate, and an uplifted sensation will pervade you generally. Then these symptoms change, and the bliss begins. I've seen people sit or lie in one position for hours, rapt in a delicious dream, and wake from it as tranquil as if they had not a nerve in their bodies."

"How charming! I'll take some every time I'm worried. Let me see. It's now four, so our trances will come about seven, and we will devote the evening to manifestations," said Belle.

"Come, Done, try it. We are all going in for the fun. Here's your dose," and Meredith tossed him a dozen bonbons, twisted up in a bit of paper.

"No, thank you; I know myself too well to risk it. If you are all going to turn hashish-eaters, you'll need someone to take care of you, so I'll keep sober," tossing the little parcel back.

It fell short, and the doctor, too lazy to pick it up, let it lie, merely saying, with a laugh, "Well, I advise any bashful man to take hashish when he wants to offer his heart to any fair lady, for it will give him the courage of a hero, the eloquence of a poet, and the ardor of an Italian. Remember that, gentlemen, and come to me when the crisis approaches."

"Does it conquer the pride, rouse the pity, and soften the hard hearts of the fair sex?" asked Done.

"I dare say now is your time to settle the fact, for here are two ladies who have imbibed, and in three hours will be in such a seraphic state of mind that 'No' will be an impossibility to them."

"Oh, mercy on us; what have we done? If that's the case, I shall shut myself up till my foolish fit is over. Rose, you haven't taken any; I beg you to mount guard over me, and see that I don't disgrace myself by any nonsense. Promise me you will," cried Belle, in half-real, half-feigned alarm at the consequences of her prank.

"I promise," said Rose, and floated down the green path as noiselessly as a white cloud, with a curious smile on her lips.

“Don’t tell any of the rest what we have done, but after tea let us go into the grove and compare notes,” said Norton, as Done strolled away to the beach, and the voices of approaching friends broke the summer quiet.

At tea, the initiated glanced covertly at one another, and saw, or fancied they saw, the effects of the hashish, in a certain suppressed excitement of manner, and unusually brilliant eyes. Belle laughed often, a silvery ringing laugh, pleasant to hear; but when complimented on her good spirits, she looked distressed and said she could not help her merriment; Meredith was quite calm, but rather dreamy; Evelyn was pale, and her next neighbor heard her heart beat; Norton talked incessantly, but as he talked uncommonly well, no one suspected anything. Done and Miss St. Just watched the others with interest, and were very quiet, especially Rose, who scarcely spoke, but smiled her sweetest, and looked very lovely.

The moon rose early, and the experimenters slipped away to the grove, leaving the outsiders on the lawn as usual. Some bold spirit asked Rose to sing, and she at once complied, pouring out Spanish airs in a voice that melted the hearts of her audience, so full of fiery sweetness or tragic pathos was it. Done seemed quite carried away, and lay with his face in the grass, to hide the tears that would come; till, afraid of openly disgracing himself, he started up and hurried down to the little wharf, where he sat alone, listening to the music with a countenance which plainly revealed to the stars the passion which possessed him. The sound of loud laughter from the grove, followed by entire silence, caused him to wonder what demonstrations were taking place, and half resolve to go and see. But that enchanting voice held him captive, even when a boat put off mysteriously from a point nearby, and sailed away like a phantom through the twilight.

Half an hour afterward, a white figure came down the path, and Rose’s voice broke in on his midsummer night’s dream. The moon shone clearly now, and showed him the anxiety in her face as she said hurriedly, “Where is Belle?”

“Gone sailing, I believe.”

“How could you let her go? She was not fit to take care of herself!”

“I forgot that.”

“So did I, but I promised to watch over her, and I must. Which way did they go?” demanded Rose, wrapping the white mantle about her, and running her eye over the little boats moored below.

“You will follow her?”

"Yes."

"I'll be your guide then. They went toward the lighthouse; it is too far to row; I am at your service. Oh, say yes," cried Done, leaping into his own skiff and offering his hand persuasively.

She hesitated an instant and looked at him. He was always pale, and the moonlight seemed to increase this pallor, but his hat brim hid his eyes, and his voice was very quiet. A loud peal of laughter floated over the water, and as if the sound decided her, she gave him her hand and entered the boat. Done smiled triumphantly as he shook out the sail, which caught the freshening wind, and sent the boat dancing along a path of light.

How lovely it was! All the indescribable allurements of a perfect summer night surrounded them: balmy airs, enchanting moonlight, distant music, and, close at hand, the delicious atmosphere of love, which made itself felt in the eloquent silences that fell between them. Rose seemed to yield to the subtle charm, and leaned back on the cushioned seat with her beautiful head uncovered, her face full of dreamy softness, and her hands lying loosely clasped before her. She seldom spoke, showed no further anxiety for Belle, and soon seemed to forget the object of her search, so absorbed was she in some delicious thought which wrapped her in its peace.

Done sat opposite, flushed now, restless, and excited, for his eyes glittered; the hand on the rudder shook, and his voice sounded intense and passionate, even in the utterance of the simplest words. He talked continually and with unusual brilliancy, for, though a man of many accomplishments, he was too indolent or too fastidious to exert himself, except among his peers. Rose seemed to look without seeing, to listen without hearing, and though she smiled blissfully, the smiles were evidently not for him.

On they sailed, scarcely heeding the bank of black cloud piled up in the horizon, the rising wind, or the silence which proved their solitude. Rose moved once or twice, and lifted her hand as if to speak, but sank back mutely, and the hand fell again as if it had not energy enough to enforce her wish. A cloud sweeping over the moon, a distant growl of thunder, and the slight gust that struck the sail seemed to rouse her. Done was singing now like one inspired, his hat at his feet, hair in disorder, and a strangely rapturous expression in his eyes, which were fixed on her. She started, shivered, and seemed to recover herself with an effort.

"Where are they?" she asked, looking vainly for the island heights and the other boat.

"They have gone to the beach, I fancy, but we will follow." As Done leaned forward to speak, she saw his face and shrank back with a sudden flush, for in it she read clearly what she had felt, yet doubted until now. He saw the telltale blush and gesture, and said impetuously, "You know it now; you cannot deceive me longer, or daunt me with your pride! Rose, I love you, and dare tell you so tonight!"

"Not now – not here – I will not listen. Turn back, and be silent, I entreat you, Mr. Done," she said hurriedly.

He laughed a defiant laugh and took her hand in his, which was burning and throbbing with the rapid heat of his pulse.

"No, I will have my answer here, and now, and never turn back till you give it; you have been a thorny Rose, and given me many wounds. I'll be paid for my heartache with sweet words, tender looks, and frank confessions of love, for proud as you are, you do love me, and dare not deny it."

Something in his tone terrified her; she snatched her hand away and drew beyond his reach, trying to speak calmly, and to meet coldly the ardent glances of the eyes which were strangely darkened and dilated with uncontrollable emotion.

"You forget yourself. I shall give no answer to an avowal made in such terms. Take me home instantly," she said in a tone of command.

"Confess you love me, Rose."

"Never!"

"Ah! I'll have a kinder answer, or –" Done half rose and put out his hand to grasp and draw her to him, but the cry she uttered seemed to arrest him with a sort of shock. He dropped into his seat, passed his hand over his eyes, and shivered nervously as he muttered in an altered tone, "I meant nothing; it's the moonlight; sit down, I'll control myself – upon my soul I will!"

"If you do not, I shall go overboard. Are you mad, sir?" cried Rose, trembling with indignation.

"Then I shall follow you, for I am mad, Rose, with love – hashish!"

His voice sank to a whisper, but the last word thrilled along her nerves, as no sound of fear had ever done before. An instant she regarded him with a look which took in every sign of unnatural excitement, then she clasped her hands with an imploring gesture, saying, in a tone of despair, "Why did I come? How will it end? Oh, Mark, take me home before it is too late!"

"Hush! Be calm; don't thwart me, or I may get wild again. My thoughts are not clear, but I understand you. There, take my knife, and if I forget myself, kill me. Don't go overboard; you are too beautiful to die, my Rose!"

He threw her the slender hunting-knife he wore, looked at her a moment with a far-off look, and trimmed the sail like one moving in a dream. Rose took the weapon, wrapped her cloak closely about her, and crouching as far away as possible, kept her eye on him, with a face in which watchful terror contended with some secret trouble and bewilderment more powerful than her fear.

The boat moved round and begin to beat up against wind and tide; spray flew from her bow; the sail bent and strained in the gusts that struck it with perilous fitfulness. The moon was nearly hidden by scudding clouds, and one half the sky was black with the gathering storm. Rose looked from threatening heavens to treacherous sea, and tried to be ready for any danger, but her calm had been sadly broken, and she could not recover it. Done sat motionless, uttering no word of encouragement, though the frequent flaws almost tore the rope from his hand, and the water often dashed over him.

"Are we in any danger?" asked Rose at last, unable to bear the silence, for he looked like a ghostly helmsman seen by the fitful light, pale now, wild-eyed, and speechless.

"Yes, great danger."

"I thought you were a skillful boatman."

"I am when I am myself; now I am rapidly losing the control of my will, and the strange quiet is coming over me. If I had been alone I should have given up sooner, but for your sake I've kept on."

"Can't you work the boat?" asked Rose, terror-struck by the changed tone of his voice, the slow, uncertain movements of his hands.

"No. I see everything through a thick cloud; your voice sounds far away, and my one desire is to lay my head down and sleep."

"Let me steer – I can, I must!" she cried, springing toward him and laying her hand on the rudder.

He smiled and kissed the little hand, saying dreamily, "You could not hold it a minute; sit by me, love; let us turn the boat again, and drift away together – anywhere, anywhere out of the world."

"Oh, heaven, what will become of us!" and Rose wrung her hands in real despair. "Mr. Done – Mark – dear Mark, rouse yourself and listen to me. Turn, as you say, for it is certain death to go on. Turn, and let us drift down to the lighthouse; they will hear and help us. Quick, take down the sail, get out the oars, and let us try to reach there before the storm breaks."

As Rose spoke, he obeyed her like a dumb animal; love for her was stronger even than the instinct of self-preservation, and for her sake he fought against the treacherous lethargy which was swiftly overpowering him. The sail was lowered, the boat brought round, and with little help from the ill-pulled oars it drifted rapidly out to sea with the ebbing tide.

As she caught her breath after this dangerous maneuver was accomplished, Rose asked, in a quiet tone she vainly tried to render natural, "How much hashish did you take?"

"All that Meredith threw me. Too much; but I was possessed to do it, so I hid the roll and tried it," he answered, peering at her with a weird laugh.

"Let us talk; our safety lies in keeping awake, and I dare not let you sleep," continued Rose, dashing water on her own hot forehead with a sort of desperation.

"Say you love me; that would wake me from my lost sleep, I think. I have hoped and feared, waited and suffered so long. Be pitiful, and answer, Rose."

"I do; but I should not own it now."

So low was the soft reply he scarcely heard it, but he felt it and made a strong effort to break from the hateful spell that bound him. Leaning forward, he tried to read her face in a ray of moonlight breaking through the clouds; he saw a new and tender warmth in it, for all the pride was gone, and no fear marred the eloquence of those soft, Southern eyes.

"Kiss me, Rose, then I shall believe it. I feel lost in a dream, and you, so changed, so kind, may be only a fair phantom. Kiss me, love, and make it real."

As if swayed by a power more potent than her will, Rose bent to meet his lips. But the ardent pressure seemed to startle her from a momentary oblivion of everything but love. She covered up her face and sank down, as if overwhelmed with shame, sobbing through passionate tears, "Oh, what am I doing? I am mad, for I, too, have taken hashish!"

What he answered she never heard, for a rattling peal of thunder drowned his voice, and then the storm broke loose. Rain fell in torrents, the wind blew fiercely, sky and sea were black as ink, and the boat tossed from wave to wave almost at their mercy. Giving herself up for lost, Rose crept to her lover's side and clung there, conscious only that they would bide together through the perils their own folly brought them. Done's excitement was quite gone now; he sat like a statue, shielding the frail creature whom he loved with a smile on his face, which looked awfully emotionless when the lightning gave her glimpses of its white immobility. Drenched, exhausted, and half senseless with danger, fear, and exposure, Rose saw at last a welcome glimmer through the gloom, and roused herself to cry for help.

"Mark, wake and help me! Shout, for God's sake – shout and call them, for we are lost if we drift by!" she cried, lifting his head from his breast, and forcing him to see the brilliant beacons streaming far across the troubled water.

He understood her, and springing up, uttered shout after shout like one demented. Fortunately, the storm had lulled a little; the lighthouse keeper heard and answered. Rose seized the helm, Done the oars, and with one frantic effort guided the boat into quieter waters, where it was met by the keeper, who towed it to the rocky nook which served as harbor.

The moment a strong, steady face met her eyes, and a gruff, cheery voice hailed her, Rose gave way, and was carried up to the house, looking more like a beautiful drowned Ophelia than a living woman.

"Here, Sally, see to the poor thing; she's had a rough time on't. I'll take care of her sweetheart – and a nice job I'll have, I reckon, for if he ain't mad or drunk, he's had a stroke of lightnin', and looks as if he wouldn't get his hearin' in a hurry," said the old man as he housed his unexpected guests and stood staring at Done, who looked about him like one dazed. "You jest turn in younder and sleep it off, mate. We'll see to the lady, and right up your boat in the morning," the old man added.

"Be kind to Rose. I frightened her. I'll not forget you. Yes, let me sleep and get over this cursed folly as soon as possible," muttered this strange visitor.

Done threw himself down on the rough couch and tried to sleep, but every nerve was overstrained, every pulse beating like a trip-hammer, and everything about him was intensified and exaggerated with awful power. The thundershower seemed a wild hurricane, the quaint room a wilderness

peopled with tormenting phantoms, and all the events of his life passed before him in an endless procession, which nearly maddened him. The old man looked weird and gigantic, his own voice sounded shrill and discordant, and the ceaseless murmur of Rose's incoherent wanderings haunted him like parts of a grotesque but dreadful dream.

All night he lay motionless, with staring eyes, feverish lips, and a mind on the rack, for the delicate machinery which had been tampered with revenged the wrong by torturing the foolish experimenter. All night Rose wept and sang, talked and cried for help in a piteous state of nervous excitement, for with her the trance came first, and the after-agitation was increased by the events of the evening. She slept at last, lulled by the old woman's motherly care, and Done was spared one tormenting fear, for he dreaded the consequences of this folly on her, more than upon himself.

As day dawned he rose, haggard and faint, and staggered out. At the door he met the keeper, who stopped him to report that the boat was in order, and a fair day coming. Seeing doubt and perplexity in the old man's eye, Done told him the truth, and added that he was going to the beach for a plunge, hoping by that simple tonic to restore his unstrung nerves.

He came back feeling like himself again, except for a dull headache, and a heavy sense of remorse weighing on his spirits, for he distinctly recollected all the events of the night. The old woman made him eat and drink, and in an hour he felt ready for the homeward trip.

Rose slept late, and when she woke soon recovered herself, for her dose had been a small one. When she had breakfasted and made a hasty toilet, she professed herself anxious to return at once. She dreaded yet longed to see Done, and when the time came armed herself with pride, feeling all a woman's shame at what had passed, and resolving to feign forgetfulness of the incidents of the previous night. Pale and cold as a statue she met him, but the moment he began to say humbly, "Forgive me, Rose," she silenced him with an imperious gesture and the command, "Don't speak of it; I only remember that it was very horrible, and wish to forget it all as soon as possible."

"All, Rose?" he added, significantly.

"Yes, all. No one would care to recall the follies of a hashish dream," she answered, turning hastily to hide the scarlet flush that would rise, and the eyes that would fall before his own.

"I never can forget, but I will be silent if you bid me."

"I do. Let us go. What will they think at the island? Mr. Done, give me your promise to tell no one, now or ever, that I tried that dangerous experiment. I will guard your secret also." She spoke eagerly and looked up imploringly.

"I promise," and he gave her his hand, holding her own with a wistful glance, till she drew it away and begged him to take her home.

Leaving hearty thanks and a generous token of their gratitude, they sailed away with a fair wind, finding in the freshness of the morning a speedy cure for tired bodies and excited minds. They said little, but it was impossible for Rose to preserve her coldness. The memory of the past night broke down her pride, and Done's tender glances touched her heart. She half hid her face behind her hand, and tried to compose herself for the scene to come, for as she approached the island, she saw Belle and her party waiting for them on the shore.

"Oh, Mr. Done, screen me from their eyes and questions as much as you can! I'm so worn out and nervous, I shall betray myself. You will help me?" And she turned to him with a confiding look, strangely at variance with her usual calm self-possession.

"I'll shield you with my life, if you will tell me why you took the hashish," he said, bent on knowing his fate.

"I hoped it would make me soft and lovable, like other women. I'm tired of being a lonely statue," she faltered, as if the truth was wrung from her by a power stronger than her will.

"And I took it to gain courage to tell my love. Rose, we have been near death together; let us share life together, and neither of us be any more lonely or afraid?"

He stretched his hand to her with his heart in his face, and she gave him hers with a look of tender submission, as he said ardently, "Heaven bless hashish, if its dreams end like this!"

PASSATEMPO PERIGOSO

"É aquela coisa da Índia que faz termos visões fantásticas, não é?"

LOUISA MAY ALCOTT

– Se ninguém sugerir uma diversão nova e interessante, morrerei de tédio! – declarou a encantadora Belle Daventry, em tom de desespero. – Já li todos os meus livros e usei toda minha lã de Berlim, e está muito quente para ir à cidade comprar mais. Ninguém pode velejar, pois a maré está baixa. Estamos todos enjoados das cartas, do croqué e das fofocas, então, o que fazer para passar essa tarde sem fim? Dr. Meredith, eu ordeno que invente um novo jogo em cinco minutos.

– Seu desejo é uma ordem – respondeu o jovem, que se deitou na grama aos pés dela, dando um tapinha submisso na própria testa e pensando com todas as suas forças.

Belle ergueu um dedo para manter o silêncio, pegou seu relógio e aguardou com um sorriso ansioso. Os outros jovens do grupo, espalhados preguiçosamente sob as árvores, se aproximaram, visivelmente animados, pois os poderes inventivos do Dr. Meredith eram bem conhecidos, e alguma novidade poderia ser esperada dele. Um dos rapazes não se moveu, mas ficou ao alcance da voz, apenas desviando os olhos do mar para o grupo diante dele. Seu olhar repousou por um momento na imagem atraente de Belle, que estava muito bonita com seus cabelos brilhantes ao vento, seu braço branco e rechonchudo estendido para manter a ordem e um pequeno pé, em um chinelo que chamava a atenção, ligeiramente visível por baixo das dobras volumosas de seu vestido. Então, o olhar passou para outra figura, sentada à parte em uma nuvem de musselina branca, pois um manto flutuava da cabeça e dos ombros, mostrando apenas um rosto singular e encantador. Era pálida, mas brilhante, pois seus olhos do sul eram magníficos e suas bochechas cor de

oliva contrastavam com o cabelo escuro; os lábios eram como uma flor de romã e as sobrancelhas retas, delicadas, tão móveis quanto os lábios. Um cacho de flores vermelhas, quase caindo de suas tranças frouxas, e um bracelete de ouro com moedas árabes no pulso fino eram os únicos ornamentos que usava, que a colocavam à frente da moda trivial de suas amigas. Um livro repousava em seu colo, mas seus olhos, cheios de uma melancolia apaixonada, estavam fixos no mar, que brilhava em torno de uma ilha verde e florida, como um paraíso de verão. Rose St. Just era tão bonita quanto sua mãe espanhola, mas havia herdado o orgulho e a reserva de seu pai inglês. Esse orgulho era o espinho que repelia os amantes dessa flor humana. Mark Done suspirou enquanto olhava para ela e, como se o suspiro, por mais baixo que fosse, a tivesse despertado de seus devaneios, Rose lançou um rápido olhar para ele, pegou seu livro e seguiu a leitura sobre os "Lotófagos".

– Acabou o tempo, doutor – esbravejou Belle, guardando seu relógio com um floreio.

– Pronto para a missão – respondeu Meredith, sentando-se e apresentando uma caixinha dourada em casco de tartaruga.

– Que misterioso! O que é? Deixe-me ver primeiro! –. Belle então a abriu como uma criança curiosa. – Apenas bombons, que bobagem! Não senhor, isso não serve. Não queremos ser alimentadas com doces. Exigimos diversão.

– Coma seis desses bombons que despreza e você se divertirá de uma forma nova, deliciosa e maravilhosa – disse o jovem doutor, colocando meia dúzia em uma folha verde e oferecendo-os a ela.

– Por que, o que são? – ela perguntou, olhando-o de soslaio.

– Haxixe. Nunca ouviu falar?

– Ah, sim. É aquela coisa da Índia que faz termos visões fantásticas, não é? Sempre quis ver e experimentar, e agora irei – afirmou Belle, mordiscando um dos doces de recheio esverdeado.

– Eu aconselho que não prove. As pessoas fazem um monte de coisas estranhas quando experimentam. Eu não o faria de forma alguma – disse uma prudente e cautelosa jovem, enquanto todos examinavam a caixa e seu conteúdo.

– Seis não podem fazer mal, dou minha palavra. Eu como uns vinte antes de começar a me divertir, e algumas pessoas comem ainda mais. Já fiz muitos experimentos, com pessoas sadias e doentes, e nunca aconteceu algo de ruim, embora as manifestações tenham sido imensamente interessantes – disse

Meredith, comendo seus bombons com um ar tranquilo, convencendo os outros.

– Como irei me sentir? – perguntou Belle, começando sua segunda porção.

– Surge um devaneio celestial e você se move como se estivesse no ar. Tudo é calmo e agradável: sem dor, cautela ou medo de nada, e enquanto isso dura, você se sente como um anjo meio adormecido.

– Mas e se alguém come demais, como fica? – disse uma voz grossa atrás do médico.

– Ah! Bem, aí não é tão agradável, a não ser que você goste de aparições, delírios e uma espécie de pesadelo que parece durar mil anos. Já experimentou, Done? – respondeu Meredith, virando-se para o amigo, que agora se apoiava no braço e parecia interessado.

– Nunca. Não sou uma boa cobaia para esses experimentos. Um temperamento muito nervoso para arriscar.

– Creio que o ideal para você seria umas dez. Menos que isso raramente afeta os homens. As mulheres costumam sentir antes e não precisam de tantos. Senhorita St. Just, posso lhe oferecer um gostinho do Elísio? Devo meu sucesso a você – disse o doutor, aproximando-se com respeito.

– A mim! Por quê? – ela perguntou, erguendo os grandes olhos com um leve sorriso.

– Eu estava em um profundo desespero até que o título do seu livro me chamou a atenção e fui salvo, pois lembrei do haxixe que tinha no bolso.

– Você gosta de lótus? – ela disse, permitindo que ele colocasse seis bombons mágicos em cima da página.

– Por Deus, não! Uso-o em meus pacientes. É bem eficaz em distúrbios nervosos, e está se tornando um remédio benquisto por nós.

– Eu não quero esquecer o passado, mas ler o futuro. O haxixe vai me ajudar com isso? – perguntou Rose, com um olhar ansioso que fez o jovem corar, perguntando-se se ele estaria em alguma dessas visões do futuro.

– Infelizmente, não. Gostaria que pudesse, pois eu também anseio por saber meu destino – respondeu muito baixo, enquanto olhava para o rosto adorável diante dele.

O olhar suave mudou para uma indiferença gélida, e Rose gentilmente tirou o haxixe de cima de seu livro, dizendo, com um pequeno gesto de rejeição: – Então, não tenho o desejo de provar o Elísio.

Os doces caíram na grama aos seus pés, mas o Dr. Meredith os deixou ali e, girando bruscamente, voltou-se para a sorridente Belle.

– Já comi todos os meus, e a Evelyn também. O Sr. Norton com certeza verá duendes, pela quantidade que comeu. Estou feliz com isso, pois ele não acredita muito nisso e quero que se convença fazendo um espetáculo para nossa diversão – disse Belle, animada com o novo plano.

– Quando o efeito começa? – perguntou Evelyn, uma menina tímida, já bastante alarmada com o que havia feito.

– Cerca de três horas após a dose, embora o tempo varie dependendo da pessoa. Seu pulso irá acelerar, o coração baterá rápido, os olhos escurecerão e dilatarão e uma sensação estimulante irá invadi-la, em geral. Então, os sintomas mudam, e a alegria inicia. Já vi pessoas sentarem ou deitarem por horas na mesma posição, extasiadas em um sonho delicioso, e acordarem tão tranquilas como se não tivessem um nervo sequer em seus corpos.

– Que encantador! Vou comê-los toda vez que estiver preocupada. Deixe-me ver. Agora são quatro horas, então, o efeito começará por volta das sete e dedicaremos a noite às manifestações – disse Belle.

– Venha, Done, experimente. Vamos todos nos divertir. Aqui está a sua dose – disse Meredith, jogando para ele uma dúzia de bombons, enrolados em um pedaço de papel.

– Não, obrigado. Eu me conheço muito bem para arriscar. Se todos vocês vão virar comedores de haxixe, irão precisar de alguém que cuide de vocês, então, vou ficar sóbrio – disse enquanto devolvia o pequeno embrulho.

Ele caiu longe, e o doutor, com preguiça de pegá-lo, o deixou ali, falando com uma risada: – Bem, eu aconselho todo homem tímido a experimentar haxixe quando quiser oferecer seu coração a uma bela dama, porque isso lhe dará a coragem de um herói, a eloquência de um poeta e a paixão de um italiano. Lembrem-se disso, cavalheiros, e venham a mim quando a crise chegar.

– Ele doma o orgulho, provoca a piedade e amolece os duros corações do sexo oposto? – perguntou Done.

– Ouso dizer que é nosso momento de tirar a prova, já que duas moças consumiram e, em três horas, estarão em um estado de espírito tão celestial que o "não" nem passará por suas cabeças.

– Deus tenha piedade! O que fizemos? Se for assim, eu irei me trancar até que a bobeira passe. Rose, você não comeu. Imploro que monte guarda por mim e garanta que eu não perca minha honra de forma alguma. Prometa-me,

por favor! – exclamou Belle, meio de brincadeira e meio alarmada com as consequências da brincadeira.

– Eu prometo – disse Rose, enquanto saía flutuando pelo campo tão silenciosamente quanto uma nuvem branca, portando um sorriso curioso nos lábios.

– Não contem o que fizemos aos outros. Depois do chá iremos ao bosque e compararemos as experiências – disse Norton, enquanto Done caminhava para a praia e as vozes de amigos que se aproximavam quebravam o silêncio do verão.

Durante o chá da tarde, os iniciados olhavam disfarçadamente uns aos outros e percebiam, ou imaginavam perceber, os efeitos do haxixe, com certo entusiasmo reprimido e olhos extraordinariamente brilhantes. Belle ria com frequência, uma risada alegre, agradável de ser ouvida; mas quando recebia elogios por seu bom humor, parecia incomodada e falava que não conseguia controlar sua alegria. Meredith parecia calmo, porém, tinha um ar sonhador. Evelyn estava pálida, e quem estava ao seu lado conseguia ouvir seu coração bater. Norton falava sem parar, mas como se comportava assim sempre, ninguém suspeitou de nada. Done e a Srta. St. Just, calados, observavam os outros com interesse, especialmente Rose, que mal falava, mas sorria docemente e parecia muito adorável.

A lua surgiu cedo e os experimentadores se afastaram para o bosque, deixando os forasteiros no gramado, como sempre. Alguma alma ousada pediu a Rose que cantasse, e ela imediatamente acatou, derramando o ar espanhol em uma voz que derreteu os corações do público, cheia de uma doçura ardente e um toque melancólico. Done parecia encantado e deitou de bruços na grama para esconder as lágrimas que desciam. Com medo da desonra pública, se levantou e saiu correndo para o pequeno cais, onde ficou sentado sozinho, ouvindo a música com um semblante que revelava claramente às estrelas a paixão que o possuía. O som de gargalhadas do bosque, seguido por um completo silêncio, fez com que se perguntasse sobre as manifestações que estavam acontecendo, ficando tentado a ir ver. Mas aquela voz encantadora o manteve cativo, mesmo enquanto um barco zarpava misteriosamente de um ponto próximo e partia como um fantasma no crepúsculo.

Meia hora depois, uma figura branca desceu a trilha e a voz de Rose interrompeu seu sonho de uma noite de verão. A lua brilhava intensamente e mostrava a ansiedade em seu rosto, enquanto dizia apressadamente: – Onde está Belle?

– Foi velejar, eu acho.

– Como você a deixou ir? Ela não estava em condições de cuidar de si mesma!

– Esqueci disso.

– Eu também, mas prometi vigiá-la, e irei fazê-lo. Por onde eles foram? – exigiu Rose, envolvendo-se no manto branco e correndo os olhos pelos pequenos barcos ancorados abaixo.

– Você vai segui-la?

– Sim.

– Serei seu guia, então. Eles foram em direção ao farol, é muito longe para remar. Estou a seu dispor. Diga que sim! – exclamou Done, pulando em seu próprio barco e oferecendo a mão persuasivamente.

Ela hesitou um pouco e olhou para ele. Done sempre fora pálido, mas a luz da lua aumentava essa palidez. Seu chapéu escondia os olhos e a voz estava muito baixa. Uma forte gargalhada pôde ser ouvida pela água e, como se o som indicasse a melhor decisão, ela lhe deu a mão e entrou no barco. Ele sorriu triunfante enquanto estendia a vela, que pegou o vento refrescante e fez o barco dançar ao longo do caminho de luz.

Como foi prazeroso! Todos os atrativos indescritíveis de uma noite de verão perfeita os envolviam: ares agradáveis, luar encantador, música distante e, à mão, a deliciosa atmosfera do amor, que se fazia sentir nos silêncios eloquentes que caíam entre eles. Rose pareceu ceder ao charme sutil e recostou-se no assento com seu belo rosto descoberto, cheio de uma suavidade sonhadora, as mãos frouxamente fechadas diante de si. Ela raramente falava, sem se mostrar mais ansiosa por encontrar Belle, logo parecendo até esquecer o objetivo de sua busca, absorta em algum pensamento delicioso que a envolvia em paz.

Done estava sentado do outro lado, corado, inquieto e empolgado, com os olhos brilhando. A mão do leme tremia e sua voz soava intensa e apaixonada, mesmo na pronúncia de palavras curtas. Ele falava continuamente e com um brilho incomum, pois embora fosse um homem realizado, era indolente ou exigente demais para se esforçar, exceto entre os colegas. Rose parecia olhar sem ver e ouvir sem escutar, e embora sorrisse alegremente, o sorriso aparentava não ser para ele.

Continuaram navegando sem prestar atenção ao grupo de nuvens negras que se acumulava no horizonte, ao vento crescente e ao silêncio que comprovava sua solidão. Rose se moveu uma ou duas vezes e levantou a mão como se quisesse falar, mas se afundou silenciosamente, a mão caindo como

se não tivesse energia suficiente para cumprir seu desejo. Uma nuvem que escondeu a lua, o som distante de um trovão e uma leve rajada que atingiu a vela pareceram despertá-la. Done estava agora inspirado, cantando com o chapéu aos pés, cabelos desarrumados e uma expressão estranhamente arrebatadora nos olhos, fixos nela. Rose despertou, estremeceu e pareceu se recuperar com um esforço.

– Onde eles estão? – perguntou, procurando em vão pela costa ou por outro barco.

– Foram à praia, eu acho, mas nós vamos segui-los –. Quando Done se inclinou para falar, ela viu seu rosto e se encolheu com um repentino rubor, pois percebera claramente o que sentia, mas ainda duvidava. Ele percebeu o rubor e os gestos reveladores e disse impetuosamente: – Agora você sabe, e não pode mais me enganar ou me afastar com seu orgulho! Rose, eu amo você, e ouso dizer isso hoje!

– Agora não, aqui não. Não vou ouvir. Dê a volta e fique calado, por favor, Sr. Done – ela disse apressadamente.

Ele riu de forma desafiadora e pegou a mão dela, que estava queimando e latejando com o calor acelerado de seu pulso.

– Não, eu terei minha resposta aqui e agora, e nunca voltarei até que você a dê. Você sempre foi uma rosa cheia de espinhos e muito me feriu. Serei pago pela minha mágoa com palavras doces, olhares ternos e sinceras confissões de amor. Por mais orgulhosa que seja, você me ama, não ouse negar.

Algo em seu tom a assustou. Ela afastou a mão e saiu de seu alcance, tentando falar com calma e devolver com frieza os ardentes olhares daqueles olhos que estavam estranhamente escurecidos e dilatados, com emoções incontroláveis.

– Não se exalte. Não irei responder a uma declaração feita nesses termos. Leve-me para casa imediatamente – disse ela, em tom imperativo.

– Confesse que me ama, Rose.

– Nunca!

– Ah! Você me dará uma resposta mais gentil, ou... – Done levantou-se e estendeu a mão para segurá-la e trazê-la para perto, mas o grito que ela soltou pareceu colocá-lo em um estado de choque. Ele se sentou, passou a mão sobre os olhos e estremeceu nervosamente enquanto murmurava em um tom alterado: – Eu não quis dizer essas coisas. É a luz da lua. Sente-se, eu vou me controlar. Juro pela minha alma!

– Se você não se controlar, vou pular no mar. Ficou louco, senhor? – gritou Rose, tremendo de indignação.

– Então eu pularei junto, Rose, pois estou louco de amor – e haxixe!

Sua voz afundou em um sussurro, mas a última palavra abalou os nervos dela como nenhum medo havia feito antes. Por um instante, Rose o encarou com um olhar que captava todos os sinais de excitação atípica, e então apertou as mãos em um gesto suplicante, enquanto dizia desesperadamente: – Por que eu vim? Como isso vai acabar? Mark, leve-me para case antes que seja tarde demais!

– Calma! Fique calma, não me desconcentre, ou posso ficar louco de novo. Meus pensamentos não estão claros, mas eu entendo você. Aqui, pegue minha faca e, se eu perder o controle, me mate. Não pule, você é linda demais para morrer, minha Rose!

Ele jogou a esguia faca de caça que carregava, olhou para ela por um momento com um olhar distante e ajustou a vela como se estivesse se movendo em um sonho. Rose pegou a arma, envolveu sua capa com força e, agachando-se o mais longe possível, ficou de olho nele, o rosto vigilante demonstrando terror e uma perturbação secreta, em uma perplexidade ainda mais poderosa que o medo.

A embarcação girou e passou a bater contra o vento e a maré. Água espirrava em sua proa e a vela se curvava e esticava nas rajadas que a atingiam, criando um perigoso caos. A lua estava quase escondida pelas nuvens e metade do céu estava escuro, com a tempestade se aproximando. Rose olhou do céu ameaçador para o mar traiçoeiro, tentando se preparar para o perigo, mas sua calma havia sido lamentavelmente quebrada e ela não conseguia recuperá-la. Done estava imóvel, sem proferir nenhuma palavra de encorajamento, mesmo quando o vento quase arrancava a corda de sua mão e a água batia nele.

– Estamos correndo perigo? – Rose perguntou finalmente, incapaz de suportar o silêncio, pois ele parecia um timoneiro fantasmagórico visto pela luz instável, agora pálido, de olhos arregalados e mudo.

– Sim, um grande perigo.

– Eu pensei que você era um velejador habilidoso.

– Eu sou, quando estou consciente. Agora estou perdendo o autocontrole e uma estranha quietude está tomando conta de mim. Se eu tivesse sozinho, já teria desistido, mas por você, continuo.

– Você não consegue guiar? – perguntou Rose, aterrorizada pela mudança na voz de Done e seus movimentos lentos e incertos nas mãos.

– Não. Estou vendo tudo através de uma nuvem espessa. Sua voz parece distante e minha única vontade é deitar e dormir.

– Deixe-me pilotar – eu consigo, eu preciso conseguir! – ela gritou, pulando em sua direção e colocando a mão no leme.

Ele sorriu e beijou sua mão, falando em devaneios: – Você não conseguiria segurar por um minuto. Sente-se ao meu lado, vamos dar meia-volta e ir embora juntos para qualquer lugar do mundo.

– Ó, céus, o que será de nós! – Rose apertava as mãos em desespero. – Sr. Done – Mark, querido Mark, acorde e me escute. Dê meia-volta, como você disse, pois é certo que morreremos se seguirmos. Vire, e vamos à deriva em direção ao farol. Eles irão nos ouvir e nos ajudar. Rápido, abaixe a vela, tire os remos e vamos tentar chegar lá antes que a tempestade comece.

Enquanto Rose falava, ele a obedecia como um animal. Seu amor era mais forte que o instinto de autopreservação e, por ela, ele lutou contra a letargia traiçoeira que o dominava rapidamente. A vela foi baixada, o barco girado e, com pouca ajuda dos remos mal puxados, ele flutuou rapidamente para a maré baixa.

Enquanto recuperava o fôlego após essa manobra perigosa, Rose perguntou, em um tom calmo que buscava, em vão, fingir naturalidade: – Quanto haxixe você comeu?

– Tudo o que Meredith me deu. Foi demais. Mas eu estava decidido a comer, então, escondi o pacote e experimentei – ele respondeu, olhando-a com uma risada estranha.

– Vamos conversar, nossa segurança depende em nos manter acordados e não ouso deixar você dormir – disse Rose, jogando água em sua própria testa quente, meio desesperada.

– Diga que me ama, isso me faria perder o sono. Eu torci e temi, esperei e sofri por tanto tempo. Tenha misericórdia e responda, Rose.

– Eu vou, mas não agora.

A resposta foi tão baixa que ele mal a ouviu, mas compreendeu e se esforçou gravemente para quebrar o maldito feitiço que o prendia. Inclinando-se para frente, tentou ler seu rosto enquanto um raio de luar atravessava as nuvens. Done viu um calor novo e terno nela, pois todo seu orgulho havia se esvaído e nenhum medo frustrava a eloquência daqueles olhos claros e suaves.

– Beije-me, Rose, e eu acreditarei. Sinto-me perdido em um sonho, e você, tão mudada, tão gentil, só pode ser um fantasma bom. Beije-me, amor, e torne isso real.

Como se possuída por um poder maior do que sua vontade, Rose se inclinou para encontrar seus lábios. Mas a pressão ardente pareceu assustá-la por um momento, fazendo-a se esquecer de tudo, menos do amor. Ela cobriu o rosto e afundou, como se estivesse tomada pela vergonha, soluçando em lágrimas apaixonadas: – O que estou fazendo? Estou louca, pois eu também comi haxixe!

O que ele respondeu, ela nunca ouviu, pois um estrondo de trovão abafou sua voz e, então, a tempestade iniciou. A chuva caía em torrentes, o vento soprava violentamente, o céu e o mar eram negros como tinta e o barco agitava de onda em onda, quase os virando. Dando-se por perdida, Rose se arrastou para o lado de seu amado e se agarrou nele, consciente apenas de que eles se uniriam pelos perigos que sua própria loucura causou. A empolgação de Done havia desaparecido agora. Ele estava sentado como uma estátua, protegendo a criatura frágil que amava com um sorriso no rosto que parecia terrivelmente sem emoção, enquanto o raio deixava entrever vislumbres de sua imobilidade branca. Encharcada, exausta e meio anestesiada pelo perigo, o medo e a exposição, Rose finalmente viu um brilho salvador através da escuridão e se levantou para gritar por ajuda.

– Mark, acorde e me ajude! Grite, pelo amor de Deus – grite e chame-os, pois estamos perdidos à deriva! – ela gritava, levantando a cabeça dele que estava caída no peito e forçando-o a ver os faróis brilhantes atravessando a água agitada.

Ele a atendeu e, saltando, começou a gritar e gritar como um demente. Felizmente, a tempestade havia acalmado um pouco; o faroleiro os ouviu e respondeu. Rose pegou o leme, Done os remos e, com um esforço frenético, guiaram o barco para águas mais calmas, onde foram recebidos pelo faroleiro, que os rebocou para o recanto rochoso que servia de porto.

No momento em que o rosto firme e forte encontrou seus olhos e uma voz rouca e alegre a saudou, Rose cedeu e foi carregada para dentro da casa, parecendo mais uma bela Ofélia afogada do que uma mulher viva.

– Sally, ajude a pobre coitada, ela passou por um momento difícil. Eu vou cuidar do namorado dela – e vou ter um trabalhão, porque se ele não estiver louco ou bêbado, levou um raio na cabeça e parece que não vai recuperar a audição logo – disse o velho, enquanto abrigava seus inesperados hóspedes e olhava para Done, que parecia atordoado. – Apenas se entregue e durma,

amigo. Vamos cuidar da moça e vou ajeitar seu barco de manhã – acrescentou.

– Seja gentil com a Rose. Eu a assustei. Não vou me esquecer de você. Sim, vou dormir e me recuperar dessa maldita loucura o mais rápido possível – murmurou o estranho visitante.

Done se atirou no sofá áspero e tentou dormir, mas todos seus nervos estavam enrijecidos, seu pulso batia como um martelo e tudo nele era intensificado e exagerado, com um poder terrível. A tempestade parecia um furacão selvagem, a sala pitoresca parecia um deserto repleto de fantasmas atormentadores e todos os eventos de sua vida passavam diante dos seus olhos em uma procissão sem fim, quase o enlouquecendo. O velho parecia estranho e gigantesco, sua própria voz soava estridente e discordante e o murmúrio incessante das andanças incoerentes de Rose o assombrava como partes de um sonho grotesco e atormentador.

Durante toda a noite ele ficou imóvel, com olhos arregalados, lábios febris e a mente vagando, pois a delicada máquina que havia sido adulterada se vingava ao torturar o tolo experimentador. Durante toda a noite, Rose chorou e cantou, conversou e gritou por socorro, em um estado de êxtase nervoso, pois para ela o transe veio primeiro e a agitação posterior foi intensificada pelos eventos da noite. Finalmente ela dormiu, embalada pelos cuidados maternos da velha senhora, e Done foi poupado de um medo terrível, pois temia as consequências da loucura nela mais do que em si mesmo.

Ao amanhecer, levantou-se abatido e fraco e cambaleou para fora. À porta, encontrou o faroleiro, que o parou para informar que o barco estava em ordem e que faria um bom dia. Vendo dúvida e perplexidade nos olhos do velho, Done contou a verdade e informou que iria à praia para um mergulho, esperando que esse tônico simples restabelecesse seus nervos irritados.

Ele voltou sentindo-se ele mesmo, exceto por uma dor de cabeça maçante e um forte sentimento de remorso pesando em seu espírito, pois se recordava claramente de todos os eventos da noite. A velha o fez comer e beber e, dentro de uma hora, ele se sentiu pronto para a viagem de volta.

Rose dormiu até tarde e, quando acordou, logo se recuperou, pois sua dose havia sido pequena. Após tomar o café da manhã e ir apressadamente ao banheiro, declarou estar ansiosa pelo retorno ao lar. Ela temia e ansiava o momento em que veria Done e, quando a hora chegou, armou-se de orgulho, sentindo toda a vergonha que uma mulher poderia sentir após os acontecimentos da noite anterior, resoluta em fingir esquecimento. Pálida e fria como uma estátua, ela o encontrou e, assim que ele começou a falar humil-

demente: “Perdoe-me, Rose”, ela o calou com um gesto imperativo e uma ordem: – Não fale sobre isso. Só me lembro que foi horrível e gostaria de esquecer tudo o mais rápido possível.

– Tudo, Rose? – ele perguntou, com emoção.

– Sim, tudo. Ninguém se importaria em recordar as loucuras de uma viagem de haxixe – ela respondeu, virando-se apressadamente para esconder a vermelhidão que surgira e os olhos que encontrariam os seus.

– Eu nunca esquecerei, mas não falarei disso, se assim você ordenar.

– Eu ordeno. Vamos. O que vão pensar de nós na ilha? Sr. Done, me prometa que não contará a ninguém, nem agora, nem nunca, de que participei desse passatempo perigoso. Guardarei seu segredo também – ela falou com ansiedade e um olhar suplicante.

– Eu prometo – e ele lhe deu a mão, segurando-a com um olhar melancólico, até que ela a afastou e implorou que a levasse de volta para casa.

Deixando sinceros agradecimentos e uma recompensa generosa, eles partiram com um vento forte, encontrando no frescor da manhã uma cura rápida para seus corpos cansados e mentes excitadas. Falaram pouco, mas era impossível para Rose preservar sua frieza. A memória da noite anterior quebrou seu orgulho e os olhares ternos de Done tocaram seu coração. Ela escondeu o rosto por trás das mãos e tentou se recompor para os momentos que viriam, pois, ao se aproximar da ilha, viu Belle e seu grupo esperando por eles na praia.

– Sr. Done, proteja-me de seus olhares e perguntas o máximo que puder! Estou tão cansada e nervosa que vou acabar me entregando. Você me ajuda? – e se virou para ele com um olhar de intimidade, estranhamente em desacordo com sua habitual compostura.

– Vou protegê-la com minha vida, se me contar por que comeu o haxixe – disse ele, empenhado em descobrir seu destino.

– Eu esperava que isso me tornasse mais suave e amável, como as outras mulheres. Estou cansada de ser uma estátua solitária – ela hesitou, como se a verdade lhe fosse arrancada por um poder mais forte do que sua própria vontade.

– E eu experimentei para ter a coragem de dizer que amo você, Rose. Quase morremos juntos; vamos viver juntos agora, e nenhum de nós precisará sentir medo ou solidão.

Ele estendeu a mão para ela, com o coração na garganta, e ela entregou a sua com ternura no olhar, enquanto Done dizia com paixão: – Abençoado seja o haxixe, se todas suas viagens terminam assim!

ensaios

(n.t.) | Patan

Uma modesta proposta

Jonathan Swift

O texto: Publicado originalmente em forma de panfleto, em 1729, o ensaio "Uma modesta proposta: Para impedir que os filhos de pessoas pobres na Irlanda sejam um fardo para seus pais ou país, e para torná-los benéficos ao público", foi o último texto satírico de Swift a defender as causas irlandesas e abordar o tema da pobreza. Nele, um cidadão de espírito público sugere que o superpovoamento e as precárias condições econômicas da Irlanda poderiam ser atenuados se as crianças de famílias pobres fossem vendidas como alimento para a classe alta, a fim de estimular a economia e tirar o país da recessão. Criticado à época por seu "mau gosto", o ensaio se converteria, anos mais tarde, em uma referência do gênero ensaístico.

Texto traduzido: Swift, Jonathan. *A Modest Proposal:* For Preventing the Children of Poor People in Ireland from Being a Burden to Their Parents or Country, and for Making Them Beneficial to the Public [1729]. Disponível em: www.gutenberg.org.

O autor: Jonathan Swift (1967-1745), poeta e escritor anglo-irlandês, nasceu em Dublin. Autor do clássico *As viagens de Gulliver*, de 1726, obra que definiu o estilo swiftiano, caracterizado pela sátira mordaz, publicou a maioria de suas obras sob pseudônimos, como Lemuel Gulliver, Isaac Bikerstaff, the Drapier, ou então, de forma anônima, através de panfletos, os quais tiveram grande circulação em seu país e que o converteram em um personagem temido pela sociedade anglo-irlandesa de sua época por seu humor negro e cáustico. Em 1713, tornou-se reitor da Catedral de São Patrício, em Dublin.

A tradutora: Thaís Fernandes é professora, tradutora e revisora de periódicos em Letras e Linguística. Tem especialização em Língua Inglesa e suas Literaturas (UNESA-RJ) e desenvolve pesquisa em Estudos da Tradução (FFLCH/USP). Participa do Programa Formativo do Centro de Estudos de Tradução Literária (Casa Guilherme de Almeida). Tem poemas e traduções publicados em jornais e revistas como *The Acentos Review*, *The Mark Literary Review*, *Tuck Magazine* e *The Asahi Shimbun* (haiku). Para a (n.t.) traduziu Katherine Mansfield.

A Modest Proposal

For preventing the children of poor people in Ireland,
from being a burden on their parents or country,
and for making them beneficial to the publick.

JONATHAN SWIFT

1729

It is a melancholy object to those, who walk through this great town, or travel in the country, when they see the streets, the roads, and cabbin-doors crowded with beggars of the female sex, followed by three, four, or six children, all in rags, and importuning every passenger for an alms. These mothers, instead of being able to work for their honest livelihood, are forced to employ all their time in stroling to beg sustenance for their helpless infants who, as they grow up, either turn thieves for want of work, or leave their dear native country, to fight for the Pretender in Spain, or sell themselves to the Barbadoes.

I think it is agreed by all parties, that this prodigious number of children in the arms, or on the backs, or at the heels of their mothers, and frequently of their fathers, is in the present deplorable state of the kingdom, a very great additional grievance; and therefore whoever could find out a fair, cheap and easy method of making these children sound and useful members of the commonwealth, would deserve so well of the publick, as to have his statue set up for a preserver of the nation.

But my intention is very far from being confined to provide only for the children of professed beggars: it is of a much greater extent, and shall take in the whole number of infants at a certain age, who are born of parents in effect as little able to support them, as those who demand our charity in the streets.

As to my own part, having turned my thoughts for many years upon this important subject, and maturely weighed the several schemes of our projectors, I have always found them grossly mistaken in their computation. It is true, a child just dropt from its dam, may be supported by her milk, for a solar year, with little other nourishment: at most not above the value of two shillings, which the mother may certainly get, or the value in scraps, by her lawful occupation of begging; and it is exactly at one year old that I propose to provide for them in such a manner, as, instead of being a charge upon their parents, or the parish, or wanting food and raiment for the rest of their lives, they shall, on the contrary, contribute to the feeding, and partly to the clothing of many thousands.

There is likewise another great advantage in my scheme, that it will prevent those voluntary abortions, and that horrid practice of women murdering their bastard children, alas! too frequent among us, sacrificing the poor innocent babes, I doubt, more to avoid the expence than the shame, which would move tears and pity in the most savage and inhuman breast.

The number of souls in this kingdom being usually reckoned one million and a half, of these I calculate there may be about two hundred thousand couple, whose wives are breeders; from which number I subtract thirty thousand couple, who are able to maintain their own children, (although I apprehend there cannot be so many under the present distresses of the kingdom) but this being granted, there will remain a hundred and seventy thousand breeders. I again subtract fifty thousand, for those women who miscarry, or whose children die by accident or disease within the year. There only remain a hundred and twenty thousand children of poor parents annually born. The question therefore is, How this number shall be reared and provided for? which, as I have already said, under the present situation of affairs, is utterly impossible by all the methods hitherto proposed. For we can neither employ them in handicraft or agriculture; they neither build houses, (I mean in the country) nor cultivate land: they can very seldom pick up a livelihood by stealing till they arrive at six years old; except where they are of towardly parts, although I confess they learn the rudiments much earlier; during which time they can however be properly looked upon only as probationers; as I have been informed by a principal gentleman in the county of Cavan, who protested to me, that he never knew above one or two instances under the age of six, even in a part of the kingdom so renowned for the quickest proficiency in that art.

I am assured by our merchants, that a boy or a girl, before twelve years old, is no saleable commodity, and even when they come to this age, they

will not yield above three pounds, or three pounds and half a crown at most, on the exchange; which cannot turn to account either to the parents or kingdom, the charge of nutriments and rags having been at least four times that value.

I shall now therefore humbly propose my own thoughts, which I hope will not be liable to the least objection.

I have been assured by a very knowing American of my acquaintance in London, that a young healthy child well nursed, is, at a year old, a most delicious nourishing and wholesome food, whether stewed, roasted, baked, or boiled; and I make no doubt that it will equally serve in a fricasee, or a ragoust.

I do therefore humbly offer it to publick consideration, that of the hundred and twenty thousand children, already computed, twenty thousand may be reserved for breed, whereof only one fourth part to be males; which is more than we allow to sheep, black cattle, or swine, and my reason is, that these children are seldom the fruits of marriage, a circumstance not much regarded by our savages, therefore, one male will be sufficient to serve four females. That the remaining hundred thousand may, at a year old, be offered in sale to the persons of quality and fortune, through the kingdom, always advising the mother to let them suck plentifully in the last month, so as to render them plump, and fat for a good table. A child will make two dishes at an entertainment for friends, and when the family dines alone, the fore or hind quarter will make a reasonable dish, and seasoned with a little pepper or salt, will be very good boiled on the fourth day, especially in winter.

I have reckoned upon a medium, that a child just born will weigh 12 pounds, and in a solar year, if tolerably nursed, encreaseth to 28 pounds.

I grant this food will be somewhat dear, and therefore very proper for landlords, who, as they have already devoured most of the parents, seem to have the best title to the children.

Infant's flesh will be in season throughout the year, but more plentiful in March, and a little before and after; for we are told by a grave author, an eminent French physician, that fish being a prolifick dyet, there are more children born in Roman Catholick countries about nine months after Lent, than at any other season; therefore, reckoning a year after Lent, the markets will be more glutted than usual, because the number of Popish infants, is at least three to one in this kingdom, and therefore it will have one other collateral advantage, by lessening the number of Papists among us.

I have already computed the charge of nursing a beggar's child (in which list I reckon all cottagers, labourers, and four-fifths of the farmers) to be about two shillings per annum, rags included; and I believe no gentleman would repine to give ten shillings for the carcass of a good fat child, which, as I have said, will make four dishes of excellent nutritive meat, when he hath only some particular friend, or his own family to dine with him. Thus the squire will learn to be a good landlord, and grow popular among his tenants, the mother will have eight shillings neat profit, and be fit for work till she produces another child.

Those who are more thrifty (as I must confess the times require) may flay the carcass; the skin of which, artificially dressed, will make admirable gloves for ladies, and summer boots for fine gentlemen.

As to our City of Dublin, shambles may be appointed for this purpose, in the most convenient parts of it, and butchers we may be assured will not be wanting; although I rather recommend buying the children alive, and dressing them hot from the knife, as we do roasting pigs.

A very worthy person, a true lover of his country, and whose virtues I highly esteem, was lately pleased in discoursing on this matter, to offer a refinement upon my scheme. He said, that many gentlemen of this kingdom, having of late destroyed their deer, he conceived that the want of venison might be well supplied by the bodies of young lads and maidens, not exceeding fourteen years of age, nor under twelve; so great a number of both sexes in every county being now ready to starve for want of work and service: and these to be disposed of by their parents if alive, or otherwise by their nearest relations. But with due deference to so excellent a friend, and so deserving a patriot, I cannot be altogether in his sentiments; for as to the males, my American acquaintance assured me from frequent experience, that their flesh was generally tough and lean, like that of our schoolboys, by continual exercise, and their taste disagreeable, and to fatten them would not answer the charge. Then as to the females, it would, I think, with humble submission, be a loss to the publick, because they soon would become breeders themselves: and besides, it is not improbable that some scrupulous people might be apt to censure such a practice, (although indeed very unjustly) as a little bordering upon cruelty, which, I confess, hath always been with me the strongest objection against any project, how well soever intended.

But in order to justify my friend, he confessed, that this expedient was put into his head by the famous Psalmanaazor, a native of the island For-

mosa, who came from thence to London, above twenty years ago, and in conversation told my friend, that in his country, when any young person happened to be put to death, the executioner sold the carcass to persons of quality, as a prime dainty; and that, in his time, the body of a plump girl of fifteen, who was crucified for an attempt to poison the Emperor, was sold to his imperial majesty's prime minister of state, and other great mandarins of the court in joints from the gibbet, at four hundred crowns. Neither indeed can I deny, that if the same use were made of several plump young girls in this town, who without one single groat to their fortunes, cannot stir abroad without a chair, and appear at a playhouse and assemblies in foreign fineries which they never will pay for, the kingdom would not be the worse.

Some persons of a desponding spirit are in great concern about that vast number of poor people, who are aged, diseased, or maimed; and I have been desired to employ my thoughts what course may be taken, to ease the nation of so grievous an incumbrance. But I am not in the least pain upon that matter, because it is very well known, that they are every day dying, and rotting, by cold and famine, and filth, and vermin, as fast as can be reasonably expected. And as to the young labourers, they are now in almost as hopeful a condition. They cannot get work, and consequently pine away from want of nourishment, to a degree, that if at any time they are accidentally hired to common labour, they have not strength to perform it, and thus the country and themselves are happily delivered from the evils to come.

I have too long digressed, and therefore shall return to my subject. I think the advantages by the proposal which I have made are obvious and many, as well as of the highest importance.

For first, as I have already observed, it would greatly lessen the number of Papists, with whom we are yearly overrun, being the principal breeders of the nation, as well as our most dangerous enemies, and who stay at home on purpose with a design to deliver the kingdom to the Pretender, hoping to take their advantage by the absence of so many good Protestants, who have chosen rather to leave their country, than stay at home and pay tithes against their conscience to an episcopal curate.

Secondly, The poorer tenants will have something valuable of their own, which by law may be made liable to a distress, and help to pay their landlord's rent, their corn and cattle being already seized, and money a thing unknown.

Thirdly, Whereas the maintainance of a hundred thousand children, from two years old, and upwards, cannot be computed at less than ten shillings a piece per annum, the nation's stock will be thereby encreased fifty thousand pounds per annum, besides the profit of a new dish, introduced to the tables of all gentlemen of fortune in the kingdom, who have any refinement in taste. And the money will circulate among our selves, the goods being entirely of our own growth and manufacture.

Fourthly, The constant breeders, besides the gain of eight shillings sterling per annum by the sale of their children, will be rid of the charge of maintaining them after the first year.

Fifthly, This food would likewise bring great custom to taverns, where the vintners will certainly be so prudent as to procure the best receipts for dressing it to perfection; and consequently have their houses frequented by all the fine gentlemen, who justly value themselves upon their knowledge in good eating; and a skilful cook, who understands how to oblige his guests, will contrive to make it as expensive as they please.

Sixthly, This would be a great inducement to marriage, which all wise nations have either encouraged by rewards, or enforced by laws and penalties. It would encrease the care and tenderness of mothers towards their children, when they were sure of a settlement for life to the poor babes, provided in some sort by the publick, to their annual profit instead of expence. We should soon see an honest emulation among the married women, which of them could bring the fattest child to the market. Men would become as fond of their wives, during the time of their pregnancy, as they are now of their mares in foal, their cows in calf, or sows when they are ready to farrow; nor offer to beat or kick them (as is too frequent a practice) for fear of a miscarriage.

Many other advantages might be enumerated. For instance, the addition of some thousand carcasses in our exportation of barrel'd beef: the propagation of swine's flesh, and improvement in the art of making good bacon, so much wanted among us by the great destruction of pigs, too frequent at our tables; which are no way comparable in taste or magnificence to a well grown, fat yearling child, which roasted whole will make a considerable figure at a Lord Mayor's feast, or any other publick entertainment. But this, and many others, I omit, being studious of brevity.

Supposing that one thousand families in this city, would be constant customers for infants flesh, besides others who might have it at merry meetings, particularly at weddings and christenings, I compute that Dublin would take

off annually about twenty thousand carcasses; and the rest of the kingdom (where probably they will be sold somewhat cheaper) the remaining eighty thousand.

I can think of no one objection, that will possibly be raised against this proposal, unless it should be urged, that the number of people will be thereby much lessened in the kingdom. This I freely own, and was indeed one principal design in offering it to the world. I desire the reader will observe, that I calculate my remedy for this one individual Kingdom of Ireland, and for no other that ever was, is, or, I think, ever can be upon Earth. Therefore let no man talk to me of other expedients: Of taxing our absentees at five shillings a pound: Of using neither clothes, nor houshold furniture, except what is of our own growth and manufacture: Of utterly rejecting the materials and instruments that promote foreign luxury: Of curing the expensiveness of pride, vanity, idleness, and gaming in our women: Of introducing a vein of parsimony, prudence and temperance: Of learning to love our country, wherein we differ even from Laplanders, and the inhabitants of Topinamboo: Of quitting our animosities and factions, nor acting any longer like the Jews, who were murdering one another at the very moment their city was taken: Of being a little cautious not to sell our country and consciences for nothing: Of teaching landlords to have at least one degree of mercy towards their tenants. Lastly, of putting a spirit of honesty, industry, and skill into our shopkeepers, who, if a resolution could now be taken to buy only our native goods, would immediately unite to cheat and exact upon us in the price, the measure, and the goodness, nor could ever yet be brought to make one fair proposal of just dealing, though often and earnestly invited to it.

Therefore I repeat, let no man talk to me of these and the like expedients, till he hath at least some glympse of hope, that there will ever be some hearty and sincere attempt to put them into practice.

But, as to myself, having been wearied out for many years with offering vain, idle, visionary thoughts, and at length utterly despairing of success, I fortunately fell upon this proposal, which, as it is wholly new, so it hath something solid and real, of no expence and little trouble, full in our own power, and whereby we can incur no danger in disobliging England. For this kind of commodity will not bear exportation, and flesh being of too tender a consistence, to admit a long continuance in salt, although perhaps I could name a country, which would be glad to eat up our whole nation without it.

After all, I am not so violently bent upon my own opinion, as to reject any offer, proposed by wise men, which shall be found equally innocent, cheap, easy, and effectual. But before something of that kind shall be advanced in contradiction to my scheme, and offering a better, I desire the author or authors will be pleased maturely to consider two points. First, As things now stand, how they will be able to find food and raiment for a hundred thousand useless mouths and backs. And secondly, There being a round million of creatures in humane figure throughout this kingdom, whose whole subsistence put into a common stock, would leave them in debt two million of pounds sterling, adding those who are beggars by profession, to the bulk of farmers, cottagers and labourers, with their wives and children, who are beggars in effect; I desire those politicians who dislike my overture, and may perhaps be so bold to attempt an answer, that they will first ask the parents of these mortals, whether they would not at this day think it a great happiness to have been sold for food at a year old, in the manner I prescribe, and thereby have avoided such a perpetual scene of misfortunes, as they have since gone through, by the oppression of landlords, the impossibility of paying rent without money or trade, the want of common sustenance, with neither house nor clothes to cover them from the inclemencies of the weather, and the most inevitable prospect of intailing the like, or greater miseries, upon their breed for ever.

I profess in the sincerity of my heart, that I have not the least personal interest in endeavouring to promote this necessary work, having no other motive than the publick good of my country, by advancing our trade, providing for infants, relieving the poor, and giving some pleasure to the rich. I have no children, by which I can propose to get a single penny; the youngest being nine years old, and my wife past child-bearing.

UMA MODESTA PROPOSTA

Para impedir que os filhos dos pobres na Irlanda
sejam um fardo para seus pais ou país,
e para torná-los benéficos ao público.

JONATHAN SWIFT

1729

Trata-se de uma objeção melancólica para aqueles que caminham por esta grande cidade, ou viajam pelo país, quando veem nas ruas, nas estradas e nos casebres repletos de pedintes, mulheres seguidas por três, quatro ou seis filhos, todos maltrapilhos, e importunando cada pedestre para pedir esmolas. Estas mães, em vez de serem capazes de trabalhar pelo seu modo de vida honesto, são forçadas a empregar todo o seu tempo para suplicar comida para dar às suas crianças indefesas que, à medida que crescem, se transformam em ladrões por falta de trabalho ou deixam seu adorado país de origem, para lutar pelos interesses do Pretendente na Espanha ou venderem-se aos Barbados.

Eu acredito que todos os partidos políticos estão de acordo com esse prodigioso número de crianças nos braços, costas ou calcanhares de suas mães e, amiúde, de seus pais, na hodierna conjuntura estatal, essa grande injúria adicional; e, portanto, quem quer que possa descobrir um método justo, barato e fácil de fazer com que essas crianças sejam membros úteis e benéficos à riqueza comum, merecerá a aprovação do público, na iminência de ter sua estátua construída para preservar a nação.

Todavia, minha intenção está muito longe de se limitar a prover apenas aos filhos dos mendigos professos. Ou seja, o alcance disso pode ser muito maior e absorver todo o número de crianças de certa idade, nascidas de pais com poucos recursos para sustentá-las, a exemplo daqueles que exigem nossa caridade nas ruas.

No que concerne a mim, durante muitos anos venho dedicando meus pensamentos sobre este assunto importante, e avaliando laboriosamente as demais propostas de outros projetos, sempre os achei grosseiramente enganados em seus cálculos. De fato, uma criança que acabou de deixar o ventre de sua mãe pode ser alimentada com leite materno, ao longo do ano luzente, com pouco mais de outro tipo de nutrição. No máximo, não acima do valor de dois xelins, os quais a mãe certamente pode obter, além do valor dos farrapos, por sua legítima ocupação de mendicante; e, sendo assim, é exatamente com um ano de idade que proponho provê-las de tal modo que, ao invés de ser um encargo para seus pais, para a paróquia, ou querer comida e vestuário para o resto de suas vidas, elas devem, de maneira oposta, contribuir para a alimentação e, parcialmente, para a vestimenta de muitos milhares.

Há também outra grande vantagem na minha proposta, que evitará aqueles abortos voluntários e aquela horrenda prática de mulheres assassinando seus filhos bastardos. Infelizmente, isso é algo muito frequente entre nós, de arrancar lágrimas e piedade no peito mais selvagem e desumano. E suponho que as sacrificam para evitar antes a despesa do que a própria vergonha.

O número de almas neste reino é geralmente estimado em um milhão e meio. Deste, eu calculo que possa haver cerca de duzentos mil casais cujas esposas são férteis, e do qual subtraio outros trinta mil que são capazes de manter seus próprios filhos (embora eu saiba que não pode haver tantos sob as atuais condições do reino); porém, sendo isso concedido, hão de permanecer cento e setenta mil casais. Novamente subtraio cinquenta mil para aquelas mulheres que abortam ou cujos filhos morrem por acidente ou doença no primeiro ano. Logo, restam apenas cento e vinte mil filhos de pais pobres nascidos anualmente. A questão, portanto, é: como esse número deve ser tratado e mantido? Pois, como já disse, na atual situação dos fatos, isso é totalmente impossível por todos os métodos até então propostos. Assim, não podemos empregá-los no artesanato ou na agricultura, pois sequer constroem casas (refiro-me no campo) ou cultivam terras: eles raramente conseguem ganhar a vida roubando até chegar aos seis anos; exceto quando são de lugares próximos, embora eu confesse que eles aprendem os rudimentos muito antes disso, em cujo tempo eles podem ser vistos apenas como principiantes, como fui informado por um cavalheiro-mor no condado de Cavan, que me garantiu dizendo que ele nunca soube além de um ou dois casos de crianças com menos de seis anos de idade, mesmo em uma parte do reino tão famosa pela mais ágil proficiência nessa arte.

Fui informado por nossos mercadores que um menino ou uma menina, antes dos doze anos, não é uma mercadoria vendável; e que, mesmo quando chegarem a essa idade, não deverão render mais de três libras ou, no máximo, três libras e meia coroa na troca; isso não dará conta nem dos pais nem do reino, uma vez que a carga de alimentos e trapos foi pelo menos quatro vezes maior.

Agora, portanto, devo propor humildemente meus próprios pensamentos, que espero não sejam passíveis da menor objeção.

Foi-me assegurado por um americano muito sábio, meu conhecido em Londres, que uma criança jovem, nutrida e saudável, com um ano de idade, é a comida mais deliciosa e nutritiva, seja cozida, frita, grelhada ou assada; e não tenho dúvida que isso servirá também com um *fricassé* ou com um *ragoust*.

Portanto, humildemente, ofereço à consideração pública que, das cento e vinte mil crianças, já computadas, vinte mil podem ser reservadas para a criação, das quais apenas um quarto seja macho, que é mais do que permitimos às ovelhas, ao gado preto ou ao suíno. E a minha alegação é que essas crianças raramente são frutos de um casamento, uma circunstância pouco considerada pelos nossos selvagens, pois, um macho será o suficiente para servir quatro fêmeas. E que as cem mil restantes, com um ano de idade, sejam oferecidas à venda a pessoas de qualidade e abastadas, reino afora, sempre aconselhando a mãe a deixá-los mamar comodamente no último mês, de modo a torná-los polpudos e gordos para uma boa mesa. Uma criança fará dois pratos em uma diversão para os amigos, e se a família jantar sozinha, a quarta parte, anterior ou posterior, renderá um prato razoável, temperado com um pouco de pimenta ou sal, que estará bem cozido e conservado no quarto dia, especialmente no inverno.

Ao fazer as contas, vejo que, em média, uma criança recém-nascida pesará 12 libras e, em um ano solar, se for amamentada, aumentará para 28 libras.

Eu admito que esse alimento será um pouco caro e, portanto, muito apropriado para os proprietários, que, como já devoraram a maioria dos pais, parecem ter mais preferência pelos filhos.

A carne do bebê estará dentro do prazo ao longo do ano, porém, mais abundante em março, e também, um pouco antes e depois disso, pois nos foi dito por um autor solene, um eminente médico francês, que o peixe é decerto prolífico. Nos países católicos romanos, por exemplo, há mais crianças nascidas cerca de nove meses depois da Quaresma; os mercados serão mais abastecidos do que o normal, porque o número de papistas de bebês é pelo

menos de três para um neste reino e, desse modo, terá uma outra vantagem colateral, ao diminuir o número de papistas entre nós.

Além disso, já calculei o custo para alimentar cada filho de mendigo (em cuja lista eu considero todos os aldeões, trabalhadores e quatro quintos dos agricultores), que será aproximadamente dois xelins por ano, incluindo os trapos. E, creio que nenhum cavalheiro hesitaria em pagar dez xelins pela carcaça de uma boa criança gorda, que, como já mencionei, fará quatro pratos de carne de excelência nutritiva, quando tiver apenas um amigo em particular ou a sua própria família para jantar consigo. Assim, o escudeiro aprenderá a ser um bom senhorio, e se tornará popular entre seus arrendatários. A mãe terá oito xelins de lucro e estará em condições de trabalhar até produzir outra criança.

Aqueles que são mais econômicos (como, devo confessar, os tempos exigem) podem despelar a carcaça, cuja pele, artificialmente vestida, dará luvas admiráveis para senhoras e botas de verão para elegantes cavalheiros.

Quanto à nossa cidade de Dublin, podem ser designados matadouros para este fim, nas partes mais convenientes, e podemos ter a certeza de que não vão faltar açougueiros. Embora eu prefira comprar as crianças vivas e vesti-las ainda quentes com a faca, como fazemos com os porcos assados.

Uma pessoa muito digna, que idolatra seu país, e cujas virtudes eu aprecio muito, recentemente ficou feliz em discorrer sobre esse assunto, a fim de oferecer um refinamento ao meu plano. Ele disse que, muitos senhores deste reino, tendo destruído tardiamente seus cervos, concebeu que a falta de carne de veado poderia ser bem suprida pelos corpos de jovens moças e rapazes, não excedendo quatorze anos de idade, nem abaixo de doze. Agora, um grande número de ambos os sexos, em todos os países, está prestes a morrer de fome por falta de trabalho ou serviço; logo, devem ser dispensados pelos próprios pais, se estiverem vivos, ou então, por seus parentes mais próximos. Mas, com a devida deferência a um amigo tão excelente e notável patriota, não posso concordar plenamente com seus sentimentos, pois, quanto aos machos, meu conhecido americano me garantiu, por experiências frequentes, que a carne deles era geralmente dura e magra, como a de nossos adolescentes, pelo exercício contínuo, e seu gosto desagradável, de modo que engordá-los não valeria os gastos. Entretanto, quanto às fêmeas, acho que, com humilde submissão, seria uma perda para o público, porque logo se tornariam procriadoras. Além disso, não é improvável que algumas pessoas escrupulosas possam censurar tal prática (embora, de fato, isso seria muito injusto), como um pouco beirando a crueldade, o que, confesso, sempre foi,

para mim, a mais forte objeção contra qualquer projeto, por mais bem-intencionado que seja.

No entanto, meu amigo, para se justificar, confessou que esse expediente foi colocado em sua cabeça pelo famoso Salmanaazor, um nativo da ilha de Formosa, que veio de lá para Londres há mais de vinte anos, e que, em conversa com meu amigo, contou que, em seu país, quando algum jovem era condenado à morte, o carrasco vendia sua carcaça a pessoas de qualidade, como uma peça de primeira. E que, em sua época, o corpo de uma moça rechonchuda de quinze anos, que havia sido crucificada por uma tentativa de envenenar o imperador, foi vendido ao primeiro-ministro de seu governo imperial e a outros grandes mandarins da corte nas articulações da forca, em quatrocentas coroas. E sequer posso negar se o mesmo uso foi feito com várias jovens roliças desta cidade, que, sem qualquer vintém para suas fortunas, não podem sair sem um arrimo e aparecer em um teatro ou uma assembleia em galas estrangeiras, pela quais nunca poderão pagar. E assim o reino não seria pior.

Algumas pessoas de espírito desencorajado preocupam-se muito com o vasto número de pobres, que estão idosos, doentes ou mutilados. E desejei empregar meus pensamentos à maneira em que o curso pode ser realizado, para aliviar a nação de tão grave estorvo. Todavia, não sinto a menor dor sobre esse assunto, porque é bem sabido que todos os dias morrem e apodrecem, de frio, de fome, na imundície e com doenças, tão rápido como se pode razoavelmente esperar. E, quanto aos jovens trabalhadores, eles estão agora em condições quase tão promissoras. Eles não conseguem trabalho e, consequentemente, definham por falta de alimento, a tal ponto que, se a qualquer momento forem ocasionalmente contratados para um trabalho comum, não terão forças para realizá-lo. Assim, o país e eles próprios são felizmente libertados dos males vindouros.

Eu fiz algumas digressões e, portanto, deve retornar ao assunto. Penso que as vantagens da minha proposta são óbvias e numerosas, e também da maior importância.

Em primeiro lugar, como já observei, diminuiria muito o número de papistas, que nos invadem anualmente, pois são os principais procriadores da nação, bem como nossos inimigos mais perigosos, que ficam em casa propositalmente por um desígnio, de entregar o reino ao pretendente, esperando tirar vantagem da ausência de tantos bons protestantes, que preferiram deixar seu país a ficar em casa e pagar dízimos contra sua consciência a um pastor episcopal.

Em segundo lugar, os mais pobres terão algo de valor próprio, o que por lei pode causar alívio e ajudar a pagar o aluguel de seu proprietário, uma vez que o milho e o gado já estão inclusos, enquanto o dinheiro não chegue às suas mãos.

Em terceiro lugar, considerando que a manutenção de cem mil crianças, a partir de dois anos de idade ou mais, não pode ser calculada em menos de dez xelins cada uma, por ano. As reservas do país aumentarão em cinquenta mil libras anualmente, além do lucro de um novo prato, introduzido nas mesas de todos os senhores abastados do reino e que tenham algum requinte no paladar. E o dinheiro circulará entre nós, sendo os bens inteiramente de nosso próprio cultivo e manufatura.

Em quarto lugar, os procriadores constantes, além do ganho de oito xelins por ano pela venda de seus filhos, ficarão livres da responsabilidade de mantê-los após o primeiro ano.

Em quinto lugar, essa comida poderá trazer também bons comércios às tavernas, já que os viticultores certamente serão mais prudentes na hora de conseguir as melhores receitas para condimentá-la à perfeição; e, consequentemente, terão suas casas frequentadas por todos os cavalheiros nobres, que justamente valorizam seu conhecimento na boa alimentação; e um cozinheiro habilidoso, que sabe como agradar seus convidados, fará tudo para torná-la tão cara quanto eles quiserem.

Em sexto lugar, isso seria um grande incentivo ao casamento, que todas as nações sábias têm encorajado por recompensas ou imposto por leis e penalidades. Isso aumentaria o cuidado e a ternura das mães para com seus filhos, quando tivessem a certeza de um acordo vitalício para os bebês pobres, fornecidos de alguma forma pelo público, para seu lucro anual em vez de gastos. Logo, deveremos ver uma emulação honesta entre as mulheres casadas, que poderão trazer a criança mais rechonchuda ao mercado. Os homens se tornariam tão afeiçoados a suas esposas durante o período de gestação, como agora o são de suas éguas em parto, de suas vacas na cria, ou de suas porcas prestes a parir; e sequer se oferece para bater ou chutá-los (como é uma prática muito frequente) por medo de um aborto.

E muitas outras vantagens podem ser enumeradas. Por exemplo, o acréscimo de cerca de mil carcaças em nossa exportação de carne bovina; a propagação da carne suína e o aprimoramento na arte de fazer um bom toucinho, tão desejado entre nós pelo grande extermínio de porcos, tão frequente em nossas tabelas. E que também não são comparáveis em sabor ou magnificência a uma criança bem nutrida e crescida que, assada inteiramente,

será uma figura considerável no banquete de um presidente da câmara, ou em qualquer outro entretenimento público. Mas isso, e muitos outros casos, omito, sendo um estudioso do laconismo.

E supondo que mil famílias, nesta cidade, fossem clientes assíduos de carne infantil, além de outras que poderiam obtê-la em encontros joviais, especialmente em casamentos e batizados, calculo que Dublin consumiria anualmente cerca de vinte mil carcaças, enquanto que o resto do reino (onde provavelmente serão vendidas por um preço mais barato), as oitenta mil restantes.

Não consigo pensar em nenhuma objeção que será levantada, possivelmente, contra esta proposta, a menos que se deva insistir que o número de pessoas será muito menor no reino. Isso eu possuo livremente; e, de fato, era um projeto primordial oferecê-lo ao mundo. Desejo que o leitor observe que avalio minha solução para este reino individual da Irlanda, e para nenhum outro que já existiu e que, creio eu, jamais poderá estar sobre a Terra. Portanto, que ninguém me fale de outros expedientes, de taxar nossos ausentes em cinco xelins a libra; de não usar roupas ou mobília própria, exceto o que é de nosso próprio crescimento e manufatura; de rejeitar totalmente os materiais e instrumentos que promovem estrangeiros luxos; de sanar o custo do orgulho, vaidade, ociosidade e aposta em nossas mulheres; de introduzir uma veia de parcimônia, prudência e temperança; de aprender a amar o nosso país, onde diferimos até mesmo dos Lapões e dos habitantes de Topinamboo; de desistir de nossas animosidades e facções, nem de agir mais como os judeus, que se matavam mutuamente no momento exato em que sua cidade foi tomada; de sermos um pouco cautelosos para não vendermos nosso país e consciências por nada; de ensinar os proprietários a ter ao menos um grau de misericórdia para com seus feitores. Por fim, de colocar um espírito de honestidade, indústria e habilidade em nossos lojistas, pois, se uma resolução pudesse ser tomada agora para comprar apenas nossos produtos nativos, imediatamente eles se uniriam para trapacear e cobrar de nós o preço, a medida e a bondade, nem jamais poderia fazer uma proposta justa para negociar, embora muitas vezes e solenemente tenha sido convidado para isso.

Portanto, repito, que nenhum homem fale comigo desses e de outros expedientes, até que ele tenha pelo menos algum vislumbre de esperança, do qual sempre haverá alguma tentativa cordial e sincera de colocá-los em prática.

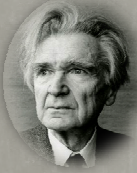
E, quanto a mim, cansado de oferecer há anos pensamentos vãos, ociosos e visionários, estando totalmente desesperado pelo sucesso, felizmente me

apeguei a esta proposta, que, por ser completamente nova, tem algo de sólido e real, sem despesas ou problemas, totalmente em nosso próprio poder, e por meio do qual não podemos incorrer em nenhum perigo ao desobedecer a Inglaterra. Pois esse tipo de mercadoria não suportará exportação, e a carne, sendo de consistência muito tenra, não admitirá uma longa permanência no sal, embora talvez eu pudesse nomear um país que ficaria feliz em devorar toda a nossa nação sem ela.

Em conclusão, não estou tão abruptamente inclinado sobre a minha própria opinião, a ponto de rejeitar qualquer oferta proposta por homens sábios, que seja considerada igualmente inocente, barata, fácil e eficaz. Mas antes que algo desse tipo seja apresentado contra a minha proposta e ofereça algo melhor, espero que o autor ou os autores sintam-se satisfeitos em considerar dois pontos. Em primeiro lugar, como as coisas estão agora, isto é, como encontrarão comida e roupas para cem mil bocas e costas inúteis. E, em segundo, mais de um milhão e meio de criaturas humanas em todo o reino, cuja subsistência depende de um capital comum, ficaria endividada com dois milhões de libras esterlinas, somando-se a isso os pedintes por profissão, como o são a maioria dos agricultores, camponeses e trabalhadores, com suas esposas e filhos, que são pedintes por extensão. Espero que aqueles políticos que não gostarem da minha proposta, e que talvez sejam ousados a tentar uma resposta, perguntem primeiro aos pais desses mortais se eles não considerariam hoje uma grande alegria terem sido vendidos por comida com um ano de idade, da maneira que prescrevo, evitando, assim, uma cena perpétua de infortúnios, pois passaram, desde então, pela opressão dos latifundiários, pela impossibilidade de pagar o aluguel e estar sem dinheiro para fazer compras, pela falta de sustento básico, sem casa nem roupas para protegê-los das inclemências do tempo, e pela perspectiva mais inevitável de legar algo parecido, ou as maiores misérias, à sua espécie para sempre.

Eu professo, na sinceridade de meu coração, que não tenho o menor interesse pessoal em me esforçar para promover esta obra necessária, não tendo outro motivo senão o bem público de meu país, promovendo nosso comércio, provendo nossas crianças, aliviando os pobres e dando um pouco de alegria aos ricos. Não tenho filhos com os quais possa obter um único centavo, uma vez que o mais novo tem nove anos e minha esposa já não está mais na fase de fertilização.

PENSAMENTOS EXTRAVIADOS

E.M. CIORAN

O TEXTO: Seleção de "pensamentos extraviados" a partir de *Razne* (1945-46), um dos últimos livros em romeno de Cioran, escrito pouco antes de adotar o francês como língua de expressão. A obra, que ficou perdida por mais de meio século, até ser publicada postumamente em 2012, apresenta uma série de aforismos emblemáticos do filósofo trágico de Nietzsche, do escritor dividido entre duas línguas, entre duas "pátrias linguísticas".

Texto traduzido: Cioran, E.M. *Razne.* Bucureşti: Humanitas, 2012.

O AUTOR: E.M. Cioran (1911-1995), escritor e filósofo franco-romeno, nasceu em Rășinari, na Romênia. Mestre do aforismo em língua francesa, na qual se consagrou como distinto aforista e ensaísta, é um emblemático caso de bilinguismo, tendo escrito diversos livros em seu idioma materno, o romeno, e também em francês, após sua ida a Paris. Sua obra é marcada pelo contraste entre um pessimismo inconsolável e a leveza irreverente do estilo.

O TRADUTOR: Rodrigo Menezes é doutor em Filosofia pela PUC-SP, pesquisador da obra de Cioran, tradutor e editor do Portal E.M. Cioran Brasil (2010-2020), no Wordpress e YouTube. Para a (n.t.) já traduziu ensaios de Cioran e a poesia de Héctor Escobar Gutiérrez.

GÎNDURI RĂTĂCITE

“Viața este un accident… permanent – și care pare realitate
doar prin alternanța continuă a monotoniei și ororii.”

E.M. CIORAN

Din *Razne*

⁂

În noi nu există instinctul de a muri. Numai așa se explică de ce viața şi cu moartea, în fond egal de insuportabile, întâia e privilegiată, pe când a doua e dezmoștenită. Viaţa este un insuportabil în care avem tradiție; pe care-*o știm* prin sânge – pe când moartea o învățăm, fără s-o știm vreodată – și ce-i mai mult: fără interesul ca s-o știm.

⁂

Nu mi-am acceptat sfârșitul decât *surprins* eu însumi de această acceptare, venită parcă dintr-o voce străină și sângelui și veghii.

⁂

Sterilitatea este o isterie a esențialului. Orice pare lipsit de valoare; totul e echivalent; ceea ce e mai important, imposibil de găsit. Subiectele lumii zac șterse și stătute la poalele duhului.

⁂

Ultima nostalgie: a te duce la fund cu soarele.

*

Ultima oboseală: a crede c-ai visat toate lumile posibile.

*

A fi *străin* în orice țară, în orice lume: a-ți ridica starea juridică la calitate metafizică.

*

Singura speranță a omului e că va găsi speranța.

*

Somnul ne redă materiei. Acesta-i sensul general al odihnei. – Viața este vijelia și nebunia materiei. Moartea zilnică a nopților e singurul leac prin care natura se vindecă de viață.

*

Acele dimineți în care sufletul, îngreuiat de gemetele nopților, se cutremură ca un vulcan, gata să-și verse peste univers lava demenței și a nefericirii.

*

Nostalgia e forma cea mai dulce a alienației mintale, a aplecării noastre de a concepe o altă lume.

*

A sta în timp, cu mai puțin folos decât Dumnezeu înainte de Creație – a închipui și a atinge limita absolută a inutilității.

*

Înainte de a înțelege prin evenimente absurditatea vieții, simțirea noastră o cunoștea, fără curajul de-a o mărturisi.

*

Pentru cel atins de răul viețuirii, leacurile nu sunt mai puțin vătămătoare ca otrăvurile, ele fiind în egală măsură expresii și unelte ale acestei lumi. Și chiar de-ar fi ale alteia, conștiința lui nu poate fi îndulcită de nici un fel de tămăduire. Acel rău coexistă ființării – și nu poate înceta decât deodată cu ea. Doar odihnindu-ne în propriul scrum suntem în stare a-l uita. Mormântul e singura farmacie a melancoliei.

*

Toate metehnele în lume nu vin din lenevie și din nepăsare, ci din excesul de hărnicie. Condiția normală a vieții implică un ritm lent, o cadență molcomă. Dar omul și-a accelerat timpul, a creat din succesiunea clipelor un spațiu de gâfâială și de sudoare. În fuga lui, ahtiat după nu se știe ce, n-are cum să se oprească, animal sprinten și dornic de fatal și beat-mort de sârguință. Munca imensă de care e în stare nu e posibilă decât prin faptul că nimeni nu-și dă seama de ce muncește. Judecată după rezultate, există un singur argument în favoarea ei? Distrugerea e cel puțin echivalentă creației. Efortul este o rămânere pe loc *în tensiune*; este identitatea vârtejului. Neamurile atinse de pacostea hărniciei s-au istovit și stins mai repede decât cele domoale și cuminți. La ce bun munca decât la a uita aceeași întrebare: la ce bun? S-ar putea ca hărnicia să nu fie decât prăvălirea națiilor și-a indivizilor în acțiune pentru a evita acel răspuns; setea de a acumula rău peste rău pentru a nu privi Răul în față. E destinul oricărui mușuroi. Societatea e totuși ceva mai mult: e un mușuroi ce se prăbușește din exces de zel. Furnici înnebunite de povara propriilor lor virtuți...

*

Ce e sufletul? Tot ce în noi refuză a face parte din lume. O împărtășire nelimitată din sine. Rostul lui e să se devore pe sine însuși, neputând fi altceva decât propriul său canibal.

*

Gândurile ar trebui să aibă perfecțiunea impasibilă a apelor moarte sau conciziunea fatală a trăsnetului.

*

Viața este un accident... permanent – și care pare realitate doar prin alternanța continuă a monotoniei și ororii.

*

Durerile sunt incompatibile cu soarele – și soarele le scoate pe toate la lumină. Tot ce am ascuns în nopți, posibilitățile de suspin și toate suspinele se întind deodată în văzul lui, razele i se frâng și el zace, orbit de durerea noastră, în mormântul propriei sale lumini.

*

Cei ce nu împrăștie în jurul lor o mireasmă de ratare, cu greu se poate spune c-au trăit. Descompunerea e singura urmă pe care o lasă pașii vieții, acest putregai ciudat al materiei. Creația și distrugerea sunt direcții diferite ale aceleiași substanțe ce se afirmă destrămându-se.

*

O zi în care n-am formulat câteva definiții s-a evaporat fără leac. În afară de ele, n-avem nici un mijloc prin care să ne infirmăm neantul. Când mii din ele voi fi găsit morții, îmi va părea că nu mai este important să mor.

Înțelepciunea este ultima oboseală la care ne duce exercițiul în definiții.

*

Nu există nici o soluție pentru nimic, iată premisa de la care ar trebui să plecăm cu toții în construcția actelor și a gândurilor. În realitate, tot ce facem și gândim purcede din negația acestei premise. Existența umană, insolubilă în sine, se sprijină exclusiv pe idolatria Soluției, adică pe o concepție *morală* a timpului. Fiece izbândă a vieții este o criză a rigorii duhului.

*

Ce înseamnă a fi sceptic? A nu te crede centrul lumii. Dar e destul un moment de neatenție, o clipă de fragilitate a conștiinței, ca să ne reinstalăm deodată în cea mai veche și mai vitală eroare.

Fiecare om – în clipele ce nu sunt luciditate, deci în quasi-totalitatea șiragului temporal – procedează ca și cum ar fi începutul și sfârșitul a toate ce sunt. Atenția la limitele noastre e tot ce poate fi mai nefiresc; ea e în contradicție cu reflexele și cu actele. Omul este un fulg care se desfășoară în absolut – afară numai de momentele în care își dă seama. Atunci se oprește, atunci stă; nu se mai desfășoară. Orice act este o sabotare a Divinității, fiindcă orice act – din moment ce-l îndeplinim – ne pare tot ce poate fi mai important sub soare și dincolo de el. Fără această iluzie, nu l-am putea îndeplini.

Între îndoială și orice gest de orice natură, este o opoziție mai mare decât între sinucidere și căsătorie. A face ceva înseamnă a izola o posibilitate și-a o investi cu titluri speciale, a o promulga în necondiționat, pe când în îndoială nivelăm diferențele de relief pe care le percepe dorința noastră. De [în]dată ce preferăm ceva, *ne* preferăm – fară rezerva unui punct de reper care ne-ar umili condiția prin exterioritatea lui. Și chiar de n-am adera la ceva, orgoliul ne obligă să aderăm la noi înșine, el fiind totdeauna mai tare decât conștiința clară de sine și de lucruri. Că uneori ajungem să ne vedem așa cum suntem, într-un scurt popas în zădărnicie, această dezvăluire trecătoare e fructul unei crize, și nu al unei situații normale a ființei. Sentimentul importanței noastre este mai repede vecin nebuniei, de care oamenii sunt mult mai aproape decât de luciditate. Trebuie, într-adevăr, să fii nebun, sau aproape, pentru a găsi o rațiune în ceea ce faci, pentru a sacrifica timpul vid unui act oarecare, când mintea îți descoperă că orice ai face este fatal din rândul celor oarecare, ca nici nu s-ar putea altcum. – De altă parte, această nebunie suprimată, existența umană nu mai are nici interes, nici mister.

*

Frivolitatea sau renunțarea sunt singurele atitudini pe care le poate adopta un spirit dezrobit de iluzii. „Realitate” nu există, ci numai aparență sau neant. Amândurora te poți dărui; n-ai nevoie să fii *serios*, căci nu operezi

în *este*. A fi e un verb ce se conjugă în irealitate și care-și asumă demnitatea de substantiv doar prin orbirea dorinței noastre.

*

Mi-e o imensă milă de tot ce există – și de aceea n-am nici o speranță. Firul timpului se deapănă ca un comentariu la un suspin făr'de-nţeles. Dorința de viață e-o nesfârșita suferință prin care îndurăm, însă, tot restul suferințelor.

*

Am găsit mii de motive care să mă lege de pământ, dar niciodată deodată, ci înșirându-le în cursul zilelor, nici unul n-a fost destul de tare și de convingător ca să-mi ucidă ispita nepământului sau să micșoreze măcar prestigiul despământenirii.

*

Un astronom constata prezența vieții în Marte, din a fi crezut a identifica anumite fenomene de descompunere la suprafața planetei. Deducția lui e cea mai profundă deducție care s-a făcut vreodată asupra vieții, e cel mai simplu și mai revelator dintre raționamentele care spun tot. Căci tot ce viază are un singur semn: necesitatea ineluctabilă de a nu mai via.

*

Atât iubirea cât și ura de oameni acordă prea multă importanță omului. Religia greșește ca și cinismul; Isus exagerează ca și Diavolul. În fiecare făptură zace bunătatea și răutatea în aceeași măsură. Un suflet curat n-ar putea viețui nici măcar o zi; existența e posibilă datorită compoziției noastre impure. În climatul vieții, îngerilor le cad aripile, iar noi când credem a ne înălța rezistăm doar căderii, care-i legea nescrisă, dar veșnică a tuturor făpturilor. Și dacă înțelepciunea ar avea vreun rost, atunci ea ar fi lunecarea-n stil, în nepăsarea rece a ducerii la fund.

*

Existența este mai repede o convenție decât un vis. Ne-am înțeles *între noi* să ne comportăm ca si cum ea ar fi și să persistăm cu fidelitate într-un legământ ce nu ne aduce decât dureri și spaime. Se-ntâmplă însă că acestea, rezultate dintr-o irealitate, să fie suprem reale – și astfel ajungem să sancționăm acordul inițial cu atribute de vajnică eficiență. Suferințele cărnii și neliniștile duhului strigă după realitate, îi cer violent adeverirea. Oricât mintea s-ar împotrivi, ele izbândesc. Durerea reclamă suportul firii; noi trebuie să i-l dăm, sacrificând considerațiile teoriei. Lumea a intrat în câmpul conștiinței cu prilejul întâiei dureri; înainte nimic n-o înregistra – și era ca și cum n-ar fi. Cu cât suferim mai mult, ea ni se dezvăluie mai furios existentă, până ce durerea o învăluie complet și i se substitue, ca la urmă să nu mai fie. Durerea a creat-o și a anulat-o.

*

Facultatea de a defăima universul e cel mai mare dar pe care spiritul l-a făcut vreodată inimii neconsolate.

*

În lumea aceasta există doar două forțe potrivnice, care neutralizându-se creează echilibrul aparent și instabil ce îngăduie simulacrul de viață în care ne desfășurăm: nebunia și poliția.

*

Orice nu e viziune pură a neantului e construcție în vânt. Universul e țesut de hărnicia smintelii. Artă, stat, religie, iubire și ură – forme ale aceleiași neștiințe. Cosmogonia este fructul unui imens fior al ignoranței.

*

Suspinul ca negație a progresului…

*

Plictiseala este mucenicia celor ce nu trăiesc sau mor pentru o credință.

*

A avea un suflet pornit spre răzvrătiri; a urî convulsiv injustițiile de sub soare; a te cutremura sub suflarea bestială a semenilor; a fi înjunghiat de rânjetul ucigaș al creaturii și a afurisi Creația, solidificare prea vizibilă a ideii de nedreptate; –

... și, dintr-un rest de filozofie și din învățămintele experienței, a nu putea face nimic, a renunța la actul de revoltă, a capitula în nemângâiere și-n consolările deșertăciunii.

*

Deosebirea între a fi și a nu fi este aceea dintre greață și absența ei.

*

Națiunea este forma pe care a luat-o păcatul originar, sprijinit de poliție.

Societatea – multiplicarea pe planul ordinei a Căderii inițiale, neîndestul de puternică pentru a eterniza haosul.

*

Tot ce îndulcește viziunea implacabilă a răului e utopie.

*

Că teologia a conceput omul după chipul lui Dumnezeu e lucrul cel mai de neînțeles în istoria închipuirii. E sacrilegiul consacrat de credință.

*

Ceea ce e nou în lume e iluzia a ce e nou. Dar această iluzie e totul, e tot ce numim lume. Față de neant, Creația este un plus falnic de deșertăciune în care ființa găsește mângâiere într-un fel de măreție mahmură si fără de folos.

*

Nevoia de mântuire pricinuiește-n lume tot atât rău ca pornirea spre distrugere. Amândouă, cu mijloace diferite, creează daune identice. Un om ce-și caută mântuirea este tot așa de puțin îngăduitor ca unul ce calcă pe toate. Căci orice ţel duce la tiranie. În numele împărăției cerurilor nu s-au făcut mai puține crime decât în cel al paradisului terestru. A exclude ceva – în funcție de orice – înseamnă a dori suprimarea automată a tot ce nu-ți aparține. Fiece existență poartă în sine un fanatism incurabil; fiece ființă e setoasă de victime. Ce act nu e implicit un act de intoleranță? Imboldurile noastre de s-ar converti în pași ar rămânea ceva sub soare necinstit de ei? Și tot ceea ce fac ceilalți și tot ceea ce facem noi nu este o suferință pentru îndoielile prin care ar trebui să îmblânzim și să înnobilăm actele? Viața nu-i decât un doliu permanent al scepticismului.

*

Din viață trebuie să facem un sonet – sau să ne spânzurăm.

*

În zarva generală, numai cel înfrânt – prin virtutea filozofică a decepției – este capabil de obiectivitate. Orice izbândă înseamnă înfumurare, semeție si frângere totală a orizontului intelectual. Cui nimic nu-i reușește, cunoașterea [îi] apare ca singura răsplată a eșecului. Firea i-a fost interzisă; dar a recâștigat-o în duh. Orice neizbândă este o trezire din inconștienta vieții, este o revelație a unei situații și nu o situație creată de un sentiment. Acesta-i sensul obiectivității: neputința de a ne mai lua parte nouă înșine, și decide a falsifica realitatea. Suntem nepărtinitori cu toate, fiindcă nu mai avem parte de nimic. Vedem toate în față cu ochi ce nu mai sunt ai noștri.

*

Plictiseala nu ne mai dezvăluie atât existența, cât lipsa de taină a existenței. Aceasta nu poate fi decât ceea ce este; ea n-are ce ascunde; e existență – și nimic mai mult. Plictiseala este pozitivismul unui suflet poetic; o insatisfacție între aparențe echivalente.

*

Ne naștem spre a ne lega de lucruri și idei; trăim spre a ne despărți de unele și altele.

Viața este moartea zilnică a Convingerii.

PENSAMENTOS EXTRAVIADOS

"A vida é um acidente... permanente – e que só parece real graças à alternância contínua entre monotonia e horror."

E.M. CIORAN

De *Razne*

⁂

Em nós, não existe o instinto de morrer. Só assim se explica que entre a vida e a morte, no fundo, igualmente insuportáveis, a primeira seja privilegiada e a segunda, deserdada. A vida é uma coisa insuportável à qual pertencemos por tradição; que *conhecemos* pelo sangue – enquanto que a morte a aprendemos sem nunca conhecê-la – e mais: sem o interesse de conhecê-la.

⁂

Não aceitei meu fim exceto quando me *surpreendi* desta aceitação, que vem possivelmente de uma voz estranha ao sangue e à vigília.

⁂

A esterilidade é uma histeria do essencial. Tudo parece isento de valor; tudo é equivalente; e o que é mais importante, impossível de encontrar. As coisas do mundo jazem anuladas e rançosas aos pés do espírito.

⁂

Última nostalgia: baixar até o fundo com o sol.

*

Último cansaço: acreditar que se sonhou com todos os mundos possíveis.

*

Ser *estrangeiro* em todo país, em qualquer mundo: elevar seu estado jurídico à qualidade metafísica.

*

A única esperança do homem é encontrar a esperança.

*

O sono nos devolve a matéria. Eis o sentido geral do repouso. – A vida é a tormenta e a loucura da matéria. A morte cotidiana das noites é o único remédio encontrado pela natureza para curar-se da vida.

*

Essas manhãs em que a alma, oprimida pelos gemidos das noites, estremece como um vulcão, pronta para verter sobre o universo a lava da demência e da infelicidade.

*

A nostalgia é a forma mais doce de alienação mental, de nossa inclinação para conceber outro mundo.

*

Estar no tempo, com menos proveito que Deus antes da Criação – imaginar e atingir o limite absoluto da inutilidade.

*

Antes de compreender a absurdidade da vida pelos acontecimentos, nossa sensibilidade já a conhecia, sem ter a coragem de confessá-la.

*

Para quem é afetado pelo mal da vida, os remédios não são menos nocivos que os venenos, por serem, em igual medida, expressões e instrumentos deste mundo. E ainda que o fossem de outro, sua consciência não poderia ser adoçada por nenhuma cura. Esse mal coexiste com o ser – e só pode cessar com ele. Apenas descansando em nossas próprias cinzas podemos esquecê-lo. A tumba é a única farmácia da melancolia.

*

Todos os defeitos do mundo não vêm da preguiça e do descuido, mas do excesso de diligência. A condição normal da vida implica um ritmo lento, uma cadência serena. Mas o homem acelerou o tempo, criou, a partir da sucessão dos instantes, um espaço ofegante e de suor. Em sua carreira, atraído por sabe-se lá o quê, não tem como parar, animal desenvolto sedento de fatalidade e mortalmente ébrio de ambição. O imenso trabalho do qual é capaz só é possível porque ninguém se dá conta do motivo pelo qual trabalha. A julgar pelos resultados, há pelo menos um argumento a seu favor? A destruição é ao menos equivalente à criação. O esforço é um estatismo *em tensão*; é a identidade do turbilhão. As nações afetadas pelo acosso do trabalho se exauriram e extinguiram mais rápido que as lentas e calmas. Para que trabalhar se não para esquecer esta pergunta: para quê? Pode ser que a diligência não seja mais que a queda das nações e dos indivíduos agindo para evitar esta resposta; a sede de acumular mal sobre mal para não ter que encarar o Mal de frente. É o destino de todo formigueiro. Mas a sociedade é mais do que isso: um formigueiro que desmorona por excesso de zelo. Formigas enlouquecidas pelo fardo de suas próprias virtudes...

*

O que é a alma? Tudo o que em nós se recusa a fazer parte do mundo. Um cuidado infinito de si. Seu único papel é devorar-se a si própria, não podendo ser senão seu próprio canibal.

*

Os pensamentos deveriam ter a perfeição impassível das águas mortas ou a concisão fatal do raio.

*

A vida é um acidente... permanente – e que só parece real graças à alternância contínua entre monotonia e horror.

*

As dores são incompatíveis com o sol – mas o sol as expõe todas à luz. Tudo o que escondemos na noite, as possibilidades de suspiro, e todos os suspiros, se estendem instantaneamente à sua vista, seus raios se partem e ele jaz, cegado por nossas dores, no túmulo de sua própria luz.

*

Aqueles que não espalham a seu redor um cheiro de fracasso, dificilmente se poderia dizer que viveram. A decomposição é o único rastro que deixa a passagem pela vida, essa estranha podridão da matéria. A criação e a destruição são direções diferentes da mesma substância que se afirma desintegrando-se.

*

O dia em que não formulei algumas definições, se evaporou sem remédio. Sem elas, não temos nenhum meio para contradizer o nosso nada. Quando milhares delas forem encontradas para a morte, me parecerá que não é mais importante morrer.

A sabedoria é o último cansaço ao qual nos conduz o exercício das definições.

*

Não há solução para nada, eis a premissa da qual deveríamos todos partir na construção de atos e pensamentos. Na realidade, tudo o que fazemos e pensamos procede da negação dessa premissa. A existência humana, por si só insolúvel, baseia-se exclusivamente na idolatria da Solução, ou seja, em uma concepção *moral* do tempo. Toda vitória da vida é uma crise do rigor do espírito.

*

O que significa ser cético? Não acreditar ser o centro do mundo. Mas basta um momento de desatenção, um instante de fragilidade da consciência, para que nos reinstalemos prontamente no mais antigo e vital dos erros.

Todo humano – nos instantes de não lucidez, ou seja, na quase-totalidade dos instantes temporais – age como se fosse o princípio e o fim de tudo o que existe. A atenção a nossos limites é tudo o que há de mais antinatural; contradiz nossos reflexos e atos. O humano é uma pluma que se dissolve no absoluto – salvo nos momentos em que toma consciência. Ora para, ora fica; não mais se dissolve. Todo ato é uma sabotagem da Divindade, pois todo ato – desde que o realizamos – parece-nos tudo o que pode haver de mais importante sob o sol e além dele. Sem essa ilusão, não podemos realizá-lo.

Entre a dúvida e qualquer gesto, de qualquer natureza, há uma oposição maior que entre o suicídio e o casamento. Fazer algo significa isolar uma possibilidade e investi-la de títulos especiais, de promovê-la incondicionalmente, enquanto que na dúvida nivelamos as diferenças de relevo percebidas por nosso desejo. Não só preferimos alguma coisa, nós *nos* preferimos – sem a reserva de um ponto de referência que humilhe nossa condição pela sua exterioridade. Mesmo quando não aderimos a nada, o orgulho nos obriga a aderir a nós mesmos, sendo ele sempre mais forte que a consciência clara de si e das coisas. E se chegamos às vezes, em uma breve ausência de vaidade, a nos ver como somos, esta revelação fugaz é fruto de uma crise, e não de uma situação normal do ser. O sentimento de nossa importância se avizinha à loucura, da qual as pessoas estão mais próximas do que da lucidez. É preciso, na verdade, estar louco, ou quase, para encontrar uma razão no que se faz, para sacrificar o tempo vazio a um ato qualquer, quando sua consciência descobre que tudo o que você faz será fatalmente igual a qualquer outra coisa, que nada pode ser de outra maneira. Por outro lado, suprimida esta loucura, a existência humana não tem mais interesse, nem mistério.

*

A frivolidade e a renúncia são as únicas atitudes que pode adotar um espírito despido de ilusões. A "realidade" não existe, apenas aparências ou nada. Você pode se entregar a ambas; não necessariamente *a sério*, pois não operamos no *é*. Ser é um verbo que se conjuga na irrealidade e que assume a dignidade de substantivo apenas para cegar nosso desejo.

*

Sinto uma imensa compaixão por tudo o que existe – e por isso não tenho nenhuma esperança. O fio do tempo se desdobra como um comentário a um suspiro sem sentido. A vontade de viver é um sofrimento infinito graças à qual, porém, suportamos todos os demais sofrimentos.

*

Tendo encontrado milhares de motivos que me ligam à terra, nunca de uma só vez, mas ao listá-los no curso dos dias, nenhum foi suficientemente forte e convincente para matar em mim a tentação do desprendimento, ou ao menos diminuir o prestígio do desenraizamento.

*

Um astrônomo constata presença de vida em Marte, acreditando ter identificado certos fenômenos de decomposição na superfície do planeta. Essa é a mais profunda dedução já feita sobre a vida, o mais simples e revelador dos raciocínios que dizem tudo. Pois tudo o que vive porta o mesmo signo: a necessidade de deixar de viver.

*

Tanto o amor quanto o ódio conferem demasiada importância ao homem. A religião se equivoca, assim como o cinismo; Jesus e o Diabo exageram igualmente. Em toda criatura há bondade e maldade na mesma medida. Uma alma pura não sobreviveria um dia; a existência só é possível graças à impureza de nossa composição. Na atmosfera da vida, os anjos perdem as asas, e nós, quando acreditamos nos elevar, na verdade resistimos à queda, essa lei não escrita, mas eterna, de todas as criaturas. E se a sabedoria tivesse algum sentido, então seria uma patinada com estilo, a fria impassibilidade de chegar ao fundo.

*

A existência é uma convenção, não um sonho. Mas combinamos *entre nós* em nos comportar como se ela fosse, fiéis a um laço que só nos proporciona dores e tormentos. Acontece que estes, resultantes de uma irrealidade, são

supremamente reais – e assim sancionamos o acordo inicial com atributos de vigorosa eficiência. Os sofrimentos da carne e as inquietudes do espírito clamam pela realidade, exigindo violentamente uma confirmação. Por mais que a mente se oponha, eles triunfam. As dores reclamam o suporte do ser; e devemos providenciá-lo, sacrificando as considerações da teoria. O mundo entrou no campo da consciência por ocasião da primeira dor; antes, nada o registrava – e era como se não existisse. Quanto mais sofremos, mais furiosamente se revela sua existência, até a dor abarcá-lo por completo e suplantá-lo, para que não mais exista. A dor criou e anulou o mundo.

⁂

A faculdade de difamar o universo é a maior dádiva que o espírito já concedeu ao coração inconsolável.

⁂

Neste mundo existem apenas duas forças opostas que, neutralizando-se, produzem o equilíbrio aparente e instável que permite o simulacro de vida em que operamos: a loucura e a polícia.

⁂

Tudo o que não seja uma visão pura do nada é um castelo no ar. O universo é tecido pela laboriosidade do delírio. Arte, estado, religião, amor e ódio – formas da mesma estupidez. A cosmogonia é fruto do imenso calafrio da ignorância.

⁂

O suspiro como negação do progresso...

⁂

O tédio é o martírio dos que não vivem ou morrem por uma crença.

*

Ter uma alma inclinada à rebelião; odiar convulsivamente as injustiças sob o sol; estremecer sob o sopro bestial de seus semelhantes; ser apunhalado pelo sorriso assassino da criatura e maldizer a Criação, materialização demasiado visível da ideia de injustiça; –

...e, em virtude de um resíduo de filosofia e dos ensinamentos da experiência, não poder fazer nada, renunciar à revolta, capitular no inconsolável e nas vãs consolações.

*

A diferença entre ser e não ser é a mesma que existe entre a náusea e sua ausência.

*

A nação é a forma assumida pelo pecado original, apoiado pela polícia.

A sociedade – a multiplicação, no plano da ordem, da Queda original, que não foi forte o suficiente para eternizar o caos.

*

Tudo o que adoça a visão implacável do mal é utopia.

*

Que a teologia tenha concebido o homem à imagem e semelhança de Deus é a coisa mais incompreensível na história da imaginação. É o sacrilégio consagrado pela fé.

*

O que há de novo no mundo é a ilusão do novo. Mas essa ilusão é tudo, tudo o que chamamos de mundo. Comparada ao nada, a Criação é um acréscimo majestoso de futilidade na qual os seres encontram consolação em uma espécie de grandeza transtornada e inútil.

*

A necessidade de salvação provoca no mundo tanto mal quanto o impulso à destruição. Ambos, por meios diversos, produzem danos idênticos. Um homem em busca de salvação é tão indulgente quanto aquele que passa por cima de tudo. Pois toda finalidade conduz à tirania. Em nome do reino dos céus não se cometeram menos crimes que em nome do paraíso terrestre. Excluir algo – em nome do que quer que seja – significa desejar a supressão automática de tudo o que não nos pertence. Toda existência carrega em si um fanatismo incurável; todo ser está sedento de vítimas. Que ato não é implicitamente um ato de intolerância? Se nossas tendências se convertessem em pegadas, restaria sob o sol algo indigno delas? E tudo o que os outros fazem e que nós fazemos não é um pesar pelas dúvidas que deveriam aplacar e enobrecer nossos atos? A vida não é senão um luto permanente de ceticismo.

*

Da vida é preciso fazer um soneto – ou enforcar-se.

*

No tumulto geral, só o vencido – graças à virtude filosófica da decepção – é capaz de objetividade. Todo triunfo significa presunção, orgulho e ruptura total do horizonte intelectual. Para quem nada dá certo, o conhecimento aparece como única recompensa pelo fracasso. O ser lhe foi proibido; mas ele o reconquistou em espírito. Todo fracasso é um despertar da vida inconsciente, a revelação de uma situação e não uma situação criada por um sentimento. Eis o sentido da objetividade: a incapacidade de tomar partido em causa própria, decidindo-se a falsificar a realidade. Somos imparciais em tudo porque já não participamos de nada. Encaramos tudo de frente com olhos que já não são os nossos.

*

O que o tédio revela não é tanto a existência, mas sua ausência de mistério. Ela só pode ser o que é; não tem nada a esconder; é pura existência – e nada mais. O tédio é o positivismo de uma alma poética; uma insatisfação entre aparentes equivalências.

*

Nascemos para nos apegar às coisas e às ideias; vivemos para despojar-nos delas.

A vida é a morte diária da Convicção.

memória

(n.t.) | Kathmandu

Do pomar maldito

E.M. Cioran

O texto: Em um de seus cadernos, Cioran escreveu acerca de um artigo que havia sido publicado em um jornal brasileiro sobre sua obra, em 1968, referindo-se ao seu autor: "No Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, em 2 de novembro de 1968, um desconhecido, Correia de Sá, acaba de escrever um dos artigos mais sérios já escritos sobre mim. Que seja em um 'Jornal do Comércio', isso me agrada". O artigo "E.M. Cioran, pessimista quase perfeito", mencionado por Cioran, integra uma série de piublicações sobre o pensador assinada por Correia de Sá ao final da década de 1960 e publicada no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro. Além desse ensaio, Sá publicou também duas traduções, aqui reproduzidas: a seleção de aforismos, "Do pomar maldito de Cioran", publicado em 27 de abril de 1969, e o fragmento "Valery por Cioran", em 4 de julho de 1970, que vem acompanhado de uma nota introdutória. Alguns aforismos não correspondem, *ipsis litteris*, a nenhum dos livros de Cioran, uma vez que Sá se dá a liberdade de reformular, com diferenças substanciais, algumas das ideias enunciadas nos textos do pensador. Por isso, alguns aforismos traduzidos parafraseiam sentenças mais longas, não se constituindo em aforismos isolados em francês. As sentenças originais, que foram organizadas conforme a sequência da tradução de Sá, seguem transcritas integralmente, indicando-se as obras fontes. A reprodução da tradução preserva o português da época.

Organização: Rodrigo Menezes, do Portal E.M.Cioran, vide pág. 227.

Fac-símiles: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Fontes consultadas: Em português: "Do pomar maldito de Cioran". *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 174, 27 de abril de 1969, e "Valery por Cioran", *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 230, 4 de julho de 1970. Em francês: Cioran, E.M. *Œuvres*. Paris : Gallimard, 1995.

O autor: E.M.Cioran (1911-1996), vide pág 227.

O tradutor: Correia de Sá era o pseudônimo usado pelo poeta e médico Walter Corrêa de Sá e Benevides (1908-1981), mais conhecido como Walter Benevides no meio literário. Foi membro da Academia Nacional de Medicina, médico otorrinolaringologista, professor universitário, além de ensaísta, ficcionista, crítico literário e colunista, tendo escrito inúmeros artigos para o *Jornal do Commercio*.

DU VERGER MAUDIT[1]

"L'originalité des philosophes se réduit à inventer des termes."

E.M. CIORAN

⁂

Ne pas oublier l'injure est un des secrets de la réussite, un art que possèdent sans exceptions les hommes à convictions fortes, car toute conviction est faite principalement de haine et, en second lieu seulement, d'amour.[2]

⁂

Le scepticisme est le sadisme des âmes ulcérées.[3]

⁂

Rétif et à son bonheur et à des autres, il [l'homme] agit comme s'il souhaitait l'instauration d'une société idéale ; qu'elle se réalise, il y étoufferait, les inconvénients de la satiété étant incomparablement plus grands que ceux de la misère.[4]

⁂

Nous pardonnons aux autres leurs richesses si, en échange, ils nous laissent la latitude de mourir de faim *à notre façon*.[5]

---

[1] Tradução parcial ao francês do título "Do poemar maldito de Cioran", dado por Correia de Sá à sua tradução dos aforismos esparsos; não se trata de um livro ou texto de Cioran. (n.e.)
[2] *Histoire et utopie* (1960). In. *Œuvres*. Paris : Gallimard, 1995, p. 1027.
[3] *Histoire et utopie*, p. 1034.
[4] *Histoire et utopie*, p. 1055.
[5] *Histoire et utopie*, p. 986-987.

⁂

Or, l'utopie, c'est le grotesque *en rose*, le besoin d'associer le bonheur, donc l'invraisemblable, au devenir, e de pousser une vision optimiste, aérienne, jusqu'au point où elle rejoint son point de départ : le cynisme, qu'elle voulait combattre.[6]

⁂

« Et le peuple ? » dira-t-on. Le penseur ou l'historien qui emploie ce mot sans ironie se disqualifie. Le « peuple », on sait trop bien à quoi il est destiné : subir les événements, et les fantaisies des gouvernants, en se prêtant à des desseins qui l'infirment et l'accablent. Toute expérience politique, si « avancée » fût-elle, se déroule à ses dépens, se dirige contre lui : il porte les stigmates de l'esclavage par arrêt divin ou diabolique. Inutile de s'apitoyer sur lui : sa cause est sans ressource. Nations et empires se forment par sa complaisance aux iniquités dont il est l'objet. Point de chef d'État, ni de conquérant qui ne le méprise ; mais il accepte ce mépris, et en vit. Cesserait-il d'être veule ou victime, faillirait-il à ses destinées, que la société s'évanouirait, et, avec elle, l'histoire tout court.[7]

⁂

Un monde sans tyrans serait aussi ennuyeux qu'un jardin zoologique sans hyènes.[8]

⁂

Dans la mesure où nous nous cantonnons dans ce monde-ci, dans l'immédiat où s'affrontent les vouloirs, où sévit l'appétit de primer, un petit vice l'emporte en efficacité sur une grande vertu.[9]

⁂

La clef de tout ce qu'il y a d'inexplicable dans l'histoire pourrait bien se trouver dans la rage contre soi, dans la terreur de la satiété et de la répétition, dans le fait que l'homme préférera toujours l'inouï à la routine.[10]

---

[6] *Histoire et utopie*, p. 1000.
[7] *Histoire et utopie*, p. 1010.
[8] *Histoire et utopie*, p. 1013.
[9] *Histoire et utopie*, p. 1023.
[10] *La chute dans le temps* (1964), *op.cit.*, p. 1150.

*

Car il ne faut pas s'y tromper : la seule égalité qui nous importe, la seule aussi dont nous soyons capables c'est l'égalité dans l'enfer.[11]

*

Il n'y a plus d'êtres, il n'y a que ce pullulement de moribonds atteints de longévité, d'autant plus haïssables qu'ils savent si bien organiser leur agonie.[12]

*

N'ont point d'avenir ceux qui vivent dans l'idolâtrie du lendemain.[13]

*

Qu'avons-nous gagné au changement de la peur en anxiété ?[14]

*

Pour arriver à ses fins, le démon, esprit dogmatique, emprunte quelquefois par stratagème les voies du scepticisme ; il veut faire croire qu'il n'adhère à rien, il simule le doute et, à l'occasion, s'en fait un adjuvant.[15]

*

Le *bruit* est la conséquence directe du péché originel.[16]

*

Je vais même plus loin, je pose en fait que lorsque le dernier illettré aura disparu, nous pourrons prendre le deuil de l'homme.[17]

---

[11] *La chute dans le temps*, p. 1125.
[12] *La chute dans le temps*, p. 1120.
[13] *La chute dans le temps*, p. 1079.
[14] *La chute dans le temps*, p. 1079.
[15] *La chute dans le temps*, p. 1107.
[16] *La chute dans le temps*, p. 1079.
[17] *La chute dans le temps*, p. 1084.

*

Nous aurions dû, pouilleux et sereins, nous en tenir à la compagnie des bêtes, croupir à leurs côtés pendant des millénaires encore, respirer l'odeur des étables plutôt que celle des laboratoires, mourir de nos maladies et non de nos remèdes, tourner autour de notre vide et nous y enfoncer doucement.[18]

*

Plus nous avons le sentiment de notre insignifiance, plus nous méprisons les autres, et ils cessent même d'exister pour nous quand nous illumine l'évidence de notre rien.[19]

*

Décidément, tout se dégrade et se corrompt dans nos consciences : le vide même y est impur.[20]

*

Pourtant la fonction des yeux n'est pas de voir, mais de pleurer ; et pour *voir* réellement il nous faut les fermer : c'est la condition de l'extase, de la seule vision révélatrice, tandis que la perception s'épuise dans l'horreur du *déjà vu*, d'un irréparable su depuis toujours.[21]

*

Cette modernisation du Ciel en marque la fin. Comment vénérer un Dieu évolué, à la page ? Pour son malheur, il ne récupérera pas de sitôt sa « transcendance infinie ».[22]

*

Il est dans la nature de celui qui ne peut se tuer de vouloir se venger contre tout ce que se plaît à exister.[23]

---

[18] *La chute dans le temps*, p. 1088.
[19] *La chute dans le temps*, p. 1112.
[20] *La tentation d'exister* (1957), *op.cit.*, p. 844.
[21] *Précis de décomposition* (1949), *op.cit.*, p. 661.
[22] *La tentation d'exister*, p. 889.
[23] *Précis de décomposition*, p. 733.

⁂

L'histoire des idées est l'histoire de la rancune des solitaires.[24]

Penser c'est se venger avec astuce, c'est savoir camoufler ses noirceurs et voiler ses mauvais instincts.[25]

⁂

L'originalité des philosophes se réduit à inventer des termes.[26]

⁂

Hors l'Irrémédiable, tout est faux ; fausse cette civilisation qui veut le combattre, fausses les vérités dont elle s'arme.[27]

⁂

Contre l'obsession de la mort, les subterfuges de l'espoir comme les arguments de la raison s'avèrent inefficaces : leur insignifiance ne fait qu'exacerber l'appétit de mourir. Pour triompher de cet appétit il n'y a qu'une seule « méthode » : c'est de le vivre jusqu'au bout, d'en subir toutes les délices, toutes les affres, de ne rien faire pour l'éluder.[28]

⁂

La vie se crée dans le délire et se défait dans l'ennui.[29]

⁂

La volupté d'être inconnu ou incompris est rare ; cependant, à y bien réfléchir, n'équivaut-elle pas à la fierté d'avoir triomphé des vanités et des honneurs ? au désir d'une renommée inhabituelle et comme d'une célébrité *sans public* ? Ce qui est bien la forme suprême, le summum de l'appétit de gloire.[30]

---

[24] *Syllogismes de l'amertume* (1952), *op.cit.*, p. 746.
[25] *Histoire et utopie*, p. 1027.
[26] *Précis de décomposition*, p. 624.
[27] *Précis de décomposition*, p. 602.
[28] *Précis de décomposition*, p. 589.
[29] *Précis de décomposition*, p. 591.
[30] *Histoire et utopie*, p. 1025.

⁂

« Bien mieux que la propriété, c'est la gloire qui est un vol », rengaine de l'aigri et, jusqu'à un certain point, de nous tous.[31]

⁂

Le spermatozoïde est le bandit à l'état pur.[32]

⁂

Dans le pessimiste se concertent une bonté inefficace et une méchanceté inassouvie.[33]

---

[31] *Histoire et utopie*, p. 1024-1025.
[32] *Syllogismes de l'amertume*, p. 812.
[33] *Syllogismes de l'amertume*, p. 778.

VALÉRY FACE À SES IDOLES

(fragment)

[…]

La poésie est *menacée* quand les poètes prennent un trop vif intérêt théorique au langage et en font un sujet constant de méditation, quand ils lui confèrent un statut exceptionnel, qui relève moins de l'esthétique que de la théologie. L'obsession du langage, toujours assez vive en France, n'y a jamais été aussi virulente, et aussi stérilisante, qu'aujourd'hui : on n'y est pas loin de promouvoir le moyen, l'intermédiaire de la pensée en unique objet de la pensée, voire en substitut de l'absolu, pour ne pas dire de Dieu. Il n'y a pas de pensée vivante, féconde, qui morde sur le réel, si le mot se substitue brutalement à l'idée, si le véhicule compte plus que la charge qu'il transporte, si l'instrument de la pensée est assimilé à la pensée elle-même. Pour penser vraiment, il est nécessaire que la pensée *adhère* à l'esprit ; si elle en devient indépendante, si elle lui est extérieure, l'esprit s'en trouve entravé au départ, tourne à vide, et n'a plus qu'une ressource : lui-même, au lieu de se raccrocher au monde pour y puiser sa substance ou ses prétextes. Que l'écrivain se garde bien de réfléchir trop sur le langage, qu'il évite à tout prix d'en faire la matière de ses hantises, qu'il n'oublie pas que les œuvres importantes ont été faites *en dépit* du langage. Un Dante était obsédé par ce qu'il avait à dire non par *le* dire. Depuis longtemps, depuis toujours, serait-on tenté de soutenir, la littérature française semble avoir succombé à l'envoûtement, et au despotisme, du Mot. De là sa ténuité, sa fragilité, son extrême délicatesse, et aussi son maniérisme. Mallarmé et Valéry couronnent une tradition et préfigurent un épuisement ; l'un et l'autre sont symptômes de fin d'une nation *grammairienne*. Un linguiste a pu même affirmer que Mallarmé traitait le français comme une langue morte, et « qu'il n'eût jamais entendu parler ». Il convient d'ajouter qu'il y avait chez lui un rien de pose, de «Parisien ironique et rusé », qu'avait noté Claudel, un soupçon de « charlatanisme » de très grande classe, une lassitude d'homme revenu de tout, – traits que nous retrouverons, plus marqués, chez le Valéry du « refus indéfini d'être quoi que ce soit », formule-clef de sa démarche intellectuelle, principe directeur, règle et devise de son esprit. Et Valéry en effet ne sera jamais *entier*, il ne s'identifiera ni aux êtres ni aux choses, il sera *à côté*, en marge de tout, et cela non point par quelque malaise d'ordre métaphysique, mais par excès de réflexion sur les opérations, sur le fonctionnement de la conscience. L'idée dominante, l'idée qui donne un sens à toutes ses tentatives, tourne autour de cette distance que la consci-

ence prend vis-à-vis d'elle-même, de cette *conscience de la conscience*, ainsi qu'elle se dessine principalement dans *Note et Digression* de 1919, son chef-d'œuvre « philosophique », où, cherchant, au milieu de nos sensations et de nos jugements, un *invariant*, il ne le trouve pas dans notre personnalité changeante mais dans le moi pur, « pronom universel », « appellation de *ceci* qui n'a pas de rapport avec un visage », « qui n'a pas de nom », « qui n'a pas d'histoire », et qui n'est en bref qu'un phénomène d'exacerbation de la conscience, qu'une existence limite, quasi fictive, dépourvue de tout contenu déterminé et sans aucun rapport avec le sujet psychologique. Ce moi stérile, somme de refus, quintessence de rien, néant conscient (non pas conscience du néant mais néant qui ne connaît et qui rejette les accidents et les vicissitudes du sujet contingent), ce moi, dernière étape de (la lucidité, d'une lucidité décantée et purifiée de toute complicité avec les objets ou les événements, se situe à l'antipode du Moi – productivité infinie, force cosmogonique – tel que l'avait conçu le romantisme allemand.

La conscience n'intervient dans nos actes que pour en déranger l'exécution, la conscience est une perpétuelle mise en question de la vie, elle est peut-être la ruine de la vie. *Bewusstsein als Verhängnis*, « La Conscience comme Fatalité », est le titre d'un livre paru en Allemagne entre les deux guerres, et dont l'auteur, tirant les conséquences de sa vision du monde, s'est donné la mort. Il y a, de toute évidence, dans le phénomène de la conscience une dimension dramatique, funeste, qui n'a pas échappé à Valéry (que l'on songe à la « lucidité meurtrière » de *L'Âme et la Danse*), mais il ne pouvait y insister trop, sans se mettre en contradiction avec ses théories coutumières sur le rôle bénéfique, dans la création littéraire, de la conscience par opposition au caractère douteux de la transe : toute sa poétique, qu'est-elle sinon l'apothéose de la conscience ? Se fût-il arrêté trop longtemps à la tension entre le Vital et le Conscient, qu'il eût dû renverser l'échelle de valeurs qu'il avait dressée et à laquelle il resta fidèle tout au long de sa carrière.

L'effort de se définir soi-même, de s'appesantir sur ses propres opérations mentales, Valéry l'a pris pour la véritable connaissance. Mais *se* connaître n'est pas *connaître* ; ou plutôt n'est qu'une variété du connaître. Valéry a toujours confondu *connaissance* et *clairvoyance*. Encore la volonté d'être clairvoyant, d'être inhumainement détrompé, s'accompagne-t-elle chez lui d'un orgueil à peine dissimulé : il se connaît et il s'admire de se connaître. Soyons juste il n'admire pas son esprit, il s'admire en tant qu'Esprit. Son narcissisme, inséparable de ce qu'il a nommé « émotions » et « pathétique » de l'intellect, n'est pas un narcissisme de journaux intimes, ce n'est pas l'attachement au moi en tant qu'aberration *unique*, ce n'est pas non plus le moi de

ceux qui aiment *s'écouter*, psychologiquement s'entend ; non, c'est un moi abstrait, plus exactement : le moi d'un individu abstrait, loin des complaisances de l'introspection ou des impuretés de la psychanalyse. Remarquons que la tare de Narcisse ne lui était aucunement consubstantielle : comment expliquer autrement que le seul domaine où la postérité lui ait donné raison d'une manière éclatante est celui des considérations et des prévisions politiques ? L'Histoire, idole qu'il s'était employé à démolir, c'est en très grande partie par elle qu'il dure, qu'il subsiste, qu'il est encore actuel. Car ce sont les propos ayant trait à elle qu'on cite le plus, par une ironie qu'il eût peut-être goûtée. On doute de ses poèmes, on repousse sa poétique mais on se réclame de plus en plus du moraliste et de l'analyste attentif aux événements. Cet amoureux de soi-même avait l'étoffe d'un extraverti. Les apparences, on sent qu'elles ne lui déplaisaient pas, que rien ne prenait chez lui un aspect morbide, profond, suprêmement intime, et que même le Néant, qu'il a hérité de Mallarmé, n'était qu'une fascination exemple de vertige, et nullement une ouverture sur l'horreur ou l'extase. Dans je ne sais plus quelle Upanishad, il est dit que « l'essence de l'homme est la parole, l'essence de la parole est l'hymne ». Valéry eût souscrit à la première assertion, et nié la seconde. C'est dans ce consentement et dans ce refus qu'il faut chercher la clef de ses accomplissements et de ses limites.

1970

Do pomar maldito

"A originalidade dos filósofos se reduz a inventar vocábulos."

E.M. CIORAN

Tôda convicção é feita em primeiro lugar de ódio, e só secundàriamente de amor.

*

O cepticismo é o sadismo das almas ulceradas.

*

Os inconvenientes da saciedade são incomparàvelmente maiores que os da miséria.

*

Perdoamos aos outros as suas riquezas se, em troca, êles nos deixam a latitude de morrer de fome à nossa maneira.

*

A utopia é o grotesco côr de rosa.

*

O povo a rigor, não existe para um grande chefe de estado. Se assim não fôsse, nenhuma grande nação poderia subsistir.

*

Os tiranos são necessários ao mundo como as hienas aos jardins zoológicos.

*

Um vício inato é preferível a uma virtude adquirida.

*

A chave para tudo que há de inexplicável na história bem poderia encontrar-se na raiva de si mesmo, no terror da saciedade e da repetição, no fato de o homem preferir sempre o inaudito à rotina.

*

A única igualdade que nos importa, e também a única de que somos capazes é a igualdade no inferno.

*

Já não há sêres, há apenas êsse pulular de moribundos atacados de longevidade, tanto mais odiosos quanto sabem tão bem organizar a sua agonia.

*

Não têm futuro aquêles que vivem na idolatria do amanhã.

*

O civilizado já não sofre de mêdo porque vive na ansiedade.

*

O Demônio nega, não duvida. Detesta os cépticos que se recusam a com êle colaborar.

*

O ruído é a consequência direta do pecado original.

*

Quando o último analfabeto houver desaparecido, poderemos ficar de luto pelo homem.

*

Morrer de nossas moléstias, e não de nossos remédios.

*

Quanto maior o sentimento da nossa insignificância, mais desprezamos os outros que até deixam de existir para nós quando nos ilumina a evidência do nosso nada.

*

Positivamente tudo se degrada e se corrompe em nossa consciência: nela o próprio vácuo é impuro.

*

Os olhos não têm por função ver, mas chorar.

*

Como adorar a um Deus atualizado?

*

É próprio daqueles que não conseguem matar-se quererem vingar-se contra tudo que se compraz em existir.

*

Todo pensador é um frustrado da ação a vingar-se de seu fracasso por intermédio dos conceitos.

*

A originalidade dos filósofos se reduz a inventar vocábulos.

*

Fora do irremediável tudo é falso.

*

Só o convívio assíduo com a idéia da morte pode curar a obsessão que ela inspira.

*

A vida se cria no delírio e se desfaz no tédio.

*

A volúpia de ser desconhecido ou incompreendido é rara, no entanto, a bem pensar, não corresponde ela à altivez de haver triunfado sôbre as vaidades e as honrarias? ao desejo de uma fama inabitual e como que de uma celebridade *sem* público? (no fundo, aliás, a forma suprema, o cúmulo do apetite de glória).

*

Mais do que a propriedade, a glória é que é um roubo.

*

O espermatozóide é o bandido em estado puro.

*

Em todo pessimista se encontram, de concêrto, uma bondade ineficaz e uma perversidade não saciada.

*

Uma oração vale mil vêzes mais que uma idéia.[1]

---

[1] Pelo cotejo realizado, este último aforismo parece não pertencer a Cioran. (n.org.)

VALÉRY REVISTO POR CIORAN

Nesta hora nossa, de voluntária grosseria, de apoteose do vulgar, que repercussão nos espíritos terá ainda a obra désse destilador de subtilezas, désse intelectual dessecado que foi o autor de **Variéte**? Não teria êle, pelo abuso de seus requintes, pela depuração fatigante do seu estilo, pelo rigor de suas abstrações senescentes, contribuído para a reação contrária que hoje se nota? É bem provável, e êle de certo não se indignaria ao saber-se acusado de tal delito. A verdade é que Valéry subsiste, e até onde menos seria de esperar-se. Prova-o, à falta de outras evidências, a tradução que os americanos acabam de fazer-lhe dos estudas sôbre Leonardo, Poe e Mallarmé. Para essa edição, E. M. Cioran escreveu um prefácio que acabou lhe saindo um ensaio implacàvelmente penetrante. Talvez por isso não tenha sido aproveitado como tal. Felizmente agora as **Éditions de l'Herne** nos apresentam essa peça admirável num opúsculo que acaba de vir a lume em Paris, e intitulado: **Valéry face à ses Idoles**. São poucas mas terríveis páginas, em que o derradeiro fanático da lucidez é impiedosamente desvelado. Dessa estupenda análise oferecemos a seguir o desfecho, onde se patenteia a verdadeira e permanente vocação de Cioran: a de desmascarador. Não estranha que seja tão pessimista.

*

"Tôdas as vêzes que os poetas se armam de interesse demasiado vivo pela linguagem, a ponto de o transformarem em assunto constante de meditação, quando êles lhe conferem um estatuto excepcional, que depende menos da estética do que da teologia, a poesia fica **ameaçada**. A obsessão da linguagem, sempre muito intensa na França, nunca foi nela tão virulento nem tão esterilizante quanto hoje: não se está longe de promover o meio, o intermediário do pensamento, à condição de objeto único do pensamento, até de sucedâneo do absoluto, para não dizer de Deus. Não há pensamento vivo, fecundo, cravado na realidade, se a palavra substitui brutalmente a idéia, se o instrumento das idéias chega a assimilar-se às próprias idéias. Para verdadeiramente pensar, é necessário que o pensamento **adira** ao espírito; se se torna independente dêste, se se lhe mostra exterior, o espírito de saída se emperra, passando a girar no vácuo, sem poder recorrer senão a si mesmo, em vez de se aferrar ao mundo para dêle sorver sua substância ou seus pretextos. Convém que o escritor se abstenha de pensar demais na linguagem, que evite a qualquer preço transformá-la em matéria de suas idéias fixas, que não se esqueça de que as obras importantes foram feitas, **a despeito** da linguagem. Dante se atormentava com o que tinha o dizer e não pelo dizer. A

literatura francêsa, há muito tempo (sempre, dá vontade de dizer), parece haver sucumbido ao feitiço e ao despotismo da Palavra. Daí a sua tenuidade, a sua fragilidade, a sua extrema delicadeza, e também o seu maneirismo. Mallarmé e Valéry são o coroamento de uma tradição, e perfiguram o esgotamento; tanto um quanto o outro são sintomas terminais de uma nação **gramatical**. Um lingüista chegou a asseverar que Mallarmé tratava o francês como língua morta, língua "que êle jamais tivesse ouvido falar". Acrescente-se o laivo que nêle havia de afetação, de "parisiense irônico e manhoso", notado por Claudel, a suspeita de "charlatanismo" da mais alta classe, a lassidão do eterno convalescente – traços que tornaremos a encontrar, mais acentuados, no Valéry da "recusa indefinida de ser seja o que fôr", fórmula-chave da sua trajetória intelectual, princípio diretor, regra e divisa de seu espírito. E Valéry, na verdade, nunca será **integral**, nunca se identificará nem com os sêres, nem com as coisas, ficará **ao lado**, à margem de tudo, não em virtude de qualquer indisposição de tipo metafísico, mas por excesso de reflexão sôbre as operações, sôbre o funcionamento da consciência. A idéia dominante, a idéia que dá sentido a tôdas as suas tentativas, gira em tôrno dessa distância que a consciência adquire em face de si mesma, dessa **consciência da consciência**, tal como se configura principalmente em **Note et Digression** de 1919, sua obra-prima "filosófica", na qual, procurando, no meio de nossas sensações e de nossos conceitos, uma invariante, êle não a encontra em nossa mutável personalidade, mas no puro eu, "pronome universal", "firma de um quê sem relação com um semblante", "que não tem nome", "que não tem história", e que, em resumo, não passa de um fenómeno de exacerbação da consciência, existência limite quase factícia, desprovida de qualquer conteúdo determinado, e sem nenhuma vinculação com o indivíduo psicológico. Êsse eu estéril, soma de recusas, quintessência de coisa nenhuma, êsse nada consciente (não consciência do nada, mas nada que se conhece a si mesmo e que repele os acidentes e as vicissitudes do sujeito contingente), êsse eu, derradeira etapa da lucidez, de uma lucidez decantada e purificada de tôda cumplicidade com os objetos ou os acontecimentos, situa-se nos antípodas do Eu – produtividade infinita, fôrça cosmogônica – tal como o concebera o romantismo alemão.

A consciência só intervem em nossos atos para lhes perturbar a execução, a consciência torna a vida permanentemente discutível, a consciência é, quiçá, a ruína da vida. **Bewusstsein als Verhaengnis**, "A Consciência como Fatalidade", é o título de um livro publicado na Alemanha entre as duas guerras, e cujo autor, extraindo as conseqüências de sua visão do mundo, deu cabo da própria vida. Existe, tudo o indica, no fenómeno da consciência uma dimen-

são dramática, funesta, que não escapou a Valéry (lembremo-nos da "lucidez homicida" de **L'Âme et la Danse**), ponto êste, no entanto. em que êle não poderia insistir muito sem cair em contradição com suas costumeiras teorias sôbre o papel benéfico, na criação literária, da consciência em oposição ao caráter dúbio do transe: tôda a sua poética – que é ela senão a apoteose da consciência? Se êle se houvesse detido demasiadamente na tensão entre o Vital e o Consciente, teria sido obrigado a derrubar a escala de valôres que construíra, e à qual permaneceu fiel no decurso da sua carreira.

O esfôrço de definir-se a si mesmo, de fincar-se em suas próprias operações mentais, foi tido por Valéry, como conhecimento verdadeiro. Mas conhecer-se não é **conhecer**. Valéry sempre confundiu **conhecimento** com **clarividência**. E mais, a vontade de ser clarividente, desumanamente sem ilusões, nêle se acompanha de um orgulho que mal se dissimula: êle se conhece e se admira por se conhecer. Façamos justiça: êle não admira o próprio espírito, ele se admira como Espírito. Seu narcisismo, inseparável do que êle chamou "emoções", "patético" do intelecto, não é um narcisismo de diários íntimos, não é o apêgo ao eu como aberração **única**, não é tampouco o eu dos que gostam de **ouvir-se**, psicològicamente, é claro; não, é um eu abstrato, longe das complacências da introspecção e das impurezas da psicanálise. E preciso notar que a tara de Narciso não lhe era de modo algum consubstantial: de outra forma, como explicar que o único domínio em que a posteridade com êle concordou espléndidamente seja o das considerações e previsões políticas? O ídolo que se empenhou em demolir – a História é, em grande parte, por ela que êle dura, que êle subsiste, ainda se mostra atual. Pois são os comentários nela inspirados os que mais se citam, por uma ironia que talvez não desgostasse a Valéry. Desconfiamos de seus poemas, repelimos a sua poética, mas cada vez mais nos sentimos atraídos pelo moralista, e pelo analista atento aos acontecimentos. Êsse enamorado de si mesmo tinha a têmpera de um extravertido. Sente-se que as aparências não o desagradavam, que nêle nada assumia aspecto mórbido, profundo, soberanamente íntimo, e que o próprio nada, por êle herdado de Mallarmé, era apenas fascinação isenta de vertigem, de modo algum abertura para o horror ou o êxtase. Em não sei mais em qual Upanishad se diz que "a essência do homem é a palavra, e a essência da palavra é o hino". Valéry teria subscrito a primeira asserção e negado a segunda. É nesse consentimento e nessa recusa que se impõe procurar a chave de suas realizações e de seus limites".

CAPA:

Inscrição em palmireno, Palmira (atual Síria)
ARQUIVO (n.t.)

INTERNAS:

Aline Daka (p. 3)
A nebulosa, 2020
Grafite, negativada
ARQUIVO (n.t.)

Giovanni Battista Borra (p. 5)
Detalhe de *Palmira Urbs Nobilis Situ*, 1753
Gravura
SMITHSONIAN LIBRARIES, WASHINGTON DC

VINHETAS:

Fotos de:
Miguel Sulis (pp. 8, 69, 209 e 248)
Nepal
ARQUIVO (n.t.)

ENTRADAS:

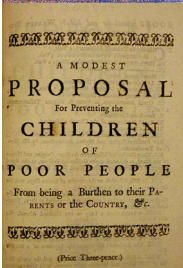
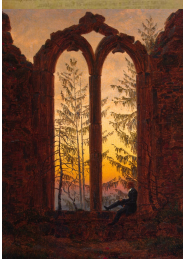
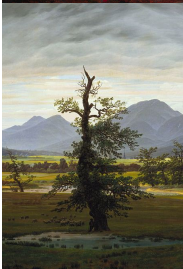
Tosa Hirochika (atribuído) (p. 9)
Retrato de Ikkyū, período Muromachi, séc. XV
Rolo suspenso, tinta sobre seda
MOA MUSEUM OF ART, ATAMI

Janet Brooks Gerloff (p. 22)
Sem bater à porta (da série Attila József), 2005
Óleo sobre tela
SAKIP SABANCI MUSEUM, ISTAMBUL

Culver Pictures (p. 33)
Capa de *Pictures from Brueghel*, 1962
Fotografia
NEW DIRECTIONS PAPERBOOK, NOVA IORQUE

Thomas Merton (p. 60)
Capa de *The Asian Journal of Thomas Merton*, 1975
Fotografia
New Directions Paperbook, Nova Iorque

Mohamed Drissi (p. 70)
Composição, [s.d.]
Óleo sobre tela
Mohamed Drissi Gallery of Contemporary Art, Tânger

Pierre Mourgue (p. 98)
Detalhe de *Dois acenos de chapéu*, 1922
Litografia
Gazette de Bon Ton, Paris

Fernand Khnopff (p. 144)
Detalhe de *Eu tranco a minha porta sobre mim*, 1891
Óleo sobre tela
Neue Pinakothek, Munique

John Everett Millais (p. 161)
A sonâmbula, 1871
Óleo sobre tela
Delaware Art Museum, Wilmington

Henri Edmond Cross (p. 183)
Detalhe de *O ar da noite*, 1893
Óleo sobre tela
Musée d'Orsay, Paris

Jonathan Swift (autor) (p. 210)
Frontispício original de *A Modest Proposal*, 1729
Panfleto
The British Library, Londres

Caspar David Friedrich (p. 227)
O sonhador, c. 1835
Óleo sobre tela
Hermitage Museum, São Petersburgo

Caspar David Friedrich (p. 249)
Detalhe de *A árvore solitária*, 1822
Óleo sobre tela
Alte Nationalgalerie, Berlim

CONTRACAPA:
Livraria com letreiro em bilíngue em Kathmandu, Nepal
Fotografia
Arquivo (n.t.)

A (n.t.) | 19º acabou-se de editar em 20 de outubro de 2020.

Fontes ocidentais: **Book Antiqua**, **Baramond**
Chinês: **MS Mincho** Árabe: **Sakkal Majalla**